



Programa de
Pós-Graduação em
Linguística

**DAR E RECEBER UM ABRAÇO:
UMA ANÁLISE DA CONVERSÃO EM PORTUGUÊS BRASILEIRO**

SÃO CARLOS
2022



Universidade Federal de São Carlos

Nathalia Perussi Calcia

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

DAR E RECEBER UM ABRAÇO:
UMA ANÁLISE DA CONVERSÃO EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

NATHALIA PERUSSI CALCIA
Bolsista: Capes

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Linguística da Universidade Federal de São Carlos
como parte dos requisitos para obtenção do Título de
Doutora em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Oto Araújo Vale

São Carlos - São Paulo - Brasil

2022

Calcia, Nathalia Perussi

Dar e receber um abraço: uma análise da Conversão em português brasileiro / Nathalia Perussi Calcia -- 2022. 247f.

Tese de Doutorado - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Oto Araújo Vale

Banca Examinadora: Cláudia Dias de Barros, Jackson Wilke da Cruz Souza, Jorge Manuel Evangelista Baptista, Roana Rodrigues

Bibliografia

1. Linguística descritiva. 2. Construção conversa. 3. Léxico-Gramática. I. Calcia, Nathalia Perussi. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

Folha de Aprovação

Defesa de Tese de Doutorado da candidata Nathalia Perussi Calcia, realizada em 31/03/2022.

Comissão Julgadora:

Prof. Dr. Oto Araujo Vale (UFSCar)

Profa. Dra. Cláudia Dias de Barros (IFSP)

Prof. Dr. Jackson Wilke da Cruz Souza (UNIFAL - MG)

Prof. Dr. Jorge Manuel Evangelista Baptista (UAlg)

Profa. Dra. Roana Rodrigues (UFS)

Dedico este trabalho à minha família, aos professores com quem tive contato em toda a vida escolar e acadêmica e aos amigos queridos que me acompanharam nesta jornada.

AGRADECIMENTOS

Um autor desconhecido uma vez disse que “Viver não é esperar a tempestade passar, mas aprender a dançar na chuva” e foi exatamente isso o necessário fazer para enfrentar a Pandemia do Covid-19 que acometeu o mundo no período de 2020 a 2022. Período este em que foi realizada a maior parte da dissertação desta tese e, por isso, tenho muitas pessoas a quem devo agradecer por estarem comigo em todo esse processo.

Primeiramente, agradeço aos meus pais, Célia e Izildo, e ao meu irmão Igor, a quem dedico este trabalho. Muito obrigada pelo esforço e pelo trabalho que tiveram para a minha criação e educação e pelo incentivo e ajuda durante os anos de estudo. Também dedico esta tese à toda a minha família que direta, ou indiretamente, torceram pela minha conquista e ainda torcem pelo meu futuro pessoal e profissional.

Aos meus amigos que comigo caminharam, dando força em todas as etapas da minha jornada. Obrigada por nunca soltarem a minha mão e por se manterem tão presentes em todos os momentos únicos da minha vida. Em especial, agradeço ao querido Isaac, com quem partilhei uma etapa do período acadêmico, pelo compartilhamento de ideias e por me dar força para continuar, mesmo com os empecilhos que ocorrem pelo caminho.

Agradeço ao Professor Doutor Oto Araújo Vale, meu orientador desde 2010. Obrigada por dar todo o conhecimento que tenho hoje em dia, por acreditar na minha capacidade de ser estudante de pós-graduação e pela compressão em todo o percurso acadêmico. Agradeço aos Professores Doutores Jorge Baptista, Cláudia Dias de Barros, Roana Rodrigues e Jackson Souza, membros da banca de defesa, pelos apontamentos que subsidiaram a versão final da tese.

Agradeço ainda à Vanessa Marquiasfavel e ao Christopher Shulby, da SpeechTera, pela oportunidade de trabalho (PIPE-FAPESP) durante o primeiro ano de doutorado. Essa experiência foi muito importante para a minha formação, em todos os sentidos. E por fim, agradeço à Capes pela atribuição da bolsa a partir do segundo ano de doutorado. O incentivo ao trabalho dos graduandos e pós-graduandos é essencial para a qualidade de vida dos alunos e principalmente para a qualidade e excelência na realização e finalização dos trabalhos acadêmicos.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

RESUMO

Definida por G. Gross (1989) como uma operação formal que estabelece uma relação de equivalência parafrástica entre duas construções elementares, a Conversão vem ganhando destaque em trabalhos da área de descrição linguística, especificamente, por dois motivos: é uma das propriedades transformacionais mais produtivas, em relação ao número de ocorrências, que as construções com verbo-suporte e nome predicativo podem apresentar e, até então, havia poucos estudos que a tomavam como objeto principal de análise em português brasileiro, sendo a descrição elaborada para a língua francesa a mais completa delas. Atualmente, a Conversão possui descrições para as línguas romena, português europeu e português brasileiro. Nessa relação, o nome predicativo se mantém e a posição dos argumentos é alterada, sem ocasionar uma alteração de ordem semântica, isto é, os papéis semânticos desses argumentos permanecem os mesmos, apesar da mudança de posição sintática (Helena deu um abraço no Pedro/Pedro recebeu um abraço da Helena). Em construções que são relacionadas pela Conversão, a sentença de orientação ativa e o próprio verbo-suporte ativo são nomeados de standard, enquanto os equivalentes, de ordem passiva, são nomeados de conversos. Com base em uma metodologia de descrição sintático-semântica conhecida como Léxico-Gramática (M. GROSS, 1975, 1981), nesta nova fase do estudo, que sucede Calcia (2016), as entradas lexicais passaram por uma atualização (quantitativa e qualitativa) e foram reclassificadas em cinco grandes classes e subdivididas de acordo com o tipo do sujeito da construção conversa. Tais classes referem-se aos nomes que são construídos com os pares FR (fazer-receber), FS (fazer-sofrer), DR (dar-receber), DL (dar-levar) e TT (ter-ter). Considera-se que a descrição do fenômeno sintático da Conversão é importante para a contribuição com os estudos linguísticos, sobretudo os descritivos, em português do Brasil. Além disso, a formalização dos dados em matrizes-binárias resulta em um recurso que pode ser aplicado em sistemas de Processamento de Linguagem Natural (PLN), como aqueles relacionados com a utilização de paráfrases.

Palavras-chave: Conversão, Construção Conversa, Verbo-suporte, Nome predicativo, Léxico-Gramática.

ABSTRACT

Defined by G. Gross (1989) as a formal operation that establishes a relation of paraphrastic equivalence between two elementary constructions, Conversion has been gaining prominence in works in the area of linguistic description, specifically, for two reasons: it is one of the most productive transformational properties, in relation to the number of occurrences, that constructions with support verb and predicate noun can present and, until then, there were few studies that took it as the main object of analysis in Brazilian Portuguese, being the description prepared for the most complete French language. Currently, Conversion has descriptions for Romanian, European Portuguese and Brazilian Portuguese. In this relation, the predicate noun is maintained and the position of the arguments is changed, without causing a semantic change, that is, the semantic roles of these arguments remain the same, despite the change in syntactic position (Helena deu um abraço no Pedro/ Pedro recebeu um abraço da Helena). In constructions that are related by Conversion, the active orientation sentence and the active support verb itself are named standard, while the equivalents, of passive order, are named converses. Based on a syntactic-semantic description methodology known as Lexicon-Grammar (M. GROSS, 1975, 1981), in this new phase of the study, which follows Calcia (2016), the lexical entries underwent an update (quantitative and qualitative) and were reclassified into five major classes and subdivided according to the type of subject of the converse construction. Such classes refer to names that are constructed with the pairs FR (fazer-receber), FS (fazer-sofrer), DR (dar-receber), DL (dar-levar) and TT (ter-ter). It is considered that the description of the syntactic phenomenon of Conversion is important for the contribution to linguistic studies, especially descriptive ones, in Brazilian Portuguese. In addition, the formalization of data in binary matrices results in a resource that can be applied in Natural Language Processing (NLP) systems, such as those related to the use of paraphrases.

Keywords: Conversion, Converse Construction, Support Verb, Predicate Noun, Lexicon-Grammar.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Conversão	19
Figura 2: Ligações de equivalência parafrástica entre frases de orientação ativa e passiva	70
Figura 3: Processo de obtenção dos dados	85
Figura 4: Grafos de busca do Unitex.....	94
Figura 5: Tela de concordância sintática do Unitex.....	96
Figura 6: Exemplo de pesquisa no WebCorp.....	97
Figura 7: Fragmento da matriz da subclasse DL31 das construções conversas	99

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Resumo das propriedades gerais das CVS.....	58
Quadro 2: Relação das principais extensões do verbo-suporte fazer.....	74
Quadro 3: Relação das principais extensões do verbo-suporte dar	75
Quadro 4: Relação das principais extensões do verbo-suporte ter	76
Quadro 5: Relação das extensões dos verbos-suporte conversos.....	77
Quadro 6: Padrões de distribuição dos papéis semânticos.....	130
Quadro 7: Estrutura distribucional a partir dos índices.....	137
Quadro 8: Definição da subclasse DL3.....	182
Quadro 9: Estrutura sintática por subclasse.....	197
Quadro 10: Desdobramentos lexicais	203
Quadro 11: Desdobramentos lexicais (interpretação literal e interpretação figurada).....	204
Quadro 12: Novas propriedades formais e características peculiares.....	208

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Extensões com mais ocorrência em DL	171
Tabela 2: Comparação dos resultados gerais obtidos pelos estudos preliminar e recente	206
Tabela 3: Relação da quantidade de elementos lexicais por subclasse	207

LISTA DE SÍMBOLOS E CONVENÇÕES

Det: determinante

Ni: nome instrumento

N-nhum: nome do tipo não-humano

Nhum: nome do tipo humano

Npc: nome do tipo parte-do-corpo

Npred: nome predicativo

N0: sujeito da frase standard

N1: primeiro complemento da frase standard

N2: segundo complemento da frase standard

Nloc: nome do tipo locativo

Prep: preposição

QueF: frase completiva

Vsup: verbo-suporte

Conv: Conversão

Pass: Passivação

Pron: Pronominalização

Red: Redução

Relat: Relativização

GN: Grupo nominal

E: elemento inexistente

[]: especificação da operação sintática

(): série de elementos que podem comutar em dada situação sintática

+: separação dos elementos que podem comutar

?: sinal de aceitabilidade duvidosa

*: sinal de inaceitabilidade

≡: sinal de equivalência semântica

OBS: Os exemplos no corpo do texto estão grafados com letra dois ponto menores (*exemplo*) e não são colocados em itálico; os exemplos deslocados do texto também estão grafados com letra um ponto menor, mas são colocados em itálico.

Sumário

Introdução	17
Justificativa para a progressão temática	20
Organização do texto.....	22
1 Concepção do Léxico-Gramática na descrição linguística	24
1.1 Gramática Transformacional de Operadores de Harris: paradigmas metodológicos	25
1.1.1 Desmembramento elementar das frases em operadores e argumentos	26
1.1.2 Introdução ao conceito de Transformação	29
1.2 Modelo teórico-metodológico do Léxico-Gramática.....	32
1.2.1 Recurso alternativo entre introspecção e corpora	38
1.3 Prática do Léxico-Gramática na contemporaneidade	40
2 Um panorama sobre os predicados nominais e a transformação da Conversão	43
PARTE I.....	45
2.1 Os verbos-suporte	45
2.2 Os nomes predicativos.....	47
2.2.1 Da morfologia à semântica: a tipologia dos nomes predicativos	49
2.3 Propriedades gerais das construções com verbo-suporte.....	51
PARTE II.....	59
2.4 Condições sintático-semânticas inerentes à Conversão	59
2.4.1 Distribuição dos elementos lexicais e gramaticais.....	64
2.5 Construções passivas e construções conversas	68
2.6 Delimitação dos verbos-suporte elementares e variantes	71
2.7 Estado da Arte da Conversão	78
3 Procedimentos metodológicos	83
3.1 Obtenção dos dados.....	84
3.1.1 Repertório de Calcia (2016) em português brasileiro	85
3.1.2 Repertório de Gross (1989) em língua francesa.....	88
3.1.3 Repertório dos corpora	90
3.2 Ferramentas de pesquisa	91
3.2.1 Software linguístico-computacional Unitex-PB	92
3.2.2 Concordanciador WebCorp Live	96

3.3 Organização e formalização dos dados em matrizes binárias.....	98
3.4 Reagrupamento dos dados e critérios de classificação.....	100
4 Construções conversas: propriedades formais	103
4.1 Componentes estruturais	104
4.1.1 Contagem das posições argumentais	104
4.1.2 Determinando o determinante.....	107
4.1.3 Restrições preposicionais	112
4.2 Distribuição das posições argumentais	119
4.2.1 Nomes humanos (Nhum)	120
4.2.2 Nomes não-humanos (N-hum).....	122
4.2.3 Nomes parte-do-corpo (Npc).....	124
4.2.4 Nomes locativos (Nloc)	125
4.2.5 Padronização dos papéis semânticos	126
4.3 Transformações sintáticas	130
4.3.1 Nominalização	131
4.3.2 Simetria	132
4.3.3 Elisão.....	134
5 Construções conversas: descrição das classes	136
5.1 Tábua I: as subclasses de FR (fazer-receber)	138
5.1.1. Subclasse FR1.....	138
5.1.2 Subclasse FR2.....	142
5.1.3 Subclasse FR3.....	146
5.2 Tábua II: as subclasses de FS (fazer-sofrer).....	150
5.2.1 Subclasse FS1	150
5.2.2 Subclasse FS2.....	154
5.2.3 Subclasse FS3.....	158
5.3 Tábua III: as subclasses de DR (dar-receber).....	162
5.3.1 Subclasse DR1	162
5.3.2 Subclasse DR2	165
5.3.3. Subclasse DR3	168
5.4 Tábua IV: as subclasses de DL (dar-levar)	171
5.4.1 Subclasse DL1	172
5.4.2 Subclasse DL2.....	177
5.4.3 Subclasse DL3.....	181

5.5 Tábua V: as subclasses de TT (ter-ter)	190
5.5.1 Subclasse TT2	192
5.5.2 Subclasse TT3	195
6 Outras observações	198
6.1 Desdobramentos lexicais	199
6.2 Produtividade da Conversão em português brasileiro	205
6.3 Desenvolvimento contínuo da pesquisa	209
Considerações finais	214
Referências bibliográficas	215
Apêndice A	220
Apêndice B	230

INTRODUÇÃO

Para além de uma análise linguística de natureza sintático-semântica, o presente estudo tem como principal objetivo colaborar com a elaboração de uma base léxico-gramatical do português do Brasil, doravante PB, associando-se aos trabalhos iniciados por Maurice Gross, desde o Laboratoire d'Automatique Documentaire et Linguistique (LADL). Os estudos em apreço são relacionados, sobretudo, à língua francesa, porém, na contemporaneidade há uma ascensão do Léxico-Gramática em outros idiomas, dos quais se destacam as duas vertentes da língua portuguesa (brasileira e europeia). Descrições sob essa perspectiva teórico-metodológica retratam as propriedades lexicais, distribucionais e transformacionais de elementos da língua, buscando a exaustividade de análise e a formalização dos dados encontrados.

O Léxico-Gramática, baseando-se nos estudos realizados no LADL, considera que certos substantivos podem apresentar argumentos e ser o operador sintático em contextos frasais simples da língua. Os substantivos que pertencem a esse grupo são chamados de ‘nomes predicativos’ e constituem o núcleo predicador em uma construção nominal, igualmente aos verbos em uma construção verbal. Nesse sentido, a relação de semelhança entre substantivos e verbos pode ser observada, não apenas, mas também pelo fato de o nome predicativo ser morfológicamente associado ao verbo, bem como ocorre com os exemplos a seguir:

(1) *Helena deu um abraço no Pedro.*

(2) *Helena abraçou o Pedro.*

Os dois exemplos dizem respeito a construções semanticamente equivalentes, pois transmitem a mesma informação. Fora isso, o nome predicativo em destaque abraço tem distribuição, em proporção dos seus argumentos, uniforme a distribuição do verbo abraçar. Diferentemente do exemplo (2), que retrata uma construção verbal, cujo próprio verbo opera a seleção dos argumentos da frase, o nome predicativo que compete ao exemplo (1) necessita de um tipo de ‘auxiliar’ para que com ele forneça os elementos que fazem parte do predicado. Denominado ‘verbo-suporte’, o verbo dar incorpora marcas gramaticais que o substantivo não consegue expressar em isolamento, mas a relação morfológica entre substantivos e verbos não é o único critério para definir o caráter predicador dos substantivos. Por exemplo:

(3) *A atriz de 66 anos deu uma dica aos seguidores para aproveitar melhor o verão.*

(4) *A atriz de 66 anos *dizou os seguidores para aproveitar melhor o verão.*

O nome predicativo dica possui argumentos semelhantes aos dos predicadores exemplificados previamente – sujeito e complemento humanos – no entanto, não conta com a forma verbal que o corresponderia morfológicamente. O que caracteriza a predicação não é a propriedade de nominalização que existe entre uma construção verbal e uma construção nominal com verbo-suporte, mas a relação semântica entre o sujeito da construção e o próprio nome predicativo, exemplificadas em (1) e (3). Em outras palavras, o nome predicativo, seja ele deverbal (abraço) ou não-deverbal (dica) é definido somente pela relação entre os seus argumentos e não pela associação morfológica com um verbo.

Como se pode prever, esta tese tem como objeto de estudo as construções nominais com verbo-suporte, que por sua vez podem receber diversificadas definições de acordo com o ponto de vista de outras vertentes teóricas (como o funcionalismo, por exemplo). Tendo conhecimento disso, considera-se, no presente estudo, que essas construções devem apresentar propriedades sintático-semânticas constantes, além de propriedades distribucionais e transformacionais específicas, que possuem a função de distinguir os verbos-suportes dos verbos plenos. Embora apresentem características bem definidas, os predicados nominais têm grande potencial para configurar o tema central de inúmeros trabalhos, especificamente aqueles que tratam da descrição exclusiva de uma de suas propriedades.

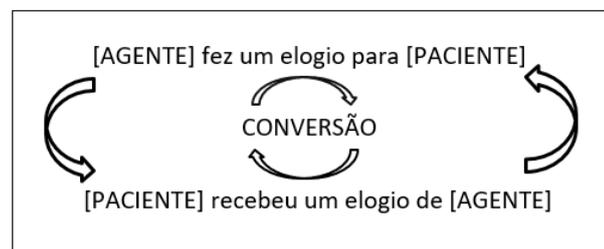
Em sua Dissertação de Mestrado, Calcia (2016) deu início aos estudos sobre a propriedade transformacional da Conversão em PB, que é definida por G. Gross (1989) como uma operação sintática que permuta os argumentos da frase simples sem ocasionar em uma mudança de predicado. Os papéis semânticos que representam o sujeito e o objeto direto da construção também não são alterados, apenas acompanham o deslocamento dos mesmos. Com grande número de ocorrências em português do Brasil, as construções nominais com o verbo-suporte dar, denominadas agora ‘construções standard’, podem apresentar uma ‘construção conversa’ associada, que é exemplificada abaixo pela construção com o verbo receber:

(5) *Helena deu um abraço no Pedro.*

[Conv] *Pedro recebeu um abraço da Helena.*

Uma construção cujo verbo-suporte é resultante de uma Conversão transmite a mesma informação da construção com o verbo-suporte standard. Os exemplos apontam que, apesar da troca de posição dos argumentos, o predicado semântico continua inalterado, bem como o elemento que opera toda a construção. Em (5) o argumento (Helena) é, simultaneamente, o sujeito e o ‘agente’ da construção, enquanto o argumento (Pedro) é o complemento do nome predicativo e ‘paciente’. Já na construção conversa, se observa a troca dos argumentos em torno do núcleo predicativo, sem haver a alteração dos papéis semânticos e a substituição do verbo-suporte dar pelo verbo-suporte receber, de orientação inversa (passiva):

Figura 1: Conversão



Fonte: elaborada pela autora.

Segundo G. Gross (1989, 1993), a Conversão é equivalente à Passivação nas construções verbais, sendo considerada como um tipo de passiva nominal. Essa nomenclatura pode causar inconsistências teóricas, as quais serão discutidas durante a tese. Porém, não se pode negar que existem semelhanças entre as construções conversas e as construções passivas verbais e a mais importante delas é a propriedade de inversão dos argumentos, como se pode observar pelo exemplo abaixo. Do ponto de vista sintático, assim como há similaridades, também ocorrem algumas discrepâncias, que serão abordadas e discutidas no decorrer desta tese.

(6) *[Conv] Pedro recebeu um abraço da Helena.*
[Pass] Pedro foi abraçado pela Helena.

Na literatura da Linguística Descritiva, sobretudo a do português brasileiro, há numerosos estudos que tratam minuciosamente das construções com verbo-suporte standard, dentre eles: Neves (1996), Scher (2004), Davel (2009), Barros (2014), Rassi (2015), Santos (2015). Por outro lado, apesar da Conversão ter sido mencionada em estudos recentes como em Martinez (2019) e ter sido objeto central do estudo preliminar de Calcia (2016), há regularidades

que ainda não tinham sido estudadas profundamente em PB. Por esse motivo, a presente tese propõe enriquecer a análise das construções conversas, desenvolvendo aspectos sintático-semânticos que não foram abordados em momentos anteriores.

Para isso, consideraram-se cerca de 1.200 nomes predicativos (recenseados através de diversos corpora) para a descrição e agrupamento em grandes classes, que se deu segundo os pares de verbos-suporte elementares da construção standard e conversa, respectivamente: fazer-receber (FR), fazer-sofrer (FS), dar-receber (DR), dar-levar (DL) e ter-ter (TT). Pelo fato de apresentarem particularidades diferentes umas das outras, essas grandes classes também foram desmembradas para a confecção de subclasses, que puderam acolher aspectos lexicais mais específicos de cada uma delas, sendo o principal critério de subdivisão, o preenchimento lexical do sujeito da construção conversa, dando origem às subclasses (DR1, DR2 e DR3, por exemplo).

Nesta pesquisa, procura-se aplicar o método introspectivo de análise, assim como propõe o Léxico-Gramática, juntamente à utilização dos corpora de referência com o intuito de confirmar a procedência e a aceitabilidade dos dados. Resumidamente, o método introspectivo considera o conhecimento linguístico prévio para se fazer análises e para produzir as construções de base que exemplificam a teoria durante toda a tese. Nessa circunstância, as frases-modelo podem ser confeccionadas pela introspecção da autora e suas propriedades formais, como a distribuição dos argumentos e a atribuição dos elementos gramaticais, comprovadas em corpora, ou, até mesmo, extraídas diretamente dos corpora.

Justificativa para a progressão temática

Os estudos que utilizam o modelo do Léxico-Gramática, conforme dito no início desta Introdução, são caracterizados pela apresentação de dados exaustivos de determinada classe de elementos linguísticos. Em vista disso e diante da grande produtividade da Conversão em português brasileiro, tornou-se necessário optar pela continuação da descrição iniciada durante o mestrado em Linguística (CALCIA, 2016). O principal objetivo daquele estudo foi o de introduzir um fenômeno da língua que ainda não tinha sido tomado como relevante para a descrição do PB. Para essa finalidade, os estudos disponíveis sobre as construções standard (BARROS, 2014; RASSI, 2015; SANTOS, 2015) tornaram-se a única e suficiente fonte de coleta de dados, sobretudo, para se observar a dimensão teórica que a Conversão poderia alcançar.

No presente momento, a listagem de nomes predicativos que configuram as construções conversas recebeu novos dados que foram recenseados por meio de outros tipos de corpora. Pelo grande número de entradas, o repertório de G. Gross (1989) para o francês foi um dos escolhidos e os nomes predicativos que apresentavam compatibilidade com o PB foram levados em consideração. Fora o repertório de outros autores, o *corpus* PLN.Br Full também apresentou grande importância nessa nova etapa da pesquisa, pois o recenseamento se deu a partir dos verbos conversos como objeto principal de busca, possibilitando um resultado diferente do encontrado pelos trabalhos sobre as construções standard. Nesse sentido, o grande número de textos publicados na web (online) também se estabeleceu como corpora de referência.

Em decorrência do crescimento do número de dados obtidos e da variedade dos corpora de referência que deram apoio ao estudo, as propriedades sintático-semânticas, distribucionais e transformacionais (que estão formalizadas na tabela em que estão os resultados) também sofreram uma atualização. Certas propriedades referentes às construções standard também foram incluídas nas matrizes-binárias, sobretudo aquelas que correspondem ao tipo de sujeito [N0], tipo de preposição e as possibilidades de variação do verbo-suporte standard, que antes eram encontrados apenas nas Tábuas confeccionadas para os trabalhos originais.

Em relação às construções conversas, outras características foram incluídas como novas propriedades, como destacam-se: a possibilidade de redução do nome parte-do-corpo (Helena deu um golpe no braço do Pedro/Pedro levou um golpe da Helena), ocorrência de o nome predicativo ser utilizado com um instrumento (Helena deu uma facada no Pedro/Helena golpeou Pedro com uma faca), possibilidade do nome predicativo indicar uma qualidade do [N0] (Helena fez uma afronta para Pedro/Helena é afrontosa) e a relação das construções com o verbo-suporte dar com outros verbos (Helena deu uma acariciada no Pedro/Helena fez um carinho no Pedro).

O acréscimo dessas e de outras propriedades nas Tábuas do Léxico-Gramática acarretou a revisão geral de todos os nomes predicativos já recenseados anteriormente, possibilitando assim a correção de possíveis lapsos da versão anterior. Dado parâmetro de atualizações e revisitações fez com que o presente estudo se tornasse, em relação à formalização das propriedades, a base de dados mais detalhada acerca do fenômeno da Conversão sintática. Trata-se de mais um ponto positivo para que as construções conversas continuassem sendo objeto central de estudo, que além do desenvolvimento metodológica e reconsideração dos resultados, possibilitou um aumento significativo da quantidade de entradas lexicais (de 733 para 1.204 nomes predicativos), reiterando a importância dos estudos descritivos.

Organização do texto

Na presente tese, a organização do texto em Capítulos tem início com a fundamentação teórica, que introduz o contexto teórico metodológico do Léxico-Gramática (M. GROSS, 1975), a partir da apresentação da Teoria Transformacional de Operadores de Harris. Esse Capítulo também explica com detalhes a questão discutida pela Introdução sobre o recurso alternativo entre a utilização da introspecção e dos corpora de referência. Além disso, também há uma breve abordagem sobre a prática do Léxico-Gramática na atualidade, apresentando alguns dos estudos mais recentes sobre a descrição linguística, sobretudo, em PB.

Posteriormente, o segundo Capítulo é segmentado em duas partes. A primeira parte tem como objetivo a definição dos objetos de estudo, ou seja, dos verbos-suporte e dos nomes predicativos e, para isso, são apresentadas as seis propriedades gerais que identificam e definem as construções nominais com verbo-suporte. Já a segunda parte é responsável pela delimitação teórica da transformação de Conversão e aborda, além de suas características indicativas, a relação que existe entre ela e a transformação de Passivação.

Esse mesmo Capítulo também faz uma delimitação sobre os verbos que, no panorama da Conversão, são entendidos como os elementares e como variantes-suporte. E aproveita a ocasião para apresentá-los como tal a partir das tabelas que indicam os verbos e a quantidade total de vezes em que eles aparecem nas matrizes. Para finalizar, a última Seção do Capítulo disserta sobre a bibliografia geral que envolve os estudos que tomam as construções conversas e sua classificação como centro da análise, assim como os estudos em língua francesa, português europeu, português brasileiro e língua romena.

O terceiro Capítulo diz respeito aos procedimentos metodológicos que foram utilizados no recenseamento dos dados e na classificação das construções obtidas. Em resumo, o Capítulo está dividido em quatro Seções, nas quais abordam-se os temas: (i) obtenção dos dados, (ii) utilização de ferramentas computacionais de pesquisa, (iii) organização e formalização dos dados em matrizes-binárias e (iv) reagrupamento dos dados e critérios utilizados para uma subclassificação. Fazendo uma síntese, este Capítulo apresenta a manipulação dos dados desde a busca em corpora, até a classificação final dos nomes predicativos que aceitam a Conversão.

Em seguida, o Capítulo 4 introduz a análise das construções conversas ao tratar das propriedades formais que elas possuem. Essas propriedades são aquelas que se encontram nas colunas das matrizes confeccionadas em trabalhos sob a ótica do Léxico-Gramática e são decompostas em: propriedades estruturais, distribucionais e transformacionais. Para além dos resultados obtidos pela formalização dos dados e pelas regularidades encontradas a partir dessa formalização, tais propriedades norteiam a análise, e a própria classificação, que é realizada no Capítulo posterior, dando um subsídio teórico-prático para uma descrição que seja abrangente o suficiente para determinar sintático-semanticamente as construções conversas do PB.

Finalmente, o quinto Capítulo trata especificamente da descrição das Tábuas que foram confeccionadas para formalizar os dados da tese. São cinco Tábuas, uma para cada grande classe, que apresentam uma análise minuciosa dos casos descritivos mais regulares ou interessantes linguisticamente. Essa análise, assim como as matrizes, foi dividida por subclasses, sendo que cada subclasse possui uma descrição que lhe é própria, assim como as entradas lexicais que possuem a sua própria gramática. Trata-se de um Capítulo longo e com uma quantidade extensa de exemplos que, de maneira metodológica, facilita a diferenciação de uma construção de dada subclasse para uma construção de outra subclasse.

Concluindo a dissertação do texto da presente tese, um último Capítulo foi elaborado com o propósito de destacar algumas observações complementares à descrição realizada no Capítulo anterior. Em vista disso, além da apresentação dos desdobramentos lexicais, que nada mais são do que duas significações diferentes para um nome predicativo que possui a mesma grafia, também são discutidos os resultados quantitativos obtidos pela realização deste estudo. São salientadas algumas das atualizações feitas perante o estudo preliminar de Calcia (2016), contrapondo o resultado obtido anteriormente aos resultados atuais da pesquisa.

Ainda no Capítulo conclusivo, foram colocadas em pauta determinadas questões que não foram abordadas neste trabalho, como a possibilidade da criação de novas classes e subclasses e o processamento computacional dos dados. Essas questões de descrição e de classificação direcionam positivamente os estudos que podem se desenvolver no futuro, com base no parâmetro que foi herdado sobre a Conversão. Logo após, com o objetivo de finalizar o texto, são apresentadas as considerações finais e as referências bibliográficas que foram utilizadas para subsidiar este estudo por completo.

CAPÍTULO 1

CONCEPÇÃO DO LÉXICO-GRAMÁTICA NA DESCRIÇÃO LINGUÍSTICA

O estudo do fenômeno da Conversão na vertente brasileira do português se fundamenta inteiramente no quadro teórico-metodológico do Léxico-Gramática, desenvolvido por Maurice Gross (1975, 1981) com base em experimentos que envolveram um elevado grau de rigor metodológico. Em geral, a investigação sincrônica do léxico – em conformidade com essa perspectiva – inclui procedimentos que dão enfoque à realidade do uso linguístico, como a observação empírica dos eventos da língua, o recenseamento e a descrição exhaustiva dos dados e a reprodutibilidade genuína dos resultados obtidos.

Descrever a estrutura sintático-argumental das frases simples de uma língua, conectando o léxico (através do estudo das palavras e suas interpretações) com a gramática (mediante as substituições e combinações das palavras), tange um dos principais objetivos propostos pelo Léxico-Gramática. O modelo também possui uma formalização singular para demonstrar os dados coletados, uma vez que, configurando-se como um recurso linguístico, podem ser utilizados no processamento automático de linguagem natural (PLN). Essa formalização é representada por meio de matrizes binárias, cuja função é relacionar os itens lexicais com suas propriedades sintático-semânticas, constituindo uma base de informações.

O Léxico-Gramática faz uso dos pressupostos teóricos do *distribucionalismo*, representado pela Gramática Transformacional de Operadores de Harris (1961, 1964, 1968, 1982, 1991). Por meio de restrições de combinatória dos elementos de uma frase de base, a Gramática Transformacional considera a viabilidade de a linguagem veicular a mesma informação, a partir de diferentes processos transformacionais, sendo a Conversão um deles. Apesar de configurar-se como uma teoria, o distribucionalismo também trata de métodos para a observação reprodutível dos fenômenos linguísticos, como parte das ciências experimentais.

O conteúdo apresentado por este Capítulo baseia-se em trabalhos que também utilizam a abordagem teórico-metodológica em questão para subsidiar suas análises linguísticas. Logo, esclarecimentos complementares desse conteúdo podem ser encontrados em estudos introdutórios que são referenciados teoricamente no decorrer da presente tese (VALE, 2001; BAPTISTA, 2005; BARROS, 2014; RASSI, 2015; SANTOS, 2015), além de estudos mais recentes sob a ótica do Léxico-Gramática (RODRIGUES, 2019; MARTINEZ, 2019; PICOLI, 2020).

1.1 Gramática Transformacional de Operadores de Harris: paradigmas metodológicos

O entusiasmo pela concepção de um método adequado para a descrição dos elementos linguísticos, mais do que o desenvolvimento de uma teoria linguística em abstrato (ou seja, para todas as línguas naturais), direcionou o metodologista Zellig S. Harris (1961, 1964) para a elaboração da Gramática Transformacional de Operadores. Como principal porta-voz do distribucionalismo – e um dos principais nomes do descritivismo americano – Harris utilizou de abordagens matemáticas (restrições de combinatória) para demonstrar a importância do conteúdo informacional na descrição das línguas.

O conceito de informação está relacionado à teoria de como a linguagem veicula esse conteúdo, seguindo certas restrições de combinatória. Para a Gramática Transformacional de Operadores, a informação propagada pela língua pode ser quantificada perante a organização das palavras e o grau de probabilidade dos elementos lexicais combinarem entre si. Sendo assim, o ponto de vista das ciências exatas na descrição linguística é justificado, segundo Harris (1968, 1982), por dois principais fatores: (i) os objetos da língua (unidades discretas) apresentam desvios a partir de sua equiprobabilidade combinatória e (ii) as línguas naturais não possuem uma metalinguagem externa para representar seus objetos e as relações entre eles.

Posto que o objetivo da metodologia harissiana é certificar que o sistema da língua funciona seguindo regularidades demonstráveis, o modo de organização e distribuição dos elementos na cadeia sintagmática torna-se o ponto forte da contribuição de Harris para a Linguística. Sua ideia evoluiu gradativamente com o estudo profundo dos procedimentos de segmentação e distribuição sintática, comutação de elementos lexicais e estabelecimento de classes de distribuição e equivalência sintático-semântica. Dessa maneira, alcançou-se um elevado rigor metodológico para a análise linguística, abrindo as portas para o processo de mudança do estruturalismo clássico para o *transformacionalismo*.

Dispondo de um nome eminentemente sugestivo, a Gramática Transformacional de Operadores utiliza as restrições de combinatória e a relação entre frases como objetos centrais da sintaxe, posto que a coocorrência dos elementos linguísticos pode ser observada durante a transformação de uma frase para a outra. Os principais conceitos, intrínsecos ao subsídio teórico-metodológico de Harris para a análise linguística, são redefinidos com base nas lacunas

encontradas no ‘âmago’ da Teoria Gramatical, a começar pela percepção harissiana de frase de base ou frase elementar (Subseção 1.1.1) e suas adaptações sintáticas (Subseção 1.1.2).

1.1.1 Desmembramento elementar das frases em operadores e argumentos

Um dos principais conceitos do alicerce científico deixado por Harris está relacionado à ordem parcial de entrada das palavras em uma frase de base. Essa ordem é baseada na combinação das unidades lexicais, que são classificadas em: operadores e argumentos. Grosso modo, os operadores impõem restrições sintáticas e semânticas para o preenchimento lexical que é ocupado pelos argumentos, ou seja, os operadores são os responsáveis pela seleção das outras unidades lexicais que compõem a frase de base, de modo que podem existir zero, um ou mais argumentos que, junto com o operador, formam uma unidade de significação.

Esmiuçadamente, verbos, adjetivos e substantivos podem ser classificados como operadores, quando selecionam outros elementos linguísticos para as posições de sujeito e complemento. Segundo Harris (1982, p.74-84), os operadores se organizam de acordo com o número e tipo de argumentos e são diferenciados pelo seu enquadramento em dois grupos: operadores de primeira ordem e operadores de segunda ordem. Basicamente, os operadores de primeira ordem são os que apresentam apenas um argumento (7), dois argumentos (8) e três ou mais argumentos (9). E os operadores de segunda ordem são formados por outros operadores como argumentos e não serão tratados com detalhes nesta tese, pois são relacionados com as frases mais complexas da língua e não às frases de base.¹

(7) *O sol raiou.*

(8) *Pedro comeu chocolate.*

(9) *Pedro emprestou uma camisa para Miguel.*

Exceto casos específicos em que o operador não necessita de um argumento para expressar um predicado semântico (um exemplo são as frases com verbos impessoais, como Amanheceu.), a presença de um operador em uma frase de base é determinada pelo seu argumento. Os argumentos, então, são as unidades lexicais que dependem de outras unidades para comporem as frases de base. Em outras palavras, eles são requisitados pelo operador e

¹Em resumo, os operadores de primeira ordem exemplificados no corpo do texto são representados, respectivamente, por On e Onn ou mais. E os exemplos de operadores de segunda ordem são: Oo (Pedro leu a matéria rapidamente), Ooo (Pedro contou a mãe que brigou com Helena), Oon (A fala de Pedro irritou Helena), Ono (Pedro adora comer torta), Onon (Pedro explicou a Helena que chegaria tarde).

ocupam a posição de sujeito e complemento, na nomenclatura da Gramática Transformacional de Operadores. Quanto à sua tipologia, os argumentos podem apresentar, sumariamente, características humanas (pessoas, animais, entidades, etc.) e não-humanas (objetos, em geral), que serão mais especificamente abordadas no Capítulo 4 (Seção 4.2).

Considerando que essas concepções carregam grande importância conceitual para o estudo da Conversão, torna-se fundamental apresentar a visão da Gramática Transformacional de Operadores para com a nomenclatura utilizada nas gramáticas tradicionais (conhecidas também como ‘normativistas’). Primeiramente, a abordagem corrente da gramática segmenta a frase em outras unidades: sujeito e predicado. Em segundo lugar, essas unidades se relacionam sintaticamente pela concordância do verbo com o sujeito, isto é, nos moldes da gramática tradicional é o verbo que impõe as restrições sintáticas e semânticas para o preenchimento das outras posições da frase, tornando-se o elemento central da predicação.

Em consequência do redirecionamento do ponto de vista dos elementos que fazem parte da frase (operadores e argumentos versus sujeito e predicado)², a Gramática harissiana passa a considerar alguns adjetivos e substantivos como operadores, além dos verbos. Dessa maneira, em frases como (10), o argumento (Pedro) é selecionado pelo adjetivo (simpático), e em (11) o substantivo (simpatia) seleciona o argumento (Pedro). Uma interpretação gramatical sob esse prisma é de grande importância para embasar o fenômeno linguístico descrito nesta tese, uma vez que coloca o nome predicativo como o elemento que restringe a seleção dos demais elementos da frase, em construções com verbo-suporte.

(10) *Pedro é simpático.*

(11) *Pedro é de uma simpatia invejável.*

Baseando-se nos conceitos apresentados até então, é possível estabelecer que a combinação entre um operador e seus argumentos elementares compõe, não só a frase de base, mas aquilo que é designado por Harris como ‘informação’. Em vista disso, e com a finalidade de determinar o processo de formação das frases potencialmente articuladas da língua, são elencadas três restrições fundamentais, que permitem universalizar a noção de frase de base (HARRIS, 1988). Essas restrições estão associadas às questões sobre a ordenação das palavras

² Para a gramática tradicional a relação que existe entre o sujeito e predicado é de ordem sintática, a partir da concordância do sujeito com o verbo. Para a Gramática Transformacional da Harris, os operadores assemelham-se ao núcleo do predicado e os argumentos equivalem às unidades lexicais que estão na posição sintática de núcleo do sujeito, do objeto direto, do objeto indireto, entre outros.

em uma frase, a verossimilhança de ocorrência dessas palavras e a contingência dos elementos significativos, respectivamente:

(i) ordem parcial de entrada das palavras em uma frase: essa restrição está relacionada com o estabelecimento dos operadores e argumentos, reforçando a proposição de que algumas palavras dependem de outras para constituírem um discurso, como visto anteriormente.

(ii) diferentes probabilidades de coocorrência de palavras em uma frase: questiona o grau de probabilidade de combinações da língua. Resumidamente, a primeira restrição cria todas as combinações de palavras e a segunda restrição cria coocorrência de combinações.

(12) *O menino falou muito tempo na escola.*

[grau alto]

(13) *?O menino latiu muito tempo na escola.*

[grau baixo]

(iii) redução: trata do apagamento de elementos, quando há repetição ou concatenação de frases no discurso, tornando a informação mais compacta.

(14) *Pedro leu o livro de Miguel / Pedro leu o livro atentamente.*

(15) *Pedro leu o livro de Miguel atentamente.*

Para além da redução por repetição de elementos, exemplificada em (14) e (15), em que as unidades repetidas possuem a mesma função sintática na frase de base, há também outra operação (redução apropriada), que visa reduzir o elemento com alta probabilidade de ocorrer como operador ou argumento de um operador específico. Em *Pedro gosta de estudar matemática*, o operador (*estudar*) pode ser subtraído da frase pelo fato de apresentar altas chances de ocorrer com o argumento (*matemática*), involuntariamente. Já o operador (*gostar*) torna-se essencial para veicular a informação transmitida por *Pedro gosta de matemática*.

Para alguns sistemas linguísticos, tem-se o conhecimento de uma quarta restrição, que indica a disposição de como os elementos lexicais devem ocorrer em uma frase. No entanto, a linearização não apresenta uma rigidez considerável sobre as variantes do Português, dado que são identificadas certas alterações da ordem básica de uma frase de base (sujeito-verbo-objeto), tornando-a uma restrição parcial e não fundamental. A título de exemplo, a linearização da frase *Pedro comprou um livro para Helena* pode ser alterada ao substituir o complemento (*Helena*) pelo clítico (*lhe*), sucedendo *Pedro lhe comprou um livro*.

Com base no conhecimento sobre a concepção de uma unidade mínima de sentido, intrinsecamente ligada ao cerne da língua, presume-se que, geralmente, as frases de base não são frases que podem ser observadas em corpora. Todavia, através de operações sintáticas que possibilitam a manutenção da informação, como a redução, pode-se chegar a elas. Segundo Harris (1961), as operações que incluem essa competência são chamadas de *transformações* e serão abordadas na Subseção seguinte, juntamente com a sistemática utilizada para a formulação de frases de base construídas a partir de frases complexas encontradas em corpora.

1.1.2 Introdução ao conceito de Transformação

Como visto anteriormente, a combinação entre um operador e seus argumentos essenciais são os elementos que compõem a frase de base. Nesse sentido, o processo que permite descrever as relações sintáticas estabelecidas entre frases de base correspondentes é nomeadamente conhecido como transformação. Segundo Harris (1964, p. 419), essa relação, de ordem parafrástica, se estabelece entre conjuntos de frases que possuem a mesma classe de equivalência, ou seja, embora tenha ocorrido um rearranjo de palavras, as frases continuam apresentando propriedades semelhantes e veiculando a mesma informação.

(16) *O técnico treinou três clubes [na temporada passada].*
 ≡ *O técnico foi o treinador de três clubes.*

Mediante um simples exemplo, representado por (16), é possível visualizar a relação de equivalência parafrástica que existe entre as duas construções sintáticas da mesma frase de base. Expressando um conteúdo informacional constante, a diferença entre as frases está nos operadores, que apesar de selecionarem dois substantivos como argumentos (Onn), são de classes gramaticais diferentes. O operador atuante na frase de base sob a forma de verbo (*treinar*), na sua própria morfologia, contém as marcas gramaticais de pessoa, número, tempo e aspecto. Diferentemente do substantivo (*treinador*), que ao ocupar o lugar de operador na frase de base, exige um verbo auxiliar (*ser*) para exteriorizar essas marcas.

Para a Gramática Transformacional de Operadores, a frase de base pode ser submetida a dois tipos de transformações: unárias e binárias. Consideram-se transformações unárias aquelas que decorrem sobre uma frase de base e dão origem a outra frase de base, como a nominalização que acontece na frase construída do exemplo anterior. Em contrapartida, são

consideradas transformações binárias aquelas que combinam duas construções de base para formar uma construção complexa, tais como a coordenação e a subordinação. Essa complexidade suprime o caráter elementar da frase, que deixa de ser o objeto de estudo do Léxico-Gramática (modelo teórico-metodológico que será tratado na próxima Seção) e, conseqüentemente, da descrição realizada nesta tese.

Desse modo, para se concentrar na descrição das transformações unárias, é necessário possibilitar uma análise restrita às frases simples da língua. Em consequência disso, a metodologia harissiana determina que as frases formadas por períodos compostos sejam submetidas a processos transformacionais, sobretudo àqueles que objetivam a redução das mesmas. Torna-se importante mencionar que, tratando-se de uma transformação sintática, essa contração não designa alterações de ordem semântica, pois não há mudança sobre a mensagem central que é passada pela frase, como pode ser visto nos exemplos abaixo:

(17) *O professor experiente deu uma tarefa para um grupo de jovens estudantes: sair e encontrar ao lado do caminho [...].*

(18) *O professor deu uma tarefa para os estudantes.*

Embora o exemplo (18) tenha sofrido transformações que resultaram no apagamento de alguns dos seus elementos lexicais (apagamento do adjunto adnominal do sujeito ‘experiente’, redução da estrutura ‘grupo de jovens estudantes’ e apagamento da oração explicativa sucedida por sinal gráfico), houve a manutenção daqueles que são necessários para a formação de uma frase elementar: um núcleo predicativo e seus argumentos obrigatórios. Neste caso, uma construção com verbo-suporte (dar), cujo operador é um nome predicativo (tarefa) e os argumentos essenciais, substantivos (professor e estudantes). Nota-se, ainda, que a simplificação da frase não modificou sua essência, mas subtraiu informações que não são necessárias para a formação de um predicado semântico.

Seguindo certos padrões de aplicação, os processos transformacionais também são utilizados para confirmar a aceitabilidade ou não de propriedades que as construções elementares podem possuir. Operações de Pronominalização, Passivação, Relativização, apagamento de elementos, Nominalizações, entre outras, são algumas das transformações que podem ser aplicadas às frases de base, dispensando as possibilidades de alterações semânticas. Utilizando um exemplo retirado de *corpus* (substituindo os nomes próprios, apenas), observa-

se que as relações estabelecidas entre as quatro construções são, exclusivamente, de ordem sintática e não modificam os aspectos que possibilitam sua interpretação semântica:

(19) *Pedro ganhou um celular e deu para o filho de Miguel.*

≡ <i>Pedro deu o celular para o filho de Miguel.</i>	[Redução]
≡ <i>Pedro deu-o para o filho de Miguel.</i>	[Pronominalização]
≡ <i>Pedro deu-lhe um celular.</i>	[Pronominalização]
≡ <i>Um celular foi dado para o filho de Miguel por Pedro.</i>	[Passivação]

Primeiramente, o exemplo (19) passou por uma alteração que objetivou sua redução a uma frase de base: redução apropriada de um dos operadores da sentença (ganhar). Os dois próximos exemplos, seguindo a disposição das transformações apresentadas, mostram a atuação da Pronominalização sobre elementos diferentes da frase: o primeiro sobre o sintagma nominal (celular) e o segundo sobre o objeto direto (filho de Miguel). Finalmente, a última construção exemplifica a Passivação, que sinaliza a mudança da frase para a voz passiva, segundo a troca de posição sintática dos argumentos (Pedro e filho de Miguel), seguido do acréscimo do verbo (ser) para completar o particípio do verbo já existente.

Na Passivação, os argumentos permanecem com os mesmos papéis semânticos³, independentemente da posição sintática que ocupa na frase de base, dessa forma, os atributos de AGENT-GIVER (Pedro), OBJECT-GENERIC (celular) e RECIPIENT (filho de Miguel) são mantidos. Essa transformação pode ser aplicada tanto em construções verbais (como o exemplo anterior), como em construções nominais com verbo-suporte (Pedro deu um abraço na Helena). Nesse caso, a frase transformada (Helena foi abraçada por Pedro) também mantém os papéis semânticos, mas a distribuição dos elementos é feita de forma diferente, o que evidencia a suspensão da restrição de linearização no processo de formação das frases de base em língua portuguesa, no geral.

Diante do exposto, pode-se prever que a aplicabilidade mais preponderante da transformação está relacionada com a derivação de uma frase em outra, sintaticamente semelhante e semanticamente correspondente. Esse redirecionamento da frase de base, segundo os autores que se baseiam nessa teoria, não deveria ser entendido de forma oriunda, revelando sua origem, mas de forma não-orientada. Tomando a Passivação ainda como exemplo, seria possível, então, dizer que não é necessariamente a ativa que dá origem à passiva ou vice-versa,

³ O conjunto de ‘semantic roles’ elaborado e descrito no trabalho de Talhadas (2014) é utilizado como referência.

entretanto a presente tese apresenta uma outra visão sobre a questão da orientação e opta por indicar que os processos transformacionais são definidos, apenas, em condições de classes de equivalência e não em condições de orientação com referência de tempo.

Em termos de conclusão, Barros (2014) apropria-se de uma argumentação de Harris (1965) sobre a importância do desempenho de análises transformacionais em estudos de descrição linguística. Segundo os autores, esse tipo de análise: (i) proporciona critérios formais de decomposição de uma sentença em outras, mediante um simples conjunto de transformações; (ii) por meio de transformações, interpreta semanticamente a estrutura de um conjunto de sentenças de uma língua e (iii) apresenta um conjunto de transformações interessante e não aleatório, para a decomposição de sentenças. Salienta-se, ainda, que a presente Subseção revê o objetivo de introduzir a idealização da transformação sintática e, por isso, não elenca todas as suas possibilidades, que serão retomadas também a partir do próximo Capítulo (sobretudo, as que se referem a construções nominais com verbo-suporte, incluindo as construções conversas).

1.2 Modelo teórico-metodológico do Léxico-Gramática

Proposto a partir dos princípios do Distribucionalismo e em consequência de trabalhos experimentais sobre o nível de representação proposto pela Gramática Transformacional de Operadores, o modelo teórico-metodológico do Léxico-Gramática é um programa de investigação linguística, direcionado para a descrição sistemática e completa da língua, que interliga os níveis lexical, morfológico, sintático e semântico, analisando e formalizando-os de forma conjunta. O êxito dos resultados obtidos pelos estudos de Maurice Gross (1968, 1975, 1981) permitiu afirmar que o Léxico-Gramática não se tratava apenas de uma metodologia, mas um modelo completo que apresenta uma Teoria da Linguagem e um método suficientemente rigoroso para a descrição das línguas naturais.⁴

Trata-se de um modelo estritamente empírico. Seu principal propósito é a descrição linguística baseada na interligação do léxico com a gramática, partindo da proposição de que os elementos da língua podem se combinar gramaticalmente de forma não aleatória, ou seja,

⁴ O Léxico-Gramática foi proposto, inicialmente para o francês, como parte de um empreendimento de um grupo de laboratórios de pesquisa que constituem a rede RELEX. A parte prática foi desenvolvida pelos integrantes do LADL (Laboratoire d'Automatique Documentaire e Linguistique), em que Maurice Gross fazia parte. Atualmente, o modelo vem ganhando espaço como quadro teórico-metodológico da descrição de diferentes línguas, como o português (europeu e brasileiro), espanhol, italiano, romeno, entre outras.

específica. Dessa maneira, os itens lexicais não podem ocupar qualquer posição sintática em uma frase de base, pois devem respeitar as restrições de combinações impostas pela semântica e pela sintaxe. Essa concepção é evidenciada quando é dito que as entradas de um léxico não são as palavras propriamente, mas as frases simples de uma língua:

A importância que lhes damos deriva de um princípio que consideramos fundamental. [...]. Este princípio está apenas em aparente contradição com as noções tradicionais de léxico. De fato, em um dicionário, não é possível dar o significado de uma palavra sem usar uma frase, nem contrastar usos diferentes da mesma palavra sem colocá-la em frases. (M. GROSS, 1981, p. 48).⁵

Os elementos lexicais podem se combinar de maneiras bastante específicas, que são observadas de acordo com o modo em que estão inseridos em uma frase. Em outras palavras, a posição sintática que um item lexical ocupa depende inteiramente das restrições que a semântica o impõe, ou seja, sua interpretação é subordinada ao contexto linguístico-informacional no qual está inserido. Um exemplo muito produtivo refere-se à palavra *corrida* (RASSI, 2015, p.36), que manifesta, potencialmente, significados diferentes conforme sua combinação com as outras palavras que estão ordenadas sintaticamente:

(20) *Se alimentar bem, com uma rotina corrida, parece difícil.*

(21) *Hamilton ganhou a corrida na China de ponta a ponta.*

(22) *O motorista cancelou a corrida e pediu pagamento por fora.*

(23) *Quem nunca deu uma corrida embaixo dessa marquise?*

(24) *Aplicação de massa corrida exige cuidado e conhecimento técnico.*

Neste contexto, pode-se dizer que o Léxico-Gramática se baseia na organização das palavras e no modo em que os elementos lexicais da língua são combinados. No entanto, para se chegar a essa definição, é preciso apresentar os princípios teóricos que fundamentam a Teoria Linguística que está entrelaçada ao método de descrição sistemática da língua. Sendo assim, o modelo do Léxico-Gramática apresenta três premissas que o define, isto é, particularidades tanto teóricas, quanto metodológicas de análise. São elas: (i) cada unidade lexical possui uma

⁵ Tradução livre. Do original: ‘L’importance que nous leur octroyons découle d’un principe que nous considérons comme fondamentale. [...] Ce principe n’est en contradiction avec les notions traditionnelles de lexique que de façon apparente. En effet, dans un dictionnaire, il n’est pas possible de donner le sens d’un mot sans utiliser une phrase, ni de contraster des emplois différents d’un même mot sans le placer dans des phrases’ (M. GROSS, 1981, p. 48).

gramática própria; (ii) a unidade mínima de análise é a frase elementar ou frase de base; e (iii) a formalização dos dados em um modelo específico.

(i) Gramática própria

Para o Léxico-Gramática, a descrição de uma língua é realizada a partir das propriedades linguísticas (distribucionais e transformacionais) dos seus elementos lexicais que, apesar das regularidades e semelhanças, são diferentes uns dos outros. Nessa percepção, dois elementos linguísticos que possuem o mesmo significado podem não compartilhar diretamente das mesmas propriedades. Considera-se, então, que cada unidade lexical possui uma gramática própria na medida em que impõe restrições de seleção ao preenchimento lexical dos seus argumentos, isto é, o comportamento léxico-sintático-semântico de cada unidade lexical pode ser alterado de acordo com o meio sintático em que está inserida.

Sendo assim, a diferença entre os verbos morrer e falecer é um exemplo clássico de unidades lexicais que possuem significados bastante semelhantes, mas gramáticas singulares. Enquanto o verbo morrer admite argumentos humanos e não humanos na posição de sujeito, como em (25), o verbo falecer admite, normalmente, somente sujeitos humanos nessa mesma posição, como em (26). O mesmo acontece com a expressão popular ‘morrer de susto’ (ou tédio, frio, fome, dentre outros estados físicos e psicológicos), que ecoa com estranheza quando é construído com o verbo falecer. Esses exemplos evidenciam o fato de que, mesmo unidades lexicais que possuem significados praticamente iguais (sinônimos diretos) apresentam uma propriedade distribucional que as distinguem, tornando-as únicas.

(25) *Pedro morreu / O plantio de soja morreu / O amor morreu.*

(26) *Pedro faleceu / ?O plantio de soja faleceu / ?O amor faleceu.*

No entanto, dizer que cada unidade lexical apresenta comportamentos específicos e, portanto, gramáticas próprias, não implica na impossibilidade de serem agrupadas em classes únicas (tanto sintáticas, quanto semânticas). O agrupamento ou classificação dos elementos lexicais presentes em fenômenos linguísticos é uma das características presentes em trabalhos descritivos sob a perspectiva do Léxico-Gramática e seu objetivo é, exclusivamente, o de organização daqueles que apresentam propriedades análogas, e não exclusivas. Por exemplo, os substantivos transformação e metamorfose serão organizados, muito provavelmente, em uma

mesma classe por apresentarem o mesmo significado e possuírem propriedades parecidas, mas são empregados em contextos diferentes:

(27) *O inseto passou por uma metamorfose.*

(28) *Os personagens passaram por várias transformações em sua caracterização.*

Os nomes em questão são transitáveis e aceitos sintaticamente em ambos os casos, porém, de acordo com pesquisas em corpora, é mais comum o item lexical metamorfose ser empregado em um contexto biológico (ciência) e transformação em um contexto mais geral, indicando qualquer tipo de mudança de estado. É frequente a existência de ocorrências linguísticas que dependem do ambiente para serem utilizadas, por esse motivo, precisam ser descritas exaustivamente. Diante disso, a premissa de que não se pode dissociar o léxico da gramática coloca em evidência que a teoria sobre o funcionamento de uma língua necessita estar ancorada à realização linguística, ou seja, aos elementos lexicais da própria língua.

(ii) Frase elementar como unidade mínima de análise

Para o Léxico-Gramática, a unidade mínima de análise é a frase elementar e não morfemas ou palavras isoladas. Em seguimento da Gramática Transformacional de Harris é necessário considerá-las – enquanto expressão de um predicado semântico – suficientemente capazes de demonstrar as operações sintáticas básicas de uma língua. Sendo assim, a definição a partir das frases de base como objeto de análise se justifica pelos fatos de: a avaliação da aceitabilidade de uma palavra ser realizada em ambientes frasais; e esses contextos podem remover a ambiguidade que a palavra possui quando analisada isoladamente.

Consoante com essa circunstância, Laporte (2000) reitera que o estudo de uma palavra isolada impede a comparação dos seus diferentes empregos e pode não solucionar suas possíveis ambiguidades, que são removidas apenas no contexto da frase elementar. Então, o significado de uma palavra só pode ser determinado ao observar a vizinhança em que se encontra. Por exemplo, o significado do verbo acordar é determinado perante o tipo de argumento que é com ele construído e pelas restrições distribucionais que ele impõe:

(29) *Chefes de Estado e Governo acordaram sobre o envio de ajuda.*

(30) *Consumidores acordaram cedo [para aproveitar dia de descontos].*

Os exemplos foram concebidos por meio de corpora, assegurando-se que, nem sempre as frases simples são frases construídas. Em (29), o verbo acordar seleciona um sujeito composto do tipo humano (Chefes de Estado e Governo) e um complemento do tipo QueF (frase completiva) introduzido pela preposição sobre, indicando o sentido de ‘acordo formal ou espécie de negociação’. Já em (30), diferentemente, os argumentos selecionados por acordar (consumidores, cedo) apontam para outro significado do verbo, o de despertar-se. É importante salientar que são as frases elementares que dão origem as frases mais complexas do discurso. Nesse sentido, M. Gross (1981, p. 21) acresce que:

Por convenção, as unidades de base do significado seriam realizadas pelas frases simples. A descrição semântica consistiria, portanto, em decompor as frases complexas segundo as frases simples de base, por isso não é diferente da descrição sintática (M.GROSS, 1978).⁶

Para resumir a importância desta premissa, é legítimo dizer que o Léxico-Gramática apresenta um modelo de sintaxe limitado, especificamente, às frases de base que, quando analisadas, descrevem também as suas transformações unárias (aquelas que se aplicam às frases elementares de uma língua natural). É, portanto, apoiado nesse princípio que se realiza o estudo apresentado por esta tese, que descreve um fenômeno linguístico através de unidades lexicais inseridas em contextos frasais simples.

(iii) Formalização dos dados

Há uma forte tendência em formalizar os dados obtidos em um estudo embasado no Léxico-Gramática, sobretudo para contribuir com a construção de sistemas de PLN. Nesse contexto, na década de 1970, pesquisadores do LADL descreveram milhares de verbos simples e compostos, além de transformações sintáticas da gramática do francês, que foram utilizados em programas de PLN, proporcionando um desempenho satisfatório para o processamento da

⁶ Tradução livre. Do original: Par convention, les unités de base du sens seraient portées par ces phrases simples. La description sémantique consisterait donc à décomposer les phrases complexes selon les phrases simples de base, elle ne différerait donc guère de la description syntaxique (M. GROSS, 1978).

língua. Foi, então, a partir disso que M. Gross (1988, p. 177) revelou a importância de as gramáticas e léxicos serem formalizados:

Nós distinguimos o nosso programa dos programas da gramática tradicional e da lexicografia comercial, duas atividades que também visam a obtenção de uma cobertura adequada para as línguas. A distinção é imposta pelo referencial teórico adotado para a descrição: a teoria transformacional de Zellig S. Harris que, juntamente com a maioria das teorias modernas, exige a formalização completa dos dados.⁷

Em conformidade com Leclère (1990), o Léxico-Gramática pode ser descrito como um dicionário sintático-eletrônico, contendo dados que são classificados sistematicamente, com a preocupação de reduzir ao máximo a parcela de arbitrariedade inerente ao seu emprego. Para que isso seja possível, a comprovação de uma teoria da linguagem deve ser realizada de modo exaustivo, explicando como a língua veicula informações e é organizada em função das restrições apresentadas pela Gramática Transformacional de Harris. Essa exaustividade também é fundamental na contribuição do Léxico-Gramática para o PLN.

Segundo Vivès (1993), há uma dificuldade em fundamentar devidamente qualquer regra sintática em uma pequena amostra de exemplos, ao contrário, a descrição deve levar em conta todo o léxico disponível para ser descrito. Buscando formalizar um número exaustivo de dados linguísticos, o Léxico-Gramática utiliza a representação em tábuas ou matrizes binárias. Nessas grandes tabelas, as linhas representam as entradas lexicais e as colunas representam as propriedades (sintáticas, semânticas, distribucionais e transformacionais) das construções que pertencem a essas entradas. No caso do emprego dos verbos-suportes, a descrição é feita a partir do recenseamento dos nomes predicativos.

Diferente das duas premissas anteriores, a exigência de formalização dos dados no modelo do Léxico-Gramática dispõe de um caráter mais metodológico, e portanto, essencial para o entendimento da manifestação linguística através das frases elementares e para perceber as especificidades que levam uma unidade lexical a apresentar sua própria gramática. Os

⁷ Tradução livre. Do original: We distinguish our programme from those of traditional grammar and commercial lexicography, two activities which also aim at obtaining adequate coverage for languages. The distinction is imposed by the theoretical framework adopted for the description: the transformational theory of Zellig S. Harris, which, along with most modern theories, requires the complete formalization of the data.

procedimentos para a confecção das tábuas, juntamente com um exemplo delas, estão disponíveis no Capítulo 3, em parte reservada para a organização do Léxico-Gramática das construções conversas do PB (Seção 3.3). Integralmente, a matriz binária com todos os dados do presente estudo está acessível através do Apêndice B.

Como já mencionado, as frases de base utilizadas como modelos ‘prototípicos’ para as entradas lexicais em uma tábua do Léxico-Gramática, seguem algumas regras de construção. Quando não apresentam integralmente a mesma estrutura sintática, da qual é estabelecida pelos corpora, sofrem pequenas modificações que as direcionam para certo padrão. Encontram-se, dentre elas: reduções sintáticas, padronização do tempo verbal, mudança dos nomes próprios reais para nomes convencionados, simplificações generalizadas. Em vista disso, pode-se estabelecer que o uso de diferente tipos de corpora somado à introspecção do linguista, não apenas, mas, sobretudo para a criação de exemplos, apresenta-se como mais uma premissa que delinea o modelo atual do Léxico-Gramática.

1.2.1 Recurso alternativo entre introspecção e corpora

Desempenhar a coleta de dados empíricos de maneira científica, formal e sistemática, faz parte dos principais propósitos do Léxico-Gramática. Considerando que, nesse modelo teórico-metodológico, a descrição de um fenômeno linguístico é baseada em propriedades estruturais, distribucionais e transformacionais, torna-se de extrema importância que a metodologia utilizada seja adequada para que a manipulação dos dados não apresente equívocos. Em consequência, o uso da introspecção do linguista associado à utilização de corpora revelou ser o método mais conveniente para a coleta de informações linguísticas, de uma maneira geral, em trabalhos sob o viés do Léxico-Gramática.

Tradicionalmente, os trabalhos desenvolvidos segundo este quadro de análise utilizam um significativo número de dados baseados na introspecção, sobretudo na construção de frases-modelo, aquelas que exemplificam um predicado. Na contemporaneidade, observa-se uma tendência em pesquisas que adotam uma metodologia de tratamento de dados, buscando mesclar os dois recursos: a introspecção do falante nativo de uma língua e a utilização de corpora de referência. Laporte (2008, p. 15) reforça que somente a utilização de corpora para analisar aspectos da língua não é o suficiente, a introspecção é essencial, porém cada método pode ser o mais adequado para investigar diferentes aspectos do uso de uma língua.

Nesse sentido, M. Gross (1975, p.27) já considerava que somente a utilização de corpora não permitiria uma análise profunda sobre a aceitabilidade das construções, uma vez que, para constatar que uma ‘expressão’ realmente exista em uma língua, seria necessário englobar fatores sociais e culturais. Essa questão vem sendo novamente discutida em trabalhos mais recentes (LAPORTE, 2015; SANTOS, 2015; RASSI, 2015; MARTINEZ, 2019), que consideram a aceitabilidade um dos conceitos mais importantes para a metodologia em Léxico-Gramática pois, ao empregar que apenas construções que realmente existem na língua podem ser analisadas e descritas, delimita o seu objeto de estudo.

O conceito de aceitabilidade está intrinsicamente ligado a critérios que dizem respeito ao pronunciamento e à interpretação imediata de uma frase construída, ou seja, a naturalidade dessa construção depende da sua reprodutibilidade por falantes nativos da língua. Contudo, Laporte (2015) também defende uma espécie de ‘reprodutibilidade subjetiva’, quando argumenta que todos os linguistas devem depender da intuição (própria e de seus informantes), pois apenas eles têm o subsídio necessário para determinar se certas frases são boas ou ruins, do ponto de vista sintático e semântico. O autor ainda complementa que precauções metodológicas devem ser tomadas para melhorar a reprodutibilidade, desmitificando vieses que podem resultar em um preconceito em relação à hipótese linguística ou a normas literárias:

[...] Estudos que analisam sistematicamente um léxico são menos vulneráveis a esses vieses, simplesmente porque são necessárias numerosas observações para validar, de fato, uma hipótese. Métodos de profilaxia são simples e eficazes; eles envolvem nada mais que a comparação de julgamentos independentes por vários linguistas e a publicação de resultados extensos. (LAPORTE, 2015, p. 4).⁸

É importante mencionar que os julgamentos feitos pelos linguistas, referidos na citação acima, são realizados para mensurar a probabilidade de certa sequência lexical ser utilizada em contextos específicos, para veicular a informação. Embora a introspecção seja muito importante, a utilização de corpora permite o recenseamento de dados em uma escala muito grande, e, além disso, viabiliza de forma categórica a identificação dos diferentes significados de um predicado semântico, bem como a distribuição sintática dos seus argumentos (tipos de

⁸ Tradução livre. Do original: “[...] Studies that systematically scan a lexicon are less vulnerable to such biases simply because numerous observations are required to validate a hypothesis. Methods of prophylaxis are simple and effective; they involve nothing more than the comparison of independent judgments by several linguists, and the publication of extensive results.” (LAPORTE, 2015, p. 4)

argumentos e de preposição). Utiliza-se um *corpus*, por exemplo, para verificar quais nomes predicativos acompanham determinado verbo-suporte. Por sua vez, as transformações que as construções com verbo-suporte apresentam podem ser obtidas de maneira híbrida: introspectivamente e confirmadas em corpora.

Compartilhando do posicionamento adotado em Laporte (2008, 2015) – sobre a combinação do método introspectivo e o método baseado em corpora para atestar a aceitabilidade de uma construção – neste estudo, ambos os procedimentos são utilizados, porém todos os dados recenseados e frases-modelo construídas pela introspecção foram, rigorosamente, atestados em corpora, inclusive se a aplicação de dada propriedade transformacional é aceitável ou não. Além do mais, buscou-se mobilizar, sempre que possível, frases retiradas de corpora para exemplificar os aspectos linguísticos apresentados no decorrer da tese, tanto para a fundamentação teórica, quanto para a análise dos dados.

1.3 Prática do Léxico-Gramática na contemporaneidade

Globalmente, desde a ‘inauguração’ do modelo do Léxico-Gramática, muitos estudos foram desenvolvidos seguindo esse viés teórico-metodológico, especialmente os que dizem respeito ao francês e ao português europeu, aos quais se destacam: Leclère (1971), Giry-Schneider (1978), Labelle (1984) e Gaston Gross (1989); Casteleiro (1981), Ranchhod (1990), Baptista (1997) e Vaza (1988). Embora a base bibliográfica pertença a publicações ligeiramente antigas, há a existência de um índice ascendente de estudos que a impede de ser tomada como obsoleta. Os estudos que Baptista (2005, 2008, 2015, 2020) vem realizando para a vertente europeia do português são alguns exemplos desse desenvolvimento.

Em português brasileiro, também ocorre uma tendência em popularizar os estudos que fazem uso do Léxico-Gramática. Por esse motivo, aborda-se, nesta Seção, um pequeno compilado de trabalhos (dissertações, teses e artigos), que manifestam a importância da teoria como uma das bases mais completas para a investigação e descrição linguística. Em consideração à diversidade temática, foi possível selecionar trabalhos que atuam sobre três objetos de análise: expressões cristalizadas ou idiomáticas, construções nominais com verbos-suporte e construções verbais, incluindo expressões fixas verbais.

Um dos primeiros trabalhos a alcançar grande notoriedade, por utilizar a abordagem de M. Gross (1975) como base teórico-metodológica, corresponde à descrição de Vale (2001).

Naquele estudo, foi construído um dicionário eletrônico das expressões cristalizadas verbais do PB em que foram formalizadas as expressões que são formadas em torno de, pelo menos, um elemento verbal (bater as botas e viajar na maionese). Para complementar os estudos sobre as expressões cristalizadas, Carneiro (2016) desenvolveu uma descrição sobre as expressões que utilizam os verbos ser e estar para formar um predicado semântico (Pedro é pé frio e Pedro está de rabo preso). Os dados relativos às expressões cristalizadas apresentam grande produtividade na vertente brasileiro do português, sendo objeto de diversos estudos.

Os estudos de Barros (2014), Santos (2015) e Rassi (2015), sobre as construções nominais com verbos-suporte, apresentam o fenômeno de maneira exaustiva, no que tange ao número de construções analisadas. Essas descrições, no entanto, são singelamente mencionadas nesta Seção, visto que serão abordadas, mais especificamente, no segundo Capítulo desta tese. Porém, torna-se conveniente o destaque de dois artigos que foram propostos em consequência desses estudos: o primeiro sobre o contraste linguístico que existe entre as construções conversas do PE e PB, realizado por Rassi et al. (2016); e o segundo sobre as principais regularidades sintático-semânticas observadas em construções conversas do verbo-suporte fazer em PB, realizado por Barros et al. (2017).

Mais recentemente, foram desenvolvidos estudos que, casualmente, conseguem manter os princípios do Léxico-Gramática sempre atualizados. Um desses estudos é o de Martinez (2019), que descreve as relações transformacionais que existem entre o substantivo predicativo e seus argumentos, estabelecendo um padrão das relações sintático-semânticas das construções recenseadas, a partir da parcela brasileira de um *corpus* de textos jornalísticos. Esse estudo, especificamente, será abordado mais uma vez no terceiro capítulo desta tese, na Subseção reservada para o estado da arte, já que faz parte da listagem de trabalhos que mencionam ou utilizam a Conversão como um dos objetos de estudo.

Outro estudo, finalizado atualmente, apresenta uma investigação sobre a fronteira que existe entre expressões cristalizadas e construções com verbos-suporte (Pedro tem berço e Pedro tem vontade de sair). Picoli (2020) busca analisar essas frases por meio de operações formais e justifica a importância do trabalho pela produtividade de ambos os tipos de construções em PB. Outrora, Picoli (2015) também contribuiu com o Léxico-Gramática, descrevendo as propriedades sintático-semânticas dos verbos com base adjetiva, analisando a correspondência semântica entre as frases de base formadas por um verbo derivado com sufixo -ecer ou -izar (enriquecer) e as frases transformadas constituídas pelo verbo tornar + adjetivo (tornar rico).

Em língua estrangeira, destaca-se o estudo de Rodrigues (2019), no qual estabelece uma tipologia formalizada sobre as construções verbais locativas da língua espanhola, de acordo com suas propriedades sintático-semânticas. Embora não tenha relação com a língua portuguesa, esse estudo ganhou registro nesta Seção pelo fato de apresentar uma descrição subsequente à Rodrigues (2016). Em PB, essa dissertação propõe, utilizando os parâmetros do Léxico-Gramática, a descrição e formalização dos verbos que denotam uma relação de localização entre os elementos da frase de base, contrastando as propriedades distribucionais do verbos locativos recenseados na pesquisa com os verbos locativos do PE.

Para concluir, Rodrigues e Picoli (2019) identificam um repertório de pesquisas brasileiras que utilizam o modelo do Léxico-Gramática como prevalecente base teórico-metodológica. Essa seleção foi realizada a partir de trabalhos publicados entre os anos 2000 e 2017, sobretudo aqueles que fazem parte, segundo as autoras, dos ‘dois principais centros léxico-gramaticais do país’, referindo-se à Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e à Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). No artigo são mencionados cerca de quarenta publicações da área de descrição linguística com diversificadas abordagens temáticas, dentre eles destacam-se alguns dos estudos que foram mencionados nesta Seção.

A presente Seção encerra o primeiro Capítulo desta tese, que introduziu de forma expositiva as principais referências teórico-metodológicas que foram utilizadas para analisar e descrever as construções conversas do PB. De agora em diante serão apresentadas as definições que especificam e desenvolvem a fundação do Léxico-Gramática aplicada aos predicados nominais, mais precisamente aos elementos que fazem parte da transformação da Conversão, como os nomes predicativos e os verbos-suporte. Dessa maneira, o Capítulo subsequente ressalta o objeto de estudo desta tese, destacando pontos importantes sob a visão teórica e descritiva do fenômeno sintático-linguístico em português do Brasil.

CAPÍTULO 2

UM PANORAMA SOBRE OS PREDICADOS NOMINAIS E A TRANSFORMAÇÃO DA CONVERSÃO

Precedentemente à abordagem do tema **Conversão** torna-se necessário delinear os componentes que integram a construção que é submetida a essa transformação. Este Capítulo, portanto, está dividido em duas partes teóricas: a primeira dedica-se ao conhecimento e estabelecimento dos predicados nominais, ou seja, das construções formadas por um verbo-suporte, cujo núcleo da predicação é composto por um substantivo; a segunda é responsável por apresentar o conceito da Conversão sintática, difundindo suas principais regularidades e características sintático-semânticas, principalmente em relação ao português do Brasil.

Os estudos sistematizados a respeito das construções com verbos-suporte obtiveram destaque no início das investigações sob a perspectiva do Léxico-Gramática. Para o francês, idioma dos trabalhos percursores desse movimento, destacam-se as análises realizadas por: Lèclere (1971, 1990), sobre as características dos predicados nominais construídos com os verbos *donner* (dar), *faire* (fazer) e *avoir* (ter); M. Gross (1975, 1981), que realizou um estudo empírico sobre a noção de predicado semântico; Giry-Schneider (1978, 1987), sobre os predicados nominais com *faire* (fazer); e Labelle (1984), que investigou amplamente as construções nominais com o verbo-suporte *avoir* (ter).

Em português europeu, também foram desenvolvidas descrições dentro do mesmo quadro teórico-metodológico. Vaza (1988) descreveu os predicados nominais formados com o verbo-suporte *dar*; Ranchhod (1990) descreveu os predicados nominais construídos com o verbo-suporte *estar prep.*; Baptista (2005) pesquisou sobre as construções com o verbo *ser de*; e Chacoto (2005) descreveu os predicados nominais com o verbo-suporte *fazer*. Em português brasileiro, há trabalhos recentes que descrevem os predicados nominais sob a mesma perspectiva teórica. São eles⁹: Barros (2014) sobre as construções com o verbo-suporte *fazer*; Santos (2015) sobre as construções com *ter*; e Rassi (2015) sobre as construções com *dar*.

⁹ Estes estudos ainda serão referenciados no decorrer desta tese, pois foram eles que deram início (a partir dos seus resultados) para a possibilidade de se realizar um estudo sobre a Conversão em PB. Sendo assim, serão destacados pelo Capítulo 3 (procedimentos metodológicos) e, ainda mais, no Capítulo.

Em um primeiro momento (PARTE I), são abordados os significados que existem no encaixe das noções de verbo-suporte, que serão retomadas ao se definir o nome predicativo. Este substantivo, no que lhe diz respeito, tem a função de selecionar todos os elementos lexicais e gramaticais de uma construção nominal, até mesmo a seleção do verbo-suporte. Ele é comparado teoricamente aos verbos em construções verbais, pois faz o mesmo ofício de núcleo da predicação, mas possui algumas características bem particulares, que inclusive, são apresentadas pelas propriedades gerais que definem uma construção com verbo-suporte e nome predicativo. Um retrato dessas propriedades conclui a primeira parte deste Capítulo.

A PARTE II, que faz referência ao segundo momento teórico deste Capítulo, inicia-se com uma breve apresentação de outros fenômenos linguísticos que podem ser confundidos com o fenômeno da Conversão (a Simetria, por exemplo), mas que têm suas próprias propriedades léxico-sintáticas. Em seguida, o objeto de estudo desta tese, que se refere às construções conversas (ou a relação de Conversão que existe entre duas frases de base), é amplamente definido a partir de um panorama que compreende as suas características mais sobressalentes, das quais foram observadas na vertente brasileira da língua portuguesa.

Sobre a segunda parte, ainda, são abordados outros pontos importantes, como a relação que existe entre as construções conversas e as construções passivas verbais, bem como a delimitação dos verbos-suporte elementares (ou de base) e aqueles que são entendidos como variantes aspectuais ou estilísticas, que podem substituir os verbos de base tanto na construção standard, quanto na construção conversa. Finalmente, uma ênfase é dada aos trabalhos que constituem a bibliografia da Conversão, enfatizando estudos que a consideram como objeto central de análise, desde o estudo pioneiro até os mais atuais.

Em outros contextos, o presente Capítulo poderia ser desmembrado em outros dois distintos, por exemplo um deles para se tratar somente das noções sobre os elementos que são envolvidos nos chamados predicados nominais e, um segundo para se dedicar às questões secundárias que poderiam contornar as construções com verbo-suporte (tais quais quaisquer das propriedades transformacionais). Todavia, a decisão de se elaborar um único Capítulo dividido em duas partes foi tomada em consequência da percepção de que um tema está, inerentemente, relacionado ao outro. Desse modo, as definições sobre um objeto (construções com verbo-suporte) são convergentes às noções sobre um objeto complementar (Conversão).

PARTE I

2.1 Os verbos-suporte

No domínio da Gramática Transformacional de Operadores, as construções com verbo-suporte (a partir de agora V_{sup}) são definidas a partir de uma propriedade transformacional em comum com as construções com verbo pleno: a nominalização. Segundo Harris (1978), frases como *Ele estuda eclipses* e *Ele faz estudos sobre eclipses* são equivalentes pelo fato de expressarem o mesmo predicado semântico, uma vez que são ligadas pela nominalização do verbo pleno estudar. Na verdade, essas frases possuem uma relação parafrástica, isto é, da mesma maneira em que o verbo sofre uma nominalização (fazer estudo), o nome predicativo (a partir de agora N_{pred})¹⁰ estudos passa por um tipo de ‘verbalização’.

Embora o predicado semântico seja o mesmo em ambas as frases, existem pequenas diferenças gramaticais em relação à modalização. Em consequência disso, M. Gross (1981) define o V_{sup} como adjunto do N_{pred} que ‘suporta’ as marcas gramaticais de pessoa, número, tempo, modo e aspecto, que o substantivo, por causa da sua própria morfologia, não pode expressar. Essa função o diferencia do verbo pleno, pois em construções verbais, é o próprio verbo que seleciona os argumentos da frase, enquanto em construções nominais com V_{sup}, a seleção dos argumentos e a seleção do próprio verbo-suporte é realizada pelo N_{pred}.

(31) *Você já deu um abraço em alguém hoje?*
 = *Você já abraçou alguém hoje?*

O verbo-suporte une o sujeito de uma frase ao nome predicativo, sendo assim, o elemento predador abraço seleciona o verbo-suporte que é construído com ele (dar) e mais dois argumentos, um na posição de sujeito (você) e um na posição de objeto direto (alguém). Em construções com verbo pleno, a seleção dos argumentos que ocupam as mesmas posições na frase (você e alguém) é realizada pelo próprio verbo (abraçar). Metaforicamente dizendo, o verbo-suporte não exerce autoridade sobre os outros elementos da frase, que são definidos,

¹⁰ No decorrer do texto (no relatório da tese como um todo) serão utilizadas as duas formas para referenciar esses elementos linguísticos. Para não tornar a leitura e a escrita muito repetitivas, em determinados momentos, opta-se pela sua forma abreviada (V_{sup} e N_{pred}) e, em outras circunstâncias, esses termos serão registrados de maneira íntegra (verbo-suporte e nome predicativo).

exclusivamente, pelo nome predicativo. O elemento nuclear (abraço) também determina a necessidade de um complemento¹¹ (em alguém), bem como um sujeito do tipo humano.

Os verbos-suporte, segundo Ranchhod (1990, p. 53), por não representarem um predicado semântico, seriam ‘fundamentalmente um material morfêmico’ e, por isso, não apresentariam uma distribuição característica. Sendo assim, a ausência de uma distribuição padrão, levaria interpretá-los como ‘esvaziados de sentido’, que necessitam da ligação a um nome com carga semântica mais definida para constituir a significação da sentença. Porém, o ‘esvaziamento do verbo-suporte’ não pode ser levado como essencial para sua definição, visto que não há um consenso sobre o grau desse processo. No entanto, é inegável o fato de que, além de funcionar como o elemento que junta gramaticalmente os outros elementos da frase, o verbo-suporte perde seus traços semânticos por apoiar flexionalmente o nome predicativo.

Fora isso, o verbo-suporte também pode ser definido em termos discursivos, que tratam dos efeitos de sentido causados pela linguagem ser manifestada de uma forma e não de outra. Por esse ângulo, tem-se conhecimento de estudos sob a abordagem Funcionalista que investigam o uso intencional do falante e seus registros em diferentes gêneros textuais, como em Radford (1988) e Neves (1996). Sabe-se, ainda, da existência de trabalhos que tomam o verbo-suporte como elemento central de análise, por ângulos que se opõem à realidade estruturalista. O estudo de Scher (2004) sobre o verbo dar e suas nominalizações com o sufixo -ada, é um exemplo de análise baseada no Gerativismo.

M. Gross (1981) também introduz uma definição semântica para os verbos-suporte, ao mencionar que seu ‘sentido’ é esvaziado, mas ligado a um nome com carga semântica mais definida constitui a significação da sentença. Essa definição, porém, apresenta um problema comum, pois não engloba todas as possibilidades de verbos-suporte. Por exemplo, o verbo dar em Helena deu um beijo no Pedro é claramente esvaziado de sentido, enquanto o verbo receber em Pedro recebeu um beijo da Helena é mais preenchido de sentido. Por esse motivo, as funções semânticas dos verbos-suporte também são contempladas em M. Gross (1998), com o objetivo de complementar a definição introduzida precedentemente.

¹¹ Seja qual for o nome predicativo - referente ao elemento nuclear - na construção com verbo-suporte, será dele o papel de determinar a necessidade de um complemento na posição de objeto direto ou não. Por exemplo, o nome predicativo bocejo não seleciona argumento algum nessa posição (Pedro deu um bocejo), seleciona apenas sujeito do tipo humano, em uma frase de base.

2.2 Os nomes predicativos

De acordo com os princípios do Léxico-Gramática, o nome predicativo (ou substantivo predicativo) é estabelecido como o substantivo que, funcionando como núcleo da predicação, seleciona os argumentos e preposições em uma construção com verbo-suporte. Gramaticalmente, ele se assemelha ao verbo, em predicados verbais, pois possui propriedades de distribuição semelhantes. Por exemplo, em uma construção verbal Helena abraçou Pedro, o verbo (abraçar) seleciona os dois argumentos (Helena e Pedro), enquanto em uma construção nominal Helena deu um abraço em Pedro, o nome predicativo abraço com o suporte do verbo dar, exerce a função de selecionar exatamente os mesmos dois argumentos.

Define-se o nome predicativo utilizando, essencialmente, critérios distribucionais de seleção dos elementos (M. GROSS, 1981). Essa definição, contudo, diverge das que são representadas em outras abordagens linguísticas da língua portuguesa, como descrevem Bechara (2009) e Cunha e Cintra (2016) para a gramática tradicional e Neves (1999) sob a perspectiva funcionalista da linguagem. Segundo esses autores, os substantivos que fazem parte de uma construção com verbo-suporte são os que pertencem à categoria semântica dos ‘abstratos’ (aqueles que são de existência dependente) e designam ações (arrumação, beijo, trabalho), estado ou qualidade (beleza, ilusão, prazer), eventos (discriminação, flagrante), processos (aceitação, doutrinação), entre outros.

De fato, os nomes predicativos, em geral, são do grupo semântico referenciado acima, entretanto, nem todos os substantivos ‘abstratos’ assumem-se como predicativos. Martinez (2019, p. 28) utiliza ventania como um exemplo de substantivo que, apesar de caracterizar um evento, não aceita complementos ao ponto de predicar uma construção, necessitando de outro operador (o verbo operador causar) para tal finalidade. Por outro lado, o substantivo ventilação possui, inerentemente, um argumento do tipo locativo, o qual permite que ele seja tomado como predicador em uma construção com o verbo-suporte ter (O ambiente tem ventilação). Pode-se aplicar o mesmo raciocínio para o substantivo atraso e sua palavra derivada atrasada.

Morfologicamente, os operadores nominais recebem sufixos de derivação que são comuns aos demais substantivos (-ção, -mento, -dade, -ada), mas seu funcionamento sintático-semântico realiza-se de outra forma. Essa circunstância também elimina a relevância do critério morfológico para sua definição. Posto isso, é correto afirmar que o nome predicativo é determinado somente por ‘ensaios sintáticos’, ou seja, testes transformacionais que buscam demonstrar seu caráter predicador, provando que o verbo-suporte e os demais argumentos da

construção sejam determinados por ele. Tais testes serão abordados no decorrer da presente PARTE I e, mais detalhadamente, na Seção 2.3 deste mesmo Capítulo.

Os nomes predicativos seguem três diretrizes de formação, cujos resultados são nomeados de: não-autônomos (ou deverbais), autônomos (ou não-deverbais) e compostos. Por deverbais tomam-se os nomes que são, morfológicamente, associados a um verbo, ou seja, possuem uma base verbal resultante de uma nominalização (alerta-alertar, castigo-castigar, golpe-golpear, pergunta-perguntar); consideram-se autônomos aqueles que não correspondem a nenhum verbo (empatia, manutenção, penalidade, vantagem); finalmente, os compostos dizem respeito aos substantivos predicativos constituídos por mais de um item lexical (ajuda de custo, cartão vermelho, declaração de amor, salto qualitativo).

Como visto na Seção anterior, uma das características que define o verbo-suporte é a relação de nominalização que a construção nominal apresenta com a construção verbal. Em decorrência de o nome predicativo também ser formado autonomamente, isto é, sem a intervenção morfológica de um verbo, constata-se que nem os verbos-suporte, tampouco os nomes predicativos, são definidos, fundamentalmente, por esse critério. Justamente, os nomes predicativos autônomos possuem as mesmas propriedades sintático-semânticas daqueles que são associados a um verbo, pelo simples fato de, identicamente, restringirem o preenchimento lexical das posições argumentais da frase de base. Por exemplo:

(32) *Helena fez um donativo para a instituição social.*

(33) *Helena fez uma doação para a instituição social.*
 ≡ *Helena doou para a instituição social.*

Naturalmente, a construção (32) tem um significado muito semelhante ao da construção (33). Por um lado, a denominação autônoma do nome predicativo donativo não permite que, de ordem formal, uma construção verbal correspondente seja estabelecida. Por outro lado, a construção com o nome doação está associada, semântica e formalmente, a uma construção com o verbo pleno doar, porque o nome predicativo é de origem deverbal. Porém, em ambos os casos, é legítimo o processo que elimina o verbo-suporte sem ocasionar uma perda de informações que seja importante para a compreensão do todo.

(34) *O donativo da Helena para a instituição social [foi de grande ajuda].*

(35) *A doação da Helena para a instituição social [foi de grande ajuda].*

Por meio dos dois últimos exemplos, demonstra-se, novamente, que a transformação de Nominalização não é uma propriedade obrigatória para categorizar um predicado nominal. Sendo assim, o nome predicativo donativo pode possuir as mesmas propriedades do nome predicativo sinônimo doação. Para complementar, Ranchodd (1990, p. 64) ainda diz que, no caso dos nomes autônomos, os verbos-suporte que são com eles construídos têm a atribuição de associá-los a um verbo que não apresenta, necessariamente, o mesmo processo de formação¹²: um exemplo, fazer um donativo (doar) e, outro exemplo, dar um recado (comunicar).

Realizando um breve resumo sobre o que foi dito até o presente momento, torna-se relevante reforçar um ponto fundamental: em construções nominais com verbo-suporte, a seleção dos argumentos e as restrições de seleção dos outros elementos léxico-sintáticos são especificadas a partir do **operador nome predicativo**, assim como ocorre com os verbos em construções verbais. Davel (1988, p. 35) contribui teoricamente nesta questão dizendo que “é no contexto das construções com verbos-suporte que se identificam os nomes predicativos”, ou seja, a noção sintática e semântica do verbo-suporte como um auxiliar, é extremamente importante para se definir um substantivo predicativo.

2.2.1 Da morfologia à semântica: a tipologia dos nomes predicativos

Para além da sua categorização morfológica em deverbais, autônomos e compostos, os nomes predicativos ostentam algumas características que podem ser previamente delimitadas. Do montante de propriedades a eles atribuídas, existem aquelas que são mais preponderantes à primeira vista, como: as morfológicas (por outros ângulos de formação), as sintáticas (pela distribuição do verbo-suporte de acordo com o predicador) e as semânticas (pelos nomes predicativos que pertencem, intrinsecamente, a certos grupos semânticos). De antemão, apresenta-se aqui uma introdução à tipologia de alguns dos nomes predicativos que compõem o repertório de construções que aceitam a transformação da Conversão em PB.

¹² Não obstante, essa coocorrência de combinações não causa grandes mudanças no conteúdo informacional que a construção propõe transmitir, mas manifesta novas delineações do ponto de vista estilístico ou pragmático.

Pela discussão já apresentada, sabe-se que, em consequência de ser o responsável pela seleção dos argumentos em um predicado nominal, o nome predicativo pode ser caracterizado de diferentes maneiras. O substantivo predicativo já é alocado em determinada classe sintática de acordo o verbo-suporte que é selecionado por ele, mas existem outras características que podem ser, não absolutas, mas complementares no momento da sua classificação geral, seja ela por qualquer critério. Sendo assim, são apresentadas algumas regularidades e tipos de nomes predicativos encontrados em construções analisadas pelo presente trabalho, a começar pelos nomes que são formados de uma maneira bem singular, os que possuem o sufixo -ada.

Sob um ângulo morfossintático, a produtividade dos nomes predicativos terminados em -ada, predicadores em construções elementares standard com o verbo-suporte dar, se destacam. Esses nomes são resultado de diferentes processos de derivação, tais como: (i) a partir do lema de um verbo (empurrar/empurrada), (ii) a partir de um substantivo concreto (faca/facada) e (iii) a partir de nomes parte-do-corpo (cotovelo/cotovelada). Em geral, essas nominalizações indicam variações aspectuais quando permitem Conversão com receber (atualizar/deu uma atualizada/deu uma atualizadinha) ou expressar atos violentos praticados com instrumentos quando a Conversão é realizada com levar (deu uma chicotada/bateu com um chicote; deu uma ombrada/bateu com o ombro). Fenômenos como esses também são tratados em Scher (2004) e Rassi (2005).

Os substantivos predicativos também possuem a capacidade de expressar sentimentos, que são manifestados como uma qualidade (Deus tem bondade por todos) ou como uma ação (Helena fez a animação da festa). Sua estrutura morfológica pode englobar processos de nominalização verbal (respeitar/respeito e simpatizar/simpatia) e nominalização adjetival (cordial/ter cordialidade e gentil/ter gentileza). Desde o início do *Léxico-Gramática* (M. GROSS, 1975), esses nomes são considerados como 'intuições de julgamento de valor' e são baseados nas relações pessoais entre os sujeitos, exclusivamente, do tipo humano. Em termos distribucionais, a maioria das frases de base descritas nesta tese, das quais possuem o verbo-suporte ter como elementar (tanto na construção standard, quanto na construção conversa), compreendem um predicador que é representado por nomes predicativos dessa variedade.

É possível destacar também os aspectos semânticos que envolvem alguns dos nomes predicativos descritos nesta tese. Em determinados casos, os Npred podem referenciar aos termos ou ações exclusivas de grupos bem delimitados, como: políticos (cassação, impeachment, golpe militar, voto, posse), religiosos (catequização, oração, santificação, evangelização), saúde/medicina (diagnóstico, prognóstico, exame, amputação, vacinação, anestesia), documentos (alvará, certificado, assinatura), culinária (tempero, assada, cozida), jurídico (arras, incentivo fiscal, juros), gêneros

acadêmicos (aula, curso, palestra, texto), esportivos (cartão amarelo, arbitragem, rebote, treinamento, passe), midiático (premição, credencial, close, autógrafo), entre outros.

Observa-se que, o grupo semântico que pertence o nome predicativo pode ou não corroborar na escolha do verbo-suporte (os Npred religiosos tem maior ocorrência com o Vsup fazer, por exemplo). Porém, esse fato não impede que eles sejam categorizados a partir do ‘conhecimento de mundo’ do linguista. A classificação semântica do nome predicativo pode ser objeto de estudos mais específicos, tais quais aqueles que visam observar as diferenças estruturais que existem entre construções de uma mesma categoria. Certamente, essa questão será retomada no decorrer da análise proposta nesta tese, mais precisamente, no quinto Capítulo, que mostra a descrição dos nomes a partir de subclasses bem definidas.

2.3 Propriedades gerais das construções com verbo-suporte

Perante a argumentação e os exemplos apresentados durante a definição dos verbos-suporte e dos nomes predicativos, reconheceu-se que, a existência da transformação de Nominalização não é uma circunstância necessária, tampouco suficiente, para o concreto estabelecimento de um predicado nominal. Pensando nisso, durante os estudos sobre as construções com Vsup (ou CVS)¹³, foram identificadas regularidades por meio da aplicação de testes sintáticos. Essa identificação foi sendo concebida gradualmente: M. Gross (1981) e Giry-Schneider (1987) apontaram algumas das propriedades que foram, mais tarde, formalizadas nas pesquisas de Ranchhod (1990) e Baptista (2005).

Dentre as propriedades indicadas pelos pesquisadores, a única obrigatória para apontar uma construção como CVS concerne à relação particular que o nome predicativo mantém com o sujeito da frase [N0]. Essa propriedade, que será representada em (i), é imprescindível na definição dessas construções, visto que não se aplica a outros nomes que não sejam predicativos. Fortemente indicativas, as seis demais propriedades não abrangem a todas as possibilidades de construções com Vsup, mas são reconhecidas por abordarem características léxico-sintáticas que as construções verbais plenas não apresentam.

Torna-se importante dizer que o funcionamento dessas propriedades também pode sofrer uma variação de acordo com o Npred. Nesse sentido, não são todas elas que funcionam

¹³ Da mesma maneira realizada para referenciar os verbos-suporte e os nomes predicativos, ora as construções nominais com verbo-suporte serão escritas de forma completa, ora serão escritas de forma abreviada (CVS).

da mesma maneira para as construções standard e para as construções conversas, ou seja, duas construções correspondentes semanticamente (uma de orientação ativa e outra de orientação passiva) não, necessariamente, terão as mesmas propriedades que identificam os seus respectivos verbos-suporte. As propriedades das quais são descritas aqui não podem se confundir com outras que são próprias das construções conversas, apresentadas no Capítulo 4.

Construções com verbos plenos e CVS possuem estrutura sintática aparentemente semelhante, mas o que as distingue são as propriedades que se aplicam ao objeto de estudo desta tese e não se aplicam às construções verbais. Em consequência disso, a explicação sobre a funcionalidade dessas propriedades é baseada, por motivos óbvios, na dissemelhança entre esses dois tipos de construções. Sendo assim, as frases de base utilizadas para demonstrar os resultados dos testes foram construídas a partir da introspecção linguística e sua estrutura atestada em corpora, objetivando tornar a explicação, ao mesmo tempo, simples e eficiente.

Complementa-se, agora com mais precisão, todo o conteúdo dissertado até este momento, principalmente a parte introdutória aos elementos do predicado nominal. O Vsup e o Npred são definidos como parte de uma construção estruturalmente complexa, que segue regras de funcionamento, possui características específicas e admite transformações sintático-semânticas, as quais são discriminadamente apresentadas pelas seguintes propriedades gerais: (i) a relação particular entre o nome predicativo e algum de seus argumentos, (ii) as restrições sobre os determinantes, (iii) a descida do advérbio, (iv) a dupla análise dos complementos preposicionais, (v) a redução do verbo-suporte e a formação de grupo nominal, e (vi) a possibilidade de variação do verbo-suporte.

(i) Relação particular entre o nome predicativo e os argumentos

Essa propriedade, estabelecida por M. Gross (1981), diz respeito à intrínseca relação que existe entre o Npred e um dos seus argumentos [N0], que é de ordem semântica, semelhante à relação existente entre um verbo pleno e seu sujeito. Em construções standard, seu estabelecimento se dá entre o predador e o sujeito ‘semanticamente ativo’. Em construções conversas, essa relação se estabelece entre o Npred e o sujeito ‘semanticamente passivo’, que antes estava na posição de complemento preposicionado [N1]. Por exemplo:

(36) *Helena deu uma trégua ao Pedro*

**Helena deu uma trégua do Miguel ao Pedro.*

[Conv] *Pedro recebeu uma trégua da Helena.*

**Pedro recebeu uma trégua do Miguel da Helena.*

Segundo essa propriedade, não é possível colocar o Npred em um contexto que não seja o mesmo do sujeito. Da mesma maneira, é inconcebível a inserção de determinantes que o situe em outro escopo, que não seja aquele que pertence ao sujeito, como em **Helena deu a minha trégua ao Pedro*. Essa restrição, além de atestar sintático-semânticamente que o sujeito do nome trégua é o mesmo do Vsup dar (*Helena deu uma trégua*) e o mesmo do Vsup receber (*Pedro recebeu uma trégua*), também atesta que o substantivo predicativo impõe a restrição de seleção, não apenas ao argumento que está na posição de sujeito, mas ao próprio Vsup.

Outra maneira de visualizar essa relação é contrapondo uma CVS a uma construção em que o nome predicativo é o complemento de um verbo pleno, como em *Helena testemunhou a trégua de Pedro*. Em casos como esse, a adição de um complemento que não seja referente ao sujeito é dada como possível (*Helena testemunhou a trégua de Miguel com Pedro*). Dessa maneira, conclui-se que a adição de um outro item que não esteja na esfera de referência do sujeito resulta em uma frase totalmente aceitável, diferente do que ocorre no exemplo (36).

(ii) Restrição sobre os determinantes

Semelhante à anterior e sob a mesma autoria, essa propriedade diz que o nome predicativo não pode receber determinantes que não são referentes ao sujeito. Em regra, são considerados determinantes os artigos (definidos e indefinidos), os pronomes (possessivos, demonstrativos e indefinidos), os numerais e até mesmo a falta dele ou determinante zero (E). Em (37) não se pode colocar, em CVS, um determinante do tipo possessivo, por exemplo, entre o sujeito e seu complemento. Já em (38), o preenchimento dessa posição por um determinante desse tipo é possibilitada em razão de o verbo observar configurar uma construção verbal plena:

(37) *Helena deu (um + *o meu) passeio na orla de Ipanema.*

(38) *Helena observou (um + o meu) passeio na orla de Ipanema.*

Em consequência disso, pode-se compreender que o Npred também seleciona o tipo de determinante da construção, sendo assim os determinantes também sofrem algum tipo de restrição em CVS. Por exemplo, dados Npred aceitam somente determinantes indefinidos (*dar uma cantada*) e outros aceitam todos os outros tipos de determinantes (*O vendedor deu [uma + a + E +*

nenhuma] assistência ao cliente). Os determinantes, porém, são tomados como um ‘fenômeno complexo’ e podem variar muito de uma construção para outra, por esse motivo serão tratados mais especificamente no Capítulo 4 (Seção 4.1.2), no qual descrevem-se as propriedades formais das construções standard e das construções conversas desta tese.

(iii) Descida do advérbio

Giry-Schneider (1987) reconheceu essa propriedade quando identificou a equivalência existente entre um advérbio em uma construção verbal e um adjetivo em uma CVS, no momento em que as duas construções estão sob uma relação de Nominalização. Logo, essa propriedade pode ser aplicada apenas em construções com nomes deverbais. Este teste faz com que o advérbio modificador do verbo ‘desça’ para posição de modificador do Npred, tornando-se um adjetivo. A denominação dessa propriedade tem ligação com a posição que os elementos da frase ocupam em uma árvore sintática: em uma construção verbal o advérbio está numa hierarquia superior, já em uma CVS ‘desce’ uma posição e toma a forma adjetival:

(39) *A linguista descreveu exhaustivamente os verbos do PB.*
 ≡ *A linguista fez uma descrição exhaustiva dos verbos no PB.*

O conteúdo informacional dessas construções não foi alterado com as modificações sintáticas estabelecidas pelo modificador, que na primeira construção refere-se a um advérbio e na segunda construção, refere-se a um adjetivo. Por outro lado, essa propriedade não se verifica em construções com verbos plenos, uma vez que os modificadores (advérbios e adjetivos) que devem ser ligados aos operadores da construção, quando em forma de adjetivo, ligam-se ao substantivo concreto, que não é considerado o operador em construções verbais:

(40) *Helena faz bolos constantemente para os filhos.*
 ≡ **Helena faz bolos constantes para os filhos.*

Utilizando o mesmo predicado exemplificado em (39), cuja origem do substantivo é deverbal (não-anônima), a propriedade da descida do advérbio também pode ser utilizada em construções que estão sob efeito da Conversão. Em vista disso, pode-se confirmar que o verbo utilizado como auxiliar do nome, mesmo com a mudança de posição dos argumentos, trata-se

de um verbo-suporte.¹⁴ No exemplo abaixo, observa-se a existência de uma relação entre um advérbio em uma construção verbal passiva e um adjetivo em uma construção nominal conversa, sendo o processo de ‘descida’ exatamente o mesmo realizado anteriormente.

(41) *Os verbos do PB foram exhaustivamente descritos pela linguista.*
 [Conv] *Os verbos do PB receberam uma descrição exhaustiva da linguista.*

(iv) Dupla análise dos complementos preposicionais

M. Gross (1976) e Giry-Schneider (1987) elaboraram o quarto teste que verifica a possibilidade de o complemento preposicionado, cuja seleção é realizada pelo predicador da frase, ser interpretado de duas maneiras distintas: primeiramente como um constituinte isolado, e em segundo lugar como um constituinte conjunto ao substantivo predicativo. Melhor dizendo, em decorrência do rearranjo sintático dos elementos lexicais da frase, o complemento preposicionado pode ser concebido como complemento do V_{sup} e como um complemento do próprio N_{pred}, bem como se verifica no primeiro e no segundo exemplo (respectivamente, construções standard e conversa):

(42) *Helena deu um susto no Pedro.*
 ≡ *Foi no Pedro que a Helena deu um susto.*
 ≡ *Foi um susto no Pedro que a Helena deu.*

(43) [Conv] *Pedro levou um susto da Helena.*
 ≡ *Foi da Helena que o Pedro levou um susto.*
 ≡ *Foi um susto da Helena que o Pedro levou.*

Em contrapartida, em construções verbais plenas, o complemento preposicionado pode ser extraído apenas de uma maneira: como um constituinte isolado, conforme a demonstração feita acima. Em consequência disso, nota-se que na terceira construção do exemplo (44), o complemento preposicionado (do Pedro) não autoriza a formação de um constituinte único com o objeto direto (susto) da construções com o verbo pleno (rir). É válido mencionar que essa

¹⁴ Uma dissertação sobre as semelhanças e diferenças entre as construções passivas e as construções conversas está disponível ainda neste Capítulo, através da Seção 2.5.

propriedade não se aplica a construções nominais que possuem apenas um argumento, pois não apresentam um complemento preposicionado (Helena deu um sussurro).

(44) *Helena riu do susto do Pedro.*

**Foi do Pedro que Helena riu do susto.*

Foi do susto do Pedro que Helena riu.

(v) Redução do verbo-suporte e formação de grupo nominal

De extrema importância conceitual, essa propriedade, introduzida por M. Gross (1981) e Vivès (1983), deixa claro o conceito de que é o substantivo predicativo que seleciona os argumentos da construção nominal e não o verbo. Basicamente, essa função do Npred pode ser percebida ao transformar um predicado nominal em um sintagma nominal, ou seja, a construção completa pode ser reduzida a um grupo nominal simples, sem que haja perda de informações importantes que devem ser transmitidas. O exemplo (45) mostra a aplicação da operação de Relativização seguida da Redução do Vsup:

(45) *O gerente deu uma bonificação ao empregado.*

[Rel] A bonificação que o gerente deu ao empregado [foi satisfatória].

[Red. Vsup] A bonificação do gerente ao empregado [foi satisfatória].

Nessa relação, o Npred (bonificação) passa a ocupar a posição de sujeito da construção e autoriza duas operações distintas: a primeira operação evidencia o nome ao formar um grupo nominal (GN), e a segunda operação apaga o Vsup, provando que a sua função é, basicamente, gramatical. Em compensação, nas construções verbais, apenas a operação de Relativização (referente à segunda frase do exemplo abaixo) se concretiza. O verbo não pode ser apagado em uma construção verbal, pois é ele que assume ao núcleo predicativo da frase.

(46) *O gerente deu uma planilha ao empregado.*

[Rel] A planilha que o gerente deu ao empregado [é extensa].

*[Red. Vsup] *A planilha do gerente ao empregado [é extensa].*

(vi) Possibilidade de variação do verbo-suporte

M. Gross (1981) ainda elaborou uma última propriedade utilizada na identificação de CVS, declarando que o Vsup elementar pode coocorrer com outros verbos, sem que se alterem as relações estabelecidas entre o Npred e os seus argumentos. Essa possibilidade de variação também é uma característica que comprova sua função de veiculador das marcas gramaticais e não a de predador, que é a função do nome. No entanto, não são quaisquer verbos que podem ocupar essa posição; as variantes (ou extensões) devem ser igualmente consideradas ‘suporte’ e as construções que a utilizam devem apresentar, pelo menos, a primeira propriedade elencada nesta Seção, como se exemplifica em (47):

(47) *O lexicógrafo (deu + fez + atribuiu) uma nova definição para o neologismo.*
 [Conv] *O neologismo (recebeu + ganhou) uma nova definição.*

No exemplo acima, os verbos-suporte dar e receber são considerados os verbos elementares das construções (standard e conversa), isto é, aqueles que, entre as outras opções disponíveis, revelam-se os mais genéricos, podendo compreender um número maior de ocorrências. Nesse sentido, os outros dos verbos são considerados *variantes-suporte*. Trata-se de verbos que são entendidos como sinônimos dos Vsup de base e manifestam, sobretudo, pequenas alternâncias de cunho estilístico (ou aspectuais), mas que não acarretam uma mudança significativa do conteúdo informacional do predicado nominal em si.

Essa propriedade não é essencialmente obrigatória na identificação de uma construção nominal com verbo-suporte, mas representa uma contundente característica que algumas delas possuem. Com referência às construções que admitem a transformação da Conversão, pode-se afirmar com precisão que a grande maioria dos Npred permite a variação do Vsup elementar por, no mínimo, uma variante-suporte. Em determinadas construções, no entanto, o Npred não permite essa variação, por exemplo em *O jornalista deu uma atualizada no blog*, em que o verbo dar não pode ser substituído por nenhum outro que apresente as regularidades de um Vsup.

Nas Tábuas do Léxico-Gramática (Apêndice B), a sexta e última propriedade geral das construções com verbo-suporte (antes da apresentação de um exemplo-modelo) ganha destaque. A partir da pesquisa em corpora, são elencadas as variantes-suporte mais eminentes que cada Npred pode apresentar, tanto na construção standard, como na construção conversa. Em vista de dada importância, esse tópico terá continuidade na PARTE II deste Capítulo (Seção

2.6), que tratará e definirá, especificamente, as possíveis extensões que podem substituir os verbos elementares das construções nominais descritas nesta tese.

Quadro 1: Resumo das propriedades gerais das CVS

Teste	Função	Autoria	Exemplo
Relação particular entre o nome predicativo e seus argumentos	Indica a intrínseca relação que existe entre o nome e o sujeito da construção.	M. GROSS (1981)	<i>Helena deu uma trégua para Pedro. *Helena deu uma trégua de Miguel para Pedro.</i>
Restrição sobre os determinantes	Mostra que o nome predicativo não pode receber determinantes que não se referem ao sujeito.	M. GROSS (1981)	<i>Helena deu (um + *o meu) passeio na orla de Ipanema. Helena fez (um + *o meu) comentário sobre Pedro.</i>
Descida do advérbio	Identifica a equivalência que existe entre um advérbio em uma construção verbal e um adjetivo em uma construção nominal com verbo-suporte.	GIRY-SCHNEIDER (1987)	<i>A linguista descreveu exaustivamente os verbos em PB. A linguista fez uma descrição exaustiva dos verbos em PB.</i>
Dupla análise dos complementos preposicionados	Verifica a possibilidade de o complemento preposicionado ser interpretado de duas maneiras distintas.	M. GROSS (1976) GIRY-SCHNEIDER (1987)	<i>Helena deu um susto no Pedro. Foi no Pedro que Helena deu um susto. Foi um susto no Pedro que Helena deu.</i>
Redução do verbo-suporte e formação de grupo nominal	Transforma um predicado nominal em grupo nominal simples, sem perder informações importantes.	M. GROSS (1981) VIVÈS (1983)	<i>O gerente deu uma bonificação para o empregado. A bonificação que o gerente deu para o empregado [foi satisfatória]. A bonificação do gerente para o empregado [foi satisfatória].</i>
Possibilidade de variação do verbo-suporte	Estabelece que o verbo-suporte elementar pode ser substituído por outro verbo-suporte, sem alterar as relações entre o nome predicativo e seus argumentos.	M. GROSS (1981)	<i>O lexicógrafo (deu + fez + atribuiu) uma nova definição para o neologismo. [Conv] O neologismo (recebeu + ganhou) uma nova definição.</i>

Fonte: elaborado pela autora.

O Quadro acima tem a finalidade de encerrar a Seção que teve como objetivo apresentar as propriedades que identificam uma construção com verbo-suporte, fazendo um resumo que inclui a autoria dos testes sintáticos que são indicados por elas. Neste momento, a PARTE I deste segundo Capítulo também se encerra, dando espaço à PARTE II (a partir da Seção 2.4), cuja principal atribuição é definir a transformação da Conversão (G. GROSS, 1989) ao mesmo tempo que identifica suas regularidades sintático-semânticas mais relevantes. Esse texto é direcionado, com certa ênfase, para as características da operação da Conversão em português brasileiro, bem como aos estudos publicados até então.

PARTE II

2.4 Condições sintático-semânticas inerentes à Conversão

Sucinta e substancialmente, uma das primeiras definições que é dada para a Conversão denota que, de modo operacional, ocorre uma ‘permutação de argumentos, sem qualquer alteração de predicado’ (G. GROSS, 1982). O conceito de que ambas as condições sintático-semânticas são necessárias para torná-la legítima elimina prontamente a possibilidade de que essa operação se estabeleça entre pares de construções que são correspondentes em consequência de uma relação meramente antonímica de predicado verbal.

Nesses casos, a relação de contrariedade é obtida por intermédio de verbos opostos (verbos plenos que apresentam uma relação semântica de oposição, mas que apresentam os mesmos argumentos), enquanto elementos centrais da predicação. Segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, esse conceito está relacionado às diferenças entre unidades alternativas, de forma que a substituição de uma pela outra modifica o sentido paradigmático da locução. Sendo assim, todo o encadeamento de oposição é construído somente mediante os traços semânticos que são estabelecidos pelos verbos em destaque, por exemplo:

(48) *Miguel vendeu um carro usado para Pedro.*

(49) *Pedro comprou um carro usado de Miguel.*

Os exemplos mostram que, embora haja uma permutação dos argumentos que estão em torno do núcleo da predicação, a operação que G. Gross (1989) nomeia de Conversão não ocorre. Como dito anteriormente, a conservação do predicado semântico é fundamental para a definição dessa operação, questão essa que não se verifica nas construções utilizadas como exemplo, pois os elementos predicadores não são exatamente os mesmos: o verbo vender exerce essa função em (48) e o verbo comprar em (49). Em construções nominais com verbo-suporte, que admitem a atuação da Conversão, a mudança de predicado não sucede, dado que o substantivo predicativo (como a denominação já diz) é mantido em ambas as construções.

Os estudos gramaticais, especialmente aqueles que atuam com ênfase em Semântica, refletem sobre as relações de antonímia com mais propriedade e conhecimento. Nesse sentido, Campos (1991) nomeia a relação proposta pelos exemplos acima de *antonímia conversa* e

ênfatiza que a troca das unidades lexicais sem modificar o significado da construção, sendo essas unidades utilizadas como predicados de dois lugares, configuram-se como as condições necessárias para sua ocorrência. Fora os verbos ‘opostos’ (progredir, regredir), esse tipo de antonímia conversa também pode ocorrer com outros pares de unidades lexicais, como os comparativos graduais (mais alto, mais baixo), a forma ativa e passiva de verbos transitivos (visitar, ser visitado), os adjetivos opostos (quente, gelado), entre outros.

Mesmo que sejam estruturalmente divergentes, não há como questionar a existência de similaridades entre antonímias conversas (diante de qualquer que seja o elemento predicador) e construções conversas, haja vista que compartilham características comuns. São pares de construções que apresentam o mesmo conteúdo semântico, de maneira que a informação se transmite a partir de dois pontos de vista distintos.¹⁵ Contudo, a igualdade relativa à transmissão da informação desempenha somente uma das características que possuem as construções conectadas pela Conversão, não abrangendo, portanto, todos os fatores necessários para sua definição, que ainda serão amplamente descritos neste Capítulo.

Sobre essa comparação, ainda, é importante antecipar a discussão de que não se trata apenas de recursos linguísticos utilizados como estratégias argumentativas para estabelecer, nada mais que, relações dicotômicas. Utilizar-se do termo ‘semanticamente idênticas’ parece não ser tão vantajoso nesses casos, pois a língua não apresenta uma estrutura genericamente redundante. Mesmo que expressem um conteúdo informacional que segue uma direção única, existem diferenças semânticas na passagem de uma construção para outra, do contrário, seria aceitável dizer que a proposição de que as duas maneiras de se estruturar a informação seriam simétricas uma da outra. O próprio fato de o verbo-suporte que configura a construção conversa admitir outros verbos como um tipo de variante, reforça essa ideia.

Em vista disso, os fenômenos de topicalização que correspondem às construções, que são relacionadas pelo que M. Gross (1981) define como Simetria, também não podem ser tomadas como construções conversas. Construções simétricas, sejam verbais ou nominais, compartilham identicamente da mesma relação semântica. Nessa transformação, há também a inversão da posição dos argumentos e a permanência do núcleo do predicado, porém nenhum dos elementos lexicais necessita ser substituído para que a informação continue a mesma, o que reforça a ideia de que as construções estão em completa mutualidade. Por meio das construções

¹⁵ Perante a sua definição mais global, expresso pelo primeiro parágrafo desta Seção, a construção conversa, com todas suas particularidades, pode ser tratada como um subtipo de antonímia conversa, assim como a transformação de Simetria. No entanto, não pode ser definida da mesma maneira como se define as construções com verbos opostos e a própria Simetria, como se observou nesta primeira parte do Capítulo.

exemplificadas em (50), é comum que se perceba uma paridade tanto de ordem semântica, quanto de ordem sintática:

(50) *Helena namora Pedro e Pedro namora Helena.*
Helena e Pedro namoram.

Sintaticamente, as construções possuem os mesmos argumentos que, quando trocados de posição, não modificam a relação que estabelecem com seu núcleo predicativo (namorar). Operações de redução ou projeção de argumentos se realizam na Simetria. Duas construções com dois argumentos cada (sujeito simples: Helena ou Pedro) podem resultar em uma construção com apenas 1 argumento (sujeito composto: Helena e Pedro: Eles). Da mesma forma, tomando como base essa construção, o recurso da Máxima Projeção de Argumentos (definido durante o Capítulo 4) desmembra o resultado novamente em duas construções. Ressalta-se, ainda, que os elementos lexicais que pertencem às construções simétricas devem pertencer ao mesmo grupo¹⁶ (ou argumentos somente do tipo humano, ou somente do tipo não-humano).

Partindo-se, então, da exclusão da possibilidade de as construções anteriores serem entendidas igualmente como o objeto de estudo desta tese, o mesmo pode começar a ser definido com mais amplitude teórica a partir deste momento. Em primeiro lugar, a operação de Conversão se realiza sobre um tipo de construção bem delimitada e única: as construções nominais com verbo-suporte e nome predicativo. Discutida anteriormente, esse tipo de construção segue regras de funcionamento que são estabelecidas, primordialmente, pelo Npred, que realiza a operação dos elementos que são distribuídos horizontalmente (os argumentos sintáticos de uma construção) e verticalmente (os verbos-suporte de construções equivalentes, incluindo sua possibilidade de variação de estilo ou aspecto):

(51) *O professor de Ciências* (sujeito humano) →
deu (verbo-suporte elementar) ↓
um conselho (núcleo predicativo)
para o aluno. (complemento humano)

¹⁶ Tratando-se disso, o mesmo verbo ‘namorar’ enquanto predicador em uma construção com argumentos de tipos diferentes (sujeito humano e complemento não-humano), como em ‘Helena namora este/aquele carro’ não apresenta a Simetria. Nesse contexto, o verbo designa, grosso modo, que ‘Helena quer este/aquele carro’ (indicando posse).

G. Gross (1989) define a Conversão como uma operação sintática transformacional que estabelece uma relação de equivalência sintático-semântica entre duas construções. Nessa transformação, ocorre a permutação do argumento que ocupa a posição de sujeito pelo argumento que está na posição de complemento ou objeto direto, sem que o núcleo predador sofra algum tipo de alteração. Os pares de construções que estão interligadas pela Conversão possuem uma estrutura sintática prototípica, mas também podem se desenvolver perante uma estruturação menos comum, porém ainda aceitável em PB. Consideram-se estruturas passíveis a esse tipo de construção:

(52) *O professor deu um conselho ao aluno.*
 [Conv] *O aluno recebeu um conselho do professor.*

N0 dar Det Npred Prep N1.
 N1 receber Det Npred Prep N0.

(53) *O professor deu para o aluno um conselho.*
 [Conv] *O aluno recebeu do professor um conselho.*

N0 dar Prep N1 Det Npred.
 N1 receber Prep N0 Det Npred.

Para uma padronização e seguimento da organização sintática mais comum dos elementos linguísticos, as estruturas representadas em primeiro lugar são as que configuram a maioria das construções exemplificadas nesta tese. Pois bem, na relação conversa o Npred conselho é mantido em ambas as construções e a troca de posição relativa dos seus argumentos não altera seus papéis semânticos. Logo, o argumento professor [N0] sempre carregará o papel semântico ‘agente’, independente de sua posição sintática, enquanto o argumento aluno [N1] sempre terá o papel semântico ‘paciente’. Outras questões sobre os papéis semânticos, bem como a tipologia utilizada para atribuí-los aos argumentos das construções em pauta são abordadas no Capítulo 4 (Seção 4.2).

Concordando com a posição de Harris (1961), que descreve as frases relacionadas como classes de equivalência, G. Gross (1989) nomeou uma construção de standard e a outra construção de conversa. Respectivamente, dar é denominado verbo-suporte standard e receber verbo-suporte converso. Essa denominação torna-se importante apenas para indicar a construção de que está sendo referida, visto que a utilização de uma ou de outra será de acordo

com o enfoque de sentido: o foco enunciativo pode ser o argumento professor ou o argumento aluno, quando ambos estão na posição de sujeito.

Por outro lado, G. Gross (1989) replica Harris (1961) sobre o conceito geral de transformação sintática, ao dizer que a relação que se estabelece entre as duas construções de base não tem uma orientação (utilização do termo não-orientada), ou seja, a passagem de uma construção para outra não seria de sentido único, mas bidirecional (\leftrightarrow), assim a construção standard não daria origem à construção conversa e vice-versa. Essa posição teórica, em relação especificamente às construções relacionadas pela Conversão, pode apresentar uma confusão conceitual na prática por dois fatores metodologicamente relacionados:

(i) O primeiro fator pode ser explicado a partir do conceito geral de Nominalização. A relação que existe entre uma construção verbal e uma construção nominal, certamente, é uma relação não-orientada, visto que ambas as construções significam a mesma coisa e do mesmo ponto de vista. Essa relação existe entre duas construções ativas ou duas construções passivas:

(54) *Helena abraçou Pedro.*
Helena deu um abraço em Pedro.

Neste caso, pragmaticamente, não importa qual das duas construções é considerada de base, pois uma não necessariamente originou a outra; ambas apontam o início de uma ação. Por esse ângulo, a relação entre a construção standard e a construção conversa não pode ser entendida da mesma forma. Apesar de apresentarem também o mesmo conteúdo informacional, a construção nominal com o verbo receber (Pedro recebeu um abraço da Helena) pressupõe que haja uma ação anterior, cuja representação sintático-semântica é realizada pelo verbo-suporte dar, em casos como o exemplificado acima.

É claro que essa é uma abordagem pragmática, porém ela pode ser facilmente confundida com a abordagem sintático-semântica que diz, corretamente, que a Conversão resulta em uma relação não-orientada de equivalência sintático-semântica entre duas frases. Ou seja, ambas as construções se referem a mesma informação, mas de pontos de vistas (sintático e semântico) diferentes. Ao utilizar esse termo¹⁷, portanto, é necessário ter clareza que a ‘não-

¹⁷ É complicado dizer que a construção com o verbo-suporte receber não pressupõe uma construção com o verbo-suporte dar, que cronologicamente refere-se ao ponto inicial da ação.

orientação' diz respeito apenas ao sentido de equivalência (de correspondência) e não ao sentido de ação concreta, direcional e consequente de dar e receber.

(ii) O segundo fator corresponde à própria denominação que é dada para a construção de orientação ativa. Em consequência do significado do termo *standard*, que segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa quer dizer 'padrão, modelo', entende-se que a 'construção básica' delimita o ponto inicial do qual pode, a partir dela, adquirir modificações e transformações. Nesse sentido, entende-se também que as outras construções que se relacionam com a construção *standard* são resultado de uma derivação, sendo possível o entendimento de que elas não existiriam isoladamente, sem uma construção inicial.

Nessas circunstâncias, seria um pouco contraditório referir-se ao termo 'não-orientada' quando uma das construções é reconhecida por ser a padrão. Por conta desses fatores, essa terminologia não será adotada para definir e referenciar as construções relacionadas pela Conversão nesta tese, especificamente. Posto isso, a construção nominal de orientação ativa continuará sendo denominada 'construção *standard*' e a construção nominal de orientação passiva permanecerá com a denominação 'construção *conversa*'.

Por conseguinte, a próxima Seção tem a responsabilidade de complementar, por ângulos distribucionais, a definição de Conversão dada até este momento. Esse complemento é realizado por meio de características que pertencem aos elementos lexicais e gramaticais das construções *conversas*, dando condições para que a Seção consecutiva (sobre a transformação de Passivação) seja introduzida com um maior respaldo metodológico.

2.4.1 Distribuição dos elementos lexicais e gramaticais

Segundo G. Gross (1989), a distribuição dos determinantes depende diretamente das restrições impostas pelo *Npred*, em ambas as construções. O estabelecimento do determinante que configura a construção *conversa*, porém, depende diretamente do determinante da construção *standard*, que pode, ainda, apresentar identidade ou não. Em francês, por exemplo, essa distribuição segue certa regularidade que não se confirma, em sua totalidade, para o português brasileiro. Em construções *donner-recevoir* (dar-receber), os determinantes são rigorosamente os mesmos, tanto na construção *standard*, quanto na construção *conversa*.

Apesar de algumas construções do PB também apresentarem essa regularidade, a distribuição é feita de maneira um pouco menos uniforme:

(55) *Helena deu um voto de confiança para Pedro.*

[Conv] = *Pedro recebeu (um + o) voto de confiança da Helena.*

(56) *O médico deu um discurso sobre drogas para os internados.*

[Conv] *Os internados receberam (um + o) discurso sobre drogas do médico.*

Em relação aos determinantes, Davel (2009) explica que a presença, ausência ou mudança do determinante, em estruturas como essas, é decorrente de seu caráter híbrido, cuja modalidade do emprego influencia no grau de interação dos elementos da construção. Daí a importância da determinação na organização e no aspecto semântico dessas estruturas, que serão descritas amplamente pelo quinto Capítulo desta tese. Ressalta-se, também, que a questão dos determinantes será retomada teoricamente no Capítulo 4 (Subseção 4.1.2), que trata das propriedades formais das construções conversas analisadas por esta tese.

Resumidamente, em construções standard, o complemento do nome predicativo pode ser introduzido por diversas preposições, como de (Helena deu uma debochada de Pedro), com (Helena fez uma injustiça com Pedro), em (Helena deu um beijo no Pedro), a (Helena deu uma ideia ao Pedro), para (Helena fez um convite para Pedro), sobre (Helena tem influência sobre Pedro). No entanto, o sujeito da construção standard passa a configurar a construção conversa, seguido apenas pela preposição de ou pela seqüência por parte de. Com alguns nomes predicativos a preposição por parte de também pode receber algumas variações:

(57) *O padre fez a catequização dos índios.*

[Conv] = *Os índios receberam catequização (do + das mãos do) padre.*

(58) *Helena deu uma informação para Pedro.*

(Conv) = *Pedro recebeu uma informação (da + da boca da) Helena.*

Existem outras duas características distribucionais que são interessantes na descrição desse fenômeno linguístico: a possibilidade da Conversão sobre elementos locativos e o bloqueio da Conversão por consequência de modificadores adverbiais. Ambas são brevemente discutidas por meio dos tópicos abaixo, que mostram também como elas se comportam em

comparação com a língua francesa. Ressalta-se que o quinto Capítulo desta tese apresenta amplamente as características mais especificadas de cada subclasse distribucional.

- Os elementos locativos

Indubitavelmente, a questão dos elementos locativos enfrenta certa complexidade em relação ao conceito geral que define a Conversão. De acordo com os autores que estudaram o tema (G. GROSS, 1989; BAPTISTA, 1997), essa transformação não opera elementos locativos, ou seja, as construções que apresentam como segundo argumento [N1] um nome locativo, não admitiriam a Conversão. Em alguns casos (construções intransitivas) esse bloqueio é evidente, manifestando-se através da não aceitabilidade da construção conversa e da construção passiva, como mostra o exemplo a seguir:

(59) *Helena deu um passeio no parque.*

[Conv] **O parque (recebeu + levou + teve) um passeio da Helena.*

[Pass] **O parque foi passeado pela Helena.*

Também não é permitido que a construção com o Npred passeio (de origem deverbal) passe pela transformação de Passivação, o que evidencia ainda mais a inaceitabilidade do argumento locativo (no parque) nas construções de orientação passiva. Porém, há nomes cuja distribuição é tão restrita que não aceitam outro tipo de argumento que não seja um locativo, na mesma posição do exemplo anterior. Nessa circunstância, sucede uma reestruturação em que o elemento locativo passa para a posição de sujeito sem resultar em uma construção de aceitabilidade controversa. É o que ocorre, por exemplo, com o Npred pavimentação:

(60) *A prefeitura de São Carlos fez a pavimentação da rua XV de novembro.*

[Reestr] *Foi na rua XV de novembro que a Prefeitura de São Carlos fez a pavimentação.*

[Conv] *A rua XV de novembro recebeu a pavimentação da Prefeitura de São Carlos.*

[Pass] *A rua XV de novembro foi pavimentada pela Prefeitura de São Carlos.*

O Npred pavimentação, no exemplo que destaca a Conversão, também aceita a variante-suporte ganhar (A rua XV de novembro ganhou a pavimentação da Prefeitura), que não modifica a informação de base da construção em geral. Outro caso diz respeito ao nome mapeamento, que

apesar de admitir um argumento do tipo não-humano como complemento da construção standard (61), também aceita um argumento que, em determinados contextos, pode ser entendido como um tipo de locativo cênico, introduzido pela preposição *de*, como é visto em (62). Em ambas as construções a operação de Conversão é legítima:

(61) *A aluna fez o mapeamento das construções conversas.*

[Conv] *As construções conversas tiveram um mapeamento da aluna.*

(62) *O geógrafo fez o mapeamento da região.*

[Conv] *A região recebeu o mapeamento do geógrafo.*

Em consequência disso, um grupo determinado de Npred possibilita a transformação da Conversão, mesmo operando sobre um elemento locativo. Consideram-se comuns os nomes: revitalização (A praça recebeu uma revitalização da Prefeitura), aglomeração (O bar recebeu aglomeração de pessoas) e duplicação (As estradas receberam duplicação do departamento de trânsito). É importante salientar que, embora seja uma condição distribucional bem delimitada e de ocorrência muito específica, é compreendida como uma regularidade que dadas construções conversas do PB possuem e, portanto, uma propriedade a ser devidamente formalizada.

▪ Bloqueio da Conversão

Segundo G. Gross (1989, p. 205), a utilização de certos advérbios podem bloquear a Conversão. Quando um advérbio que é modificador de um verbo ‘desce’ para a posição de modificador de um nome predicativo, na forma de um adjetivo, a Conversão pode ser aceita. Entretanto, quando um advérbio é modificador de um verbo e depende diretamente do sujeito do verbo-suporte dar, por exemplo, a construção conversa com esse advérbio é bloqueada. Esses casos são exemplificados, em ordem respectiva, pelos exemplos abaixo:

(63) *Helena deu um perdão definitivo ao Pedro.*

[Conv] = *Pedro recebeu um perdão definitivo de Helena.*

(64) *Helena deu indevidamente uma informação falsa ao Pedro.*

[Conv] **Pedro recebeu indevidamente uma informação falsa da Helena.*

No primeiro exemplo, a construção nominal com o Npred *perdão* e um modificador adjetival definitivo é equivalente à uma construção verbal com o verbo *perdoar* associado ao modificador adverbial definitivamente (*Helena perdoou definitivamente o Pedro*). Como foi dito, casos como este autorizam a Conversão, diferentemente do que ocorre no exemplo seguinte. Bem como acontece com a questão dos locativos, este tópico também é de certa especialidade prática, mas, ainda assim, considerada como uma das regularidades que pôde ser observada nas construções relacionadas pela Conversão em português brasileiro e em francês.

2.5 Construções passivas e construções conversas

Regular em construções verbais, a Passivação é uma operação sintática que transforma uma frase de orientação ativa em uma frase de orientação passiva. De acordo com Bechara (1999), seguindo os conceitos da Gramática Tradicional, quando um verbo está na voz ativa, o sujeito da frase se refere ao ‘agente’ da ação verbal e, quando o verbo está voz passiva, o sujeito é o objeto da ação verbal, conhecido como ‘paciente’. Uma construção passiva, então, pode ser formada com os verbos *ser*, *estar* ou *ficar*, seguido do particípio.

(65) *Helena (beijou + deu um beijo) no Pedro.*
 [Pass] *Pedro foi beijado pela Helena.*

Resumidamente, o exemplo mostra uma construção verbal ativa transformada em uma construção verbal passiva. Na frase passiva, construída com o verbo *ser*, o sujeito sintático passa a ser *Pedro*, em consequência da troca de posição relativa com o sujeito da frase ativa (*Helena*). Os papéis semânticos não se alteram. Referindo-se à voz e a passividade dos verbos, Bechara (1999, p. 222) os diferencia intencionalmente, dizendo que: voz é a forma especial em que se apresenta o verbo para indicar que o sujeito recebe a ação; e passividade é o fato de o sujeito receber a ação verbal. Ou seja, ‘a passividade pode traduzir-se, além da voz passiva, pela ativa, se o verbo tiver sentido passivo’, seja qual for esse verbo, como em:

(66) *Pedro recebeu um beijo da Helena.*

Diante dessa afirmação, pode-se concluir que nem sempre a passividade corresponde à voz passiva. Levando isso em consideração, a construção exemplificada em (66) é considerada

igualmente passiva à construção verbal anterior com o verbo *ser*. No entanto, apesar de compartilhar características semelhantes, como a inversão da ordem dos argumentos e a manutenção dos papéis semânticos, a construção exemplificada acima recebe outro conceito, apresentando uma relação de Conversão e não de Passivação.

Segundo G. Gross (1993, p. 20), a construção passiva está paralelamente relacionada à construção conversa, pois possuem um vínculo de razão parafrástica, mas, ainda assim, são nominalizações de bases diferentes. Resumidamente, a mudança de orientação do sentido ativo para o passivo, em uma construção nominal, origina uma construção conversa. Nesse sentido, essa construção também poderia ser ‘batizada’ como ‘passiva nominal’, porém, essa nomenclatura deve ser utilizada sob precaução, uma vez que não se trata do mesmo objeto. Logo, para não haver um equívoco conceitual, Baptista (1997, p. 6) diz que:

As semelhanças entre o par standard-conversa, nas construções nominais, e o par ‘activa-passiva’, no caso das construções verbais, têm levado muitos linguistas a considerar a Conversão como uma espécie de ‘passiva nominal’. Dado tratar-se de um tipo de relação entre construções nominais, preferimos utilizar o termo Conversão.

Além do mais, não é toda construção conversa que pode ser relacionada à uma construção passiva, pois a Passivação não funciona em todas as construções verbais. Por exemplo, entre a construção verbal com o verbo pleno *torcer* e a construção nominal com o verbo-suporte *fazer* e o nome predicativo *torcida*, há o que pode ser chamado de paralelismo sintático-semântico. No entanto, não ocorre o mesmo processo entre uma construção verbal passiva e uma construção conversa, visto que a Passivação não existe com esse verbo:

(67) *O público torceu para Juliette no reality show.*
O público fez torcida para Juliette no reality show.

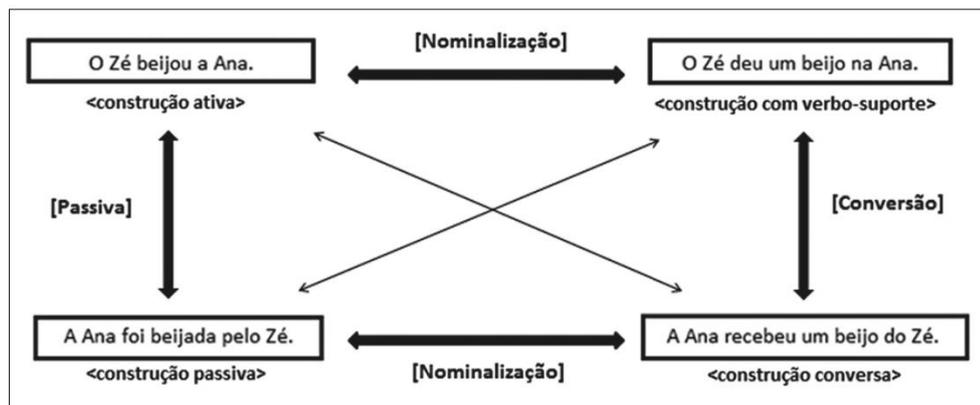
(68) *[Conv] Juliette recebeu a torcida do público.*
*[Pass] *Juliette foi torcida pelo público.*

Essa condição também ocorre em construções em que o Npred é de origem anônima, ou seja, não possui uma base morfologia de origem deverbal. O nome *carona*, por exemplo, não possui sequer uma construção verbal plena associada (*Helena deu carona para Pedro*/**Helena caronou*

Pedro), mas aceita muito bem a Conversão (Pedro recebeu/teve uma carona da Helena). Fatores como esse evidenciam a posição de Baptista (1997) ao não adotar o termo ‘passiva nominal’ para caracterizar as construções conversas, de modo geral.

Do ponto de vista teórico, independentemente de sua diferença estrutural, a construção passiva (quando ocorre) e a construção conversa são equivalentes, bem como a construção verbal e a construção nominal, como mostra a Figura abaixo. Entretanto, por apresentarem uma relação indireta (umas com as outras), não são comumente consideradas pela tradição gramatical. Essa desconsideração fazia a construção conversa, por exemplo, não ter sido amplamente estudada. Por isso, torna-se persistente dizer que a Conversão possui a mesma importância para a teoria e análise descritiva, em relação às passivas verbais.

Figura 2: Ligações de equivalência parafrástica entre frases de orientação ativa e passiva



Fonte: Publicada em Rassi et al. (2015)

Com base na Figura, é possível dizer que a construção nominal está diretamente relacionada à construção conversa e indiretamente relacionada à construção passiva. No entanto, da mesma maneira que algumas construções com nomes deverbais não possuem a Passivação, como foi dito anteriormente, outros nomes não apresentam nem a possibilidade de ação dessa transformação, como os nomes anônimos, ou seja, aqueles que não são deverbais. O fato da Passivação não englobar esse tipo de Npred, também contribui para que não se utilize, de forma direta, sua comparação com as construções nominais conversas.

Esta Seção, portanto, além de realizar uma discussão acerca das relações sintático-semânticas que são estabelecidas entre as construções de base de orientação ativa e as construções de base de orientação passiva, têm a finalidade de completar teoricamente o

conceito de Conversão, dando ênfase à sua produtividade em PB. Isso se desenvolveu a partir da comparação entre as duas operações sintáticas (Passivação e Conversão), que apontou um importante evento linguístico, do qual poderá ser objeto central de Trabalhos futuros sobre os predicados nominais e verbais, em Léxico-Gramática.

Dando seguimento à PARTE II do segundo Capítulo desta tese, a próxima Seção faz uma abordagem sobre os verbos-suporte elementares e os verbos-suporte denominados variantes, apresentando uma perspectiva sobre os verbos recenseados como tal e fornecendo exemplos de construções que lhe são comuns. Sem embargo, parte deste conteúdo poderia ser apresentado como parte da descrição propriamente dita, uma vez que traz alguns resultados quantitativos. Porém, como algumas das extensões já foram previstas em Calcia (2016), sentiu-se a necessidade de introduzir essa questão apresentando dados mais concretos.

2.6 Delimitação dos verbos-suporte elementares e variantes

Os verbos fazer, dar e ter, que configuram a construção standard, também se destacam ao receber uma característica fundamental, pela qual representa sua denominação de verbo-suporte elementar standard. Consoante M. Gross (1981), os verbos-suporte elementares são ‘semanticamente mínimos’ e apresentam um significado mais geral em comparação às suas variantes, que podem agregar fatores estilísticos ou aspectuais, capazes (em alguns casos) de aumentar o grau de expressividade da informação que está sendo passada pela construção.

Em outras palavras, a aceitabilidade de um verbo elementar é muito maior que a das suas variantes. Por serem considerados fundamentais em uma descrição sintático-semântica, os V_{sup} elementares correspondem a um bloco com maior frequência perante um rol de N_{pred}. Sendo assim, as construções nominais com os V_{sup} fazer e dar sempre serão tratadas como elementares standard; o V_{sup} ter, excepcionalmente, além de ser o elementar da construção standard, também pode ser o elementar da construção conversa, como mostra (69):

(69) *Pedro tem o comando da empresa.*
 [Conv] *A empresa tem o comando do Pedro.*

Nesse caso, o V_{sup} ter pode ser substituído pelo V_{sup} receber na construção conversa, mas continua sendo elementar. Embora haja a possibilidade desse verbo ser, simultaneamente,

o elementar nas duas construções, ele apresenta uma maior produtividade como verbo-suporte elementar converso, assim como constatou Calcia (2016). Em outros casos, a construção standard com o Vsup ter pode coocorrer com uma construção conversa, cujo verbo se diferencia dos verbos elementares receber ou levar, como observou Ranchhod (1990):

(70) *A mãe tem a guarda dos filhos.*
 [Conv] *Os filhos (tem + estão sob) a guarda da mãe.*

No exemplo acima, o verbo-suporte estar + sob ocupa o papel de variante-suporte de ter, dando um aspecto um pouco diferente à construção. Em outras ocasiões, ainda, o Vsup ter também pode ser tratado como uma variante conversa, onde os verbos receber ou levar tem a preferência elementar na construção por serem mais frequentes em corpora. Isso acontece em construções nominais, cuja os verbos elementares standard são fazer ou dar, bem como mostram os exemplos com os Npred elogio e resposta, respectivamente:

(71) *Helena fez um elogio para Pedro.*
 [Conv] *Pedro (recebeu + teve) um elogio da Helena.*

(72) *Helena deu uma resposta ao Pedro.*
 [Conv] = *Pedro (recebeu + teve) uma resposta da Helena.*

Levando em consideração os outros verbos que são, absolutamente, considerados variantes, M. Gross (1998) declara que a estrutura sintática de uma construção de base pode ser mantida com a variação dos Vsup. Picoli (2020, p. 70) complementa dizendo que algumas dessas extensões denotam aspecto, do qual pode ser percebido ao comparar uma frase de base formada por um verbo elementar com uma frase formada por uma variante, que é denominada de Vasp¹⁸ (variantes aspectuais de verbos-suporte), como no exemplo seguinte:

(73) *Os alunos fizeram uma homenagem à professora.*
Os alunos apresentaram uma linda homenagem à professora.

¹⁸ Essa nomenclatura (Vasp) é utilizada para diferenciar teoricamente os verbos-suporte elementares e os verbos-suporte variantes, no entanto, optou-se por continuar utilizando os termos ‘variantes-suporte’ ou ‘extensões’ para indicar esse tipo de verbo na descrição realizada na presente tese.

Os alunos prestaram uma solene homenagem à professora.
Os alunos realizaram uma singela homenagem à professora.

O exemplo (73) diz respeito à duas estruturas com o Npred homenagem: a primeira construída com o Vsup elementar standard e a segunda construída com as suas variantes. Tais variantes são chamadas de aspectuais incoativas (M. GROSS, 1998), pois denotam o princípio de uma ação, da mesma maneira que é denotada pelo Vsup elementar converso (A professora recebeu uma homenagem dos alunos) e sua variante-suporte (A professora ganhou uma homenagem dos alunos).¹⁹ Essa variação demonstra a relação que há entre os Vsup de base e suas extensões, acrescentando ao conceito de verbo-suporte uma definição, também, semântica.

A partir dessa breve discussão sobre a característica de variação dos verbos-suporte, introduzida anteriormente pela sexta propriedade geral das CVS (Seção 2.3), é possível iniciar uma apreciação sobre as variantes mais produtivas em relação aos dados descritos nesta tese, começando pelas extensões standard. No contexto das construções relacionadas pela Conversão, o Vsup fazer é aquele que possui um maior repertório de extensões que podem dar à construção de base um caráter aspectual ou estilístico. O Quadro abaixo reúne as variantes que foram mais frequentes em relação ao número de vezes em que ela aparece nas Tábuas léxico-gramaticais elaboradas nesta pesquisa (Apêndice B).

¹⁹ Na construção converso, a variante-suporte de que é tratada nesta tese raramente indica um processo, assim sendo, não pode representar um aspecto durativo (Helena tem medo de Pedro) ou terminativa (Helena perdeu o medo de Pedro). A grande maioria dos nomes descritos nesta tese aceitam uma extensão de aspecto incoativo.

Quadro 2: Relação das principais extensões do verbo-suporte fazer

Extensão	Exemplo	Quant.
realizar	<i>O motorista (fez + realizou) um suborno ao policial.</i>	342
dar	<i>Helena (fez + deu) um sinal ao Pedro.</i>	196
efetuar	<i>A loja (fez + efetuou) o reembolso do cliente.</i>	185
apresentar	<i>O professor (fez + apresentou) uma palestra aos alunos.</i>	86
praticar	<i>O assaltante (fez + praticou) uma violência contra a vítima.</i>	112
cometer	<i>Helena (fez + cometeu) uma injustiça com Pedro.</i>	52
preparar	<i>O aluno (fez + preparou) a pesquisa para o Congresso.</i>	50
dirigir	<i>O entrevistado (fez + dirigiu) um comentário [machista] à jornalista.</i>	48
emitir	<i>A agência de fomento (fez + emitiu) um parecer ao aluno.</i>	44
lançar	<i>O comediante (fez + lançou) um desafio ao lutador profissional.</i>	40
conceder	<i>O banco (fez + concedeu) um empréstimo ao solicitante.</i>	40
formular	<i>O bloco de esquerda (fez + formulou) uma pergunta ao Governo.</i>	38
estabelecer	<i>O vendedor (fez + estabeleceu) um orçamento ao cliente.</i>	35
proferir	<i>Helena (fez + proferiu) uma lisonja ao Pedro.</i>	24
operar	<i>O Governo (fez + operou) um corte nos investimentos da saúde.</i>	12
atribuir	<i>O Governo (fez + atribuiu) um aumento ao preço do combustível.</i>	10
aprontar	<i>Helena (fez + aprontou) uma armadilha para Pedro.</i>	10
ministrar	<i>A aluna egressa (fez + ministrou) uma palestra aos calouros.</i>	10
prestar	<i>A vítima (fez + prestou) um depoimento à polícia.</i>	4
invocar	<i>O religioso (fez + invocou) uma oração à Deus.</i>	4

Fonte: elaborado pela autora.

Há também alguns verbos considerados variantes-suporte, mas que apresentam uma distribuição bem restrita, por exemplo os verbos cobrar e marcar, que são utilizados em contextos que incluem o Npred pênalti (O jogador marcou um pênalti no goleiro adversário). Outros exemplos dizem respeito aos verbos abrir e firmar, nos contextos do Npred financiamento (Helena abriu um financiamento no banco) e do Npred trato (Helena firmou um trato com Pedro), respectivamente. Grande parte dos verbos que estão dispostos no Quadro 2 acima foram, primeiramente, identificados no estudo de Barros (2014) em PB.

Os próximos modelos de variantes-suporte a serem apresentadas são aquelas que coocorrem com o Vsup elementar standard dar. Do mesmo modo feito anteriormente, algumas das extensões de dar também foram introduzidas em PB pelo estudo de Rassi (2015). Neste caso, há certa compreensão em relação às variantes que são mais propícias na substituição do Vsup dar em construções da grande classe dar-receber (fazer, conceder, atribuir, por exemplo) e em construções da grande classe dar-levar (meter, enfiar, sentar, por exemplo).

Quadro 3: Relação das principais extensões do verbo-suporte dar

Extensão	Exemplo	Quant.
conceder	<i>A instituição (deu + concedeu) um abrigo ao estrangeiro.</i>	140
fazer	<i>A costureira (deu + fez) um corte na roupa.</i>	138
atribuir	<i>Pedro (deu + atribuiu) uma condição para Helena.</i>	60
meter	<i>O jogador (deu + meteu) uma bicuda no adversário.</i>	58
aplicar	<i>Helena (deu + aplicou) um corretivo no Pedro.</i>	54
desferir	<i>O lutador (deu + desferiu) um golpe no adversário.</i>	38
enfiar	<i>Helena (deu + enfiou) um tapa na cara de Pedro.</i>	34
sentar	<i>Helena (deu + sentou) uma chinelada no braço do Pedro.</i>	28

Fonte: elaborado pela autora.

Em quantidades menores e restritas, as variantes proferir (Helena proferiu um xingamento ao Pedro) e prestar (Helena prestou condolências ao Pedro) também fazem parte do repertório de variantes do verbo dar, em contextos particulares. No mesmo campo semântico em que se encontra a variante proferir, também é possível dar destaque ao verbo falar que, apenas em contextos específicos como esse, pode ser classificado como extensão, mas ainda assim de pequena ocorrência (Helena falou uma desculpa esfarrapada para Pedro).

Um último conjunto de variantes standard é aquele referente ao verbo-suporte ter, cujas construções foram brevemente discutidas nesta Seção. Por apresentar um número menor de Npred que são construídos com ele, apresenta também menor quantidade em extensões. Destacam-se os verbos fazer e dar (denominados variantes-suporte em construções ter-ter), que são bem comuns, bem como as variantes que expressam intensidade sentir, ser de, sofrer de e estabelecer. Habitualmente, alguns desses verbos também foram identificados em Santos (2015).

Quadro 4: Relação das principais extensões do verbo-suporte ter

Extensão	Exemplo	Quant.
dar	<i>Helena (tem + deu) preferência ao Pedro.</i>	18
fazer	<i>Helena (tem + fez) amizade com Pedro.</i>	18
sentir	<i>Helena (tem + sente) confiança em Pedro.</i>	18
ser de	<i>Helena (tem + é de) uma ternura pelo Pedro</i>	10
sofrer de	<i>Helena (tem + sofre de) amor pelo Pedro.</i>	8
estabelecer	<i>Helena (tem + estabeleceu) um acordo com Pedro.</i>	4

Fonte: elaborado pela autora.

No ambiente estrutural da construção conversa, os verbos-suporte elementares são: receber, levar, sofrer e ter. Esses verbos compartilham, em alguns casos, as mesmas variantes, por isso optou-se pela confecção de apenas um Quadro 4 para mostrar quais delas são compartilhadas e quais não são. De acordo com os dados apresentados, pode-se perceber que existem variantes-suporte que podem substituir apenas dado verbo elementar, por exemplo a variante tomar (que coocorre com levar) e a variante passar por (que coocorre com sofrer). No Quadro abaixo, ainda, não há a indicação do número de ocorrências porque a frequência das extensões conversas é bem mais regular em relação às extensões standard.

Quadro 5: Relação das extensões dos verbos-suporte conversos

Elementar	Extensões	Exemplo
receber	contar com obter ter ganhar possuir	<i>O comediante (recebeu + contou com) os aplausos da torcida.</i> <i>O estagiário (recebeu + obteve) assessoria da equipe.</i> <i>A polícia (recebeu + teve) o depoimento do acusado.</i> <i>Pedro (recebeu + ganhou) um beijo da Helena.</i> <i>Pedro (recebeu + possui) uma qualificação pela Universidade.</i>
levar	receber tomar ter sofrer	<i>Pedro (levou + recebeu) um bote da cobra.</i> <i>Pedro (levou + tomou) uma bronca do professor.</i> <i>Pedro (levou + teve) um calote da Helena.</i> <i>O jogador (levou + sofreu) um drible do adversário.</i>
sofrer	receber passar por levar ter ganhar	<i>Pedro (sofreu + recebeu) uma chantagem da Helena.</i> <i>A jovem (sofreu + passou por) um aborto.</i> <i>O goleiro (sofreu + levou) um pênalti do adversário.</i> <i>O acusado (sofreu + teve) um linchamento da população.</i> <i>O dicionário (sofreu + ganhou) uma atualização do lexicógrafo.</i>
ter	receber contar com obter possuir ganhar	<i>Pedro (teve + recebeu) o amor da Helena.</i> <i>Pedro (teve + contou com) a compreensão da Helena.</i> <i>O documento (teve + obteve) reconhecimento da ABL.</i> <i>Nós (temos + possuímos) a misericórdia de Deus.</i> <i>Pedro (teve + ganhou) a torcida da Helena.</i>

Fonte: elaborado pela autora.

Uma observação pode ser feita em relação ao verbo-suporte ganhar, que (de maneira secundária) pode coocorrer com todos os verbos-suporte elementares conversos. Dependendo do ambiente contextual, essa extensão pode apenas indicar uma variedade estilística de receber (Pedro ganhou um apoio da Helena), uma variedade aspectual de intensidade (Pedro ganhou um beijo da Helena) ou uma variedade estilística de ironia (Pedro ganhou um tapa da Helena). Principalmente nas construções da classe DL (dar-levar), essa variante pode ocorrer com mais frequência quando a frase de base apresenta uma posição irônica do locutor/interlocutor.

Em relação à importância distribucional (portanto, sintático-semântica) da possibilidade de variação dos verbos, G. Gross (1989, p. 192) complementa dizendo que, ao se encontrar uma construção com o V_{sup} converso receber (ao invés de uma construção com algum V_{sup} standard), não necessariamente será obtida uma construção associada com o verbo elementar dar, por exemplo, mas uma frase com outros verbos-suporte, pelos quais estabelecem a mesma relação que seria estabelecida com esse verbo elementar.

É possível observar, ainda, por meio dos exemplos, que a distribuição dos equivalentes aspectuais ou estilísticos, como mostra Vivès (1993), não depende do Vsup de base, mas do Npred que tem a função de selecionar, não apenas os argumentos, mas os demais elementos lexicais da construção. Um aprofundamento sobre a maneira como essas extensões ocorrem, de fato, nos corpora previstos para resgatar os dados do fenômeno linguístico, é realizado no Capítulo 5, que tratará da descrição detalhada das Tábuas e das classes elaboradas nesta tese. No decorrer da análise podem surgir outras variantes, das quais não foram mencionadas aqui, principalmente a partir de Npred muito específicos semanticamente. Todos os casos serão tratados no Capítulo informado.

2.7 Estado da Arte da Conversão

Em relação às construções conversas, a literatura não é tão vasta quanto a apresentada pelas construções standard. Sabe-se da existência de poucos trabalhos que utilizam o fenômeno da Conversão como objeto temático central. Destacam-se, o estudo pioneiro de G. Gross (1982, 1989) para o francês; o estudo de Baptista para o PE (1991, 1997); a análise de Ciocanea (2011) para a língua romena; o estudo de Calcia (2016) para o PB; a investigação contrastiva entre PB e PE de Rassi et al. (2016), e uma análise das construções com fazer de Barros et al. (2017). Há, ainda sob a ótica do Léxico-Gramática, estudos que mencionam a transformação da Conversão como uma das propriedades transformacionais das construções com verbo-suporte. Vaza (1988), Ranchhod (1990) e Smarsaro (2015) são alguns exemplos.²⁰

Cronologicamente, G. Gross (1982) estudou as construções nominais com os pares de verbos-suporte *donner-recevoir* (dar-receber) e *donner-avoir* (dar-ter), denominando-as de construções inversas. Seguindo essa denominação, ao descrever os predicados nominais com o verbo-suporte *dar* para o PE, Vaza (1988) apontou que algumas CVS, que possuem um complemento regido pelas preposições *a* ou *em*, poderiam apresentar uma relação de equivalência com outra construção, chamada relação inversa. Além das ‘construções inversas’ estudadas por G. Gross (1982), aquela dissertação também incluiu os verbos *estar prep*, *apanhar* e *levar* como verbos inversos. Em ambos os trabalhos, ainda não haviam sido consideradas as noções de verbos

²⁰ Além de, obviamente, os trabalhos citados durante toda esta tese (BARROS, 2014; RASSI, 2015; SANTOS, 2015).

elementares e de variantes estilísticas/aspectuais. Nesse sentido, os verbos apontados foram considerados igualmente inversos.

A partir de G. Gross (1989), foi adotado o termo Conversão e a palavra ‘inversão’ foi reservada apenas para expressar a permutação dos argumentos. Seu estudo para o francês é considerado o mais abrangente, em número de ocorrências, sobre as construções conversas (3.500 Npred foram recenseados). Nele, a Conversão foi descrita entre os pares de verbos *donner-recevoir* (dar-receber), *faire-recevoir* (fazer-receber), *faire-subir* (fazer-sofrer), *infliger-subir* (infligir-sofrer), *exercer-subir* (exercer-sofrer) e *avoir-avoir* (ter-ter). Essas construções também foram classificadas de acordo com o tipo de nome predicativo utilizado na composição das construções com verbo-suporte e nome predicativo (deverbais, autônomos ou compostos).²¹

G. Gross (1989), ainda, complementou seu primeiro estudo (G. GROSS, 1982), relacionando novos pares de Vsup e levando em consideração as variantes estilísticas/aspectuais desses verbos. Ademais, a discussão proposta pelo autor, sobre a relação existente entre as construções passivas verbais e as construções conversas, contribuiu para justificar a introdução do termo ‘passiva nominal’ na nomenclatura das Gramáticas Tradicionais Francesas. Resumidamente, os estudos de G. Gross (1982, 1989) foram de grande importância na constituição do Léxico-Gramática do francês, pois além de descrever uma nova relação entre as CVS, que não havia sido antes estudada, formalizou muitas construções (constituindo um enorme banco de dados lexicais sobre a predicação), que mais tarde serviriam de base para os Trabalhos futuros sobre este tema.

Seguindo a cronologia dos estudos sobre a Conversão, Ranchhod (1990) observou uma ‘relação mais complexa’ entre os predicados nominais com os verbos *ter* e *estar prep* (Essa potência tem o domínio militar dessa zona; Essa zona está sob o domínio militar dessa potência) em PE. Naquele trabalho, a Conversão foi definida como uma operação formal que liga duas frases elementares que correspondem a um ‘diferente arranjo sintático do mesmo material lexical plenamente significativo’. Construções conversas *ter-ter* (Helena tem confiança no Pedro/Pedro tem a confiança da Helena) também foram identificadas e, em alguns casos, o verbo-suporte *ter*, na posição passiva, foi considerado como variante de estilo (O jovem tem o comando da tropa/A tropa está sob + tem o comando do jovem). Pela deficiência de dados mais completos sobre as construções com o verbo-suporte *ter*, não foi possível a realização de uma análise mais profunda dos casos de Conversão.

²¹ Por exemplo: a classe DR1 corresponde às construções conversas *donner-recevoir* (dar-receber) construídas com nomes predicativos deverbais, a classe DR2 refere-se às construções com nomes não-deverbais, e assim por diante.

Foi com os estudos de Baptista (1991, 1997) que se obteve um conhecimento mais consistente sobre as construções conversas em PE. Baptista (1991) identificou cerca de 500 nomes predicativos (construídos com o verbo-suporte dar), recenseados em Vaza (1988), que aceitavam a Conversão. Naquele momento, as construções conversas foram classificadas em dois grandes grupos: (i) DR (dar-receber) e DL (dar-levar). Posteriormente, por apresentarem predicados semanticamente homogêneos e sintaticamente bem definidos, Baptista (1997) analisou, aproximadamente, 300 construções com o verbo-suporte dar (na construção standard) e levar (na construção conversa). Ou seja, a classe DL recebeu uma nova distribuição sintático-semântica, consoante o tipo de complemento que o nome predicativo seleciona na construção conversa (complemento do tipo não-humano, complemento do tipo humano ou complementos nomes parte-do-corpo).

O artigo de Baptista (1997) é bastante abrangente, no que diz respeito, às construções conversas da classe DL, mas não se aprofunda em outras possibilidades de Conversão, deixando essa lacuna para ser completada em trabalhos futuros. Em uma análise dos dados apresentados naquele estudo, notou-se que, grande parte de suas constatações não podem ser reproduzidas para o PB. Tais contrastes foram apontados em um estudo entre as duas variantes do português (RASSI et al., 2015) e referem-se às diferenças observadas nos níveis:

(i) Nível Lexical: referente à existência de nomes predicativos em PE (arrepelão, boleia, descasca, tareia, entre outros) e em PB (carona, esporro, tombo, entre outros). Há também diferença entre as variantes conversas (apanhar um sermão e comer uma facada) em PE e as variantes conversas (sentar um tapa e tomar um soco) em PB.

(ii) Nível Morfológico: referente à grande produtividade de nomes predicativos construídos com o sufixo -dela em PE (engraxadela, rasgadela, alisadela, entre outros) e com o sufixo -ada/ida em PB (chacoalhada, mochilada, narigada, entre outros).

(iii) Nível Sintático: referente à seleção das preposições a para PE (dar um empurrão ao Pedro) e em para o PB (dar um empurrão no Pedro), em construções standard. E diferenças de aceitabilidade de algumas construções conversas (por exemplo, Pedro teve um sermão de Helena, inaceitável em PE, porém aceitável em PB).

Em língua romena, a descrição das construções conversas a da - a primi (dar-receber) se estabeleceu como um avanço para o Léxico-Gramática de base europeia. Ciocanea (2011), além de descrever as propriedades sintático-semânticas dessas construções, representou algumas particularidades da morfossintaxe do romeno, fazendo um paralelo com as construções do francês. Foram descritos cerca de 300 nomes predicativos e classificados em: DP1 (composta por nomes predicativos deverbiais) e DP2 (composta por nomes predicativos autônomos). Essa classificação foi integralmente baseada nas classes DR1 e DR2 da descrição para o francês (G. GROSS, 1989), mas com um número mais restrito de construções. Embora não seja um estudo tão absoluto, na questão da abrangência das construções conversas, os resultados obtidos foram utilizados em materiais de ensino, focando demonstrar as principais diferenças entre a língua romena e a língua francesa.

Depois de se constatar que, entre as duas vertentes do português, há mais diferenças que semelhanças, no que corresponde às construções conversas, Calcia (2016) iniciou um atual estudo sobre a Conversão em PB. Com suporte em dados recenseados nas pesquisas que descreveram as construções standard (BARROS, 2014; SANTOS, 2015; RASSI, 2015), foram descritos, segundo propriedades sintático-semânticas, cerca de 700 Npred e agrupados em grandes classes distribucionais, de acordo com os Vsup que são com eles construídos, ambos elementares. Foram elas: DR (dar-receber), DL (dar-levar), FR (fazer-receber) e TT (ter-ter).

Em consequência do extenso número de construções encontradas, não foi pertinente, naquele momento, a criação de subclasses mais específicas e homogêneas em relação às suas propriedades lexicais (tipo de nome predicativo, tipo de complemento da construção conversa, classe semântica do nome predicativo, por exemplo). Mesmo assim, foram apontadas as variantes estilísticas/aspectuais do verbo-suporte converso receber (ganhar, contar com, possuir, sofrer, ter) e levar (tomar, ter). E, ainda, atribuídos papéis semânticos para os argumentos da construção conversa, adotando o conjunto proposto por Talhadas (2014).

O artigo de Barros et al. (2017), também mencionado no primeiro Capítulo desta tese (na Seção em que se destacam os mais recentes estudos do Léxico-Gramática em PB), faz uma análise sobre as construções conversas com os pares de verbos fazer-receber e fazer-sofrer. Partindo de dois estudos que se complementam – Barros (2014) e Calcia (2016) – aquele artigo ressalta os apontamentos feitos anteriormente para definir a operação de Conversão e diferenciar as construções conversas com receber (Pedro recebeu uma bonificação do chefe) e sofrer (Pedro sofreu um

linchamento da equipe), uma apresentando polaridade positiva e outra apresentando polaridade negativa, respectivamente.

Como foi citado inicialmente, existem estudos que fazem referência à Conversão quando retratam algumas das características das CVS. Davel (2011), baseando-se na Gramática Funcional, faz uma discussão sobre a natureza deverbal do verbo-suporte quando a construção apresenta uma ideia de atenuação e brevidade, como em dar uma pedrada/levar uma pedrada. Segundo aquele estudo, as estruturas desse tipo são utilizadas como forma de modalizar a linguagem, isto é, um recurso de expressividade que os falantes nativos utilizam. O uso de construções com os verbos dar-levar também é uma questão abordada em Smarsaro e Rodrigues (2015), cuja discussão foca na descrição do processo de gramaticalização das construções com verbo-suporte, uma vez que a estrutura [verbo-suporte + nome predicativo] corresponde a uma palavra gramatical e não lexical, segundo as autoras.

Esta Seção teve o objetivo de apresentar os principais estudos que englobaram a operação sintática da Conversão e deram ênfase ao fenômeno que, apesar de bastante produtivo, levou certo tempo para ganhar destaque, principalmente em estudos sobre o PB. Esse referencial teórico, além de tudo, conclui o Capítulo integral que tratou, de maneira cruzada, das construções nominais com verbo-suporte e nome predicativo e das construções relacionadas pela operação da Conversão. Nesse seguimento, as Seções subsequentes (Capítulo 3), delineiam os procedimentos metodológicos que foram utilizados para recensear os dados do trabalho e para descrever as características das construções conversas em PB.

CAPÍTULO 3

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo especifica os materiais e métodos utilizados para a produção desta tese, os quais referem-se ao conteúdo desenvolvido, substancialmente, por meio da metodologia intrínseca ao quadro do Léxico-Gramática e das obras bibliográficas que tem como objeto de estudo a Conversão, que foi discutida pelo Capítulo anterior. De modo geral, o presente estudo foi elaborado a partir de duas etapas principais e suas desagregações, que tem por finalidade apresentar a obtenção dos dados e os procedimentos utilizados para o desenvolvimento dos dados, que correspondem a sua descrição e formalização.

Com o objetivo de delimitar as técnicas para a aquisição, coleta e análise dos dados, tais etapas foram elaboradas para o tratamento dos processos relacionados: (i) a delimitação e configuração dos corpora utilizados para a obtenção de novos dados, juntamente daqueles já obtidos em trabalhos anteriores, (ii) as ferramentas computacionais que auxiliaram na tarefa de recenseamento de dados inéditos, (iii) a escolha de uma diretriz sintático-semântica para o reagrupamento desses dados e (iv) ao método encontrado para a formalização dos resultados. Percorrendo esses caminhos foi possível chegar em um consistente estudo sobre a Conversão.

Resumidamente, os dados mencionados por este Capítulo referem-se aos Npred e aos Vsup (elementares e variantes) que fazem parte de uma CVS relacionada sintaticamente a outra CVS, em consequência do processo transformacional da Conversão. Para catalogar os elementos lexicais dessas construções foram utilizadas três fontes diferentes (Seção 4.1): listagem de construções conversas analisadas de forma preliminar em Calcia (2016), segundo as construções standard descritas por trabalhos anteriores em PB (BARROS, 2014; RASSI, 2015; SANTOS, 2015), repertório de construções conversas originárias do estudo francês de G. Gross (1989) e uma investigação inédita que visou a busca de novas construções em corpora.

Para essa investigação, o programa linguístico-computacional Unitex (PAUMIER, 2002), utilizando-se dos recursos linguísticos produzidos para o PB (MUNIZ, 2004), foi operado para a extração dos dados em um *corpus* pré-estabelecido, através de pesquisas simples e da confecção de grafos de busca (Subseção 3.2.1). Para mais, o concordanciador online WebCorp (MORLEY, 2008) foi utilizado para atestar os exemplos construídos pela introspecção da autora e para

verificar o alcance que dada construção obtém em corpora reais e atuais (de cunhos formais e informais) em português brasileiro (Subseção 3.2.2).

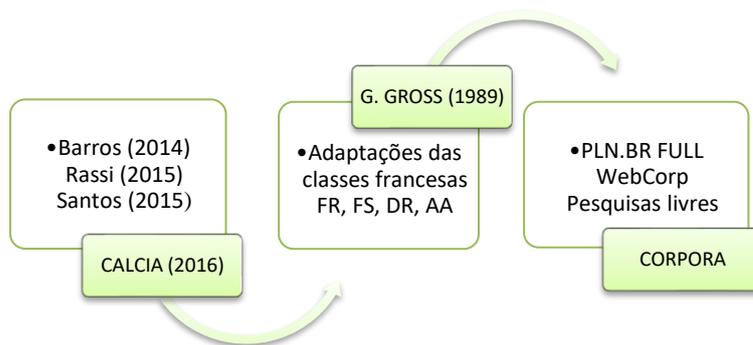
Os princípios metodológicos do Léxico-Gramática se materializam basicamente de duas maneiras: durante a formalização dos dados, através das matrizes binárias; e durante a descrição das construções, por meio das propriedades sintático-semânticas compreendidas pelas CVS conversas. Descrição e formalização, portanto, andam juntas, ao passo que as propriedades lexicais e transformacionais dessas construções estão posicionadas exatamente sobre as colunas de uma matriz binária. Esse procedimento está retratado na Seção sobre a organização dos dados, obtidos pelas etapas anteriores, em Tábuas do Léxico-Gramática (Subseção 1.2.1), cuja importância foi introduzida no primeiro Capítulo desta tese.

Para concluir o Capítulo metodológico, são apresentados os principais mecanismos pensados sobre o reagrupamento das grandes classes lexicais – algumas estabelecidas em Calcia (2016) – objetivando a obtenção de grupos um pouco mais homogêneos em relação às propriedades sintático-semânticas dessas construções (Capítulo 4). Por conseguinte, essa última parte ampara metodologicamente o quinto Capítulo desta tese, que tem o propósito de demonstrar, por meio de uma análise pormenorizada, as principais regularidades (lexicais, sintáticas e semânticas) dos Npred e, conseqüentemente, das construções conversas do PB.

3.1 Obtenção dos dados

Os dados que compõem o Léxico-Gramática das construções conversas do PB são derivados de três fontes, ou bases de dados, independentes: a primeira corresponde ao repertório brasileiro de construções obtidas em trabalhos anteriores sobre as CVS standard; a segunda condiz com o repertório lexical do estudo de G. Gross (1989) sobre as construções conversas do francês; e a terceira fonte tem correspondência com o repertório obtido pelo recenseamento das construções através de corpora de uso real do PB. O processo de intersecção desses materiais deu origem ao número final de construções analisadas nesta tese.

Figura 3: Processo de obtenção dos dados



Fonte: elaborada pela autora.

3.1.1 Repertório de Calcia (2016) em português brasileiro

Em primeiro lugar, a coleta dos dados foi organizada a partir de listas de substantivos predicativos já recenseados em estudos anteriores, os quais descrevem construções nominais standard sob a perspectiva do Léxico-Gramática. Em vista disso, foram utilizados os mesmos dados descritos preliminarmente pelo estudo de Calcia (2016), porém utilizando-se de análises mais técnicas e profundas sobre eles, além de uma rigorosa revisão em relação ao conteúdo da listagem decisiva. Inclusive, novas propriedades distribucionais foram aplicadas aos Npred em questão, objetivando tornar a descrição mais completa em relação à anterior.²²

Calcia (2016) utilizou-se do mapeamento dos dados obtidos por intermédio de três teses contemporâneas de doutorado sobre as construções nominais: Barros (2014) sobre os predicados nominais com o verbo fazer; Rassi (2015) que descreveu e analisou as construções standard com o verbo elementar dar; Santos (2015) sobre as construções nominais com o verbo ter. Um resumo sobre os nomes obtidos por estes estudos será realizado a partir de agora, mas a metodologia de obtenção desses dados, com todas as informações sobre os trabalhos referidos, está disponível integralmente na dissertação que introduz a Conversão em PB.

²² Todas as propriedades sintático-semânticas estão descritas no quinto Capítulo desta tese, que tem como principal objetivo interpretá-las perante as construções descritas. E a menção sobre o estudo anterior refere-se à descrição preliminar de Calcia (2016) sobre as construções conversas em português brasileiro.

Dentre os 1.815 substantivos predicativos descritos pelo estudo de Barros (2014), cerca de 200 deles possibilitam a transformação de Conversão com os verbos receber ou sofrer. Conforme a distribuição sintática dos itens lexicais, nomes como afronta, caridade, desafio, intimação, juramento de fidelidade, promessa e saudação, fazem parte daqueles que puderam ser utilizados no presente estudo. Contrariamente, ao menos 500 Npred não foram considerados aptos candidatos a apresentarem a propriedade conversa por possuírem fatores léxico-sintáticos que a impossibilitam, por exemplo as construções nominais com apenas 1 argumento (A planta faz fotossíntese), construções simétricas (Portugal faz fronteira com a Espanha) e construções com complementos locativos (O barco fez ancoragem na praia).

(74) *Os alunos fizeram um agradecimento ao professor.*

[Conv] *O professor recebeu um agradecimento dos alunos.*

(75) *O diretor da empresa fez uma crítica ao sócio minoritário.*

[Conv] *O sócio minoritário sofreu uma crítica por parte do diretor da empresa.*

Junto aos 1.489 nomes recenseados em Rassi (2015), aproximadamente 500 são favoráveis para apresentar a Conversão com os verbos elementares receber ou levar. Destes, grande parte refere-se a nominalizações acrescidas dos sufixos -ada ou -ida (abafada, conferida, trombada, xingada, zoada), constituindo uma grande porcentagem de dados originários daquele estudo. Igualmente ao trabalho apresentado anteriormente, algumas construções tiveram de ser deixadas de fora do repertório da Conversão, como aquelas de 1 argumento (Pedro deu uma pirueta), construções com determinados complementos não-humanos (A esponja deu uma absorvida na água), e aquelas com complementos locativos (Pedro deu uma passada na escola).

(76) *O Governo deu um auxílio ao aposentado.*

[Conv] *O aposentado recebeu um auxílio do Governo.*

(77) *O zagueiro deu uma trombada no atacante.*

[Conv] *O atacante levou uma trombada do zagueiro.*

O estudo de Santos (2015) corresponde ao terceiro repertório utilizado na identificação das construções conversas. Nele, foram compreendidos 421 Npred construídos com o suporte ter, sendo apenas 20 reutilizados para descrever a Conversão. Novamente, os predicados nominais que possuem apenas 1 argumento (Helena tem uma beleza diferente) e aqueles que possuem

os dois argumentos do tipo não-humano (O bolo tem gosto de banana) foram excluídos da lista de candidatos. O baixo número de dados obtidos pela tese de Santos (2015) se justifica a partir do momento que fora decidido utilizar apenas os nomes que apresentam o Vsup ter como elementar das duas construções que fazem parte da atual descrição: standard e conversa.

(78) *Helena tem respeito por Pedro.*
 [Conv] *Pedro tem o respeito da Helena.*

Outros nomes também foram retirados do estudo de G. Gross (1989), mencionado na próxima Subseção, porém a tarefa de recensear os Npred construídos com ter não foi simples, dado que este verbo possui grande produtividade como variante-suporte tanto no estudo de Barros (2014), quanto no estudo de Rassi (2015). Por exemplo, o verbo ter pode coocorrer com o verbo receber em construções conversas (79), assim como com o verbo dar em construções standard (80). Além disso, o verbo ter e o verbo dar podem apresentar uma relação que dificulta apontar qual é a construção standard e qual é a construção conversa (81). Por esses motivos, foram utilizados apenas os Npred que possuem o Vsup ter em ambas as construções.

(79) *O jogador famoso (fez + deu) uma entrevista ao programa de TV.*
 [Conv] *O programa de TV (recebeu + teve) uma entrevista do jogador famoso.*

(80) *Helena (deu + tem) amor (para + por) Pedro.*
 [Conv] *Pedro (recebeu + tem) o amor de Helena.*

(81) *O chefe (deu + tem) uma missão para o funcionário.*
O funcionário tem uma missão do chefe.

Especificamente para a descrição de uma das classes da presente tese (a grande classe denominada DL), além do estudo de Rassi (2015), foram utilizados os dados provenientes da análise comparativa entre o PE e o PB de Rassi et al. (2016) que, por sua vez, também abarca o estudo de Baptista (1997) sobre as construções nominais com os pares de verbos dar-levar em português europeu. A metodologia da descrição e da classificação proposta para os nomes das subclasses de DL estão disponíveis no quinto Capítulo desta tese (Seção 5.4), juntamente com a discussão sobre os casos mais representativos dessa grande classe.

3.1.2 Repertório de Gross (1989) em língua francesa

De agora em diante, os repertórios restantes foram propostos com o objetivo de enriquecer os dados e, conseqüentemente, o estudo sobre a transformação de Conversão do PB. Em segundo lugar, recorreu-se ao estudo de G. Gross (1989) para a verificação de quais substantivos predicativos, que compõem o amplo e diversificado repertório elaborado para a língua francesa, poderiam apresentar produtividade ao serem adaptados para a língua portuguesa. O estudo europeu (apresentado na revisão bibliográfica do Capítulo 2) diz respeito ao mais completo sobre essa temática e descreve mais de 3.000 Npred que foram classificados de acordo com o verbo elementar das construções standard e conversa.

Em geral, os nomes recenseados pelo estudo francês mostraram-se bem produtivos, principalmente aqueles que pertencem às classes DR (donner-recevoir), FR (faire-recevoir) e FS (faire-souffrir). Observou-se também a existência de poucos substantivos predicativos que apresentam um comportamento diferenciado quando comparados com sua tradução brasileira. Por exemplo, o nome postagem é construído com o verbo fazer em PB, mas a sua correspondente francesa *affranchissement* pertence à classe DR, ou seja, dos nomes construídos com os pares elementares donner-recevoir (dar-receber). Casos específicos como este, apesar de necessitarem uma maior atenção, foram utilizados para compor o repertório da presente tese, mas com as alterações sintáticas de classificação adequadas obviamente ao português do Brasil.

(82) *Paul a donné l'hospitalité à Max.*²³
 [Conv] *Max a reçu l'hospitalité de Paul.*

(83) *Paul a fait un signe à Max.*
 [Conv] *Max a reçu un signe de Paul.*

(84) *Paul a fait une agression contre Max.*
 [Conv] *Max a subi une agression de la part de Paul.*

²³ Tradução em português brasileiro:

(82) *Paul deu hospitalidade a Max.*
 [Conv] *Max recebeu a hospitalidade de Paul.*

(83) *Paul fez um sinal a Max.*
 [Conv] *Max recebeu um sinal de Paul.*

(84) *Paul fez uma agressão a Max.*
 [Conv] *Max sofreu uma agressão por parte de Paul.*

Com a implementação dos dados provenientes do estudo de G. Gross (1989), foi possível atualizar e expandir consideravelmente o número de construções com o par de verbos *ter-ter*, que mesmo não sendo a classe mais aproveitada do estudo, obteve um grande avanço em relação à descrição anterior (CALCIA, 2016). Foram acrescentados, então, cerca de 50 novos nomes à matriz binária confeccionada para a classe TT do PB. Substantivos predicativos como *empatia*, *cautela*, *complacência*, *veneração*, *desdém*, *hostilidade*, *interesse*, *ternura* e *predileção* foram adicionados junto aos 20 nomes obtidos pelo trabalho de Santos (2015).

(85) *Paul a de l'empathie pour Max.*²⁴
 [Conv] *Max a l'empathie de Paul.*

Curiosamente, as construções com *faire* (fazer) foram as que mais se destacaram pela similaridade com as construções do português e foram as que produziram maior quantidade de novos dados para o atual estudo da Conversão, perante os verbos conversos *receber* e *sofrer*. Alguns exemplos de nomes já traduzidos são: *espionagem*, *explosão*, *interrogatório*, *homenagem*, *massacre*, *oração*, *petição*, *reciclagem*, *repudio* e *rastreamento*. Em vista do reconhecimento, apuração e do bom rendimento deste repertório, tornou-se possível aumentar, em torno de 200 modelos de CVS, o banco de dados referente às construções conversas do PB.

É importante dizer que, boa parte do estudo francês é constituída por Npred compostos, sendo eles objeto de uma classificação específica, porém, apesar de terem sido descritos em minoria, esse tipo de predicador não foi estudado com profundidade neste momento e serão tratados em trabalhos futuros. Evidentemente, o número de dados herdados pelo trabalho de G. Gross (1989) não foi mais abrangente pelo fato de alguns deles já terem sido obtidos por meio do primeiro repertório (Subseção 3.1.1). No momento em que ocorre uma conexão lexical, sintática e semântica entre os diversos trabalhos sobre o tema, evidencia-se, ainda mais, a importância de reconhecimento sobre a produtividade e abrangência de um fenômeno linguístico, que neste caso, pertence à transformação da Conversão sintática.

²⁴ Tradução em português brasileiro:

(85) *Paul tem empatia por Max.*
 [Conv] *Max tem a empatia de Paul.*

3.1.3 Repertório dos corpora

Em terceiro lugar, recorreu-se a manipulação de um *corpus* de referência para a busca de construções conversas que ainda não haviam sido encontradas nos repertórios tratados anteriormente. Inicialmente, foi utilizado o *corpus* PLN.Br Full (BRUCKSCHEIN et al., 2008), criado pelo ‘Portal de *Corpus*’ com cooperação de outras instituições (USP, UFSCar, Unisinos, PUC-RS, PUC-RJ, Mackenzie, Unesp). Trata-se de um grande volume de textos do gênero jornalístico, anotado pelo grupo de pesquisados do NILC (Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional), que contém aproximadamente 100.000 textos do Jornal ‘Folha de São Paulo’, entre os anos de 1994 e 2005. Na atual pesquisa, o processamento deste *corpus* foi realizado no Unitex-PB, uma ferramenta computacional que será abordada pela Subseção 4.2.1.

Utilizando os verbos elementares conversos e suas variantes (já apresentados em Capítulos anteriores) como os elementos principais de investigação, pôde-se chegar ao número superior a 100 novos Npred. O procedimento consistiu, basicamente, na observação dos elementos lexicais que se distribuem sintaticamente junto desses verbos, constituindo uma listagem de possíveis CVS, as quais foram conferidas e atestadas manualmente em outro corpora (utilizando a web como referência). Todo esse processo foi realizado de maneira minuciosa para que fosse sustentado o caráter exaustivo da análise do presente estudo.

Por esse ângulo, uma investigação apoiada nos verbos conversos garantiu resultados distintos daqueles obtidos pelos trabalhos anteriores, que realizaram essa busca partindo-se dos verbos standard. Essa distinção ocorre pelo motivo de não poder prever o tipo de estrutura que será utilizada em um *corpus* fechado, ou seja, uma frase pode ser construída com o Vsup dar e passar a mesma informação de uma frase com o Vsup receber que não ocorre em nenhum momento do texto. Ademais, a pesquisa feita através do *corpus* citado suscitou em dados interessantes do ponto de vista sintático-semântico, por exemplo, pela grande quantidade de estruturas relativamente fixas e comuns em textos da área jurídica, como: sofrer coação, sofrer prejuízo, receber arras, obter liminar, obter licitação, contar com os juros, entre outras.

Um modesto número de dados também foi obtido por meio de um conteúdo online pesquisado através do concordanciador WebCorp Live.²⁵ Essa busca se deu partindo de estruturas já conhecidas pela introspecção mas que não foram encontradas nos resultados obtidos pelo *corpus* anterior, visto que são estruturas muito usuais na oralidade e, então, são encontradas com facilidade em textos informais, como levar um cano, levar um chocolate

²⁵ Disponível em: <https://www.webcorp.org.uk/live/>. Último acesso em outubro de 2021.

(vocabulário futebolístico), levar um chifre e levar ferro. Muitas delas foram encontradas na versão online do livro ‘Conversando é que a gente se entende’ de Néelson Cunha Mello, que traz várias expressões regionais brasileiras, das quais, assim como os exemplos destacados, não podem ser entendidas literalmente, uma vez que possuem um sentido figurado.

Torna-se importante salientar que a web (*world wide web*) – como um sistema de documentos ligados e executados na internet em forma de textos, vídeos, sons e imagens – pode ser usada, legitimamente, como um material para a realização de pesquisas, inclusive aquelas que abordam o uso de dada estrutura linguística. Uma das justificativas para esse feito leva em consideração o crescimento dos textos disponibilizados gratuitamente para qualquer usuário, além do caráter mais atual dos dados encontrados nela. Igualmente, pelo fato de englobar diferentes tipos de informações, a extensão do ‘universo online’ é reconhecida como uma vantagem à parte para sua utilização, pois manifesta toda representatividade que um *corpus* deve possuir, sobretudo, no que diz respeito a abrangência do conteúdo.

Sob essa perspectiva, o uso desses tipos de corpora é defendido, entre outros fatores, por estar em um ambiente que fornece textos produzidos por uma variedade de autores e plataformas (blogs, jornais online, bibliotecas online, resenhas, artigos de opinião, entre outros). Todavia, apesar das vantagens mencionadas até então, esse repositório de informações deve ser usado com certo cuidado, pois os resultados encontrados nele nem sempre são limpos, são passíveis a erros, podem possuir estatísticas não confiáveis e suas páginas podem ser removidas sem aviso prévio. Porém, ainda que necessite de um olhar mais cauteloso, a pesquisa realizada através da web apresenta conclusões bastante satisfatórias.

3.2 Ferramentas de pesquisa

Com o propósito de oferecer um auxílio operacional e semiautomático para a investigação das possibilidades e variedades lexicais das CVS, utilizou-se da manipulação de duas ferramentas linguístico-computacionais, sobretudo, as de análise sintática de textos em formato digital: o processador de texto Unitex (PAUMIER, 2002), que foi responsável por pesquisar as ocorrências de construções conversas também a partir dos verbos não elementares (Subseção 3.2.1); e o concordanciador online WebCorp Live (MORLEY, 2006), que foi encarregado de atestar os exemplos construídos pela introspecção da autora (de modo que prove a sua existência textual) e buscar por dados que ainda não tinham sido encontrados, utilizando a web, em sua totalidade, como um *corpus* (Subseção 3.2.2).

É oportuno salientar que em pesquisas de cunho descritivo – aquelas que manipulam grande quantidade de dados para oferecer um resultado suficientemente exaustivo – o uso de um ambiente desse gênero é indispensável. Inclusive, com o passar dos anos de pesquisa na área, houve um significativo crescimento no desenvolvimento de recursos para o PLN (Processamento de Linguagem Natural), sendo reconhecida mundialmente a sua necessidade entre os pesquisadores da Linguística e da Computação. Estudos que dão ênfase e mostram claramente os métodos utilizados na busca de ocorrências de fenômenos linguísticos em textos reais vêm ganhando espaço e respeito teórico-metodológico nos campos em que atuam.

Para mais, a construção de léxicos de grande envergadura (como o léxico confeccionado e adaptado para o processamento do Unitex-PB) é essencial, tanto para estudos sobre a língua geral, quanto para as chamadas linguagens de especialidade. O papel do léxico em tarefas de processamento automático das línguas é desempenhado a partir da necessidade de sua descrição, seja a mais ou a menos dependente do seu conhecimento, porém fundamental. Os próximos tópicos deste Capítulo apresentam, justamente, as ferramentas utilizadas para a obtenção dos dados desta tese e o seu funcionamento.

3.2.1 Software linguístico-computacional Unitex-PB

O Unitex (PAUMIER, 2002), assim como a metodologia do Léxico-Gramática, foi programado durante projetos do LADL na França. Trata-se de um software livre e plurilíngue, que tem como principal funcionalidade o processamento de um *corpus* textual, permitindo a busca por expressões regulares em textos com milhões de palavras em tempo real. Designado Unitex-PB (quando utiliza os recursos linguísticos disponíveis para o português brasileiro), esse software possibilita ao usuário a realização de serviços que envolvem: a construção de dicionários eletrônicos, a aplicação de tabelas do Léxico-Gramática, o alinhamento de textos, o gerenciamento de ambiguidades por meio da construção de autômatos de estado finito e a busca por expressões regulares e redes de transição recursiva (RTN).

Essa ferramenta conta com recursos linguísticos – dicionários e gramáticas – que permitem a realização de buscas e análises de dados textuais, por meio de operações que fornecem diversas informações morfossintáticas, como categorias gramaticais (substantivo, adjetivo, verbo e advérbio) e etiquetas morfológicas (lema, gênero, número, grau, pessoa, tempo e modo). Na atualidade desta tese, o Unitex possui recursos para mais de 20 línguas: inglês, francês, alemão, grego, português europeu, italiano, russo e espanhol são algumas delas.

Baseando-se em léxicos computacionais já existentes, como o léxico construído para o ReGra²⁶, Muniz (2004) elaborou dicionários compatíveis com o formalismo empregado no Unitex para o português do Brasil e este projeto ficou conhecido como ‘Projeto Unitex-PB’.

Os recursos linguísticos, aos que referenciam o parágrafo anterior, são representados por meio de grafos simples de autômatos de estados finitos, conhecidos também como gramáticas locais. Para mais, o conjunto de dicionários eletrônicos do Unitex utiliza um formalismo²⁷ que permite mostrar as entradas lexicais simples e compostas de uma língua, associadas a informações gramaticais e regras de formação de flexões. Especificamente, os dicionários e gramáticas são recursos concebidos para a utilização em operações automáticas de processamento textual e, para isso, o Unitex conta com uma interface completa, que permite a seus usuários elaborar, testar e aplicar gramaticais locais facilmente a um texto.

Foram exatamente esses recursos que tornaram possíveis a realização das tarefas de caráter investigativo (1) e (2), que estão topicalizadas logo em seguida, nesta ordem: busca por novas variantes-suporte e busca por construções conversas inéditas. Ambas as pesquisas complementam de forma direta o estudo preliminar de Calcia (2016) que, na época de sua realização, utilizou o Unitex-PB para mapear as possíveis variantes dos verbos receber e levar, apenas. Outrossim, aquele estudo deixa claro que a ferramenta linguístico-computacional em destaque não fora utilizada para pesquisar novas ocorrências de CVS, mas sua utilização foi necessária para legitimar as construções recenseadas pelos trabalhos anteriores.

(1) Busca pelas extensões dos verbos-suporte elementares

Retomando um pouco da abordagem apresentada outrora no Capítulo 2 (Seção 2.6), as variantes são verbos que apresentam as mesmas propriedades sintáticas dos Vsup elementares, porém com algumas diferenças de estilo que são notadas através do aspecto semântico e até mesmo sob um olhar pragmático da construção. Por exemplo, a construção (86) transmite a mesma informação passada pela construção (87) – de que o estádio passou (ou passará) por uma

²⁶ Revisor gramatical desenvolvido pelo NILC (Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional) em parceria com a ITAUTEC (empresa brasileira fabricante de equipamentos de Tecnologia da Informação, encerrada no ano de 2013). Disponível em: <http://nilc.icmc.usp.br/nilc/projects/regra.htm>.

²⁷ Formalismo concebido pelo LADL (Laboratoire d’Automatique Documentaire et Linguistique) para o francês, nomeado de DELA (Dictionnaire Electronique du LADL). Tornou-se um padrão de dicionários eletrônicos utilizados pela rede de pesquisa europeia RELEX (Rede internacional de laboratórios especializados em Linguística Computacional). Em dicionários do tipo DELA, as entradas lexicais são formalizadas da seguinte maneira: entrada flexionada, forma canônica. Classe+traços:flexão.

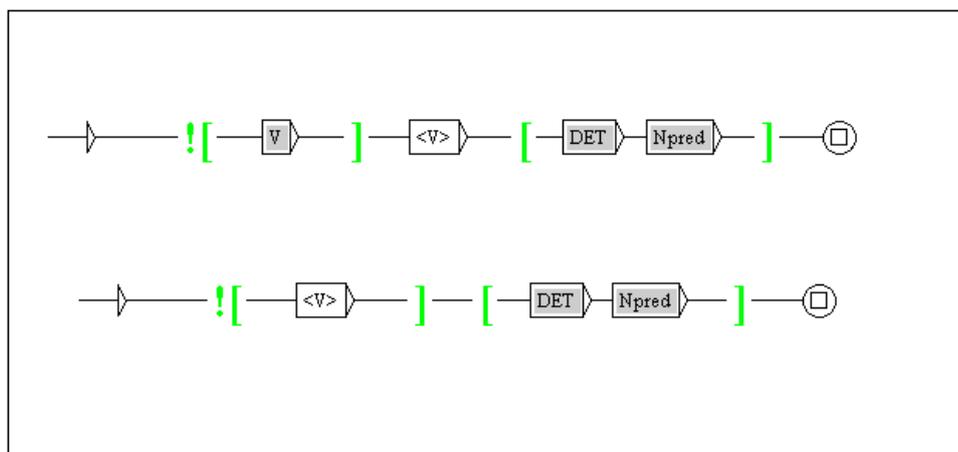
reforma – mas com uma sutil diferença do ponto de vista estilístico. Nesse sentido, é possível dizer que o verbo receber possui uma certa neutralidade em relação ao verbo ganhar.²⁸

(86) *O estádio de futebol recebeu uma reforma da Prefeitura de São Paulo.*

(87) *O estádio de futebol ganhou uma reforma da Prefeitura de São Paulo.*

Diante disso, esta etapa tem como objetivo a identificação dos verbos que podem ser classificados como variações dos verbos elementares, não apenas conversos, mas também dos verbos standard. Baseando-se nos substantivos predicativos já coletados, foi confeccionado um grafo de busca para a identificação de combinações lexicais e padrões sintáticos; esses grafos auxiliam a pesquisa na ferramenta Unitex-PB, dando ao linguista autonomia para modelar e agrupar construções que possuem características sintáticas comuns, de forma que seja possível visualizar e, conseqüentemente, descrever sua estrutura.

Figura 4: Grafos de busca do Unitex



Fonte: elaborada pela autora.

A Figura acima representa um grafo que foi aplicado ao *corpus* para que os possíveis verbos que ainda não haviam sido recensados fossem encontrados. Nele estão contidas as informações gramaticais de uma sequência de palavras submetida à investigação pelo *corpus*, portanto, ao delimitar esse padrão de pesquisa, o grafo busca por estruturas sintáticas que correspondem a esse encadeamento. Na prática, outros grafos também foram confeccionados

²⁸ Grosso modo, isso quer dizer que o verbo ganhar não pode ser utilizado em todas as ocorrências que se utiliza o verbo receber, mas este pode ser utilizado em todas as ocorrências que admitem o verbo ganhar.

para a realização da pesquisa (com pequenas modificações estruturais), porém o reproduzido pela Figura 4 apresentou resultados mais satisfatórios, tornando-se um grafo de referência.

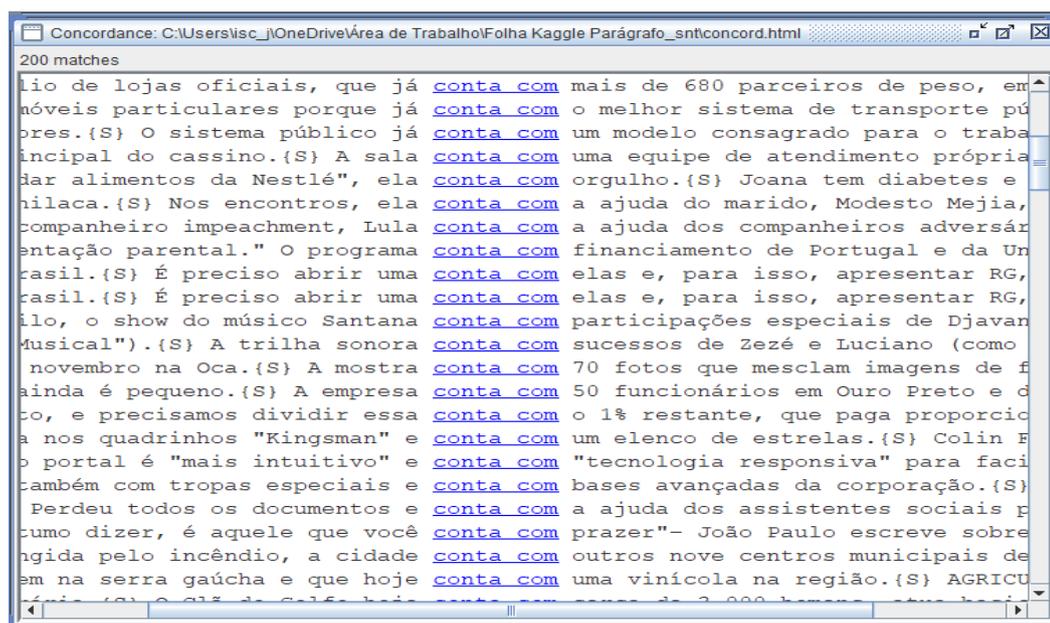
Um processo muito semelhante foi praticado em Calcia (2016), que utilizou grafos proporcionais a este para alcançar outro objetivo com menores proporções, como já havia sido dito anteriormente. No presente estágio da pesquisa, o resultado bruto obtido passou por uma limpeza semiautomática que sucedeu em construções ou sequências de palavras menos ruidosas, pelas quais pode-se gerar os modelos de construções standard (prestar depoimento, fornecer um empréstimo, lançar uma afirmação, firmar um trato, destinar um recurso, entre outras) e conversas (passar por um abuso, adquirir um prêmio, enfrentar um aborto, herdar uma alcunha, entre outras).

(2) Busca pelas ocorrências de construções inéditas

Uma segunda etapa teve a função de encontrar novas construções, sobretudo as conversas, a partir do resultado obtido pela etapa anterior, ou seja, utilizando as variantes-suporte como os itens que originam a pesquisa. Neste caso, não foi necessária a confecção de um grafo de busca, pois a ferramenta Unitex-PB permite que a pesquisa seja feita por meio de ‘expressões regulares’, pelas quais também fornecem resultados muito satisfatórios. Resumidamente, apesar de ser uma tarefa semiautomática e, portanto, árdua e exaustiva, essa operação é considerada mais simples em comparação ao processo realizado anteriormente.

Sem grandes mistérios, todas as variantes foram, individualmente, subordinadas ao mecanismo de busca e os resultados obtidos passaram por uma limpeza manual para que apenas as construções nominais fossem corretamente selecionadas. Por meio da figura representada abaixo, pode-se observar um exemplo de tela de concordância do resultado da busca pela variante contar com. O software faz um recorte no *corpus* e destaca na cor azul as ocorrências do elemento lexical em questão, que pode ser pesquisado individualmente em todas as conjugações gramaticais ou em uma cadeia sequencial de palavras em código.

Figura 5: Tela de concordância sintática do Unitex



Fonte: elaborada pela autora.

Em seguida, os dados obtidos foram confrontados com os dados que já haviam sido recenseados em etapas anteriores e os resultados repetidos passaram por um descarte, também de maneira manual e sistemática. Como consequência desta última etapa de obtenção dos dados, integraram-se a listagem, com as devidas modificações gramaticais, as seguintes estruturas lexicais: standard (formular uma anotação, dar despacho, fazer uma emenda, estabelecer implicações, emitir uma licitação, realizar desenvolvimento, entre outras) e conversas (receber andamento, receber arras, ganhar gorjeta, receber coroação, receber despacho, etc.).

3.2.2 Concordanciador WebCorp Live

O WebCorp (MORLEY, 2006) é um sistema que concede o acesso direcionado para a busca (simplificada ou avançada) de informações linguísticas em textos disponíveis na web em tempo real.²⁹ Utilizando o método simples, é possível a realização de várias funções, como o preenchimento do item ou expressão de busca, a seleção do buscador (Google, Yahoo, Bing), a seleção de palavras iniciadas em letras maiúsculas ou minúsculas, a escolha do número de palavras que se posicionam à direita e à esquerda da palavra de busca e a seleção do idioma de

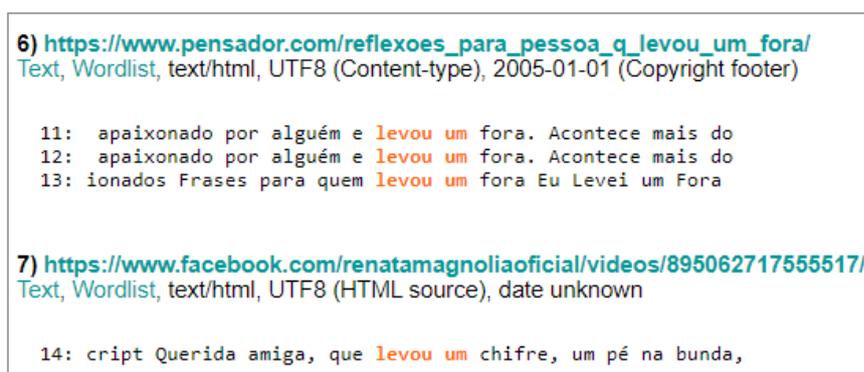
²⁹ É representado pelo emblema 'the web as a corpus' e está disponível em: www.webcorp.org.uk/live. Último acesso em outubro de 2021.

pesquisa. Além dessas especificações, a busca avançada permite a inclusão de domínios (br, pt, uk, etc.) e a opção de se pesquisar em páginas da mesma área temática relacionada à busca.

Como dito anteriormente, o concordanciador online foi utilizado para extrair informações lexicais da web, visto que foi compreendida como corpora pela presente tese. Paralelamente, do mesmo modo em que se utilizou o WebCorp, o software Unitex-PB também foi designado para a realização da mesma função, mas utilizando um *corpus* previamente preparado para fins de investigações linguísticas, o PLN.Br Full. Sendo assim, na atividade de extração de dados com o auxílio da ferramenta online, foram realizadas buscas simples por sequências de palavras que poderiam ser prototípicas das CVS conversas, as quais puderam ser observadas durante uma pré-análise dos dados obtidos até aquele momento.

EXEMPLO DE SEQUÊNCIA PESQUISADA:
VERBO CONVERSO + DET (SINALISANDO UM MÁXIMO DE DUAS PALAVRAS À DIREITA)

Figura 6: Exemplo de pesquisa no WebCorp



Fonte: elaborada pela autora.

Os resultados obtidos, semelhante aos resultados obtidos na etapa do Unitex-PB, são exibidos por meio de linhas de concordância que mostram o contexto em que sucede o termo de pesquisa. Numerosas sequências de palavras foram pesquisadas, dentre as quais a que está exemplificada acima da Figura, sempre utilizando como base os verbos definidos como suporte associados ou não a outros elementos (diversos tipos de determinantes, basicamente). Por intermédio desse processo foram coletadas construções recém-adquiridas (novas possibilidades de construções) e confirmadas algumas das recenseadas anteriormente, como levar um fora, levar um chifre, ganhar espaço, sofrer mudança, entre outras.

Visando a recuperação de dados linguísticos da web, esse concordanciador conta com mecanismos projetados especificamente para pesquisas linguísticas: formato de saída, concordância personalizada e limpeza dos resultados. Em consequência disso, o WebCorp foi utilizado também para atestar algumas das construções obtidas pelos processos anteriores, de maneira mais simples do que se fosse recorrer ao *corpus* pré-estabelecido e limitado. Logo, a seleção das novas construções foi efetuada, essencialmente, baseando-se em um critério experimental, com o objetivo de complementar o banco de dados já existente.

3.3 Organização e formalização dos dados em matrizes binárias

Uma descrição apoiada nos princípios metodológicos do Léxico-Gramática, que foram apresentados no primeiro Capítulo desta tese (Seção 1.2), deve ser desempenhada de modo que seu conteúdo seja apresentado com clareza e de forma precisa. Para que esses parâmetros se estabeleçam, o estudo sobre fenômenos linguísticos deve ser exercido dentro de um quadro descritivo, representativo e formalizado. Em consequência disso, Laporte (2008, p. 4) diz que um modelo de descrição deve ser suficientemente formalizado para garantir: (i) a verificação dos dados pela confrontação com a realidade dos usos e (ii) a aplicação ao tratamento automático das línguas, que pode ser viabilizada com a elaboração de dicionários e gramáticas eletrônicas, com o objetivo de aperfeiçoar os resultados obtidos por programas de PLN.

O modelo de formalização dos dados adotado pelo Léxico-Gramática é materializado no formato de matrizes binárias, chamadas também por Tábuas léxico-gramaticais, as quais foram idealizadas em virtude da sua compatibilidade de implementação em programas computacionais e de precauções metodológicas referentes à reprodutibilidade do seu conteúdo. Sobre a reprodução dos dados, torna-se importante ponderar que, pela empiricidade do método utilizado, a intuição e a experiência do linguista falante nativo são utilizadas para observar os ambientes em que uma sequência sintática seja natural e faça sentido. Então, a descrição linguística deve ser formalizada para que a informação lexical compartilhada pelo linguista seja reprodutível, isto é, reproduzida da mesma forma pelos outros falantes nativos.

Logo, a formalização dos dados em matrizes binárias foi definida como uma prática efetiva de descrição manual sintático-semântica das línguas naturais, iniciada na década de 70 juntamente com os estudos que Maurice Gross desempenhou no LADL. Em uma matriz binária, as linhas correspondem às entradas lexicais – que não dizem respeito às palavras, mas as frases

simples que representam um predicado semântico – e sobre as colunas dispõem-se as propriedades linguísticas que as entradas lexicais podem apresentar (ou não). Sendo assim, em todo cruzamento de uma linha com uma coluna sinaliza-se se aquela entrada possui a devida propriedade. Um pequeno fragmento de uma das matrizes confeccionadas nesta tese está representado abaixo, mas todas elas estão disponíveis integralmente no Apêndice B.

Figura 7: Fragmento da matriz da subclasse DL31 das construções conversas

Nome predicativo	Classe_pe	Classe_pb	Variantes Vsup_Standard	NI=: Nhum	NI=: Nhum	NI=: Nhum gera Conversão	NI=: Red Npc	NI=: Papel Semântico	DET=: E	DET=: Def.	DET=: Indef.	DET=: Fixo e equivalente	Prep1_Conversa	NO=: Nhum	NO=: Nhum	NO=: Elição	NO=: Papel Semântico	Prep0_Standard	V/n
chibatada	DL31	DL31	enfiar	+	+	-	+	PATIENT	-	-	+	+	de	+	-	-	AGENT-GEN	em	-
chicotada	DL31	DL31	desferir, meter	+	+	-	+	PATIENT	-	-	+	+	de	+	-	-	AGENT-GEN	em	+
chinelada	DL31	DL31	meter, sentar	+	+	-	+	PATIENT	-	-	+	+	de	+	-	-	AGENT-GEN	em	-
coronhada	-	DL31	meter	+	+	-	+	PATIENT	-	-	+	+	de	+	-	-	AGENT-GEN	em	+
espetada	DL31	DL31	desferir	+	+	-	+	PATIENT	-	-	+	+	de	+	-	-	AGENT-GEN	em	+
esporada	DL31	DL31	-	+	+	-	+	PATIENT	-	-	+	+	de	+	-	-	AGENT-GEN	em	-
estilingada	-	DL31	desferir	+	+	-	+	PATIENT	-	-	+	+	de	+	-	-	AGENT-GEN	em	+
estocada	DL31	DL31	-	+	+	-	+	PATIENT	-	-	+	+	de	+	-	-	AGENT-GEN	em	-
facada1	DL31	DL31	enfiar, meter	+	+	-	+	PATIENT	-	-	+	+	de	+	-	-	AGENT-GEN	em	+
flechada	-	DL31	meter	+	+	-	+	PATIENT	-	-	+	+	de	+	-	-	AGENT-GEN	em	+

Fonte: elaborada pela autora.

Sistematicamente, quando uma entrada lexical possui uma das propriedades, marca-se [+] como sinal de positividade, do contrário, marca-se [-] como sinal de não aplicabilidade dessa propriedade. Nos casos em que a informação necessita ser apresentada explicitamente, ou apenas para não expandir demais a tabela em horizontal, esse preenchimento pode ser feito através dos próprios itens lexicais, colocando menos propriedades sobre as colunas (da mesma maneira em que foi preenchida a quarta coluna na Figura 7, por exemplo). Em consequência dessa disposição e da metodologia de intersecção dos dados, nota-se, naturalmente, que o valor linguístico de cada entrada lexical se dá a partir de sua relação com as outras entradas.

Uma das vantagens deste tipo de formalização está na possibilidade de os resultados obtidos por ela constituírem, de fato, uma base de informações sintático-semânticas sobre um evento linguístico, tal como o evento da Conversão. Em termos quantitativos, a junção das Tábuas que foram planejadas conforme as propriedades observadas durante a descrição das construções (detalhada em todo Capítulo 5) delinea conveniente representatividade, que pode

ser confirmada pelo satisfatório e suficiente número de entradas lexicais utilizadas para desempenhar o mapeamento completo de um fenômeno léxico-sintático. São cerca de 1.200 nomes predicativos dispostos ao longo de cinco matrizes léxico-gramaticais independentes.

Em termos qualitativos, a presente tese compreende as matrizes mais completas no que se refere à distribuição e formalização das propriedades lexicais sobre o tema em questão para o PB. Explicações de cunhos teóricos e descritivos sobre essas propriedades estão disponíveis no Capítulo seguinte, mas é permitido adiantar que tais propriedades abordam, sobretudo, as características estruturais (número de argumentos e tipos de preposições e determinantes), distribucionais (tipos de argumentos e outras distribuições sintáticas), semânticas (atribuição dos papéis semânticos aos argumentos sintáticos), transformacionais (transformações unárias, como nominalizações), entre outras.

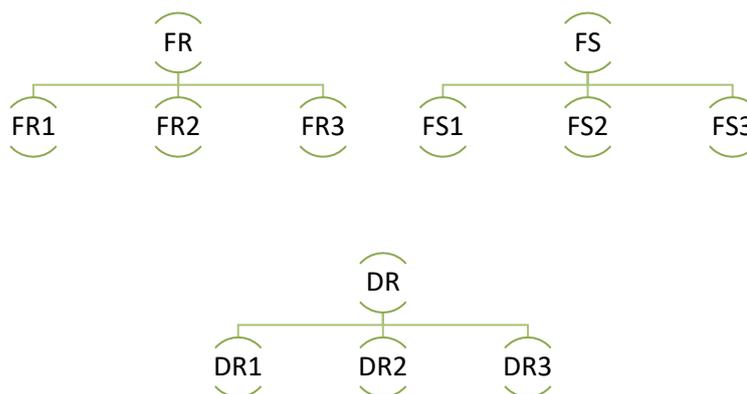
Para concluir, além de se reforçar a importância desse tipo de formalização na tentativa do processamento linguístico, o ato de tornar públicas as matrizes binárias desenvolvidas em estudos descritivos é colaborativo para confirmar se o julgamento e as precauções metodológicas tomadas pelo linguista estão de acordo com as mesmas apreciações dos demais falantes nativos da língua. Desse modo, os movimentos susceptíveis a erros – por exemplo, a existência de colunas que correspondem a propriedades equivocadamente definidas ou preenchimento equivocado de alguma propriedade – podem ser corrigidos prontamente. Seguindo os passos metodológicos relatados no início deste Capítulo, a próxima Seção tem o propósito de explicar e apresentar os critérios de classificação dos dados obtidos.

3.4 Reagrupamento dos dados e critérios de classificação

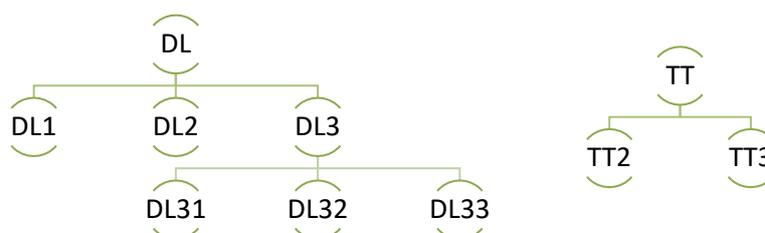
Questões relacionadas a classificação e ao reagrupamento dos dados, embora sejam amplamente destacadas no sexto Capítulo, são introduzidas nesta Seção por serem parte de um dos processos metodológicos elaborados para a realização deste estudo. Em adição ao método de classificação escolhido sob o propósito de colocar as construções conversas em grupos de similaridade, são brevemente mencionadas algumas das opções aspirantes ao reagrupamento dos dados, seguidas dos principais motivos pelos quais não foram escolhidas como apropriadas para exercer essa função metodológica.

Com o objetivo de acrescentar um pouco mais de particularidade ao agrupamento preliminar introduzido em Calcia (2016), que dividiu as construções em quatro grandes classes

de acordo com os verbos elementares das construções standard e conversa (DR, DL, FR e TT), a atual classificação engloba o tipo de sujeito da construção conversa (ou complemento da construção standard). Sendo assim, os substantivos predicativos são divididos em: aqueles que possuem um argumento do tipo não-humano [1], aqueles que possuem um argumento do tipo humano [2] e aqueles que podem aceitar os dois tipos de argumentos [3].³⁰



No entanto, algumas classes possuem, ainda, outras particularidades pelas quais não permitem que os nomes tenham exatamente a mesma organização classificatória das classes apresentadas anteriormente. Uma subclasse da grande classe DL (DL3), por exemplo, pode ser desmembrada em outros três conjuntos bastante regulares, cujo critério de classificação baseia-se no processo derivacional do substantivo predicativo que, em geral, faz referência ao tipo de golpe recebido pelo sujeito humano da construção conversa. Outro exemplo, de modo distinto, diz respeito aos nomes da classe TT que, por não admitirem um sujeito somente do tipo não-humano na construção conversa, não possuem a subclasse de primeiro índice.



³⁰ Os números que estão entre colchetes retos referem-se ao índice que delimita o tipo de sujeito que aquela subclasse engloba, ou seja, é utilizado para demarcar uma característica comum dada para a subclasse.

Uma vez que a estrutura sintática das construções conversas, normalmente, não passa por consideráveis modificações, tornou-se necessário utilizar um elemento que poderia ser variável para legitimar uma separação em grupos de similaridade. Fora da esfera ‘normativa’ da estruturação sintática (número de argumentos, por exemplo), há certos itens que podem sofrer variações lexicais, como o próprio Vsup (haja vista que a possibilidade da substituição por extensões é uma de suas propriedades particulares) e o argumento que corresponde ao sujeito sintático da construção conversa, que foi a variante escolhida para tematizar a subclassificação proposta nesta nova etapa da descrição da Conversão.

Este Capítulo, que tratou da metodologia, dissertou detalhadamente todas as etapas e procedimentos realizados para diversos fins, como o recenseamento dos dados, a utilização de processos semiautomáticos e elaboração de uma subclassificação para os recentes resultados da pesquisa. Para além de retratar a origem dos dados manipulados, esses procedimentos podem servir de referência para Trabalhos futuros, em Léxico-Gramática ou não, realizados sob uma perspectiva linguística de descrição e análise de grandes volumes do léxico, em relação ao número de dados disponíveis para serem trabalhados.

Encerrando essa parte da tese, o próximo Capítulo tem como objetivo apresentar as propriedades que estão formalizadas nas Tábuas do Léxico-Gramáticas confeccionadas para a análise das construções conversas do PB. Tais propriedades servem como base para uma descrição sistemática e minuciosa dessa parcela da língua, pois retratam as características ou regularidades linguísticas que são mencionadas desde a Introdução desta tese: as propriedades estruturais, distribucionais e transformacionais. De maneira metodológica, trata-se de um primeiro momento em que o objeto de estudo (construções conversas) terá uma análise com base nas propriedades que foram encontradas durante o recenseamento dos dados, ou seja, baseando-se na realidade da estrutura dessas construções na variante brasileira do português.

CAPÍTULO 4

CONSTRUÇÕES CONVERSAS: PROPRIEDADES FORMAIS

Pretende-se, neste Capítulo, estabelecer as propriedades sintático-semânticas, que direcionaram a análise dos predicados nominais que fazem parte da relação standard-conversa. Na medida em que a Conversão é definida como uma das propriedades transformacionais que pode ser aplicada aos substantivos predicativos que se constroem com os verbos-suporte em pauta, torna-se inexequível a descrição das características que figuram o modelo converso sem fazer referência àquelas que fazem parte do modelo standard.

Embora a bibliografia de interesse da área temática seja absoluta em português brasileiro, fazendo referência os estudos sobre as construções standard (BARROS, 2014; RASSI, 2015; SANTOS, 2015), algumas das propriedades descritas anteriormente são retomadas com o objetivo da realização de um cruzamento de informações sintático-semânticas entre as construções nominais de orientação ativa e as construções nominais de orientação passiva. O resultado desse cruzamento consiste em um conjunto importante de propriedades formalizadas, que participam do panorama geral da Conversão sintática em português do Brasil.

Na prática, o presente Capítulo complementa o alicerce teórico que foi sendo construído nos Capítulos anteriores, principalmente a respeito da base teórica introduzida por G. Gross (1989), que consolida os Npred que apresentam a propriedade de Conversão como o objeto central de análise. Por conseguinte, este Capítulo também será complementado pelo próximo, cuja função é descrever as características linguísticas e as principais regularidades sintático-semânticas individuais de cada Tábua do Léxico-Gramática confeccionada nesta tese.

Logo, este conteúdo é dividido em três partes, cujo objetivo é tratar: em primeiro lugar, das propriedades estruturais; em segundo lugar, das propriedades distribucionais; em último lugar, das propriedades transformacionais. Dentre elas, é interessante mencionar que apenas as propriedades estruturais possuem um caráter de descrição puramente sintática, sendo as outras propriedades uma junção das descrições de caráter sintático e semântico. Sem exclusão, a combinação das características lexicais, sintáticas e semânticas (em alguns casos, até mesmo pragmáticas) também faz da análise apresentada no Capítulo seguinte, completa e detalhista.

4.1 Componentes estruturais

Trata-se das propriedades que consideram a composição estrutural das construções nominais de base, tais quais o número de argumentos, o tipo de determinante que acompanha o Npred e o tipo de preposição que introduz o elemento lexical que está na posição de complemento preposicionado. De acordo com a busca em corpora, as construções que são regidas pela Conversão seguem as estruturações elementares exemplificadas abaixo, sendo a última delas representante de uma construção, cujo argumento [N0] encontra-se sob elisão sintática (um tipo de transformação que será explicada na Subseção 4.3.3).

(88) *N1 Vsup [Conv] Det Npred Prep N0 Prep N2.*

N1 Vsup [Conv] Det Npred N0.

N1 Vsup [Conv] Det Npred.

Realizando a troca do argumento [N1] pelo argumento [N0] na posição de sujeito, os dois primeiros exemplos, assim como foi introduzido pelo Capítulo anterior, também podem retratar a estrutura sintática das construções standard que admitem a Conversão. Por outro lado, a mesma troca não pode ser realizada no último exemplo, visto que as construções de orientação ativa que apresentam apenas um argumento não admitem a Conversão, sendo assim, a última estrutura refere-se apenas à construção conversa. Esses e outros casos estão devidamente exemplificados no decorrer das próximas Subseções relacionadas às propriedades estruturais.

4.1.1 Contagem das posições argumentais

Levando em consideração a noção elementar dos argumentos, entende-se que um predicado de base deve compreender apenas aqueles que lhe são obrigatórios, ou melhor, que fazem parte da essência da informação transmitida pela construção, bem como foi pontuado no Capítulo primeiro desta tese. Isso significa que possíveis complementos adicionais, como os circunstanciais de tempo (89), de lugar (90), de modo (91) e as orações coordenadas (92), não fazem parte da estrutura sintática elementar e nem da estrutura semântica argumental de uma construção de base. Esses e outros elementos complementares não são essenciais para as investigações o Léxico-Gramática.

- (89) *Pedro recebeu um beijo da Helena ao amanhecer.*
 (90) *Pedro levou um fora de Helena em plena lua de mel.*
 (91) *Pedro sofreu um atentado violento.*
 (92) *Pedro recebeu uma bonificação do chefe, pois trabalhou muito bem este mês.*

Circunstancialmente, a dispensabilidade não sugere que tais complementos não sejam importantes para outros tipos de análises, sobretudo aquelas em que os aspectos semântico-pragmáticos participam mais ativamente da discussão. Em corpora de linguagem em uso, inclusive, é comum a ocorrência de construções mais complexas envolvendo os verbos standard e conversos. Nesses casos, com o intuito de reduzir as construções reais em construções de base, são aplicadas algumas transformações sintáticas, como a elisão de elementos, a relativização junto à redução do grupo nominal e a própria nominalização (em construções verbais que possuem essa equivalência), das quais serão mencionadas ainda neste Capítulo.

Em construções nominais standard com o verbo dar, por exemplo, a estruturação do predicado de base (aquele que tem potencial para ser transformado em um predicado converso) pode compreender 2 ou 3 argumentos. Por conseguinte, as construções nominais conversas possuem a mesma quantidade de argumentos do predicado semântico de base, ou seja, se a construção standard apresenta 2 argumentos, a construção conversa também apresentará 2 argumentos.³¹ Excluem-se do campo sintático-semântico da Conversão as construções que possuem apenas um argumento, pois não existe a possibilidade da reconfiguração da estrutura.

(93) *Helena deu um beijo no Pedro.* [2 argumentos]
 [Conv] *Pedro recebeu um beijo da Helena.*

(94) *A imprensa italiana deu o apelido de “fenômeno” para o jogador.* [3 argumentos]
 [Conv] *O jogador recebeu o apelido de “fenômeno” da imprensa italiana.*

Rassi (2015, p. 144) faz referência ao ‘Princípio da Máxima Projeção de Argumentos’ para explicar sobre aqueles que se encontram implícitos em algumas estruturas de base. Em certos casos, o núcleo predicativo de uma construção nominal aparenta possuir um número menor de argumentos essenciais do que de fato possui. Por exemplo, o nome aviso apresenta, na realidade, uma estrutura com 3 argumentos (2 deles humanos e um complemento frásico),

³¹ Exceto em construções em que o argumento que está na posição de complemento encontra-se sob efeito da elisão (Subseção 4.3.3).

apesar de o exemplo (95) parecer completo com apenas 2 argumentos. Nessa circunstância, é possível se valer da construção de base verbal (97) para confirmar a quantidade de argumentos.

(95) *O policial deu um aviso ao acusado.*
 [Conv] *O acusado recebeu um aviso do policial.*

(96) *O policial deu um aviso ao acusado para que ele ficasse em silêncio.*
 [Conv] *O acusado recebeu um aviso do policial para ficar em silêncio.*

(97) *O policial avisou o acusado para que ele ficasse em silêncio.*
 [Pass] *O acusado foi avisado para ficar em silêncio.*

No entanto, não há uma exigência formal perante o Léxico-Gramática de que as construções equivalentes nominais e verbais tenham a mesma quantidade de argumentos, como mostram os exemplos anteriores. Mas, levando em consideração o Princípio destacado – que julga relevante descrever o maior número possível de argumentos essenciais – essa contagem passa a ser obrigatória em todos os predicados nominais, mesmo naqueles em que não acontece a relação de nominalização, como em construções com o Npred dica, por exemplo. Para concluir essa questão, a autora evidencia a distinção teórica entre os dois tipos de predicação de base:

Independentemente da relação de nominalização que se possa estabelecer entre a construção verbal e a nominal, elas são independentes e podem apresentar diferenças entre si. O estudo sistemático dessas diferenças é o objeto de estudo do Léxico-Gramática. Note que pode haver diferenças meramente gramaticais, como a escolha da preposição, ou ainda diferenças de natureza distribucional (RASSI, 2015, p. 145).

Em outros casos, determinados argumentos podem sofrer uma modificação em sua estrutura interna, sem ocasionar mudanças em relação a sua quantidade diante de certos substantivos predicativos. Com o propósito de frear ambiguidades sintático-semânticas, uma omissão de elementos pode ocorrer, principalmente, em argumentos que ocupam a posição [N1] em um predicado de base. Trata-se de uma operação básica denominada ‘reestruturação’, que será exemplificada ainda neste Capítulo com o objetivo de tratar da omissão dos elementos parte-do-corpo das construções conversas do tipo Pedro levou um tapa [na cara] de Helena.

4.1.2 Determinando o determinante

Correspondendo não apenas ao elemento do léxico que antecede o substantivo e concorda com ele em gênero e número, o determinante – em predicados nominais – também auxilia o substantivo predicativo na construção do seu valor representativo, sinalizando sua posição de referência e marcando o seu significado em contexto. Segundo Ranchhod (1990), o determinante não cumpre somente as funções de concordar morfológicamente com o nome e a de determinar o seu uso a partir da natureza dele, mas assume uma importante função na globalidade da construção, condicionando o seu comportamento sintático-semântico.

Pode-se conceituar determinante as classes dos: artigos definidos, artigos indefinidos, pronomes possessivos, pronomes demonstrativos e quantificadores, quando indicam uma determinação, efetivamente.³² Sua ausência, consoante Davel (2011), pode indicar a natureza específica de determinados tipos de nomes, pelos quais são caracterizados como genéricos. Essa generalização, em muitos casos, pode ser marcada tanto pela presença, quanto pela ausência do determinante, denominado ‘determinante zero’. Segundo investigações, os predicados que envolvem expressões cristalizadas e nomes sequenciados são mais susceptíveis a essa privação.

Em um contexto geral dos predicados nominais com os verbos que foram estudados na presente tese, são considerados ao menos os determinantes em suas seguintes formas: artigo definido, artigo indefinido e determinante vazio (ou zero). São eles que fazem parte, portanto, das colunas que competem a essa propriedade em todas as matrizes binárias confeccionadas para a descrição dos dados obtidos até então. Em vista disso, em um primeiro momento, realiza-se uma breve exposição sobre o emprego dos determinantes na conjuntura dos predicados nominais e, em seguida, consideram-se as combinações que podem ocorrer com regularidade na transformação da construção standard para a construção conversas.

- artigo definido

Representa uma propriedade particular do nome que, em construções standard, pode ser acompanhado (ou não) de um modificador, dando ao núcleo da predicação mais especificidade. Esse modificador refere-se a um elemento lexical que pode dar um maior grau de aceitabilidade para a construção, como os adjetivos, por exemplo (98). Em um ambiente textual em que a

³² Os artigos, por exemplo, apresentam uma distribuição diferente dos determinantes, sendo que o artigo procede sempre o determinante possessivo (o meu) e não pode coocorrer com o determinante demonstrativo (*o aquele).

informação dada por uma construção de base é recuperada pelo contexto em forma de uma construção conversa, o determinante definido também é utilizado para destacar essa operação.

(98) *O professor deu **a** aula inaugural aos alunos do segundo ano.*

*[Conv] Os alunos do segundo ano receberam **a** aula do professor.*

(99) *O ufologista fez **uma** apresentação sobre 'óvnis' aos alunos do segundo ano.*

*[Conv] Os alunos do segundo ano receberam **a** apresentação do ufologista [com muito entusiasmo].*

Uma construção standard com Det:indef. relacionando-se com uma construção conversa com Det:def. é um modelo prático de recuperação contextual, como mostra o exemplo (99). Inclusive, por esse motivo a sua utilização é relativamente corrente em construções com os pares dar-receber e fazer-receber. Independentemente da situação de recuperação textual, o Npred apresentação também pode ser introduzido pelo Det:indef. na construção conversa, o que enfatiza, ainda mais, que toda seleção lexical depende exclusivamente do predador da frase.

- artigo indefinido

Em construções standard, assim como em construções conversas, este tipo de determinante é o que apresenta maior frequência de ocorrências. Da mesma forma do anterior, o artigo indefinido pode ser acompanhado de um modificador ou não, dependendo do substantivo predicativo. Uma das características das construções que possuem Det:indef. é a possibilidade da relativização, que se refere a uma operação obrigatória para a redução do Vsup e a formação de grupo nominal em construções nominais, como mostra o exemplo (100).

(100) *A atriz fez **uma** participação especial no programa humorístico.*

[Rel] A participação especial que a atriz fez no programa humorístico [foi o suficiente para aumentar a audiência].

[GN] A participação especial da atriz no programa [foi o suficiente para aumentar a audiência].

Decorrentes de uma nominalização, os Npred terminados em -ada ou -ida dão preferência ao uso dos Det:indef. em construções com os pares dar-levar. Nesses casos, um modificador do nome pode oferecer um caráter singular para a construção, mas não há obrigatoriedade da

presença de elementos desse tipo. Ainda que seja uma característica bem particular desses predicados nominais, a utilização do determinante artigo indefinido abrange construções de todas as classes e subclasses descritas e analisadas nesta tese, de maneira extensiva.

(101) *Helena deu uma almofadada certa no Pedro.*
 [Conv] *Pedro levou uma almofadada da Helena.*

- determinante zero

Diferentemente do tópico anterior, a utilização do determinante zero (ou vazio) impede a relativização e, conseqüentemente, a formação de grupo nominal. Essa ausência também pode marcar a natureza não-específica do ato de denotação realizada pelo substantivo predicativo, assim como o alto grau de fixidez em construções em que o predicador se refere à uma expressão cristalizada, por exemplo. No caso dos predicados nominais, o Det:E ocorre com bastante frequência com nomes que expressam um tipo específico de ato de fala.

(102) *Helena deu bom dia ao Pedro.*
 [Conv] *Pedro recebeu bom dia da Helena.*

A ausência do determinante também caracteriza nomes no singular como abertura, abrigo, asilo, ciência, destaque (dar) e difusão, embarque, homologação, inscrição, patrulhamento (fazer). Bem como é comum em nomes que estão no plural, por exemplo abraços, tapas, agulhadas, benefícios, entre outros. Em construções standard com ter é bastante comum a ausência desse determinante, principalmente em predicados com os nomes admiração, afeto, devoção, simpatia, cuja Conversão resulta em uma construção com Det: def. na maioria dos casos.

(103) *Helena tem admiração pelo Pedro.*
 [Conv] *Pedro tem a admiração da Helena.*

4.1.2.1 Equivalência dos determinantes na conexão standard-conversa

No âmbito da Conversão, a seleção do determinante pode depender daquele que determina a construção standard, sendo assim ambas as construções podem apresentar rigorosamente o mesmo determinante acompanhando o substantivo predicativo. Na maioria das

construções da língua francesa, por exemplo, a distribuição dos determinantes segue essa especificação à risca, diferentemente do que se passa em PB, cuja seleção é desempenhada de maneira desprendida e menos categórica, como já foi demonstrado pelos exemplos da Seção anterior. Encontram-se, abaixo, ocorrências que aceitam os mesmos no par standard-conversa:

(104) *A multidão deu vivas ao Papa Francisco.*
 [Conv] *O Papa Francisco recebeu vivas da multidão.*

(105) *Cerca de 700 jovens fizeram o alistamento no Serviço Militar.*
 [Conv] *O Serviço Militar recebeu o alistamento de cerca de 700 jovens.*

De modo geral, quando ocorre essa coincidência, é comum que essa posição seja preenchida exatamente pelo determinante zero ou pelo determinante artigo definido. Na matriz binária (Apêndice B), o caso do exemplo (104) além de receber a marcação positiva para o uso do Det:E, é marcado como ‘fixo’ com o intuito de reafirmação de que ele não é distribucionalmente livre. Por outro lado, o predicador da construção representada em (105) não pode receber a marca de fixo pelo fato de também aceitar o Det:indef. (um) na construção standard, porém, quando ocorrem simultaneamente, podem ser considerados ‘equivalentes’.

O grau de imobilidade do determinante pode estar ligado por dois fatores: pela natureza (específica ou inespecífica) do ato de denotação realizada pelo nome; ou pelo caráter sólido e constante de algumas combinações (Vsup + Npred) que formam um bloco de significação que dificilmente se modifica. Embora haja, de fato, a ocorrência dos casos mencionados acima, observou-se que a grande maioria dos determinantes, que faz parte da estrutura das construções analisadas nesta tese, tem uma distribuição livre com interessantes regularidades.

Em primeiro lugar, a combinação Det:indef. na construção standard e Det: indef. ou Det:def. na construção conversa trata-se da relação com maior ocorrência em todas as classes descritas nesta tese, exemplificada em (106). Logo depois, a segunda maior incidência é a das construções que, principalmente na forma conversa, podem aceitar os três tipos de determinante, algumas delas sem nenhuma restrição sintático-semântica. Construções das classes que envolvem os pares de verbos dar-receber, fazer-receber e fazer-sofrer são as mais susceptíveis nessa questão.

(106) *Helena deu **uma** resposta rápida ao Pedro.*
 [Conv] *Pedro recebeu (**uma** + **a**) resposta rápida da Helena.*

(107) *A Polícia Federal fez a coação do diretor da empresa.*

[Conv] *O diretor da empresa sofreu (E + a + uma) coação da Polícia Federal.*

Há também as construções, em especial aquelas com par dar-receber, que aceitam os determinantes zero e artigo indefinido em construções standard e conversas e não aceitam, em nenhuma construção, determinantes artigos definidos, como em (108). Em outros casos, principalmente em construções com o par dar-levar, a utilização do determinante artigo indefinido pode marcar um grau de intensidade cometida pelo argumento [N0], sobretudo em construções cujo substantivo predicativo denota um tipo de ação violenta, vista em (109):

(108) *O partido opositor deu (E + uma) trégua ao político.*

[Conv] *Pedro recebeu (E + uma) do partido opositor.*

(109) *Helena deu (uma + a) surra no Pedro.*

[Conv] *O Pedro levou (uma + a) surra da Helena.*

Fora todas as regularidades apresentadas até então, é importante ressaltar que o preenchimento do determinante pode depender não somente das construções elementares, mas também da escolha dos verbos estabelecidos como variantes-suporte. Um exemplo refere-se à construção conversa (110), que em sua forma elementar possibilita todos os tipos de determinantes descritos aqui, mas quando é descrita com a variante contar com não aceita o Det:E. Mesmo que haja essa restrição, na grande maioria dos casos a realidade é outra, uma vez que há mais casos em que eles se correspondem em relação àqueles que não há correspondência.

(110) *O vigilante noturno deu cobertura para o assaltante.*

[Conv] *O assaltante recebeu (E + uma + a) cobertura do vigilante noturno.*

[Conv] *O assaltante contou com (*E + uma + a) cobertura do vigilante noturno.*

(111) *A Orquestra Sinfônica fez o acompanhamento dos músicos.*

[Conv] *Os músicos receberam (E + um + o) acompanhamento da Orquestra Sinfônica.*

[Conv] *Os músicos contaram com (E + um + o) acompanhamento da Orquestra Sinfônica.*

O segundo exemplo mostra uma das ocorrências em que a variante contar com possibilita um determinante zero para introduzir o Npred (acompanhamento, neste caso), diferentemente do que foi dito acima. Finalmente, Barros (2014, p. 62, apud CHACOTO, 2005, p. 107) faz um resumo

sobre essa propriedade de ordem estrutural dizendo que a incidência dos determinantes está associada às dependências entre os seguintes elementos léxico-sintáticos: (i) o determinante e o substantivo predicativo, (ii) o determinante e complemento frásico, (iii) o predicado nominal e o determinante, (iv) a variante-suporte e o determinante e, (v) o determinante e o modificador.

4.1.3 Restrições preposicionais

Em predicados nominais que possuem pelo menos 2 argumentos, a posição sintática do argumento do segundo argumento (ou objeto direto) é preenchida por aqueles que são denominados complementos preposicionados. Nos parâmetros da Conversão, definidos no segundo Capítulo desta tese (PARTE II), a propriedade que trata das preposições tem caráter indispensável, pois são esses elementos que antecedem um dos complementos que troca de posição sintática para que essa transformação ocorra. Nesse sentido, é necessário delimitar não apenas as preposições que introduzem o complemento da construção conversa, mas também aquelas que fazem a mesma função na construção standard.

De acordo com os dados obtidos, o complemento sintático da construção conversa admite as preposições de e/ou por parte de (de parte de). Entende-se que as locuções por parte de e de parte de são sinônimas e, assim como a preposição de, também apresentam as suas formas contraídas (por parte da, da parte da, por exemplo).³³ Embora, por vezes, a preposição de poder ser utilizada nas mesmas condições linguísticas das locuções, há outras em que se permite apenas ela, como será mostrado nas especificações realizadas no Capítulo seguinte.

(112) *O professor deu um novo prazo ao aluno.*

[Conv] *O aluno recebeu um novo prazo **do** professor.*

(113) *Helena fez uma injustiça com Pedro.*

[Conv] *Pedro sofreu uma injustiça (**da + por parte da + da parte da**) Helena.*

³³ Conforme registra o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, as locuções por parte de e de parte de são sinônimas, apresentando o mesmo significado. Porém, do modo em que não se entende as variantes dos verbos como formas sinônimas absolutas, também não se considera o mesmo nessa questão, ou seja, em contextos específicos é permitido utilizar uma locução e não outra. Nesse sentido, também pode se dizer que o uso da preposição simples e o de suas contrações (da, do, por parte da, da parte da, etc.) está ligado à uma abordagem genérica ou específica do contexto.

A coocorrência das preposições que fazem parte da construção conversa se aplica a todas as grandes classes que foram elaboradas neste estudo, com certa predileção de uma ao invés da outra, dependendo especificamente de cada subclasse. Em vista da conexão standard-conversa, a partir deste momento faz-se uma exposição sobre as preposições que ocorrem na construção standard e que podem ser compartilhadas pelos verbos elementares e variantes das construções em questão, embora também haja determinadas especificações. São apresentadas, portanto, em ordem de produtividade, as preposições standard e suas regularidades sobressalentes:

- preposição em

Por via de regra, as três primeiras preposições a serem apresentadas são as que possuem maior rendimento em relação aos dados obtidos neste estudo e a preposição em refere-se a uma delas. Geralmente, os complementos preposicionados (em N1) aceitam a substituição pelo pronome dativo (lhe) e respondem à pergunta ‘em quem?’ ou ‘em que?’, como mostra o primeiro exemplo. Há muitos nomes terminados em -ada ou -ida (que participam da predicação com o par dar-levar) que aceitam majoritariamente essa preposição na construção standard.

(114) *Helena deu uma cabeçada no Pedro.*
 [Pron] *Helena deu-lhe uma cabeçada.*

Em quem Helena deu uma cabeçada?
Em Pedro.

Também é possível observar que a maioria das construções que admitem a preposição em apresenta uma estrutura com o argumento [N0] classificado semanticamente como AGENT-GEN e o argumento [N1] possuindo os papéis semânticos PATIENT ou OBJECT-GEN, segundo a relação de ‘semantic roles’ utilizada neste estudo e que ainda será tratada neste Capítulo (Subseção 4.2.5). Observa-se, ademais, uma alternância com a preposição a em complementos do tipo não-humano, mas em complementos do tipo humano não ocorre mudança em relação à seleção da preposição, como pode-se observar nos dois exemplos seguintes:

(115) *A equipe comercial deu ênfase (no + ao) produto.*

(116) *Helena deu um beijo no Pedro.*
 [Pron] *Helena deu-lhe um beijo.*

Em construções com complementos locativos, que aceitam a Conversão (com as especificidades vistas no Capítulo anterior, a preposição *em* ocorre em construções do tipo A multidão fez uma aglomeração **na** praça. Em outros casos, também com o par de verbos fazer-receber, as construções com os mesmos complementos locativos aceitam a preposição *de*, como em O geógrafo fez o mapeamento **da** região. Nesse sentido, os complementos do tipo locativo são contemplados ainda neste Capítulo, na Seção desenvolvida para tratar das propriedades distribucionais das construções conversas do português brasileiro (Seção 4.2).

- preposição *de*

Essa preposição é muito frequente em construções com os pares fazer-receber, fazer-sofrer e dar-receber, que estão exemplificados em ordem respectiva. Na maioria delas, o argumento semântico apresenta os mesmos ‘semantic roles’ exemplificados no tópico anterior. Além disso, é a preposição *de* que introduz o argumento [N2] em construções nominais com o V_{sup} standard dar que possuem 3 argumentos sintáticos: no exemplo (121), o ‘terceiro’ argumento diz respeito ao nome Bon Jovi, mesmo que ele esteja inserido antes do argumento [N1], em consequência de uma reestruturação sintática de Helena deu o nome ao seu gato de ‘Bon Jovi’.

(117) *O médico fez o diagnóstico **do** paciente.*

(118) *O técnico fez a manutenção **do** computador.*

(119) *O RH da empresa fez a demissão **da** funcionária.*

(120) *O fabricante fez a inovação **do** produto.*

(121) *Helena deu o nome **de** ‘Bon Jovi’ ao seu gato.*

Outra especificidade da preposição *de* relaciona-se a sua capacidade de coocorrer juntamente com outros tipos de preposições que estão em uma construção com o mesmo núcleo predicativo, como *a* e *para*. Em circunstâncias como essas, pode acontecer alguns tipos de alterações na estrutura de base da construção standard, como a mudança do determinante e a variação do V_{sup} elementar, do qual pode ser substituído por uma extensão. Os exemplos a seguir mostram exatamente os tipos de substituições que foram mencionadas:

(122) *O governo fez (o + um) reajuste **do** salário-mínimo.*

*O governo deu um reajuste (ao + **para o**) salário-mínimo.*

(123) *O técnico fez a preleção dos jogadores.*
O técnico realizou uma preleção aos jogadores.

Essa preposição também pode coocorrer em ambos os predicados semânticos: na construção standard e na construção conversa que tenham o mesmo operador. Sem embargo, as construções que, numericamente, são as mais produtivas nesse quesito são aquelas com os pares de verbos fazer-receber e fazer-sofrer e alguns exemplos são: O brasileiro fez a arbitragem **do** jogo e O jogo recebeu a arbitragem **do** brasileiro; O delegado responsável fez uma investigação rigorosa (**do** + sobre o) caso e O caso sofreu uma investigação rigorosa (**do** + por parte do) delegado responsável.

▪ preposições a, para

Em construções standard que aceitam a transformação de Conversão, as preposições a e para são cambiáveis entre si, sempre ocorrendo com a mesma estrutura sintática, o mesmo substantivo predicativo e concordam com os mesmos Vsup. Ela também participa do ‘grupo’ de preposições mais produtivas, conforme os dados obtidos por este trabalho. Exceto em construções com o par ter-ter e apresentando pouca produtividade com os pares dar-levar e fazer-sofrer, as preposições a e para estão presentes em construções com os demais pares elementares.

(124) *Helena fez uma serenata (ao + para) o noivo.*
[Conv] O noivo recebeu uma serenata da Helena.

(125) *Helena deu uma prova (ao + para) Pedro de que sua amizade é verdadeira.*
[Conv] Pedro recebeu uma prova (de + por parte da) Helena.

Em casos como esses, igualmente acontece em situações apresentadas pela descrição da preposição em, o complemento dativo da construção standard que é introduzido por a, para sofre a transformação de Pronominalização, dando lugar ao pronome (lhe). Praticamente todos os complementos [N1] do tipo humano das construções com os pares fazer-receber e dar-receber admitem a propriedade da redução ao dativo. Somente os complementos preposicionados do tipo não-humano não conseguem operar essa transformação, sendo a minoria deles.

(126) *Helena fez uma caridade (ao + para) Pedro.*
Helena fez-lhe uma caridade.

(127) *O cantor deu voz (a + para) a canção premiada.*

**O cantor deu-lhe voz.*

Uma última análise sobre os determinantes *a*, *para* foi observada por Rassi (2015, p.154) e refere-se às construções standard com *dar* que apresentam 3 argumentos, sendo o primeiro deles um complemento preposicionado [N1] dativo e o segundo um complemento preposicionado [N2] em forma de frase completiva. Nessas ocorrências, utiliza-se a preposição *a* (introduzindo o primeiro complemento) seguida da preposição *para* (introduzindo o segundo complemento), como em *Helena deu um motivo ao Pedro para irem viajar este ano*. Essa especificação também vale para construções standard desse mesmo tipo, mas com o *Vsup* *fazer*.

- preposições *com*, *contra*

Tais preposições são utilizadas com singularidade em construções standard com *fazer* que admitem a Conversão com os verbos *receber* e/ou *sofrer*. Em casos de *Npred* construídos com o par *fazer-sofrer*, a preposição *contra* pode ser substituída pela preposição *com*, pois fazem parte de um mesmo campo semântico, como mostra o primeiro exemplo. Porém, nos casos em que o *Npred* se constrói com o par de verbos *fazer-receber* a simultaneidade não ocorre, sendo a preposição *com* mais produtiva, em relação aos dados obtidos neste estudo.

(128) *Helena fez uma crueldade (com + contra) Pedro.*

[Conv] Pedro sofreu uma crueldade por parte da Helena.

(129) *O apresentador fez uma conexão com o repórter.*

[Conv] O repórter recebeu uma conexão do apresentador.

Apesar da possibilidade de as duas preposições ocorrerem juntas, apenas os nomes que possuem polaridade negativa (portanto, aqueles que fazem parte da classe e subclasses das construções com *fazer-sofrer*) aceitam a preposição *contra*, que também pode ocorrer em construções que não aceitam a preposição *com*. Em outros casos, a preposição *contra* pode introduzir um complemento que também admite a preposição *em* (*disparo*), assim como os complementos que aceitam concomitantemente a preposição *a* (*resistência*).

(130) *Oseias fez uma conspiração **contra** Peca.*
 [Conv] *Peca sofreu uma conspiração por parte de Oseias.*

(131) *O assaltante fez um disparo **contra** o funcionário da loja.*
*O assaltante deu um disparo (**contra + no**) funcionário da loja.*

(132) *A oposição fez resistência (**contra + ao**) governo atual.*

Há poucas ocorrências da preposição *contra* em construções standard em que o verbo elementar é *dar*; quando isso ocorre, geralmente, o Npred faz parte da classe aceita o verbo *sofrer* ou *levar* na construção conversa, como em *O funcionário da loja (sofreu + levou) um disparo do assaltante*, que complementa o exemplo (131). Em construções com *dar*, a preposição com *também* pode fazer parte de uma estrutura sintática que admite a coocorrência entre ela e a preposição *em*, como ocorre na construção *Helena deu um encontrão (com + no) Pedro, sem querer*.

- preposição *por*

Pode-se dizer que a preposição *por* é exclusivamente utilizada em predicados em que o Vsup *ter* é o elementar, tanto na construção standard, quanto na construção conversa (TT). Tratando-se de complementos preposicionados do tipo humano, essa preposição pode sofrer uma contração (*pelo, pela, etc.*) para concordar gramaticalmente com palavra que a acompanha, nesse caso com o argumento [N1]. É interessante mencionar que quando o verbo *ter* é substituído por uma variante na construção standard (como *dar* e *conceder*), a preposição também é alterada.

(133) *Helena tem empatia **pelo** Pedro.*
 [Conv] *Pedro tem a empatia da Helena.*

(134) *O ativista tem atenção **pelo** desmatamento acelerado.*
*O ativista (deu + concedeu) atenção **ao** desmatamento acelerado.*

Em consequência da substituição da preposição *por* em construções standard com verbos que não seja o verbo *ter*, não há indícios de complementos preposicionados em construções com outros pares de verbos que utilizam essa preposição como elementar. Em outras palavras, quando um mesmo Npred apresenta a preposição *por*, ele será descrito na grande classe TT; quando ele apresenta outra preposição (*a, para, por exemplo*), ele ainda é descrito nesta classe, mas se encontra em uma construção que utiliza uma variante-standard do verbo elementar *ter*.

- preposição sobre

Por último, verifica-se a ocorrência da preposição *sobre* em construções que apresentam 3 argumentos em sua estrutura de base. De acordo com os apontamentos de Rassi (2015, p. 160), essa preposição introduz um terceiro argumento [N2] que se refere ao segundo complemento preposicionado da construção. Mesmo que bem menos frequente em relação às outras, a preposição *sobre* ocorre em construções standard com os verbos elementares *fazer* e *dar*, cuja Conversão é feita, em ambos os casos, com o V_{sup} elementar *receber*.

(135) *Helena fez um comentário ao Pedro sobre a nova professora do colégio.*
 [Conv] *Pedro recebeu um comentário de Helena sobre a nova professora do colégio.*

(136) *Helena deu uma estimativa ao grupo de estudos sobre o início do projeto.*
 [Conv] *O grupo de estudos recebeu uma estimativa de Helena sobre o início do projeto.*

É importante se atentar ao fato de que a preposição *sobre*, nessas situações, não ocorre em construções que possuem 2 argumentos de base. No entanto, não é difícil que uma confusão seja feita ao colocar acidentalmente essa preposição antecedendo o complemento [N1] da construção, por exemplo (137). Embora não aparente, essa construção não está completa, pois o nome *comentário*, assim como *opinião*, *parecer*, entre outros, pedem 3 argumentos elementares.

(137) *Helena fez um comentário sobre Pedro.*
 ?[Conv] *Pedro recebeu um comentário de Helena sobre Pedro.*

Uma exceção é feita em relação aos N_{pred} que possuem 2 argumentos e que são, exclusivamente, construídos com o par de verbos *ter-ter*. Nessa circunstância, a preposição *sobre* pode anteceder o complemento [N1] sem ocasionar um problema como o identificado acima. Há, exatamente, 7 ocorrências de casos como esse nos dados descritos neste trabalho; são construções cujo núcleo predicativo refere-se especificamente aos nomes *análise*, *comando*, *controle*, *influência*, *monopólio*, *suspeita* e *visão* (todos componentes lexicais da grande classe TT).

(138) *O CEO tem comando sobre a empresa.*
 [Conv] *A empresa tem comando do CEO.*

Este tópico conclui a Subseção que tratou das preposições que introduzem, em ordem sequencial, o complemento preposicionado na construção standard e na construção conversa. Além disso, teve a função de finalizar a Seção sobre as propriedades estruturais, que compreenderam também o número de argumentos e os tipos de determinantes que essas construções possuem. O presente Capítulo prossegue com as propriedades distribucionais e das atribuições semânticas que são representadas pelo repertório de ‘semantic roles’.

4.2 Distribuição das posições argumentais

Esta Seção corresponde à descrição das propriedades distribucionais e aos delineamentos que foram tomados para a sua identificação, em concordância com os pressupostos introduzidos pelo Léxico-Gramática. Segundo Vaza (1988, p. 81), a definição das propriedades distribucionais de um elemento lexical nada mais é do que a avaliação da sua compatibilidade perante os outros elementos da construção em que ele está enquadrado. É por meio das propriedades distribucionais que são definidas as funções sintáticas dos argumentos e diferentemente dos determinantes e das preposições, que podem variar da construção standard para a construção conversa, os elementos distribucionais não sofrem nenhum tipo de variação.

Diga-se que essa definição também possui um caráter semântico, uma vez que a função semântica que o sujeito e os complementos desempenham em uma construção faz parte das propriedades distribucionais daquele predicado. Com base nessa informação, torna-se iminente a identificação, por exemplo, do significado específico de um verbo (ou de um nome) que apresenta, ao menos, duas interpretações diferentes, como será visto no decorrer da Seção. Conforme foi apresentado no Capítulo primeiro desta tese, a prática de recuperação de informações pelo contexto distribucional faz parte dos principais objetivos teórico-metodológicos propostos pelo Léxico-Gramática.

Levando em conta uma descrição sobre predicados nominais, considera-se que os tipos de argumentos que são mais propícios a ocorrerem com determinado Npred estabelecem a sua distribuição. Nesse sentido, atuam como propriedades distribucionais relacionadas às construções conversas, a tipologia dos argumentos, que se denominam: nomes humanos (Nhum), nomes não-humanos (N-hum), nomes parte-do-corpo (Npc) e nomes locativos (Nloc). Para complementar, também são descritos nesta Seção os papéis semânticos atribuídos a eles.

4.2.1 Nomes humanos (Nhum)

Por trás da considerável simplicidade na atribuição da noção de humano para um nome, há uma série de restrições, tanto conceituais, como práticas, que devem ser colocadas em pauta. Primeiramente, a noção de humano (assim como a de não-humano) tem natureza não apenas sintática, representada pelas propriedades léxico-sintáticas de distribuição, mas também semântica, que é representada através da atribuição dos traços semânticos pelos quais são selecionados os nomes que, em uma estrutura, posicionam-se como sujeito e complementos.³⁴

Em segundo lugar, há certo impasse sobre as noções de humano e de animado, das quais podem gerar equívocos em processos de classificação. De acordo com Dubois (1973), conforme citado por G.Gross (1995), os nomes humanos são parte de uma subcategoria da classe dos nomes animados, “que semanticamente, designam os seres vivos humanos ou considerados como tal e que se caracterizam por uma sintaxe diferente dos nomes animados não-humanos (designação dos animais)”. Dizendo em resumo, dentro da grande classe dos nomes animados existe a subcategoria dos humanos (pessoas) e a subcategoria dos não-humanos (animais).

Nesse sentido, há predicadores que tem uma probabilidade maior de ocorrerem com os nomes animados humanos (os verbos pensar, estudar, trabalhar) e outros que apresentam maior chance de ocorrerem com os nomes animados não-humanos (os verbos miar, latir, castrar). No entanto, essa terminologia pode gerar um conflito de designações, principalmente por conta de também serem denominados ‘não-humanos’ os nomes que não designam seres vivos (cadeira, carro, mesa, por exemplo), mesmo pertencendo à grande classe dos nomes ‘não-animados’.

Além disso, existem predicadores que admitem os dois tipos de nomes animados (até então, humanos e não-humanos) na mesma posição sintática. Um exemplo é o verbo morder que aceita na posição de sujeito os nomes que designam pessoas e os nomes que designam animais, como (Helena + O cachorro) mordeu o braço do Pedro. Em consequência dos fatores apresentados, a terminologia das subcategorias humano e não-humano fundiu-se ao conceito superior que representa a classe dos animados, recebendo a denominação definitiva de nomes humanos.

São classificados como humanos, portanto, os nomes que se encontram nas posições argumentais que podem ser preenchidas por: nomes próprios (Helena, Pedro, Miguel), nomes

³⁴ Segundo G.Gross (1995), não é do interesse principal do Léxico-Gramática (ou não era) a descrição propriamente dita dos traços semânticos dos argumentos. Sendo assim, o que predomina em uma análise com base nesse modelo teórico-metodológico são as propriedades sintáticas, porém em relação as noções de humano e não-humano é preciso também levar em consideração a parte semântica, que é representada pela atribuição dos papéis temáticos.

genéricos de membros de grupos sociais e profissionais (o aluno, o bombeiro, o jogador de futebol, o pai, a mãe), instituições ou organizações (a ONU, a UFSCar, a Igreja, o Governo), países, cidades (Brasil, França, São Paulo, São Carlos), nomes coletivos (o grupo, a equipe, a banca, a família), entre outros. Consideram-se, a seguir, alguns exemplos de construções nominais com argumentos do tipo humano (Nhum) nas posições sintáticas de sujeito e complemento preposicionado:

(139) *A Universidade deu uma ajuda econômica ao estudante.*

(140) *(Helena + A aluna + O grupo) fez um questionamento para a banca do concurso.*

(141) *Os Estados Unidos fizeram um boicote ao Brasil.*

Com o objetivo de evitar possíveis dúvidas em relação a aceitabilidade de certos nomes como argumentos válidos para determinados predicadores, Vaza (1988, p. 84) propõe um teste que é capaz de verificar se dada posição sintática admite realmente um Nhum, em construções nominais com o Vsup dar. Esse experimento linguístico é dividido em duas partes: em primeiro lugar, o nome duvidoso deve ser substituído por um nome próprio e, em seguida, o pronome interrogativo ‘Quem?’ deve tomar o seu lugar, como sujeito sintático da pergunta formulada.

(142) *A FGV deu um treinamento aos monitores do concurso.*

Os professores da FGV deram um treinamento aos monitores do concurso.

Pedro Rodrigues e Miguel Silveira deram um treinamento aos monitores do concurso.

Quem deu um treinamento aos monitores do concurso?

Os professores da FGV Pedro Rodrigues e Miguel Silveira.

Especificamente nesse caso, o Npred treinamento também pode ser construído com o Vsup fazer e ao realizar a pergunta Quem fez um treinamento com os monitores do concurso? a resposta será a mesma. Utilizando a operação sintática da Conversão, um outro teste pode ser elaborado para diferenciar os Nhum que podem ser confundidos com alguns nomes locativos (Nloc). Nessa circunstância, o esquema é bem parecido com o que foi concebido acima, porém a substituição do nome que gerou uma dúvida para um nome humano é realizada na posição de sujeito da construção conversa, como mostra o próximo exemplo:

(143) *O padre fez uma celebração na Igreja.*

[Conv] A Igreja recebeu uma celebração do padre.

*Os fiéis receberam uma celebração do padre.
Helena e Ana receberam uma celebração do padre.*

*Quem recebeu uma celebração do padre?
Os fiéis que estavam na Igreja.*

Tendo esses testes como base, torna-se possível dizer que qualquer argumento que possibilita ser substituído por nomes próprios de pessoas, podem ser classificados como Nhum, até mesmo aqueles que, em outros contextos, apresentam propriedades que o classificam como nomes locativos, assim como acontece com o substantivo Igreja, por exemplo. Os nomes do tipo humano abrangem a maioria dos argumentos que são atribuídos aos Npred analisados neste estudo, inclusive podem ser identificação pela utilização do índice 2 (aquele que identifica um argumento [N1] do tipo humano) na classificação geral utilizada para organizar os dados desta tese (descrição disponível a partir do Capítulo 5).

4.2.2 Nomes não-humanos (N-hum)

Para definir a noção de não-humano (N-hum), tomam-se como base as propriedades léxico-sintáticas que são atribuídas aos Nhum, colocando-os em uma relação de oposição. Há determinados predicadores que não aceitam nenhum dos tipos de substantivos humanos, os quais foram apresentados na Subseção anterior, na posição de complemento preposicionado, por exemplo (quando se trata de uma construção standard). Sendo assim, alguns nomes são denominados N-hum em consequência da restrição de seleção que opera o predicador (Npred).

(144) *A estilista deu modelagem para o vestido.*

(145) *O chef de cozinha deu um tempero diferente para a comida.*

(146) *A Prefeitura de São Carlos fez uma poda nas árvores mais antigas.*

Em todos os exemplos apresentados, a posição sintática do argumento [N1] pode ser preenchida apenas por N-hum, em consequência dos substantivos predicativos (modelagem, tempero, poda) imporem essa restrição de seleção argumental. É importante lembrar que esse tipo de argumento ocorre na posição de sujeito na construção conversa, devido a troca das posições argumentais, mas não existe a possibilidade de ele ocorrer nas duas posições simultaneamente.

Isso porque o núcleo da predicação das construções estudadas neste trabalho pede que, pelo menos, um de seus argumentos seja Nhum e receba o atributo semântico ‘agente’.

Os argumentos N-hum recebem o atributo semântico OBJECT-GEN com a intenção de caracterizá-los como ‘argumentos não-conscientes’. De fato, alguns nomes se referem à objetos concretos (carro, parede, livro, sapato, entre os representados pelos exemplos acima e outros.). Neste trabalho, porém, há outros tipos de argumentos, que não se encaixam exatamente na categoria dos concretos, mas ainda são considerados N-hum, por exemplo investimento, recurso, sistema, entre outros. Os abaixo mostram alguns casos em que esse tipo de substantivo ocorre:

(147) *O Ministério da Educação fez um corte nos recursos estudantis.*

[Conv] Os recursos estudantis sofreram um corte do Ministério da Educação.

(148) *O técnico em informática deu um suporte ao sistema operacional.*

[Conv] O sistema operacional recebeu um suporte do técnico em informática.

Há determinados predicadores que aceitam N-hum e Nhum em uma mesma posição sintática, geralmente na posição do argumento [N1]. Nesses casos, a coocorrência dos dois tipos de nomes em uma mesma posição não acarreta a alteração de suas propriedades estruturais, por esse motivo os Npred em questão levam a marcação positiva (+) na matriz binária para ambos os tipos de argumentos. Nessas circunstâncias, o substantivo predicativo é classificado com o índice 3, que simboliza a admissão de argumentos N-hum e Nhum sem mudar o significado ou a informação principal que é transmitida pela essência do Npred, como ocorre nos exemplos:

(149) *O assaltante deu um murro (na porta + na vítima).*

(150) *O Governo Federal fez um veto (à matéria do jornal + ao partido político).*

Outras especificações sobre as subclasses de terceiro índice (dado para as construções conversas que permitem a alternância do sujeito Nhum e N-hum) e de primeiro índice (dado para as construções conversas que permitem apenas um sujeito N-hum) são apresentadas e discutidas no Capítulo seguinte (Capítulo 5). É possível antecipar que a incidência (em geral) de um N-hum como sujeito é bem menor em relação à quantidade de Npred que aceitam Nhum, no que se refere, pelo menos, às construções que estão no ambiente sintático-semântico da Conversão.

4.2.3 Nomes parte-do-corpo (Npc)

Esse tipo de nome faz parte de um conjunto distintamente delimitado no léxico do português do Brasil, tanto em relação à sua extensão (quantidade de nomes), como em relação às suas propriedades formais. Neste trabalho, as subclasses que pertencem à grande classe das CVS com o par dar-levar são as que possuem os Npred mais susceptíveis na admissão de um Npc como complemento argumental. Segundo Baptista (2005), esses nomes têm uma relação metonímica de posse inalienável com outro substantivo (Nhum) e referem-se às partes-do-corpo que nos são visíveis (braço, perna, cabeça, mão).

Dessa maneira, os Npc configuram construções dos tipos *Helena deu uma coçada nas costas de Pedro* e *A pele da Helena deu uma enrugada com a idade*, por exemplo.³⁵ Na presente tese, são estudados apenas os Npred que admitem um Npc na posição de complemento da construção standard, do qual sofre uma reestruturação que resulta em uma redução da parte-do-corpo na posição de sujeito da construção conversa. Sendo assim, exclui-se da lista de dados construções semelhantes àquela com o Npred enrugada, por apresentar apenas um único argumento.

(151) *Miguel deu um soco na cara do Pedro.*

[Reestr] *Miguel deu um soco no Pedro (na cara).*

[Conv] *Pedro levou um soco do Miguel.*

Em construções encontradas em corpora é comum que a posição de sujeito da construção standard seja preenchida por um Nhum, ou seja, a construção já havia passado pela primeira transformação, referente à reestruturação do grupo nominal. Embora a construção conversa não apresente um sujeito que faz referência explícita ao Npc, marca-se o sinal de positivo, nesses casos, para a propriedade de ‘redução do Npc’ e para a possibilidade de essa posição ser preenchida apenas por um Nhum na matriz binária (Apêndice B).

Referente ao mesmo exemplo, o substantivo predicativo *soco* também pode aceitar um complemento do tipo N-hum na construção standard (*Pedro deu um soco na porta*). Em casos como esse, especificamente, marca-se na matriz que o Npred *soco*, além de admitir um argumento [N1] dos tipo Nhum, também aceita um N-hum. Porém, nessa conjuntura, a transformação de

³⁵ Observa-se que os Npred (*coçada* e *enrugada*) podem ser utilizados apenas com argumentos desse tipo na posição sintática de complemento [N1], mas isso não é uma regra. O substantivo predicativo *soco*, por exemplo, também admite um complemento do tipo N-hum na construção standard, que ainda será exemplificado nesta Subseção.

Conversão não é válida, uma vez que é bloqueada em consequência do tipo de sujeito, por meio do qual faz a construção se tornar inaceitável (*A porta levou um soco do Pedro).

4.2.4 Nomes locativos (Nloc)

Com base na discussão realizada anteriormente (Subseção 4.2.3) sobre a possibilidade de a transformação da Conversão poder operar tipos específicos de argumentos locativos, os nomes dessa categoria também foram incluídos como uma das propriedades distribucionais. Os nomes locativos (Nloc), assim como os N-hum, são utilizados apenas como argumento [N1], assim dizendo, ou ocupam a posição de complemento na construção standard ou ocupam a posição de sujeito na construção conversa. Um dos exemplos mais prototípicos dessa condição refere-se ao Npred aglomeração, que é construído com o par de verbos elementares fazer-receber:

(152) *Os jornalistas fizeram uma aglomeração no saguão do hotel.*
 [Conv] *O saguão do hotel recebeu a aglomeração dos jornalistas.*

Legitimando a posição tomada por esta tese, o argumento representado pelo item lexical saguão do hotel pode ser substituído por outros tipos de elementos locativos, como praça, rua, bar, restaurante, estabelecimento comercial, entre outros. Cerca de 5% dos substantivos predicativos aqui descritos selecionam os argumentos locativos no contexto sintático-semântico de [N1], assim sendo, além de aglomeração, destacam-se os nomes duplicação, mapeamento, pavimentação e evacuação. Tais Npred não aceitam outros tipos de argumentos [N1] que não sejam os locativos.

De certa maneira, não é legítimo dizer que um argumento como saguão de hotel se encaixa em outra categoria que não seja a dos Nloc. Embora não corresponda aos Nhum, tampouco aos N-hum, como efeito da baixa ocorrência de construções, os nomes desse tipo são descritos a partir das subclasses de primeiro índice, juntamente com os nomes N-hum. Aqueles que podem selecionar dois tipos de argumentos para a posição [N1], diferente dos nomes citados acima, são encaixadas nas subclasses de índice 3, como o Npred exploração, que pode selecionar um Nhum (o empregado) ou um Nloc (a região) quando construído com o verbo converso sofrer.³⁶

³⁶ Por exemplo, nas construções conversas “O empregado sofreu uma exploração por parte da Helena.” e “A região sofreu uma exploração por parte do geólogo.”

4.2.5 Padronização dos papéis semânticos

A atribuição dos papéis semânticos torna-se cada vez mais frequente em estudos descritivos em PB baseados no Léxico-Gramática. Utilizando o catálogo de Talhadas (2014) – que apresenta subconjuntos mais específicos de papéis – autores complementaram suas análises levando em consideração os aspectos sobre a configuração das relações semânticas entre os argumentos em predicados nominais (RASSI, 2015; CALCIA, 2016; MARTINEZ, 2019). Como efeito da progressão temática, os apontamentos iniciados em Calcia (2016) ganham continuidade nesta Subseção, que tem como objetivo o registro atualizado dos padrões léxico-semânticos das construções que estão concatenadas pela transformação de Conversão.

Os papéis semânticos apresentam uma diversidade quanto à terminologia que os identifica, sendo AGENTE, PACIENTE, EXPERIENCIADOR, BENEFICIÁRIO, LOCATIVO, entre outros, os termos que possuem maior familiaridade e frequência na literatura semanticista. Embora incomuns, em um primeiro momento, o conjunto elaborado por Talhadas (2014) inclui especificações que tornam os papéis já conhecidos, menos genéricos. De acordo com essa terminologia, o ‘semantic role’ que caracteriza um argumento como LOCATIVO, por exemplo, desmembra-se em subcategorias nomeadas originalmente de: LOCATIVE-PLACE, LOCATIVE-PATH, LOCATIVE-SOURCE e LOCATIVE-DESTINATION.³⁷

Para além das questões terminológicas, torna-se necessária uma breve apresentação sobre a regularidade que existe entre a posição dos constituintes sintáticos e a atribuição dos papéis semânticos. Segundo Talhadas (2014, p. 2), em decorrência da estabilidade ordenatória dos constituintes em construções do Português, a organização dos papéis semânticos, muitas vezes, está diretamente relacionada com a função sintática que o constituinte desempenha. Geralmente, atribuem-se ao sujeito sintático de uma construção, papéis ativos, enquanto aos elementos que correspondem ao complemento direto são atribuídos os papéis de orientação passiva ou aqueles que indicam objetos, assim como:

(153) *O corpo de bombeiros* [AGENT-GEN] *socorreu a vítima* [PACIENT] *do acidente.*

(154) *A camareira* [AGENT-GEN] *arrumou a cama* [OBJECT-GEN] *pela manhã.*

³⁷ As terminologias utilizadas representam, respectivamente, especificações de lugar estático (PLACE), trajeto (PATH), origem (SOURCE) e destino (DESTINATION). Em consequência da dissertação de Talhadas (2014) ser originalmente redigida em língua inglesa, os ‘semantic roles’ descritos no corpo do texto desta tese, bem como nas matrizes-binárias (disponíveis no Apêndice B), também são redigidos na mesma língua.

Embora realmente haja certa regularidade, a função sintática dos constituintes não é um critério pleno para presumir a relação semântica que existe entre os argumentos de um predicador. Na transformação de Conversão, por exemplo, o arranjo dos elementos argumentais em torno do núcleo da predicação é alterado, sem, contudo, modificar seus respectivos papéis semânticos. Dessa maneira, o sujeito sintático de uma construção conversa diz respeito ao sujeito que é semanticamente passivo – ou seja, aquele que recebe a ‘ação’ – diferente da perspectiva exposta pelos exemplos anteriores. O mesmo ocorre em construções verbais passivas, isto é, aquelas que passam pela transformação sintática de Passivação:

(155) *O cantor sertanejo* [EXPERIENCER-GEN] *fez um agrado para os fãs* [PACIENT].
 [Conv] *Os fãs* [PACIENT] *receberam um agrado do cantor sertanejo* [EXPERIENCER-GEN].

(156) *O Conselho Nacional* [AGENT-GEN] *puniu o procurador da República* [PACIENT].
 [Pass] *O procurador da república* [PACIENT] *foi punido pelo Conselho [...]* [AGENT-GEN].

O nível de interpretação semântica, nesses casos, se sobrepõe ao nível sintático, visto que a função semântica dos argumentos, em detrimento da organização sintática, torna-se mais precisa para a compreensão do sintagma por completo. Essas funções são verbalizadas através de ‘etiquetas’, as quais foram brevemente mencionadas no início desta Subseção. Dentre o amplo repertório de ‘semantic roles’ desenvolvido por Talhadas (2014), foram selecionados aqueles que poderiam desempenhar melhor alcance – em relação ao número de construções com o mesmo Npred – no âmbito das construções descritas. São eles:

- AGENT-GEN: um dos papéis mais genéricos da lista, por este motivo preenche grande parte dos complementos Nhum. Trata-se de um agente genérico, aquele que pratica a ação de maneira aspirante, ou seja, uma pessoa ou entidade que voluntariamente a realiza.
- AGENT-SPEAKER: um subtipo que especifica o AGENT-GEN. É utilizado para caracterizar os complementos Nhum que realizam um ato declarativo ou uma ação comunicativa.
- AGENT-CAUSE: mais uma especificação do primeiro ‘semantic role’. Nesse caso, o complemento pode ser Nhum ou N-hum, mas sempre associado à interpretação de uma causa. Diferente do AGENT-GEN, esse papel temático faz parte de predicados semânticos que podem ou não expressarem uma ação concreta.

- EXPERIENCER-GEN: a função semântica desse papel é relacionada ao complemento Nhum que experiencia um estado físico ou psicológico. Esse argumento não realiza uma ação concreta, apenas participa da cena, que não engloba a característica de volição.
- EXPERIENCER-VOL: diferentemente da sua função genérica, essa especificação envolve a volição. Nesse caso, o complemento Nhum participa do processo voluntariamente.
- PATIENT: argumento Nhum que está na posição de sujeito nas construções conversas. Essa entidade sofre (ou é afetada diretamente) pela ação ou pelo processo que se refere o predicado semântico. Na maioria das vezes, é a contraparte genérica do AGENT-GEN.
- OBJECT-GEN: mais um argumento que está na posição de sujeito em construções conversas. Trata-se de uma entidade N-hum (concreta ou não), que pode ser afetada pela ação (ou processo), ou apenas fazer parte dela.
- MESSAGE: refere-se ao terceiro argumento sintático [N2] de uma construção em que aos outros dois argumentos semânticos atribuem-se os papéis AGENT-SPEAKER e ADDRESSEE. Também pode ser apagado da construção conversa.
- ADDRESSEE: argumento que tem a função de ouvinte em situações de atos de fala. Em construções conversas está na posição de sujeito, cujo objeto direto é o AGENT-SPEAKER.
- CO-AGENT: em outras palavras, é um argumento passivo que está na posição de sujeito nas construções conversas. Sua diferença com o papel PATIENT, por exemplo, está na simultaneidade que a ação é realizada com o AGENT-GEN.
- LOCATIVE-PLACE: um subtipo dos ‘LOCATIVE semantic roles’. Entende-se pela localização em que o evento acontece e não envolve movimento, sendo assim, estático.

Certos padrões de distribuição puderam ser observados durante o preenchimento dessa propriedade. Um deles compete ao uso síncrono dos papéis AGENT-SPEAKER e ADDRESSEE, que são usados em predicados que envolvem uma prática de comunicação. Esses predicados são construídos, exclusivamente, com Npred de atos declarativos, que independem da natureza da mensagem, que pode ser compartilhada oralmente ou por escrito. O uso desses papéis semânticos, portanto, sempre será concomitante, sendo um a contraparte do outro:

(157) *A apresentadora* [AGENT-SPEAKER] *fez um desabafo para os seguidores* [ADDRESSEE].
 [Conv] *Os seguidores* [ADDRESSEE] *receberam o desabafo da apresentadora* [AGENT-SPEAKER].

Em casos como esse, uma nova informação pode ser inserida na construção standard, referente ao terceiro argumento sintático [N2] do substantivo predicativo *desabafo*, de acordo com o princípio da ‘Máxima Projeção dos Argumentos’. Sendo assim, a construção de base ganharia o trecho [...] sobre os pontos negativos da fama, pelo qual atuaria o papel semântico denominado MESSAGE. Como dito anteriormente, a posição sintática desse argumento pode sofrer uma elisão na construção conversa, por isso a atribuição das suas propriedades semânticas não serão marcadas na matriz-binária confeccionada para este estudo.

O estabelecimento desses papéis também é importante para solucionar certas confusões de interpretação semântica. Em geral, entende-se tomar como uma variante-suporte do V_{sup} elementar *levar*, ambos utilizados em construções conversas. Em específico, o N_{pred} *beijo* pode admitir o verbo *tomar* na construção standard, sendo, portanto, uma variante do V_{sup} elementar *dar*, em que o sujeito recebe um papel semântico de orientação ativa (‘agente’) e não passiva (‘paciente’). Nesse cenário, a distribuição dos papéis semânticos direcionam a descrição para uma interpretação correta, mesmo em situações em que o verbo escolhido não é o prototípico.

(158) *Pedro* [AGENT-GEN] *tomou um beijo da Helena* [PATIENT].
 ≡ *Pedro deu um beijo na Helena*.

É importante colocar em evidência, mais uma vez, que as funções sintáticas não se confundem com a atribuição dos papéis semânticos. Ou seja, ao sujeito de uma construção podem ser distribuídos os papéis de AGENT-GEN e PATIENT, mas não simultaneamente, pois depende da orientação semântica em que a construção é referenciada. Uma construção de orientação ativa, apresenta um sujeito ‘agente’ e uma construção de orientação passiva, um sujeito ‘paciente’. Em síntese, é um dos fatores pelos quais diferenciam-se as construções standard e as construções conversas. São exemplos prototípicos de cada papel semântico:

Quadro 6: Padrões de distribuição dos papéis semânticos

Estrutura sintática standard	Classe
<i>NO</i> [AGENT-GEN] <i>Vsup Npred Prep NI</i> [PATIENT]. Ex.: <i>O corpo de bombeiros fez o resgate da vítima.</i>	FS2
<i>NO</i> [AGENT-GEN] <i>Vsup Npred Prep NI</i> [OBJECT-GEN]. Ex.: <i>A costureira deu um corte na roupa.</i>	DR1
<i>NO</i> [AGENT-SPEAKER] <i>Vsup Npred Prep NI</i> [ADDRESSEE]. Ex.: <i>Helena deu um sermão no Pedro.</i>	DR2
<i>NO</i> [AGENT-SPEAKER] <i>Vsup Npred Prep NI</i> [ADDRESSEE] <i>Prep N2</i> [MESSAGE]. Ex.: <i>O acusado deu um depoimento para a polícia sobre o roubo.</i>	DR2
<i>NO</i> [EXPERIENCER-VOL] <i>Vsup Npred Prep NI</i> [PATIENT]. Ex.: <i>O chefe deu um encargo ao novo funcionário.</i>	DR2
<i>NO</i> [EXPERIENCER-GEN] <i>Vsup Npred Prep NI</i> [PATIENT]. Ex.: <i>O Governo deu a aposentadoria ao funcionário público.</i>	DR2
<i>NO</i> [AGENT-CAUSE] <i>Vsup Npred Prep NI</i> [PATIENT]. Ex.: <i>Helena fez uma caridade para o Pedro.</i>	FR2
<i>NO</i> [AGENT-GEN] <i>Vsup Npred Prep NI</i> [LOCATIVE-PLACE]. Ex.: <i>Os estudantes fizeram uma aglomeração na praça.</i>	FR2
<i>NO</i> [AGENT-GEN] <i>Vsup Npred Prep NI</i> [CO-AGENT]. Ex.: <i>Helena tem afinidade com Pedro.</i>	TT2

Fonte: elaborado pela autora.

Esse Quadro apresenta de maneira objetiva a estrutura sintática, a subclasse de origem e um exemplo real de construção em atuam os ‘semantic roles’ elaborados por Talhadas (2014). O Quadro, ainda, tem a função de concluir a exposição da relação dos papéis semânticos que foram escolhidos para caracterizar dos argumentos das construções standard e conversa. Sendo assim, a próxima e última Seção deste Capítulo compete à identificação das propriedades transformacionais que os nomes predicativos que já passam pela transformação da Conversão, ainda podem apresentar. Essas transformações são operações sintáticas que, assim como a Conversão, não modificam a principal informação passada (informação de base) pelas construções que estão em uma relação sintático-semântica.

4.3 Transformações sintáticas

Resumidamente, as propriedades transformacionais são aplicadas às frases de base com o propósito de colocá-las em correspondência sintático-semântica com outras construções. Em outras palavras, são essas propriedades que indicam quais estruturas podem sofrer uma pequena

alteração de ordem sintática, sem que haja mudança na informação que ela transmite. Considerando a própria Conversão como uma das propriedades transformacionais que as construções estudadas aqui – construções com Vsup e Npred – apresentam, destacam-se, nesta Seção, outros tipos de transformações que as construções standard podem admitir.

É importante dizer, novamente, que a indagação teórica que existe por trás do conceito de transformação sintática é dada a partir de Harris (1964) e adaptada para a investigação das construções de base do PB. Sendo assim, compreendem-se como propriedades formais na análise dos dados desta tese as transformações de Passivação, de Nominalização, de Simetria, bem como as elisões argumentais. No entanto, a descrição da formação das construções passivas não será tratada nas Subseções seguintes para se evitar a repetição de conteúdo, uma vez que foram generosamente discutidas pelo Capítulo 2 (Seção 2.5).

4.3.1 Nominalização

No decorrer da narrativa teórica até então realizada, a Nominalização foi citada algumas vezes, sendo uma delas na delimitação dos substantivos predicativos deverbais e anônimos, com o objetivo de diferenciá-los teoricamente. Esta Subseção, particularmente, tem o propósito de definir a Nominalização a partir do seu estatuto sintático, referindo-a como um processo de transformação de uma frase de base em outra frase de base equivalente, de acordo com os pressupostos de Harris (1964) seguidos por M.Gross (1981). Para que isso aconteça é necessário que as duas construções possuam os mesmos argumentos, como é visto em:

(159) *A marca esportiva patrocinou o jogador de futebol.*
A marca esportiva deu um patrocínio para o jogador de futebol.

No exemplo apresentado, os núcleos predicadores (o verbo patrocinar e o predicado nominal dar um patrocínio) possuem a mesma rede argumental: marca esportiva na posição do argumento [N0] e jogador de futebol como argumento [N1], ambos do tipo Nhum. Nota-se, portanto, uma equivalência sintático-semântica e apenas alterações de natureza gramatical, como o estatuto de construção transitiva direta sem preposição obrigatória, tratando-se da construção verbal, e a preposição para introduzindo o complemento na construção nominal.

Outrossim, nitidamente, a construção que possui o verbo *dar* é chamada de construção com verbo-suporte (M.GROSS, 1981). A Nominalização de *que* é tratada aqui diz respeito a uma propriedade transformacional aplicada às construções *standard*, que são aquelas de orientação ativa e construídas, necessariamente, com um *Vsup*. Sendo assim, nas matrizes confeccionadas nesta tese, marca-se (+) para os predicadores (*Npred*, em casos como este) que, além de aceitarem a Conversão, apresentam uma construção verbal correspondente de orientação ativa.

Segundo a discussão realizada pelo Capítulo 2 em relação à utilização do termo harissiano ‘transformação não-orientada’, poderia ser dito que a Nominalização seria capaz de receber tal nomenclatura, uma vez que ao se referir a uma relação que pode existir entre duas frases de orientação ativa, não é possível dizer qual delas é a frase-matriz, a frase padrão. No entanto, preferiu-se não adotar essa terminologia para nenhuma das relações transformacionais descritas ao longo deste trabalho, a não ser para introduzir o debate para a sua não utilização.

4.3.2 Simetria

Em referência ao que foi dito no Capítulo anterior, a Simetria não pode ser definida como sinônima da Conversão, porém, em alguns casos, o *Npred* que se encontra na relação *standard-conversa* também pode apresentar a Simetria como uma de suas propriedades transformacionais. Sua definição é dada a partir do conceito básico de reciprocidade, quando os argumentos de um predicado de base possuem a mesma atribuição semântica. Desse modo, aqueles que pertencem a mesma classe distribucional (no caso, a classe dos *Nhum*) podem trocar de posição sintática sem ocasionar uma alteração de significado entre as frases recorrentes.

(160) *Helena (tem + fez) uma aposta com Pedro.*

[Conv] *Pedro tem uma aposta com a Helena.*

≡ *Helena e Pedro têm uma aposta [entre si, um com o outro, em comum].*

≡ *Pedro e Helena [entre si, um com o outro, em comum].*

Os dois primeiros exemplos referem-se às construções com o *Npred* acordo que, além de se relacionarem sintático-semanticamente pela Conversão (com o par de verbos *ter-ter*, sendo o verbo *fazer* uma variante-suporte *standard*), também são simétricas. Posteriormente, essa equivalência pode ser observada pelos dois últimos exemplos, cujos argumentos (*Helena* e *Pedro*) são coordenados e assumem a posição sintática de sujeito da construção. Essa condição está

intrinsecamente relacionada com a acepção essencial do substantivo que desempenha a função de núcleo predicativo em construções nominais.³⁸

Nesse cenário, outros Npred possibilitam a propriedade da Simetria, sendo a maioria deles, justamente, integrantes da grande classe TT, como afinidade, cumplicidade, desacordo, vínculo, entre outros. Tratando-se das construções conversas, o argumento que está na posição de sujeito recebe o ‘semantic role’ CO-AGENT, que é caracterizado pela ‘atividade’ simultânea realizada com o argumento caracterizado semanticamente por AGENT-GEN, de acordo com a denominação de Talhadas (2014). Nota-se, ainda, que o argumento que ocupa a posição de complemento preposicionado [N1], geralmente, é introduzido pela preposição *com*.

Supõe-se, a partir disso, que algumas construções com *dar* como verbo standard também podem apresentar a propriedade da Simetria, por exemplo aquelas com os Npred *aperto de mão*, *beijo*, *abraço* e *selinho*. Entretanto, o único Npred que realmente aceita essa propriedade é *aperto de mão*, em consequência da questão da reciprocidade obrigatória, como pode ser visto em (161). Por outro ângulo, enquanto é necessária a interação simultânea de duas pessoas para praticar, de fato, um *aperto de mão*, não há essa reciprocidade na prática de um *beijo* ou de um *abraço*, pois uma das pessoas que está envolvida na ação pode se esquivar ou não a corresponder.

- (161) *Helena deu um aperto de mão no Pedro.*
 ≡ *O Pedro deu um aperto de mão na Helena.*
 ≡ *(Helena e Pedro + Pedro e Helena) deram um aperto de mão.*

É claro que essas situações são hipotéticas e dependentes de um contexto mais completo, mas levando em consideração o traço de simultaneidade obrigatória, torna-se possível dizer que um predicado é necessariamente simétrico e o outro pode ser (*Helena e Pedro deram um beijo um no outro*) ou não (*Helena deu um beijo no Pedro, mas Pedro não deu um beijo na Helena*). Embora não existam muitos casos de construções simétricas no repertório reunido para analisar a Conversão, essa propriedade foi utilizada produtivamente no estudo de Barros (2014) e Santos (2015) em PB, além dos trabalhos de Ranchhod (1990) e Baptista (2005) em PE, entre outros.

³⁸ Ou do verbo que desempenha a mesma função em construções verbais. Segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, o verbo *acordar* (cuja nominalização é *ter um acordo*, *fazer um acordo*, etc.) significa “concordar, conciliar-se, em harmonia” ou ainda “decidir conjuntamente”, ou seja, a reciprocidade faz parte da sua essência.

4.3.3 Elisão

Em concordância com Harris (1968), a elisão dos elementos lexicais é tratada como um tipo de transformação unária, podendo ser aplicada às frases de base de uma língua. De um modo geral, as elisões têm a função de subtrair da estrutura sintática as unidades ou sequências de palavras, em especial, por dois motivos: para evitar algum tipo de ambiguidade que possa atrapalhar no processo de compreensão da frase; e para evitar repetições de elementos lexicais que já foram mencionados em um ambiente contextual. Subsequentes, os exemplos mostram como atuam a elisão sob as condições que foram mencionadas até então:

(162) *Helena deu um beliscão no braço do Pedro.*
 [Conv] ?*Pedro levou um beliscão no braço da Helena.*
 [Conv] *Pedro levou um beliscão da Helena.*

(163) *Helena fez respiração boca a boca no Pedro.*
 [Conv] *Pedro recebeu respiração boca a boca.*

No exemplo (162), assim como já foi dito na Subseção que discorre sobre os Npc, o complemento do argumento [N1] (no braço) passa por uma elisão na construção conversa para que ele não seja confundido como um complemento do argumento [N0] (no braço da Helena). Já no exemplo (163), a omissão completa do argumento [N0] na construção conversa ocorre porque a menção do argumento ‘agente’ não é relevante para a informação que é veiculada na construção de orientação passiva. O apagamento do ‘agente’ também pode ser definido pelo processo discursivo que não necessita de todas as referências contextuais para ter sentido.

Sobre o segundo exemplo, ainda, é possível dizer que a elisão de um dos argumentos do Npred pode ser delimitada em consequência de outros fatores que não fazem parte da predicação em si, mas do ambiente discursivo e contextual de que ele está inserido. Por exemplo, os títulos de matérias jornalísticas, geralmente, não especificam o complemento da construção conversa para que essa informação seja resgatada durante o próprio texto. Um exemplo refere-se às manchetes reais construídas com o Npred tiro: *Jovem leva tiro e morre em São Paulo; Pai infarta ao saber que filho levou um tiro; Mulher encontrada morta levou um tiro na cabeça; entre outros.*

Há também outros tipos de elisões, pelas quais podem operar não apenas em relação aos argumentos do Npred, mas sobre qualquer outro elemento da construção nominal. Uma delas diz respeito à elisão que ocorre durante a propriedade transformacional de formação de grupo nominal a partir da redução da relativa, em construções standard. Nesse caso, o Vsup que conduz

o Npred (fazer o atendimento) sofre uma supressão sem interferir na informação principal que a construção, em geral, transmite, assim como mostra o exemplo a seguir:

(164) *O corpo de bombeiros fez o atendimento à vítima.*

[Rel] O atendimento que o corpo de bombeiros fez à vítima [foi crucial para sua sobrevivência].

[GN] O atendimento do corpo de bombeiros à vítima [foi crucial para sua sobrevivência].

Nesse processo, além da elisão do Vsup fazer na formação de grupo nominal, o pronome relativo (que) também sofre uma redução, passando o argumento [N0] a ser introduzido pela preposição de. Outros exemplos de formação de GN já foram apresentados no segundo Capítulo desta tese. Embora haja outras formas de ocorrência, neste trabalho, a elisão é tomada como uma das propriedades transformacionais do argumento que está na posição de complemento da construção conversa, ou seja, aquele que é denominado [N0], sendo assim, ocupa o lugar que corresponde às suas características nas matrizes binárias da Conversão.

CAPÍTULO 5

CONSTRUÇÕES CONVERSAS: DESCRIÇÃO DAS CLASSES

Este espaço se dedica ao segundo estágio para o alcance de um panorama que seja convenientemente completo sobre a Conversão em português brasileiro. Enquanto o Capítulo anterior teve sua argumentação voltada para a apresentação das propriedades sintático-semânticas em conformidade com todas as categorias formais (estruturais, distribucionais e transformacionais), aqui são levadas em consideração não apenas o funcionamento dessas propriedades em relação aos dados obtidos, mas as regularidades que existem dentro delas. Essas regularidades se materializam no agrupamento das reais possibilidades de construções conversas em classes e subclasses, das quais este Capítulo tem a finalidade de apresentar.

Os critérios gerais de classificação foram introduzidos pela última Seção do terceiro Capítulo (Seção 3.4), sendo os mesmos adotados para quaisquer das subclasses resultantes, exceto para as subclasses de DL (dar-levar). Dentre as possibilidades de classificação, Calcia (2016) se baseou nos pares de V_{sup} elementares que fazem parte das construções standard e conversa, dando à descrição realizada naquele estudo uma classificação mais geral. Desde então, essa classificação sofreu um amadurecimento metodológico que deu origem a uma subclassificação que é direcionada através de índices numéricos, em que cada um deles representa uma característica distribucional que possui o predicado nominal.

O Quadro abaixo apresenta a subclassificação através de índices numéricos, juntamente com uma estrutura prototípica que exemplifica cada um deles e o número de N_{pred} que esse índice abrange: a abreviação GC significa ‘grande classe’ e coloca em evidência as subclasses que se formaram a partir de um conjunto completo e complexo, por exemplo FR1, FR2 e FR3; e o exemplo-modelo que representa dada subclasse foi escolhido de forma aleatória, apenas com o objetivo de ser uma amostra do que está sendo referido. O principal critério utilizado na subclassificação, como já havia sido abordado anteriormente, se deu com base no tipo de sujeito que o nome predicativo aceita na construção conversa, que pode ser não-humano (primeiro índice), humano (segundo índice) ou ambos (terceiro índice).

Quadro 7: Estrutura distribucional a partir dos índices

Índices	Estrutura sintática e exemplo de construção conversa	Quant.
GC1	<i>NI(N-nhum) Vsupconverso det. Npred. Prep. NO (Nhum). O texto recebeu uma adaptação do escritor famoso.</i>	229
GC2	<i>NI(Nhum) Vsupconverso det. Npred. Prep. NO (Nhum). Pedro recebeu uma surpresa da Helena.</i>	807
GC3	<i>NI(N-nhum/Nhum) Vsupconverso det. Npred. Prep. NO (Nhum). (O orçamento + O funcionário) recebeu aprovação do diretor.</i>	233

Fonte: elaborado pela autora.

Ao todo são exatamente 1.204 nomes predicativos descritos. A descrição das Tábuas não aborda apenas as questões sobre a tipologia do [N1] de cada subclasse, mas também apresenta uma análise bem completa dos casos, linguisticamente, mais interessantes das construções encontradas. Outrossim, são abordadas as regularidades que mais se destacam, como a quantidade de Npred deverbais e anônimos que cada subclasse possui, suas principais variantes standard e conversas, o emprego dos elementos gramaticais (determinantes e preposições) e a distribuição dos papéis semânticos.

Além da distribuição dos papéis semânticos, essa análise também apresenta uma visão dos substantivos predicativos do ponto de vista semântico, apontando os possíveis campos ou áreas de atuação que esses nomes estão inseridos. Um campo muito produtivo refere-se aos atos de afeto e desafeto, em que são distribuídos os Npred admiração, beijo, cumplicidade, rivalidade, perdão, insulto, entre outros. Essas informações, inclusive, quando são possíveis de se prever, estão preenchidas nas matrizes-binárias confeccionadas neste estudo (Apêndice B).

Este Capítulo, então, é subdividido em conformidade com a análise das cinco Tábuas do Léxico-Gramática, pelas quais estão dispostos os dados da pesquisa, nesta ordem: FR (fazer-receber), FS (fazer-sofrer), DR (dar-receber), DL (dar-levar) e TT (ter-ter). Tanto nas Tábuas, quanto na própria argumentação textual,³⁹ a descrição envolve informações sobre as duas construções sintático-semânticamente relacionadas, mas um foco especial é dado para as construções conversas, visto que o destaque é, na maioria das vezes, o argumento [N1] que compete ao sujeito da construção de orientação passiva.

³⁹ Levando em consideração as nomenclaturas e abreviações destacadas durante o texto, é importante salientar que são utilizadas em conjunto as denominações completas (verbo-suporte, nome predicativo, etc.) e as denominações abreviadas (Vsup, Npred, etc.), com o objetivo central de se evitar repetições de somente uma das formas.

5.1 Tábua I: as subclasses de FR (fazer-receber)

Primeiramente, ressalta-se que a ordem em que são apresentadas as Tábuas léxico-gramaticais é referente a mesma ordem de distribuição do Apêndice B, que começa pela Tábua que descreve as construções com o par de verbos-suporte *fazer-receber*. As entradas lexicais de FR seguem a classificação padrão representada pelo Quadro 7 e dizem respeito ao compilado de dados originárias basicamente de três fontes diferentes: G. Gross (1989), Barros (2014) e novas entradas que foram provenientes de uma recente pesquisa em corpora, assim como mostrou a parte metodológica sobre o recenseamento dos dados desta tese, no terceiro Capítulo.

Essa Tábua diz respeito ao segundo maior número de entradas lexicais, tornando-se uma significativa análise dos predicados nominais do verbo *fazer* em português brasileiro. São ao todo 320 nomes predicativos que aceitam o verbo-suporte *receber*, elementar na construção conversa, porém, dentre as variantes mais comuns desse verbo elementar (*ganhar, contar com, ter, dentre outros*), não aceitam o verbo *sofrer* como uma delas (os nomes da classe FS podem aceitar o verbo *receber* como variante). Sendo assim, as próximas subseções apresentam uma análise descritiva das subclasses que foram desenvolvidas a partir da análise geral do grande conjunto de construções que constituem a grande classe FR do estudo da transformação da Conversão.

5.1.1. Subclasse FR1

Um primeiro conjunto de construções *standard-conversas* é composto por Npred que selecionam argumentos do tipo não-humano na posição de sujeito da construção conversa. Em decorrência de uma produtividade consideravelmente satisfatória, além dos objetos concretos da língua (*roupa, livro, parede, etc.*), alguns elementos locativos bem específicos também são considerados argumentos válidos para as construções desta subclasse (*estrada, região, ambiente, entre outros*). Posto isso, a subclasse FR1 engloba 63 substantivos predicativos: 57 de origem *deverbal* (*ajuste, furo, modernização, entre outros*) e apenas 6 de origem *não-deverbal* (*adendo, manutenção, triagem, entre outros*).

(165) *O secretário fez a assinatura do documento.*
 [Conv] *O documento recebeu a assinatura do secretário.*

(166) *O milionário fez um lance de R\$ 200.000 para o carro.*
 [Conv] *O carro recebeu um lance do milionário.*

Sem deixar de lado a heterogeneidade dos nomes desta subclasse, é possível identificar alguns grupos que fazem parte de um mesmo campo semântico, ainda que sejam mínimos. Sendo assim, aqueles que mais se destacam são, grosso modo, os grupos que pertencem a áreas: acadêmica-textual (citação, classificação, paráfrase, tradução), de documentos (assinatura, autenticação, despacho, formatação, indexação), artística-musical (arranjo, ornamentação, orquestração, versão) e atividades processuais periódicas ou apenas tipos de processos manuais ou instrumentais (esterilização, limpeza, manutenção, restauro, revestimento).

É importante deixar claro que, assim como foi introduzido pela Subseção 4.2.4, alguns argumentos do tipo locativo são entendidos de forma diferente de outros. Respeitando o quadro do Léxico-Gramática e de acordo com os exemplos encontrados em corpora, foi decidido que os Npred que possuem uma intrínseca ligação de ordem semântica com o argumento locativo estariam classificados na subclasse FR1, como no exemplo (167). Dessa forma, os Npred que não possuem essa relação com o locativo em si, mas com o argumento humano que está representado através dele, estariam classificados na subclasse FR2, como no exemplo (168). Na construção standard, a própria preposição para parece referir-se a uma entidade, diferente da preposição em, que tem uma interpretação locativa em casos deste tipo.

(167) *O urbanista fez a revitalização do shopping [aumentando as áreas verdes].*
 [Conv] *O shopping recebeu a revitalização por parte do urbanista.* [FR1]

(168) *O milionário da cidade fez uma doação para a creche.*
 [Conv] *A creche recebeu uma doação do milionário da cidade.* [FR2]

De modo geral, em subclasses de primeiro índice, a construção conversa pode ter um elemento (que seria o objeto direto ou complemento preposicionado) elidido. Essa elisão ocorre de maneira natural e não interfere na informação principal que a construção tem de transmitir, dado que o elemento que é ocultado pode ser recuperado em momentos anteriores do texto, tratando-se de longos períodos, ou pode ser facilmente identificado pelo interlocutor. Em construções standard, entretanto, o processo de elisão não ocorre com nenhum dos argumentos.

(169) *O mestre de obra fez um revestimento de qualidade na parede da casa.*
 [Conv] *A parede da casa recebeu um revestimento de qualidade.*

(170) *O musicista fez um restauro no instrumento antigo.*
 [Conv] *O instrumento antigo recebeu um restauro.*

Outra propriedade que esses tipos de construções possuem concerne à possibilidade de variação do V_{sup} elementar que, neste caso, pertence ao verbo fazer na construção standard e ao verbo receber na construção conversa. Os nomes de FR1 são bem flexíveis na aceitação de variantes-standard, dentre as opções o verbo dar é um dos mais recorrentes, seguido pelas extensões efetuar, apresentar e realizar. Outras variantes também podem ser produtivas perante nomes muito específicos, como formular (classificação, conclusão, paráfrase, tradução), praticar (aglomeração, difusão, reforma) e lançar (adaptação, inauguração, loteamento, versão).

(171) *O governo (fez + deu + apresentou + efetuou + realizou) um reajuste ao salário-mínimo. [Conv] O salário-mínimo (recebeu + teve + ganhou + obteve) um reajuste do governo.*

(172) *O canal de streaming (fez + formulou + lançou) uma adaptação moderna para o filme. [Conv] O filme (recebeu + teve + contou com + possui) uma adaptação do canal [...].*

Por outro lado, o verbo elementar converso receber não possui tantas variantes quanto o verbo elementar standard fazer, pelo menos não em construções da subclasse FR1. Todos os verbos que funcionam como extensões para acompanhar os nomes desta subclasse podem ser observados pelas construções conversas dos dois exemplos acima. De modo singular e não arbitrário, em seu sentido normativo, os substantivos predicativos podem aceitar as variantes-conversas ter, obter, contar com, ganhar e possuir, sendo todas muito produtivas em PB. Para completar a análise, os marcadores abaixo apresentam as informações lexicais dos elementos gramaticais e dos papéis semânticos, respectivamente.

- Determinantes e preposições

O uso dos determinantes, bem como o das preposições, é retratado por meio de tópicos em todas as subclasses descritas no decorrer desta tese. Se tratando de um primeiro momento sobre essa descrição, considerou-se necessária uma ‘explicação’ de ordem organizacional para delimitar alguns limites textuais, uma vez que essa decisão foi tomada para não prejudicar a fluidez da leitura, que seria um tanto quanto maçante se continuasse sem ser topicalizada. Dito isso, é apresentada a partir de agora a distribuição sintática dos itens gramaticais em questão.

Basicamente, os nomes de FR1 aceitam os determinantes artigo definido e indefinido na construção standard e, com certa liberdade, admitem os mesmos e a ausência de determinante na construção conversa. Em relação às preposições, o complemento preposicionado da

construção standard pode aceitar as preposições em, de, a, para e sobre, dependendo do tipo de Npred. Na construção conversas, assim como na maioria das subclasses e num momento em que o complemento preposicionado não está em elisão, é aceita a preposição de e, em alguns casos, a preposição composta por parte de.

(173) *O perito fez (uma + a) interpretação (para os + sobre os + dos) textos do e-mail.*
 [Conv] *Os textos [...] receberam (uma + a) interpretação (do + por parte do) perito.*

(174) *O geógrafo fez (um + o) mapeamento da região devastada pelo fogo.*
 [Conv] *A região [...] recebeu (E + um + o) mapeamento do geógrafo.*

- Papéis semânticos

Tratando-se de elementos não-humanos, optou-se por caracterizar semanticamente os argumentos [N1] de acordo com o ‘semantic role’ OBJECT-GENERIC. Essa posição semântica, no entanto, pode ser preenchida por argumentos que se aproximam muito do que Talhadas (2014) designa LOCATIVE-PLACE, uma subcategoria dos ‘roles’ locativos que é definida como ‘a localização onde o evento acontece’. Considerando a natureza semântica de alguns Npred, a distribuição dos papéis semânticos em FR1 foi desempenhada conforme mostram os exemplos:

(175) *A doméstica [AGENT-GEN] fez (uma + a) limpeza (na + da) coifa da cozinha [OBJECT-GEN].*
 [Conv] *A coifa da cozinha [OBJECT-GEN] recebeu uma limpeza da ?doméstica [AGENT-GEN].*

(176) *O designer [AGENT-GEN] fez a modernização do ambiente [LOCATIVE-PLACE].*
 [Conv] *O ambiente [LOCATIVE-PLACE] recebeu a modernização do designer [AGENT-GEN].*

Em razão de certos nomes solicitarem prontamente argumentos [N1] da categoria dos chamados ‘locativos cênicos’ (aglomeração, duplicação, mapeamento, etc.) e outros permitirem a alternância entre locativos e objetos (arrumação, limpeza, reforma, etc.), o preenchimento dessa propriedade seguiu as mesmas diretrizes representadas pelos exemplos acima. Desta maneira, os argumentos exclusivamente locativos recebem o ‘semantic role’ LOCATIVE-PLACE e os argumentos que permitem essa duplicidade são classificados como OBJECT-GEN. Essas definições, inclusive, foram tratadas no Capítulo anterior (Subseção 4.2.4).

5.1.2 Subclasse FR2

Uma segunda subclasse de construções standard-conversas é composta por Npred que selecionam argumentos do tipo humano na posição de sujeito da construção conversa. Em consequência dessa restrição, nenhum nome que aqui pertence possui a capacidade de aceitar argumentos do tipo não-humano nessa mesma posição sintática. Diante disso, a subclasse FR2 compreende 211 nomes, sendo 170 deverbais e 41 não-deverbais, dos quais, de maneira geral, designam atividades interpessoais ou profissionais entre os argumentos.

(177) *O diretor do filme fez um elogio para a atriz.*

[Conv] *A atriz recebeu um elogio do diretor do filme.*

(178) *O grupo empresarial fez um donativo para os pacientes hospitalizados.*

[Conv] *Os pacientes hospitalizados receberam um donativo do grupo empresarial.*

Os exemplos apresentam dois dos pares de construções mais característicos desta subclasse. O caráter prototípico não está somente relacionado ao uso de elementos lexicais elementares, como o verbo fazer nas construções standard e o verbo receber nas construções conversas, mas também à distribuição de outros elementos. Um exemplo é a distribuição dos determinantes, que ainda será abordada no decorrer desta Subseção, porém é possível adiantar que todos os nomes desta subclasse aceitam determinantes indefinidos simultaneamente em ambas as construções de base, exatamente como mostram as construções exemplificadas acima.

Somando novos campos semânticos ao conjunto iniciado pela subclasse anterior, foram identificadas outras possíveis áreas do conhecimento que podem apresentar um número significativo de substantivos predicativos. Para além dos nomes que integram as áreas já mencionadas anteriormente, pode-se acrescentar aqueles que fazem parte dos campos: religiosos (evangelização, excomunhão, oração, oferenda, prece), da saúde (curativo, diagnóstico, imunização, intubação, medicação, respiração boca-a-boca), procedimentos médicos ou estéticos (drenagem, inseminação artificial, massagem) e do meio esportivo (arbitragem, treino, preleção).

Fora esses, também é bastante comum os nomes que designam ações que fazem parte das relações interpessoais em uma perspectiva restrita (diferente dos Npred acima) e mais particular, beirando a informalidade, grosso modo. Por curiosidade, os nomes em questão, que podem apresentar ou não uma base verbal, são em sua maioria deverbais, tendo como exemplos os substantivos predicativos aconselhamento, agradecimento, carinho, declaração, elogio, enaltecimento,

investida, entre outros. Dentre aqueles que são do tipo anônimo, ou seja, não-deverbais, estão os nomes caridade, cócegas, donativo, favor, generosidade, gentileza, serenata, etc.

No que diz respeito às construções standard, mais precisamente sobre a possibilidade de variação do verbo elementar, Calcia (2016) já apontava um número consideravelmente extenso de opções que poderiam coocorrer com o verbo fazer na função de acompanhar o nome predicativo. Levando isso em consideração, ao realizar um estudo predominantemente quantitativo sobre o aproveitamento linguístico dessas opções, observou-se que os verbos dar, conceder, efetuar e realizar são as variantes-suporte standard mais produtivas desta subclasse, em relação ao número absoluto de Npred que a subclasse FR2 compreende.

*(179) O influencer (fez + deu + concedeu + efetuou + realizou) uma doação para o projeto.
[Conv] O projeto (recebeu + teve + ganhou + contou com) a doação do influencer.*

Em seguida, um número considerável de nomes também aceita as variantes dirigir, emitir, praticar, preparar e estabelecer. Há, inclusive, aquelas que, por apresentarem um caráter relativamente específico, são menos utilizadas em relação as anteriores, porém ainda comuns, como atribuir, apresentar, lançar, formular e proferir. Embora apresentadas por meio de grupos de ocorrência, essas variantes não coocorrem em conjunto, ou seja, os verbos dar, realizar, emitir e lançar, por exemplo, podem auxiliar gramaticalmente um mesmo Npred.

(180) A ONU (fez + deu + realizou + emitiu + lançou) um alerta para a população.

(181) O médico (fez + atribuiu + apresentou + estabeleceu) um diagnóstico para o paciente.

Introduzindo um pouco mais de singularidade aos Npred de FR2, além das variantes mencionadas anteriormente, ainda existem aquelas que tem uma produtividade bem baixa, mas que apresentam um valor semântico consolidado quando se constroem junto de alguns nomes. São elas: aprontar (O jovem aprontou uma surpresa para a namorada), armar (A dona da loja armou uma promoção para os clientes), invocar (O religioso invocou uma prece à Deus), ministrar (O convidado ministrou uma palestra aos alunos) e prestar (O corpo de bombeiros prestou socorro à vítima).

Por outro lado, a possibilidade de variação do Vsup receber (elementar na construção conversa) é mais reduzida em comparação a quantidade de extensões que dispõe a contraparte

standard.⁴⁰ Consideram-se bastante produtivos os verbos *ter*, *contar com*, *obter* e *ganhar*, e menos produtivo o verbo *possuir*. Em particular, o Npred *reembolso* pode aceitar também o verbo *adquirir* como variante conversa, assim como o Npred *empréstimo* admite o verbo *tomar*. Esses verbos são considerados circunstanciais por não compreenderem muitas construções, logo, não são tomados como componentes óbvios do conjunto de variantes disponíveis e representadas pela Tábua I, referente às subclasses de FR.

(182) *O Seguro (fez + efetuou + estabeleceu + realizou) o reembolso para o cliente.*
 [Conv] *O cliente (recebeu + teve + adquiriu) o reembolso do Seguro.*

(183) *O banco (fez + atribuiu + concedeu + efetuou) um empréstimo ao correntista.*
 [Conv] *O correntista (recebeu + teve + tomou) um empréstimo do banco.*

Em algumas ocasiões, é inaceitável a expressão do argumento [N0] na construção conversa, isto é, aquele que está na posição de sujeito na construção standard. Essa elisão ocorre com maior frequência em construções com nomes do campo semântico da saúde, como *transusão*, *diagnóstico*, *exame*, entre outros. Em determinados casos, a posição sintática de complemento da construção conversa pode ser preenchida pelo nome parte-do-corpo que faz parte do argumento [N1] na construção standard, assim nomes como *curativo*, *drenagem* e *massagem* o admitem sem nenhum problema, como mostram os exemplos:

(184) *O médico (fez + preparou) uma transfusão de sangue para o paciente.*
 [Conv] *O paciente recebeu uma transfusão de sangue.*

(185) *A esteticista fez uma drenagem nas pernas da esportista.*
 [Conv] *A esportista recebeu uma drenagem nas pernas.*

Esses casos se enquadram em uma questão teórica que ainda pode ser abordada com mais responsabilidade em Trabalhos futuros, que inclusive é um dos assuntos mencionados no último capítulo desta tese (Seção 6.2). Resumidamente, em ambos os exemplos, o verbo-suporte *fazer* também pode ocorrer na posição do verbo-suporte *receber* (O paciente fez uma transfusão de

⁴⁰ Em termos de distribuição, essa característica não indica que somente as variantes-suporte conversas da subclasse FR1 são menos expansivas em detrimento das variantes standard da mesma subclasse. Trata-se de uma regularidade que está presente na maioria das subclasses descritas nesta tese, assim como foi informado no segundo Capítulo (Seção 2.6), que se ocupa em explicar a possibilidade de variação do verbo, seja ele standard ou converso.

sangue) e (A esportista fez uma drenagem nas pernas), porém não tem função de Vsup standard, mas de Vsup converso. Esse fenômeno é bastante comum em corpora do cotidiano ou informais e, principalmente, na linguagem oral, ocorrendo apenas em construções conversas em que o complemento preposicionado [N0] está sob elisão sintática.

- Determinantes e preposições

Estruturalmente, destacam-se algumas regularidades sobre o uso dos determinantes. Enquanto na construção standard os substantivos plurais, como cócegas, implicações e juras de amor, não aceitam determinantes, na construção conversa podem aceitá-los ou não, sendo o determinante definido o único admissível. O uso plural desses nomes é consolidado em corpora, por isso foram inseridos na Tábua I com essa flexão gramatical, no entanto essa diretriz é válida para todos aqueles que, contextualmente, forem flexionados de maneira parecida.

(186) *O namorado fez (E) juras de amor para Helena.*

[Conv] *Helena recebeu (E + as) juras de amor do namorado.*

Outrossim, é legítimo o estabelecimento de, pelo menos, duas estruturas bem regulares sobre a determinação na construção conversa. Uma delas diz respeito aos Npred que aceitam os dois tipos de determinantes e a ausência dele, e a outra é referente aos nomes que aceitam dois tipos de determinantes (definidos e indefinidos), respectivamente exemplificados em (187) e (188). Em detrimento disso, não há uma regularidade que se sobressaia perante algum grupo específico de nomes predicativos, quando se trata da relação de equivalência e de fixidez dos determinantes nos dois tipos de construções nominais.

(187) *O veterinário fez (a + uma) medicação (do + para o) gatinho.*

[Conv] *O gatinho recebeu (E + a + uma) medicação [do veterinário].*

(188) *O técnico fez um desafio para o jogador de futebol.*

[Conv] *O jogador de futebol recebeu (o + um) desafio do técnico.*

Também é importante dizer que a distribuição das preposições, principalmente na construção standard, tem ligação com a distribuição dos determinantes e dependem, exclusivamente, do substantivo predicativo. Pelo exemplo (188) pode-se perceber que o

determinante definido pede a Prep. de e o determinante indefinido pede a Prep. para. Além dessas que foram mencionadas, a atribuição da Prep. em é bem comum nas construções standard de FR2 e para a construção conversa, novamente atribui-se as preposições de e/ou por parte de.

- Papéis semânticos

Uma visão superficial, não apenas desta, mas de outras subclasses, pode apontar para a diversidade relacionada à natureza ontológica das suas entradas lexicais. Iniciando-se com o substantivo abertura e terminando em vômito, há em FR2 certa heterogeneidade na questão tipológica, no entanto, através da observação dos papéis semânticos, que são atribuídos aos argumentos sintáticos da predicação, é possível notar a equivalência que existe entre todos seus itens lexicais, no sentido de considerá-los como membros de prováveis grupos de similaridade.

(189) *A enfermeira* [AGENT-GEN] *fez um curativo no paciente* [PATIENT].
 [Conv] *O paciente* [PATIENT] *recebeu curativo da enfermeira* [AGENT-GEN].

(190) *A criança* [AGENT-GEN] *fez um carinho no cachorrinho filhote* [BENEFICIARY].
 [Conv] *O cachorrinho filhote* [BENEFICIARY] *recebeu um carinho da criança* [AGENT-GEN].

(191) *Helena* [AGENT-SPEAKER] *fez uma ligação telefônica para Pedro* [ADDRESSEE].
 [Conv] *Pedro* [ADDRESSEE] *recebeu uma ligação telefônica da Helena* [AGENT-SPEAKER].

Os exemplos acima mostram, ainda sob uma perspectiva generalizada, os pares de papéis que podem caracterizar semanticamente os argumentos das construções descritas pela Tábua I, no que se refere à subclasse FR2. No contexto dessa subclasse, então, esses pares estão distribuídos de forma relativamente homogênea, sendo os exemplificados aqueles que mais se destacam. É necessário salientar, novamente, que de acordo com o contexto informacional, a distribuição dos ‘semantic roles’ pode sofrer alguma alteração, naturalmente.

5.1.3 Subclasse FR3

Das entradas lexicais que fazem parte da grande classe FR, existe uma parcela que pode aceitar argumentos dos tipo humano e não-humano na posição de sujeito da construção conversa. Geralmente, os substantivos predicativos das subclasses de terceiro índice são bem difíceis de se delimitar, pois um argumento humano pode ser tão convincente a ponto de

esconder a possibilidade de o nome também apresentar um argumento não-humano. O Capítulo 4 (Seção 4.2 e suas Subseções) aborda e discute sobre essa questão delimitando os tipos de argumentos e as decisões tomadas naquele momento foram respeitadas na descrição de FR3.

Posto isso, a presente subclasse dispõe de 46 nomes que, assim como nas subclasses anteriores, estão divididos em 38 deverbais (aprovação, descrição, paródia, rastreamento, entre outros) e 8 não-deverbais (oficina, perspectiva, retrospectiva, entre outros) que, inclusive, estão em minoria. Trata-se da menor subclasse em que o verbo-suporte *fazer* é reconhecido como elementar standard e o verbo-suporte *receber* como elementar converso. E, também, a mais difícil na questão de delimitação de campos semânticos para os nomes que pertencem a ela, sendo uma subclasse multifacetada nesta questão. Seguem os exemplos:

(192) *A prefeitura fez a aprovação do (funcionário + orçamento).*

[Conv] *O (funcionário + orçamento) recebeu a aprovação da prefeitura.*

(193) *O Instagram fez um relatório para a (equipe + matéria do site).*

[Conv] *A (equipe + matéria do site) recebeu um relatório do Instagram.*

Grande parte dos Npred distribuídos na subclasse FR3 foram recenseados a partir de uma pesquisa paralela em corpora de linguagem em uso, utilizando buscadores online como os principais meios de busca. Trata-se de dados mais recentes sobre as construções conversas em PB, até porque no estudo preliminar (CALCIA, 2016) não são amplamente abordados os casos em que o predicador admite dois tipos diferentes de sujeito (da construção conversas), sob uma mesma perspectiva informacional. Nesse sentido, as regularidades encontradas nas construções desta subclasse mostram que os argumentos [N1] são mais flexíveis distribucionalmente em comparação aos argumentos [N0], dos quais apresentam uma distribuição mais restritiva por se referirem sempre ao argumento semântico ‘agente’ nas construções deste tipo.

Nesta subclasse, o Vsup elementar standard *fazer* pode ser substituído, em certos momentos, pelas extensões *dar*, *conceder*, *atribuir*, *apresentar* e *efetuar*, sendo a primeira delas a mais recorrente. Em poucos casos, as variantes-suporte *formular* e *praticar* também podem ocupar a posição sintática do verbo elementar. Na construção conversas, as variantes mais produtivas são *ter*, *contar com* e *ganhar* na substituição do verbo elementar *receber*. Poucos Npred aceitam a variante-suporte *obter* e raros nomes aceitam a variante-suporte *possuir*. As construções abaixo exemplificam aqueles que mais admitem tais substituições.

(194) *O humorista famoso (fez + apresentou + concedeu + atribuiu + realizou) uma paródia (ao ator + à música sertaneja).*

[Conv] *(O ator + a música sertaneja) (recebeu + teve + ganhou + contou com) uma paródia do humorista famoso.*

(195) *O professor (fez + deu) apontamentos sobre o (aluno + texto do aluno).*

[Conv] *O (aluno + texto do aluno) (recebeu + teve + contou com + possui) os apontamentos do professor.*

Observa-se que a distribuição das variantes, bem como a distribuição dos outros elementos lexicais da construção, não sofre mudanças quaisquer com a coocorrência dos tipos de argumento [N1]. Essa é uma das questões que justificou a subclassificação de índice 3, pois esses nomes não poderiam ser classificados em nenhuma outra subclasse, segundo as diretrizes especificadas pela tipologia dos argumentos que estão na posição de sujeito na construção conversa. É importante salientar, apesar disso, que o significado do Npred precisa ser o mesmo tanto para sujeito do tipo não-humano, quanto para sujeito do tipo humano, caso contrário esse nome pode se encaixar nos casos de desdobramentos lexicais, que serão retomados mais amplamente pelo sexto Capítulo desta tese (Seção 6.1).

▪ Determinantes e preposições

Igualmente às subclasses anteriores, a distribuição dos elementos gramaticais em FR3 segue algumas regularidades. Em relação aos determinantes, a maioria dos Npred aceitam todos os tipos de determinação inseridos na matriz (artigo definido, indefinido e nulo) na construção conversa e, geralmente, aceitam apenas artigos definidos ou indefinidos na construção standard, assim como exemplifica o predicado nominal em (196). Os casos em que os determinantes definidos e indefinidos são correspondentes nas construções standard e conversa, são igualmente frequentes, como aponta o exemplo (197). De acordo com os exemplos abaixo a distribuição das preposições também pode ser observada:

(196) *O canal fez (a + uma) divulgação dos (indicados para o prêmio + dos produtos de beleza).*

[Conv] *Os (indicados para o prêmio + produtos de beleza) receberam (a + uma + E) divulgação (do + por parte do) canal.*

(197) *A professora fez (a + uma) avaliação do (aluno + trabalho de ciências do aluno).*

[Conv] *O (aluno + trabalho de ciências do aluno) recebeu (a + uma) avaliação da professora.*

As preposições *de*, *para* e *em* são as mais frequentes para anteceder o complemento da construção standard. Na construção conversa, assim como nas outras subclasses, as principais preposições são *de* e *por parte de*. Em todos os casos encontrados, a preposição é exatamente a mesma atribuída para o complemento do tipo não-humano e para o complemento do tipo humano, assim como ocorre no exemplo seguinte. Sendo assim, em um contexto geral, os dois tipos de argumentos apresentam exatamente os mesmos elementos gramaticais.

(198) *O diretor fez (uma + a) avaliação (do estagiário + do sistema de aulas).*
 [Conv] (*O estagiário + O sistema de aulas*) recebeu (*uma + a*) avaliação do diretor.

- Papéis semânticos

No cenário em que o substantivo predicativo pode aceitar dois tipos distintos de argumento [N1], a atribuição dos papéis semânticos é realizada separadamente. Em um primeiro momento, atribui-se as características semânticas aos argumentos da construção em que o [N1] refere-se à um OBJECT-GENERIC ou LOCATIVE-PLACE e, em um segundo momento, é atribuído o ‘semantic role’ PATIENT para os argumentos do tipo humano. Geralmente, o sujeito da construção standard é sempre tomado genericamente como AGENT-GENERIC, assim como mostram os exemplos abaixo, que seguem a ordem apresentada:

(199a) *O Governo* [AGENT-GEN] *fez a regulamentação do projeto social* [OBJECT-GEN].
O projeto social [OBJECT-GEN] *recebeu regulamentação do Governo* [AGENT-GEN].

(199b) *O Governo* [AGENT-GEN] *fez a regulamentação do deputado* [PATIENT].
O deputado [PATIENT] *recebeu regulamentação do Governo* [AGENT-GEN].

Os dois exemplos dizem respeito a duas construções com o mesmo Npred, mas com um sujeito da construção conversa de tipos diferentes. Essa atribuição será feita da mesma maneira para todas as subclasses de terceiro índice, no entanto, como há apenas um espaço para a atribuição dos papéis semânticos nas matrizes binárias, é dada preferência ao preenchimento do argumento que é do tipo não-humano, ou seja, que é caracterizado semanticamente como OBJECT-GENERIC. O mesmo posicionamento é tomado em relação à coluna que exemplifica a entrada lexical em questão, que é preenchida com frases que condizem a esse papel semântico.

5.2 Tábua II: as subclasses de FS (fazer-sofrer)

Nesta fase do estudo sobre a Conversão, o verbo sofrer deixa de ser descrito como variante-suporte do verbo receber e passa a ser considerado como um verbo-suporte elementar, apresentando suas próprias extensões. Em Calcia (2016), de modo preliminar, as construções com sofrer eram inseridas na grande genérica classe FR e após essa reformulação passam a integrar as subclasses subsequentes de FS. O reconhecimento linguístico sobre a criação de uma nova classe independente é de suma importância para a evolução dos estudos sobre a Conversão em português brasileiro, principalmente no que diz respeito à produtividade da transformação.

Um dos principais motivos para a criação da nova classe se deu pelo fato de, além de o verbo sofrer ser construído, tipicamente, com nomes predicativos que possuem carga semântica negativa, tais como sofrer uma traição e sofrer um suborno, também pode veicular uma informação positiva, quando está inserido em construções do tipo sofrer um resgate, sofrer um avanço e sofrer uma inovação. Essas regularidades fazem dessa classificação mais abrangente e completa, pois mostram, além de outros aspectos linguísticos, que a polaridade da construção pode influenciar em suas propriedades sintático-semânticas, enriquecendo a descrição do léxico do PB.

Em consequência da transição classificatória, as entradas lexicais que integram a Tábua II são provenientes da combinação entre os nomes que foram introduzidos em Calcia (2016) e os nomes que foram recenseados a partir da busca em corpora e através do estudo de G. Gross (1989) para a língua francesa. Trata-se de um repertório de Npred semanticamente mais homogêneo em comparação aos nomes que integram as subclasses de FR, apesar da subdivisão em conjuntos ter sido feita partindo exatamente de um mesmo princípio. Em todas as subclasses de FS o verbo receber é aceito como variante-suporte conversa do verbo elementar sofrer.

5.2.1 Subclasse FS1

Seguindo o critério de referência apresentado pela introdução do Capítulo, os itens que pertencem a FS1 dizem respeito aos substantivos predicativos que selecionam somente os argumentos do tipo não-humano na posição de sujeito da construção conversa. Exatamente todos os nomes desta subclasse são Npred deverbais,⁴¹ ou seja, apresentam uma construção

⁴¹ Curiosamente, a maioria dos substantivos predicativos descritos aqui são traduções recenseadas originalmente do estudo de G. Gross (1989). Os nomes aceleração, congelamento, extração e reciclagem são alguns dos exemplos daqueles que pertencem à classe FS (tradução original: faire-souffrir) das construções conversas da língua francesa.

verbal associada. Logo, uma construção standard possui uma construção verbal ativa associada e uma construção conversa associa-se a uma construção verbal passiva, bem como foi discutido pela segunda parte do Capítulo 2 desta tese:

(200) *O Ministério da Educação cortou os recursos estudantis.*

[Pass] *Os recursos estudantis foram cortados pelo Ministério da Educação.*

(201) *O Ministério da Educação fez um corte nos recursos estudantis.*

[Conv] *Os recursos estudantis sofreram um corte do Ministério da Educação.*

Em termos quantitativos, das 178 entradas lexicais que a matriz referente ao Léxico-Gramática da grande classe FS possui, 40 fazem parte da subclasse de primeiro índice, sendo, em totalidade, Npred de origem deverbal, como foi dito pelo parágrafo anterior. É uma subclasse menor em comparação à outra subclasse de mesmo índice, da qual também possui o Vsup fazer como o elementar da construção standard, porém ainda é bastante produtiva em relação as ocorrência em corpora e à grande produtividade do verbo sofrer como verbo-suporte converso. Encontram-se abaixo alguns exemplo que representam a subclasse FR1:

(202) *Os fiscais fizeram a recolha dos produtos vencidos.*

[Conv] *Os produtos vencidos sofreram recolha dos fiscais.*

(203) *A prefeitura fez a desocupação da casa irregular.*

[Conv] *A casa irregular sofreu desocupação da prefeitura.*

De imediato, apesar dos poucos exemplos mostrados até então, é possível notar que os nomes em questão não seguem uma tipologia única e, portanto, a tarefa de distribuí-los em grupos de similaridade torna-se um tanto quanto complexa. Entretanto, outras regularidades podem ser notadas e uma delas refere-se ao fato de os nomes desta subclasse pedirem um argumento [N0] que seja volitivo ao evento que está em pauta. Esse argumento, por sua vez, desempenha um ato ou ação concreta sobre um argumento [N1] que, na maioria das vezes, é referente a um objeto concreto,⁴² mas nem sempre essa referência é realizada de forma óbvia.

⁴² O significado de ‘objeto’ não é absoluto para os elementos em questão. Segundo uma pesquisa realizada em corpora, os argumentos relativos ao sujeito da construção conversa podem ser itens concretos da língua (dicionário, documento, texto, móvel, plantação, etc.) ou atividades que podem ser concretizadas (investimento, atendimento, denúncia, etc.). Embora haja essa diferença de direcionamento, tais elementos são classificados [...]

(204) *O Governo Federal fez a setorização da educação básica.*

[Conv] A educação básica sofreu uma setorização (do + por parte do) Governo Federal.

Em termos distribucionais, o número de variantes disponíveis para a construção standard reproduz o padrão apresentado pelas subclasses anteriores, ou seja, proporcionalmente mais abrangente em comparação ao número de variação do verbo sofrer. Dentre as opções, os verbos efetuar, realizar e praticar são aqueles que possuem um maior alcance na substituição do verbo elementar. Em seguida, ainda em relação ao número absoluto de nomes que FS1 possui, há uma série de verbos que também pode exercer o posto de variante-suporte, porém com menor alcance (dar, apresentar, aplicar, estabelecer, operar).

(205) *Os funcionários (fizeram + praticaram + realizaram + operaram) a demolição do prédio.*

[Conv] O prédio sofreu demolição.

(206) *O ME (fez + apresentou + aplicou + estabeleceu) um corte para os recursos estudantis.*

[Conv] Os recursos estudantis sofreram um corte do ME.

Com distribuição semelhante à segunda subclasse desta mesma Tábua, os nomes de FS1 sugerem uma predominância sobre as variantes receber e ter na construção conversa. O lugar sintático do verbo elementar sofrer também pode ser preenchido por obter, possuir, passar por e, em casos mais específicos, pela variante ganhar. Este último verbo, inclusive, obtém destaque nesta subclasse por ser um verbo que pode ocorrer com maior frequência em construções informativamente positivas, o que não é o caso da maioria das construções com o verbo sofrer.

(207) *O hacker profissional fez uma invasão no site da prefeitura.*

[Conv] O site da prefeitura (sofreu + recebeu + teve) uma invasão do hacker.

(208) *O arquiteto fez uma transformação no apartamento antigo.*

[Conv] O apartamento antigo (sofreu + ganhou + teve) uma transformação.

[...] semanticamente como objetos, de modo a concordar com os papéis semânticos estabelecidos por Talhadas (2014). Esses nomes não palpáveis ficam no limite entre o que pode ser chamado de não-humano e o que se chama de nome humano.

O verbo ganhar – como variante suporte do verbo sofrer – acentua a polaridade positiva de Npred que integram uma subclasse caracterizada, predominantemente, por construções que veiculam uma informação de cunho negativo. De modo absoluto, as construções que também podem transmitir uma informação positiva aceitam ganhar como uma legítima variante.⁴³ Em consequência disso, essa variação passa a atuar sobre uma das propriedades distribucionais dos nomes desta subclasse, tornando-se uma importante regularidade sintático-semântica. Além disso, o verbo apresentar (tipicamente standard) pode aparecer em certas construções conversas, como em O documento (sofreu + apresentou) uma alteração.

- Determinantes e preposições

Sobre os elementos conectivos vale destacar a predominância das preposições de e em, antecedendo o complemento preposicionado da construção standard e, novamente, de e por parte de, antecedendo o complemento da construção conversa. Como de costume, os determinantes podem variar de acordo com o Npred da construção, mas é notável algumas regularidades: (i) a construção standard com a variante dar possui nomes com determinante zero, (ii) a construção conversa com a variante contar com não permite determinante zero e (iii) a construção conversa, no geral, permite substantivos predicativos que aceitam todos os tipos de determinantes.

(209) *A dona de casa fez (E* + a) reciclagem do material.*
 [Conv] *O material sofreu reciclagem.*

(210) *O revisor fez uma correção no texto.*
 [Conv] *O texto contou com (E* + a) correção do revisor.*

⁴³ Exceto os nomes que possuem natureza semântica indiscutivelmente positiva (desenvolvimento, inovação, etc.), há aqueles que podem apresentar uma interpretação positiva ou negativa de acordo com a combinação dos outros elementos da construção (avaliação, mudança, etc.). Com a inserção de um modificador da classe dos adjetivos, o Npred avaliação, por exemplo, pode integrar tanto uma construção que passa uma informação positiva, quanto uma construção que passa uma informação negativa: sofrer (ou ganhar) uma avaliação favorável (ou positiva); sofrer uma avaliação desfavorável (ou negativa). O contexto, portanto, é fundamental para o julgamento dos traços de polaridade que podem ser identificados pelos substantivos predicativos. Além disso, a possibilidade de a variante ganhar ser aceita nessas construções, diferenciam tais tipos de nomes dos demais nomes das subclasses de FS.

- Papéis semânticos

Levando em consideração que o sujeito da construção conversa corresponde aos elementos que se aproximam do que é denominado de objeto, presume-se que o preenchimento das propriedades semânticas seja realizado de maneira menos complexa. Essa afirmação torna-se verdadeira, de fato, para os elementos que são concretos (documento, texto, objetos no geral) e para aqueles que se referem às atividades que podem ser concretizadas (atendimento, saque, tarifação, entre outras). Os argumentos que participam de construções nucleadas por tais Npred não possuem grandes problemas de classificação.

(211) *O departamento de urbanismo* [AGENT-GEN] *fez uma poda nas árvores* [OBJECT-GEN].
 [Conv] *As árvores* [OBJECT-GEN] *receberam uma poda do departamento [...]* [AGENT-GEN].

No entanto, certos argumentos [N1] encontram-se no limite do que pode ser definido semanticamente como OBJECT-GEN e LOCATIVE-PLACE, que nesta descrição fazem parte do escopo de elementos lexicais das subclasses de primeiro índice. Embora haja essa dualidade na definição dos papéis semânticos, optou-se por classificar os argumentos desse tipo como sendo do tipo locativo. Sendo assim, o Npred saque, por exemplo, possui um sujeito na construção conversa do tipo locativo (O banco sofreu um saque dos criminosos). Ainda assim, é preciso enfatizar que a atribuição dos papéis não é estipulada de forma definitiva e pode ser alterada pelo contexto semântico em que a construção está inserida.

5.2.2 Subclasse FS2

Os nomes que fazem parte da subclasse FS2 são aqueles que selecionam somente os argumentos do tipo humano na posição de sujeito da construção conversa, igualmente ao segundo subconjunto da Tábua I, descrito anteriormente neste mesmo Capítulo. Uma padronização também pode ser notada em relação ao número de entradas lexicais que permitem essa distribuição sintático-semântica, fazendo deste conjunto o mais extenso de FS. São 116 Npred que se dividem em 82 deverbais (ameaça, invasão) e 24 autônomos (crueldade, desfeita).

(212) *O jogador de futebol fez uma ofensa contra o árbitro.*
 [Conv] *O árbitro sofreu uma ofensa por parte do jogador de futebol.*

(213) *Os policiais fizeram uma chacina na comunidade.*
 [Conv] *A comunidade sofreu uma chacina.*

Trata-se de um conjunto particularmente homogêneo e mais equilibrado em comparação ao conjunto precedente de mesmo índice (FR2). Grande parte dos nomes desta subclasse constroem predicados que denotam algum tipo de violência física ou psicológica, no campo das relações interpessoais. Em um domínio físico estão inseridos substantivos como agressão, carnificina, espancamento, estupro, genocídio, entre outros. E em um âmbito psicológico estão reunidos os nomes afronta, ameaça, chantagem, discriminação, grosseria, e assim por diante.

Distribucionalmente, destacam-se como variantes standard os verbos armar e cometer, os quais carregam intrinsecamente o aspecto negativo que está presente na maioria das construções de FS2. Fora esses, o verbo elementar fazer também pode ser substituído com facilidade pelas variantes efetuar, praticar e realizar, que constroem o aspecto negativo quando acompanham Npred com essa mesma polaridade. Nesta ocasião, o verbo dar não apresenta uma relevante produtividade na função de variante, diferente do que ocorre na subclasse FR2.

(214) *O terrorista (fez + armou + cometeu + realizou) um atentado contra a humanidade.*
 [Conv] *A humanidade (sofreu + recebeu) um atentado do terrorista.*

(215) *O administrador do aplicativo (fez + efetuou + realizou) o banimento do usuário.*
 [Conv] *O usuário sofreu banimento por parte do administrador do aplicativo.*

O posicionamento do verbo elementar converso sofrer também pode ser preenchido, na maioria dos casos, pelas extensões receber e ter. Substantivos específicos, como boicote, contra-ataque, falta, pênalti, suspensão (alguns frequentemente utilizados em contextos esportivos) também aceitam os verbos levar e tomar como variantes. Excepcionalmente e opondo-se ao predomínio de Npred que possuem polaridades negativas, o substantivo resgate pode ser construído, além dos verbos sofrer e receber, com a variante ganhar, incomum nesta subclasse.

(216) *O atacante fez um pênalti no goleiro adversário.*
 [Conv] *O goleiro adversário (sofreu + levou + tomou) um pênalti do atacante.*

(217) *O corpo de bombeiros fez o resgate da vítima.*
 [Conv] *A vítima (sofreu + ganhou + recebeu) o resgate do Corpo de bombeiros.*

Em ocasiões especiais é possível estabelecer a combinação passar por como uma das variantes que pode substituir o verbo elementar sofrer. Geralmente, as construções com essa variante não necessitam da presença sintática de um objeto direto, sendo este elidido. Outrossim, os nomes que aceitam passar por na construção conversa (abuso, assédio, atentado, constrangimento, deportação, discriminação, etc.) parecem concordar de forma mais espontânea com os verbos variantes em detrimento dos verbos elementares, na construção standard.⁴⁴

(218) *O chefe cometeu um abuso contra o funcionário.*

[Conv] *O funcionário (sofreu + passou por) um abuso.*

(219) *O Governo brasileiro (praticou + efetuou) a deportação do imigrante.*

[Conv] *O imigrante (sofreu + passou por) uma deportação.*

Nesta subclasse, ainda, encontram-se Npred que necessitam de uma maior atenção para que a descrição, sobretudo semântica, seja elaborada coerentemente. De antemão, Barros (2014) apontava os nomes de procedimentos e tratamentos médicos (aborto, amputação, cesariana, quimioterapia, etc.) como casos especiais de classificação. Isso ocorre porque os nomes deste tipo podem ser predicadores em uma construção em que o sujeito pode ser interpretado tanto como ‘agente’ (Helena fez uma cesariana), quanto como ‘paciente’ (Pedro fez quimioterapia).⁴⁵

Segundo o paradigma teórico de que o verbo fazer configura as construções nominais standard e, portanto, é denominado como ‘ativo’, torna-se relativamente simples classificar as construções exemplificadas pelo parágrafo anterior como aquelas que possuem um sujeito ‘agente’, embora ainda haja certa ambiguidade. Além disso, a possibilidade de adicionar um outro argumento na posição de complemento standard (referente ao argumento [N1]), faz dessa classificação muito mais precisa, excluindo qualquer possibilidade de equívoco.

⁴⁴ Em construções conversas, os verbos elementares, bem como suas variantes, seguem algumas das propriedades estabelecidas para a identificação de um verbo-suporte, sendo a ‘relação particular entre o nome predicativo e um dos argumentos (ou apenas o sujeito) da sentença’ a principal delas. Em vista disso, é possível estabelecer a combinação verbo + Prep. (passar por) como uma das variantes conversas do verbo elementar sofrer.

⁴⁵ Pode-se dizer que, geralmente, as construções de base que causam esse conflito possuem apenas um argumento: ou o sujeito da construção standard (Helena fez uma cesariana) ou o sujeito da construção conversa em uma frase em que o complemento (objeto direto) está em elisão (Paula fez + sofreu uma cesariana).

(220) *Helena fez uma cesariana em Paula.*
 [Conv] *Paula sofreu uma cesariana.*

(221) *Pedro fez uma quimioterapia em Miguel.*
 [Conv] *Miguel sofreu uma quimioterapia.*

No entanto, em consequência de Barros (2014), em casos específicos como este, optar por tomar o sujeito como ‘paciente’ e não como ‘agente’, uma nova propriedade transformacional pode ser atribuída ao verbo-suporte *fazer*, passando a considerá-lo também como uma extensão. Mesmo assim, é muito importante esclarecer que este fato ainda é encarado como não corriqueiro e necessita de estudos mais aprofundados para observar a sua constância em relação aos elementos predicativos da língua portuguesa, apresentando-se como um tema para Trabalhos futuros em Léxico-Gramática.

- Determinantes e preposições

Diante dos exemplos até então apresentados, pode-se notar uma predominância da preposição *contra* antecedendo o complemento da construção *standard* e das preposições *de* ou *por* parte de precedendo o complemento da construção *conversa*. No modelo *standard*, essa configuração se estende para a pluralidade de FS2, mas também divide espaço com outras preposições (*com*, *de*, *em*, *para*) que são distribuídas de acordo com o Npred. É importante frisar que os elementos conectivos da construção *standard* são descritos em estudos anteriores.

Também é de interesse mencionar que uma construção *standard*, cuja estrutura sintática possua *contra* como preposição, não pode ser combinada semanticamente com uma construção *conversa* que aceita o verbo *ganhar* como variante-suporte. Essa regularidade evidencia ainda mais as propriedades sintático-semânticas não apenas desta subclasse, mas da grande classe FS, colocando em pauta as diferenças distribucionais das construções que passam uma informação negativa e daquelas que passam uma informação positiva.

(222) *A gerente fez **uma** afronta contra a funcionária.*
 [Conv] *A funcionária sofreu (**a** + **uma**) afronta da gerente.*

(223) *O veterinário fez a castração do gato.*
 [Conv] *O gato sofreu (**E** + **uma**) castração.*

(224) *O segurança fez (a + uma) abordagem (do + no) jovem.*
 [Conv] *O jovem sofreu uma abordagem do segurança.*

O uso dos determinantes parece ser bem regular na maioria dos casos, ainda que não seja uma regularidade que pode caracterizá-los como fixos. Ocorrem pelo menos duas combinações constantes: Npred que aceitam determinantes indefinidos na construção standard e definidos ou indefinidos na construção conversa e Npred que aceitam determinantes definidos na construção standard e o determinante zero na construção conversa. Principalmente em relação à construção de origem ativa, o tipo de preposição utilizada também pode influenciar sobre a determinação.

▪ Papéis semânticos

Do ponto de vista semântico, encontram-se três pares de ‘semantic roles’ que são predominantes sobre os argumentos desta Tábua. Em primeiro lugar, o par exemplificado em (225) faz parte de construções com predicadores que se referem aos eventos concretos de ordem física, palpáveis. O par destacado em (226) pertence aos argumentos que estão em construções em que os predicadores indicam eventos concretos, mas não palpáveis. E por fim, mas não menos importante, o item (227) refere-se aos papéis que caracterizam os argumentos de uma construção com substantivos predicativos que são usualmente utilizados como atos de fala.

(225) *O criminoso [AGENT-GEN] cometeu um estupro contra sua ex-namorada [PATIENT].*
 [Conv] *A ex-namorada [PATIENT] sofreu um estupro do criminoso [AGENT-GEN].*

(226) *Os opositores [AGENT-GEN] fizeram uma conspiração contra o presidente [EXPER-GEN].*
 [Conv] *O atual presidente [EXPER-GEN] sofreu uma conspiração dos opositores [AGENT-GEN].*

(227) *Os pais [AGENT-SPEAKER] fizeram um interrogatório ao filho [ADDRESSEE].*
 [Conv] *O filho [ADDRESSEE] sofreu um interrogatório dos pais [AGENT-SPEAKER].*

5.2.3 Subclasse FS3

Englobando praticamente a mesma quantidade de Npred da subclasse anterior, este conjunto descreve 21 construções relacionadas pela transformação de Conversão que, sem modificar o significado global do núcleo predicativo, aceitam argumentos [N1] tanto humanos,

quanto não-humanos. Exceção cometida pelo substantivo predicativo queda,⁴⁶ os demais nomes de FS3 representam a classe dos deverbais (desgaste, desmanche, exploração, grampo) assemelhando-se assim, a subclasse apresentada anteriormente, em mais um ponto.

(228) *O técnico fez o desmanche do time de futebol.*

[Conv] *O time de futebol sofreu um desmanche do técnico.*

(229) *O mecânico fez o desmanche do carro.*

[Conv] *O carro sofreu um desmanche do mecânico.*

Em ambos os exemplos, o nome desmanche significa, de modo concreto, o ato ou efeito de desmontar, seja por meio da retirada de pessoas de uma equipe ou da remoção de peças de um carro. Construções que possuem o nome reformulação como centro da predicação, além de apresentarem uma distribuição praticamente idêntica, partem do mesmo princípio informativo. Para além dessa distribuição, alguns nomes também podem ser construídos com exatamente o mesmo argumento [N0] agindo sobre os dois tipos de sujeito ‘paciente’, respeitando as restrições sintático-semânticas (atribuição dos determinantes, por exemplo) das construções em questão.

(230) *O professor fez uma reformulação no (texto + quadro de orientandos).*

[Conv] *O (texto + quadro de orientandos) sofreu uma reformulação do professor.*

(231) *O canal midiático fez censura (ao artista + a exposição de quadros).*

[Conv] *(O artista + a exposição de quadros) sofreu censura do canal midiático.*

Em consequência da dualidade tipológica na posição do sujeito da construção conversa (ou complemento da construção standard), assim como ocorre na subclasse FR3, determinadas posições sobre a formalização devem ser tomadas. O fundamento é baseado na discussão feita anteriormente, portanto, a frase-modelo, disposta na última coluna da Tábua II, é construída

⁴⁶ O nome queda não apresenta um vínculo morfossintático com nenhum verbo, por isso é denominado como não-deverbal. Em construções nominais, este Npred pode operar sobre argumentos dos tipos humano e não-humano, assim como caracteriza a subclasse FS3. Dois pontos devem ser destacados com interesse: (i) na construção standard, a variante (apresentar) parece ser mais aceitável em comparação ao verbo elementar (fazer) e (ii) em ambas as construções, este nome não possui o significado literal do ‘ato de cair em uma superfície’.

O político efetuou a queda dos inimigos.

[Conv] *Os inimigos políticos sofreram uma queda.*

A bolsa de valores apresentou a queda do dólar.

[Conv] *O dólar sofreu uma queda na Bolsa de valores.*

sempre com um sujeito sintático não-humano (englobando locativos). Em seguimento, o preenchimento dos papéis semânticos é realizado de acordo com esse padrão.

Para iniciar a descrição das principais regularidades sintático-semânticas da subclasse FS3, são destacadas algumas características distribucionais da construção standard. O verbo fazer pode ser substituído, principalmente, pelas variantes-suporte apresentar, efetuar e realizar, sendo a primeira variante muito utilizada com nomes como concorrência, queda, revogação, entre outros. O uso da preposição contra, que não é comum nas construções de FS1, é corrente para introduzir o complemento preposicionado em construções desta subclasse, exceto naquelas em que o conteúdo informacional tem polaridade positiva.

(232) *O humorista (fez + apresentou) uma sátira (do + sobre) o (personagem + filme).*
 [Conv] *O (personagem + filme) sofreu uma sátira do humorista.*

(233) *O governo (fez + firmou) um veto contra o (produtor artístico + produto audiovisual).*
 [Conv] *O (produtor artístico + o produto audiovisual) sofreu um veto por parte do governo.*

Na construção conversa, além das variantes mais comuns do Vsup elementar (receber, ter, possuir), o destaque é novamente o verbo ganhar, utilizado em construções que transmitem uma informação positiva, mesmo tendo o verbo sofrer como elementar-converso. Em semelhança à subclasse FS2, a combinação passar por também se destaca como variante, revelando-se como uma opção que pode coocorrer com a extensão ganhar. Comumente, as preposições de e por parte de antecedem o complemento preposicionado, quando este não está elidido.

(234) *Os alunos fizeram uma recauchutagem (no visual da professora + na fachada da escola).*
 [Conv] *(A professora + A escola) (sofreu + ganhou + passou por) uma recauchutagem.*

- Determinantes e preposições

Os determinantes são selecionados de acordo com o Npred e não seguem uma distribuição uniforme, porém é de certo afirmar que a maioria dos nomes aceitam os indefinidos ou ausentes na construção standard. E na construção conversa podem aceitar os três tipos de determinação (zero, definida e indefinida), dependendo da ênfase que a construção dá para a situação a ser informada. Livres, os determinantes não precisam, necessariamente, serem idênticos nos dois predicados semânticos, mas há uma certa incidência da combinação dos indefinidos. Nesta

Subseção, excepcionalmente, as preposições foram mencionadas juntamente com a descrição das variantes-suporte, pois viu-se necessária uma explicação mais detalhada naquele momento.

- Papéis semânticos

Respeitando a oscilação tipológica que pode ocorrer entre a escolha dos argumentos, a atribuição dos papéis semânticos pode variar entre dois tipos de ‘agente’ para os argumentos [N0] e dois tipos de ‘paciente’ para os argumentos [N1]. Geralmente, o sujeito da construção standard é classificado como AGENT-GENERIC e o objeto direto transita por PATIENT e OBJECT-GENERIC, dependendo do tipo de argumento que está nessa posição, humano ou não-humano. Certos substantivos predicativos ainda, admitem que o argumento [N1] seja preenchido por elementos muito próximos do que é denominado LOCATIVE-PLACE.

(235) *O jornalista* [AGENT-GEN] *fez a reprovação do texto sobre a entrevista* [OBJECT-GEN].
O jornalista [AGENT-GEN] *fez a reprovação do novo estagiário* [PATIENT].

(236) *Os garimpeiros* [AGENT-GEN] *fizeram a exploração da região* [LOCATIVE-PLACE].
O chefe do setor [AGENT-GEN] *fez a exploração do seu estagiário* [PATIENT].

Esse tópico finaliza a análise geral das construções em que o V_{sup} fazer é o elementar da construção standard (classe FR e FS). Seguindo com a descrição dos dados obtidos neste estudo, as duas próximas Seções apresentam a análise das construções em que o V_{sup} dar é tomado como o elementar da construção standard. São Tábuas bastante produtivas, uma vez que concentram grande número de entradas lexicais, das quais são classificadas seguindo dois parâmetros diferentes: a subclassificação de DR é realizada com base no padrão apresentado até então e a subclassificação de DL é feita de acordo com outros parâmetros.

5.3 Tábua III: as subclasses de DR (dar-receber)

Por conta da segregação da grande classe FR (fazer-receber), que deu origem à grande classe FS (fazer-sofrer), a classe DR e suas subclasses tornaram-se o agrupamento mais extenso de entradas lexicais descritas pelo presente estudo. São 374 nomes predicativos que foram divididos sintaticamente em três subclasses: DR1 (sujeito converso do tipo não-humano), DR2 (sujeito converso do tipo humano) e DR3 (sujeito converso de ambos os tipos). Esses nomes são construídos com o verbo elementar dar na construção standard e com o verbo elementar receber na construção conversa e, em um panorama geral, não aceitam a variante-suporte levar na substituição do verbo elementar converso.

Metodologicamente, os Npred que integram a Tábua III do Apêndice foram recenseados, sobretudo, por meio do estudo de Rassi (2015) e da pesquisa atual em corpora online. Muitos deles, por aceitarem o verbo fazer como uma extensão do verbo dar, também podem estar classificados no trabalho de Barros (2014), sendo a decisão de classificar dado nome em DR ao invés de FR foi concedida a partir do número de ocorrências nos corpora online, vice e versa. A análise das subclasses, portanto, se inicia com a descrição dos substantivos predicativos que dizem respeito aos elementos da subclasse DR1, apresentando as principais características sintático-semânticas e as regularidades gerais dessa subclasse.

5.3.1 Subclasse DR1

Uma primeira subclasse da grande classe DR se destaca por apresentar 51 substantivos predicativos que possuem os verbos dar e receber como elementares nas construções standard e conversa, respectivamente. É uma subclasse cuja característica principal para a classificação está no preenchimento lexical do sujeito da construção conversa [N1], que tem de ser obrigatoriamente do tipo não-humano. Levando isso em conta, o número absoluto de Npred desta subclasse está dividido em 41 de origem deverbal (atualizada, encaminhamento, lustre, título, turbinada, etc.) e 10 de origem não-deverbal (concepção, contrapartida, forma, proporções, etc.).

(237) *O programador deu uma atualizada no visual do jogo.*

[Conv] *O visual do jogo recebeu uma atualizada do programador.*

(238) *O arquiteto deu uma concepção [moderna] ao projeto.*

[Conv] *O projeto recebeu uma concepção [moderna] do arquiteto.*

Igualmente todas as subclasses que pertencem à ‘gigante’ classe DR, a subclasse DR1 possui nomes bastante heterogêneos, comprovando a dificuldade para se organizar novas classes um pouco mais restritas, homogêneas. O esforço demandado para preencher a coluna intitulada de ‘campo semântico’ também demonstra o quão aberta é a presente subclasse, dado que, segundo a Tábua III, os Npred condizem com os campos: acadêmico (definição), culinário (cozida), doméstico (enxaguada), meio artístico (voz) e processos diversos (acondicionamento).

Determinadas comparações também são pertinentes e uma delas corresponde aos nomes *afiada* e *acabamento*, que foram classificados como membros da subclasse DL1 no estudo de Baptista (1997), porém têm uma aceitabilidade melhor com as propriedades da subclasse DR1 em PB, dado que não admitem o suporte levar na construção conversa. Mais uma comparação pode ser feita – neste momento perante Calcia (2016) – que define, de modo preliminar, o Npred *despacho* como item da classe DR. Após uma segunda apuração,⁴⁷ tornou-se coerente descrevê-lo na classe FR, estabelecendo o verbo *dar* como uma das variantes de *fazer*.

(239) *O designer de moda deu acabamento nos chinelos personalizados.*

[Conv] *Os chinelos personalizados (receberam + *levaram) acabamento do designer de moda.*

(240) *O chef de cozinha deu uma boa afiada na faca.*

[Conv] *A faca recebeu uma boa afiada do chef de cozinha.*

Contando com a ocasião, muitos dos nomes de DR1 não permitem a utilização de extensões para substituir o verbo elementar standard *dar*. No entanto, em ocasiões apropriadas, essa substituição é realizada pelas variantes-suporte *fazer*, *atribuir* e *conceder*. Na construção conversa, a possibilidade de variação do verbo elementar converso *receber* torna-se maior pela grande maioria dos substantivos predicativos e as variantes-suporte conversas mais populares são: *ter*, *contar com*, *obter*, *ganhar* e *possuir*, sendo a extensão *ter* a mais frequente delas na posição de variante aspectual ou estilística do verbo *receber*.

(241) *O linguista (deu + fez + atribuiu + concedeu) uma definição ao neologismo.*

[Conv] *O neologismo (recebeu + teve + ganhou + possui) uma definição do linguista.*

⁴⁷ Segundo uma apuração em corpora do nome *despacho*, concluiu-se que as construções com o verbo *fazer* são, quantitativamente, muito maiores em relação às construções com o verbo *dar*. Por este motivo, foi decidido que este nome se estabelecerá como parte da classe FR (mais precisamente FR1), tendo o verbo *dar* como variante-suporte.

(242) *O autor (deu + atribuiu) um título ao novo livro.*
 [Conv] *O novo livro (recebeu + ganhou) um título do autor.*

- Determinantes e preposições

Basicamente, a maioria dos nomes funcionam bem na ausência de determinante e os nomes terminados em -ada e -ida dão preferência para o determinante artigo indefinido, tratando-se das construções standard. Na construção conversa, os nomes em -ada e -ida repetem o determinante indefinido, mas também podem aceitar a determinação definida; o restante dos nomes apresentam uma variação não óbvia (que não se pode prever) entre dois grupos: aqueles que aceitam os dois tipos de determinantes, mas também nenhum deles (definido, indefinido e ausente) e aqueles que aceitam os dois tipos de determinantes (definidos e indefinidos).

(243) *A mídia deu uma abafada ao caso de violência.*
 [Conv] *O caso de violência recebeu (E + a + uma) abafada (da + por parte da) mídia.*

(244) *O mecânico deu uma revisada no carro.*
 [Conv] *O carro recebeu (a + uma) revisada do mecânico.*

Com fundamento nos exemplos apresentados acima, nota-se que também é possível dividir a atribuição das preposições em dois grupos. Na construção standard, os complementos podem ser preposicionados pelos conectivos gramaticais *em* ou *a/para*, deliberadamente, dependendo do tipo de construção. E na contraparte conversa, quando o complemento não passa por um processo de elisão, que é bem comum nas construções conversas de DR1, pode receber as preposições *de* ou *por parte de*. Essa distribuição também depende diretamente do tipo de substantivo predicativo e do tipo de argumento.

- Papéis semânticos

Exatamente da mesma maneira atribuída para as subclasses anterior de primeiro índice, os argumentos de DR1 possuem apenas uma combinação relevante e geral de papéis semânticos. Por se tratar de nomes que, necessariamente, apresentam um argumento [N1] do tipo não-humano, a ele atribui-se a etiqueta `OBJECT-GENERIC` e ao outro [N0] é atribuído o ‘semantic role’ `AGENT-GENERIC`. É importante lembrar que para todas as subclasses os papéis são

distribuídos de forma genérica, apenas para título de visão semântica e para comprovar a inalteração da atribuição semântica dos argumentos na transformação da Conversão.

(245) *O enólogo [AGENT-GEN] deu acondicionamento correto para o vinho [OBJECT-GEN].*
 [Conv] *O vinho [OBJECT-GEN] recebeu acondicionamento correto do enólogo [AGENT-GEN].*

De forma diferente a da apresentada até então para as outras subclasse de mesmo índice, a subclasse DR1 não possui argumentos [N1] que podem receber o ‘semantic role’ da categoria dos locativos. Sendo assim, não há uma coocorência de dois papéis diferentes na subclasse em questão, pois prevalece apenas a utilização de OBJECT-GENERIC para caracterizar semanticamente o sujeito da construção conversa (ou complemento preposicionado da construção standard). Conclui-se, então, que esse tipo de alternância é mais comum nas subclasses em que o verbo fazer é o elementar standard, ou seja, em FR e FS.

5.3.2 Subclasse DR2

Fazendo referência a mais robusta das subclasses desta tese, a subclasse DR2 diz respeito aos nomes que, sintaticamente, selecionam um argumento do tipo humano para a posição de sujeito da construção conversa. São 285 substantivos predicativos muito heterogêneos que se distribuem em 200 deverbais (ajuda, beijo, conselho, orientação, ultimato) e 85 não-deverbais (aula, carona, gorjeta, mesada, minicurso, trégua). Grande parte deles reportam ações realizadas a partir de relações interpessoais de diversos níveis, contextos e domínios semântico-pragmáticos.

(246) *O técnico deu um treinamento para o jogador iniciante.*
 [Conv] *O jogador iniciante recebeu um treinamento do técnico.*

(247) *Os governantes deram propina para a empresa.*
 [Conv] *A empresa recebeu propina dos governantes.*

Com o objetivo de se aprofundar um pouco mais na natureza dos Npred desta subclasse, pode-se dizer que, apesar da heterogeneidade, é possível identificar o campo semântico que está mais próximo a eles, em alguns casos. Como dito anteriormente, esses nomes concentram-se em expressar ações de diversos tipos e essas ações podem integrar os campos: da medicina (alta, anestesia, injeção, prognóstico, vacinação), do jurídico (anuência, arras, contributo, procuração), do jurídico-

criminal (propina, voz de prisão, *habeas corpus*, pena, testemunho), do meio acadêmico (certificado, chancela, aula), do religioso (indulgência, penitência) e da política (golpe militar, asilo político).

Para além desses que foram mencionados, tais quais realmente pertencem a campos semânticos bem delimitados, a subclasse DR2 também integra nomes que podem ser vistos como a representação de uma ação informal entre argumentos humanos. Essa troca de informações é fundamentada no repertório de conhecimento e experiências emocionais vividas pelos sujeitos que estão na interlocução. Em vista disso, foram delimitadas outras duas categorias semânticas pelas quais podem se encaixar os Npred restantes: atos de fala (felicitações, morras, obrigado, salute, vivas) e atos interpessoais (abraço, apoio, conselho, torcida, trégua, perdão).

(248) *Os espectadores deram vivas a jurada do programa musical.*
 [Conv] *A jurada do programa musical recebeu vivas dos espectadores.*

(249) *Helena deu um conselho para Pedro.*
 [Conv] *Pedro recebeu um conselho da Helena.*

Há semelhanças muito claras entre as construções das subclasses de FR e as construções das subclasses de DR e uma delas tange ao preenchimento das variantes-suporte. Perante a perspectiva das construções standard essa semelhança não é óbvia, pois apesar de o Vsup fazer ser considerado uma das variantes do Vsup dar e vice-versa, os nomes de DR2 não admitem muitas das extensões que são admitidas pelas subclasses em que fazer é o verbo elementar. Neste caso, as variantes-suporte mais comuns, além do Vsup fazer, são atribuir, conceder e aplicar.

(250) *O empresário (deu + fez) um assessoramento ao cantor.*
 [Conv] *O cantor recebeu um assessoramento do empresário.*

(251) *O banco (deu + atribuiu + concedeu + aplicou) um crédito ao correntista.*
 [Conv] *O correntista recebeu um crédito do banco.*

Para alguns nomes bem específicos, ainda que esses verbos sejam, de fato, os mais populares na posição de variantes, é possível atribuir outras opções tão específicas quanto. É bastante comum, por exemplo, que o verbo desejar ocorra em construções junto dos Npred melhoras, parabéns e felicidades. Da mesma maneira, torna-se bastante corriqueira a identificação das seguintes estruturas nominais: falar sua opinião, prestar esclarecimento, enfiar uma facada (informando sobre a oferta de um produto com o preço abusivo) e até mesmo desferir um beijo.

Em relação à construção conversa, as variantes-suporte disponíveis para os Npred desta subclasse são ter, contar com, obter, ganhar e possuir. Essas extensões são as que mais se destacam pelas Tábuas confeccionadas neste estudo, sendo bastante produtivas nas construções nominais de orientação passiva em PB. Dentre as construções de DR2, a variante-suporte conversa possuir apresenta um pouco menos de produtividade, em comparação às demais que são muito recorrentes nos corpora de referência. Por exemplo, o substantivo predicativo aceitação admite todas as extensões às ordens na substituição do verbo elementar receber.

(252) *A população deu aceitação ao novo presidente.*
 [Conv] *O novo presidente (recebeu + teve + contou com + obteve + ganhou + possui) a aceitação da população.*

Nesta subclasse, ainda, assim como a maioria daquelas que possuem o Vsup dar como elementar standard, há muitos Npred terminados em -ada e -ida (acenada, adestrada, curtida, examinada, massageada, entre outros). Esses nomes apresentam uma intrínseca relação com os nomes que são construídos com o verbo fazer e, portanto, estão classificados na grande classe FR (aceno, adestramento, exame, massagem, entre outros). É interessante observar que esses Npred da subclasse DR2 não permitem a variante-suporte fazer, mas os Npred da subclasse FR2 permitem a variante-suporte dar, como mostram os exemplos a seguir:

(253) *Helena (deu + *fez) uma acenada para Pedro.* [DR2]
 [Conv] *Pedro recebeu uma acenada da Helena.*

(254) *Helena (deu + fez) um aceno para Pedro.* [FR2]
 [Conv] *Pedro recebeu um aceno da Helena.*

▪ Determinantes e preposições

Perante os dados dispostos na Tábua III, no que se refere à subclasse DR2, a maioria dos nomes é distribucionalmente flexível em relação aos determinantes e aceitam todos os tipos descritos pela matriz de referência, ao menos na construção conversa. Sobre as preposições, na construção standard exatamente todos os complementos admitem as preposições a/para ou em, e na construção conversa o mesmo ocorre com as preposições de ou por parte de. Os exemplos seguintes mostram de forma combinatória a distribuição mais singular dos determinantes e das preposições, que são, relativamente, homogêneas nesta subclasse:

(255) *A delegacia da mulher deu (E + um) amparo à vítima da agressão.*
 [Conv] *A vítima recebeu (E + um + o) amparo da delegacia da mulher.*

(256) *O governo brasileiro deu anistia ao refugiado.*
 [Conv] *O refugiado recebeu (E + a) anistia (do + por parte do) governo brasileiro.*

- Papéis semânticos

Neste caso, são dois pares de papéis semânticos que se destacam no preenchimento dessa característica dos argumentos do núcleo predicativo. Genericamente, a combinação conhecida AGENT-GENERIC e PATIENT dão conta da maioria das construções representadas na Tábua III e a combinação AGENT-SPEAKER e ADDRESSEE torna-se comum em construções que informam sobre atos de fala que são realizados entre os dois argumentos da predicação. Os exemplos abaixo objetivam mostrar a diferença entre esses dois tipos de atribuição semântica:

(257) *O pedestre [AGENT-GEN] deu uma esmola ao morador de rua [PATIENT].*
 [Conv] *O morador de rua [PATIENT] recebeu uma esmola do pedestre [AGENT-GEN].*

(258) *Helena [AGENT-SPEAKER] deu bom dia ao Pedro [ADDRESSEE].*
 [Conv] *Pedro [ADDRESSEE] recebeu bom dia da Helena [AGENT-SPEAKER].*

5.3.3. Subclasse DR3

A subclasse DR3 segue o padrão quantitativo atribuído às outras subclasses de mesmo índice e possui o menor número de entradas lexicais da grande classe DR. São 37 substantivos predicativos que podem aceitar os dois tipos de argumento (não-humano e humano) na posição de complemento preposicionado na construção standard em uma construção nominal (ou sujeito na construção conversa). Também seguindo os padrões anteriores, a maioria dos Npred são de origem deverbal (benzida, destaque, destino, realce, rótulo, entre outros) e a minoria de origem não-deverbal ou anônima (força, holofote, espaço, notoriedade, *upgrade*, etc.).

(259) *O padre deu uma benzida no (carro + cristão).*
 [Conv] *O (carro + cristão) recebeu uma benzida do padre.*

(260) *O congresso nacional deu força ao (projeto + deputado).*
 [Conv] *O (projeto + deputado) recebeu força (do + no) congresso nacional.*

Distribucionalmente, o Vsup elementar standard pode ser, de maneira ampla, substituído pelas seguintes variantes-suporte: fazer, conceder, atribuir e estabelecer, sendo a última um pouco menos frequente. Na construção conversiva, o Vsup elementar pode coocorrer sintaticamente com os mesmos verbos disponíveis para as outras subclasses de DR, isto é, com as variantes ter, contar com, obter, ganhar e possuir, sendo a última também menos frequente que as demais, mas de maneira mais acentuada (visto que abrange menos de 10% dos nomes de DR3). Os predicados com destinação e denominação exemplificam a possibilidade de variação do verbo:

(261) *A diretoria (deu + fez + concedeu + atribuiu) uma destinação para a (verba + estagiária).*
 [Conv] *A (verba + estagiária) (recebeu + teve + obteve + ganhou) uma destinação.*

(262) *O time (deu + atribuiu + estabeleceu) uma denominação própria (ao jogo + à torcida).*
 [Conv] *(O jogo + A torcida) (recebeu + ganhou + possui) uma denominação do time.*

Grande parte das características gerais das subclasses anteriores de índice 3 podem ser reconhecidas também nas construções de DR3, como a distribuição dos determinantes e preposições, por exemplo. Por esse motivo, tais regularidades não são tratadas profundamente, mas de maneira objetiva para que se evite repetições de conteúdo. No entanto, nem sempre é possível que se considere como gerais todas as características das classes de terceiro índice, pois todas elas possuem particularidades que lhe são próprias.

- Determinantes e preposições

Conforme mencionado pelo parágrafo anterior, a distribuição dos determinantes e das preposições da subclasse DR3 segue o mesmo parâmetro distribucional, tanto das outras subclasses de mesmo índice, quanto também da subclasse DR2. Embora haja essa similaridade entre as classes e subclasses, não é possível dizer, simplesmente, que todas participam de um mesmo processo, pois em cada Tábua haverá sempre alguma entrada lexical que não faz parte do padrão geral, possuindo sua própria regularidade. Nesse sentido, as construções nominais que envolvem o Npred holofote exemplificam os casos não convencionais de distribuição e possuem suas próprias características sintático-semânticas:

(263) *O jornal deu holofote para a protagonista da novela.*
 [Conv] *A protagonista da novela recebeu (E + um + o) holofote do jornal.*

O exemplo mostra uma construção, cujo argumento [N1] é um nome do tipo humano (protagonista da novela), mas se fosse um nome do tipo não-humano (publicação ou matéria, por exemplo) os elementos gramaticais teriam a mesma distribuição. Segundo pesquisa em corpora, diferente do que ocorre no geral, o nome holofote aceita apenas o determinante nulo na construção standard, mas possibilita todos os outros tipos na construção conversa, sendo, exatamente, o determinante nulo, aquele que possui menos ocorrência. Fora isso, quando ele aceita o determinante artigo indefinido na construção conversa soma-se à construção um outro significado do substantivo: holofote como um objeto e não como uma ação, como na frase retirada do *corpus* Cada artista recebeu um holofote por 48 horas.

- Papéis semânticos

Em relação aos ‘semantic roles’ não ocorrem casos que fogem ligeiramente do padrão pré-determinado pela matriz da grande classe DR. De um modo geral, o sujeito da construção standard é classificado como AGENT-GENERIC e o sujeito da construção conversa (ou complemento da construção standard) por PATIENT e OBJECT-GENERIC, dependendo do tipo de elemento lexical que está na posição de argumento [N1], humano ou não-humano. Dessa forma, os exemplos abaixo representam esses dois eventos a partir dos substantivos predicativos *upgrade* e *realce*, ambos classificados na subclasse DR3:

(264) *A concessionária* [AGENT-GEN] *deu um upgrade nos veículos da loja* [OBJECT-GEN].
A concessionária [AGENT-GEN] *deu um upgrade no quadro de funcionários* [PATIENT].

(265) *O fotógrafo* [AGENT-GEN] *deu um realce na foto por meio do software* [OBJECT-GEN].
O fotógrafo [AGENT-GEN] *deu um realce para os olhos da modelo* [PATIENT].

Esse tópico encerra a descrição da grande classe DR, que se refere à maior das classes analisadas nesta tese. Devido ao grande número de entradas lexicais que dispõe a Tábua III, não é uma tarefa fácil a realização de uma análise que englobe todos os elementos que pertencem a ela, mas a descrição buscou englobar as principais regularidade que puderam ser observadas pelos dados disponíveis. Essas regularidades dizem respeito às características sintáticas e semânticas, pelas quais foram expostas igualmente neste Capítulos. Torna-se, ainda, importante reiterar que o preenchimento integral de todas as Tábuas está disponível no Apêndice B.

5.4 Tábua IV: as subclasses de DL (dar-levar)

Esta Seção corresponde aos elementos lexicais que estão organizados de acordo com as diretrizes impostas como essenciais para a descrição da classe DL em português brasileiro. Da mesma maneira realizada pelas classes anteriores, os Npred estão divididos de acordo com o tipo de argumento que ocupa a posição de sujeito da construção conversa (ou complemento preposicionado da construção standard), exceto pela subclasse de terceiro índice (DL3), cuja organização é realizada de maneira um pouco diferente do convencional desta tese. Essa estruturação é detalhada posteriormente na introdução da subclasse em questão (Subseção 5.4.3).

Mesmo apresentando um padrão diante das classes anteriores, toda a descrição produzida pelas subclasses de DL está embasada, principalmente, no estudo de Baptista (1997). Na realidade, todo o planejamento da grande classe dar-levar, inclusive dos diferentes conjuntos de DL3, inspira-se no estudo que compara sintático-semânticamente as vertentes europeia e brasileira do português, em relação à transformação de Conversão. Por este motivo, a íntegra textual desta Subseção contém comparações sobre as regularidades encontradas entre a presente descrição do PB, a descrição de Baptista (1997) e o contraste elaborado por Rassi et al. (2016).

Resumidamente, a grande classe DL possui 257 substantivos predicativos que estão dispostos em 3 subclasses (DL1, DL2, DL3), além dos conjuntos especiais de DL3 (DL31, DL32, DL33). Nesse sentido, os nomes aqui descritos permitem variantes-suporte relativamente específicas para substituir os verbos elementares standard (*dar*) e converso (*levar*), com ressalva ao verbo converso *receber*, que pode ocorrer como extensão de praticamente todos os nomes de DL. Os dados dispostos na tabela abaixo fazem uma síntese dos resultados obtidos pela descrição desta classe, incluindo informações quantitativas e outras distribucionais:

Tabela 1: Extensões com mais ocorrência em DL

Subclasse	Quant.	Principais variantes standard	Principais variantes conversas
DL1	10	fazer	receber, ter, ganhar
DL2	129	fazer, aplicar, atribuir	receber, ter, sofrer, ganhar, tomar
DL31	40	desferir, enfiar, meter, sentar	receber, sofrer, tomar
DL32	24	meter, enfiar, sentar	receber, tomar
DL33	54	aplicar, desferir, enfiar, meter, sentar	receber, sofrer, tomar

Fonte: elaborada pela autora.

Comparando as duas classes que atribuem ao verbo dar a posição de elementar standard, nota-se que os nomes que compõem a classe DL são mais homogêneos em relação aos nomes que pertencem a classe DR, dos pontos de vista sintático e semântico. Distribucionalmente, os Npred de DL utilizam os elementos sintáticos de forma relativamente controlada, resultando em construções estruturalmente muito parecidas. Semanticamente, além dos papéis semânticos serem atribuídos de maneira mais clara e sem gerar muitas objeções, os substantivos predicativos, na sua maioria, participam de uma esfera semântica muito próxima.

Nas subclasses conseguintes, próximo de metade dos itens lexicais (principalmente em DL2) diz respeito ao uso familiar de nomes que possuem um sentido não-literal, ou seja, são utilizados em contextos muito específicos e, na maioria das vezes, em situações de oralidade. Esses nomes apresentam algumas regularidades, por exemplo o uso do determinante artigo indefinido nas construções standard e conversa, a preferência pela preposição (de) na construção conversa e uma certa resistência em selecionar as variantes-suporte, principalmente standard.

(266) *O aluno veterano deu um trote no calouro.*
 [Conv] *O calouro (levou + tomou) um trote do aluno veterano.*

(267) *Helena deu um cano no Pedro [no primeiro encontro].*
 [Conv] *Pedro levou um cano da Helena.*

Em relação ao preenchimento da Tábua IV, houve a necessidade de inserir propriedades particulares para os Npred da classe DL, como a marcação de nominalizações em -ada e -ida (comuns nos nomes desta classe), a possibilidade de o nome ser utilizado como um instrumento (comum na subclasse DL3), a marcação do Npred utilizado como uso familiar e a eventualidade de bloqueio da Conversão em alguns casos do argumento [N1] ser não-humano. Dito isso, as próximas Subseções apresentam detalhadamente as constatações observadas durante a descrição dos nomes que estão inseridos nas subclasses de DL.

5.4.1 Subclasse DL1

Prosseguindo a classificação habitual realizada para os substantivos predicativos da presente tese, o conjunto de primeiro índice se distingue dos demais por solicitar um sujeito do tipo não-humano na construção conversa. Em comparação com a descrição elaborada para o PE, a subclasse DL1 em PB possui demasiadamente menos nomes, dos quais a propriedade da

Conversão é aceita: são somente 10 itens lexicais que se dividem em 9 deverbiais (arrombada, batida, breque, freada, lavagem, pesponto, pincelada, raspada, retoque) e apenas 1 não-deverbal (demão).

(268) *Pedro deu uma batida no carro do Miguel.*

[Conv] *O carro do Miguel levou uma batida (do Pedro).*

(269) *Pedro deu uma demão de verniz no portão.*

[Conv] *O portão levou uma demão de verniz (do Pedro).*

De acordo com Rassi et al. (2016), a maioria dos nomes que fazem parte da subclasse DL1 do PE, apesar de também pertencerem ao léxico do PB, não admitem a Conversão.⁴⁸ Certos substantivos, segundo Baptista (1997), indicam diversificadas atividades domésticas e profissionais, participam apenas da construção standard em PB, ou seja, podem ser construídos com dar e suas variantes, mas não aceitam o verbo levar, nem o verbo receber. Dentre aqueles que configuram apenas a construção de orientação ativa destacam-se: afiada, aquecida, afinação, amassada, cavada, defumada, encerada, engraxada, fritura, lixada, rasgada, soprada, entre outros.

(270) *O chef de cozinha deu uma aquecida no prato principal.*

[Conv] *?O prato principal (levou + recebeu) uma aquecida do chef de cozinha.*

(271) *Helena deu uma encerada no chão da sala.*

[Conv] *?O chão da sala (levou + recebeu) uma encerada (da Helena).*

(272) *O artesão deu uma lixada na moldura do quadro.*

[Conv] *?A moldura do quadro (levou + recebeu) uma lixada (do artesão).*

Não obstante, apesar da confirmação por meio de corpora de que a estruturação sintática conversa de tais construções não procede em PB, introspectivamente, os exemplos apresentados não parecem de um todo inaceitáveis. Obviamente, por questões científicas de metodologia é correto uma não atribuição de classes para esses Npred, porém não se pode negar que, pelo menos, há um questionamento sobre suas propriedades distribucionais. De outro ângulo, ao

⁴⁸ Dentre os 87 Npred da subclasse DL1 do estudo de Baptista (1997), 32 nomes não existem em PB (amachucadela, amolgadela, barradela, caiadela, entalão, ensebadela, espivetadela, limadela, entre outros.) e 39 nomes não admitem a transformação sintática em questão com nenhum dos verbos conversos (os exemplos foram mostrados no corpo do texto). É possível apontar, ainda, que apenas 8 nomes da subclasse DL1 do PE possuem equivalência com a subclasse DL1 em PB. Ressalta-se que o sufixo -dela em PE corresponde aos mesmos sufixos -ida e -ada em PB, sendo assim, é necessário a adaptação de aquecidela para aquecida, enceradela para encerada, etc.

transformar a suposta construção conversa em uma construção passiva de origem verbal, obtém-se um mesmo conteúdo informacional, mas com objetos diferentes de análise.

(273) *O chef de cozinha aqueceu o prato principal.*
 [Pass] *O prato principal foi aquecido pelo chef de cozinha.*

Para prosseguir com a descrição da subclasse DL1, é importante dizer que o baixo número de itens lexicais recenseados não invalida a criação de um conjunto específico para descrever as suas características em comum. Mesmo que haja uma justificativa para a rasa produtividade da Conversão, por trás desta subclasse ainda há um repertório de construções (standard) que foram descritas no estudo de Rassi (2015). Além do mais, os nomes que aqui se encontram apresentam propriedades que merecem receber a mesma atenção dada àqueles que integram as subclasses maiores, sendo uma delas a possibilidade de variação do verbo-suporte.

Exatamente metade dos Npred da atual DL1 aceita o verbo standard fazer – que nesta subclasse é considerado um verbo do tipo variante – na mesma posição sintática do verbo elementar dar (demão, freada, lavagem, pesponto, retoque).⁴⁹ Os demais nomes não admitem nenhuma variante standard que seja característica da grande classe DL (desferir, enfiar, meter, por exemplo) e nem da grande classe DR (atribuir, conceder, por exemplo). Em compensação, o verbo converso levar manifesta maior variabilidade de combinação com esses Npred.⁵⁰

(274) *O frentista (deu + fez) uma lavagem gratuita no carro.*
 [Conv] *O carro (levou + recebeu + ganhou) uma lavagem gratuita do frentista.*

(275) *O motorista (deu + fez) uma freada brusca no ônibus.*
 [Conv] *O ônibus (levou + sofreu) uma freada brusca do motorista.*

(276) *A costureira (deu + fez) um pesponto provisório na barra da calça.*
 [Conv] *A barra da calça (levou + recebeu + teve) um pesponto provisório da costureira.*

⁴⁹ O estudo descritivo de Baptista (1997) não considera o verbo fazer como uma variante-suporte para os nomes da subclasse DL1 em PE. O único verbo que é aceito em pouquíssimas construções standard é a extensão pregar.

⁵⁰ Nota-se, ainda, que quando o nome é acompanhado de um modificador adjetival (gratuita, brusca, provisória) a variante destacada ganha certa estabilidade na construção. Essa estabilidade faz parte do verbo elementar, não necessitando de um adjetivo para se chegar a ela, uma vez que é concebida de maneira natural.

Da mesma maneira que a construção standard parece não admitir nenhuma variante representativa ou prototípica da grande classe DL, a construção conversa segue o mesmo padrão, não admitindo uma das mais produtivas variantes conversas do verbo elementar em questão: tomar. Ora, ser uma subclasse em que um dos elementos, necessariamente, tem de ser um objeto, portanto, não-humano, pode ser um motivo pelo qual nessas variantes não são tão comuns como são em construções onde os argumentos se referem aos do tipo humano.

Uma relevante comparação de nível distribucional com o estudo contrastivo de Rassi et al. (2016) vale ser destacada. Naquele trabalho, os nomes *pesponto* e *retoque*, inicialmente classificados na subclasse DL1 do PE, foram reclassificados como integrantes da classe DR em PB (pela justificativa de aceitarem suas variantes prototípicas). No entanto, após uma revisão dos dados, optou-se por classificar esses nomes na subclasse DL1 também em PB, pois não há em corpora ocorrências suficientes para fundamentar a mudança anterior. Fora isso, ambos os Npred aceitam com facilidade o verbo *levar* como elementar da construção conversa.⁵¹

Outra mudança, em relação ao estudo contrastivo mencionado acima, refere-se ao Npred *furo*, que naquela ocasião, foi adicionado à subclasse DL1 pertinente ao PB. Nesta nova etapa do estudo da Conversão (presente tese), contudo, este nome pertence à classe FR (mais precisamente FR1), pelo motivo de, quantitativamente, estar inserido em um número maior de construções standard com o verbo *fazer* e em construções conversas com verbo *receber*, segundo a análise em corpora. Constatou-se também que, o Npred *furo*, quando construído com *levar*, diz respeito ao sentido figurado do léxico, constituindo uma nova entrada.⁵²

(277) *O encanador (deu + fez) um furo na lateral do cano.*
 [Conv] *O cano (?levou + recebeu) um furo [em sua lateral].*

⁵¹ É de grande importância lembrar que a grande classe DR não admite o verbo *levar* como uma de suas variantes-suporte, sendo este mais um motivo para a realocação dos nomes *pesponto* e *retoque* para a subclasse DL1.

⁵² Este nome não está presente na descrição realizada por Baptista (1997). Como dito no corpo do texto, o substantivo predicativo ‘furo’ possui um desdobramento lexical na subclasse DL2 (descrito na próxima Subseção), que corresponde ao uso familiar que se aproxima do que significa “[N0] não compareceu ao compromisso marcado”.

- Determinantes e preposições

Com uma distribuição bastante homogênea, a atribuição dos determinantes, assim como das preposições, segue um mesmo modelo sintático. Dessa maneira, o determinante artigo indefinido, que antecede o substantivo predicativo, é um padrão nas construções standard e conversa. E o padrão utilizado na atribuição das preposições é o seguinte: Prep. em antecedendo o complemento da construção standard; e Prep. de antecedendo o complemento (quando não há elisão do objeto direto, comum nas subclasses de DL) na construção conversa.

(278) *Salvador Dali deu uma pincelada de tinta no quadro.*

[Conv] O quadro levou uma pincelada de tinta de Salvador Dali.

Um determinante do tipo demonstrativo também pode ser aceito para expressar ênfase em algumas construções, tanto standard, como conversas (O quadro levou aquela pincelada de Salvador Dali). Como exceção, apesar do padrão obtido pelas construções elementares em geral, os substantivos que aceitam a variante fazer na construção standard também podem ser precedidos pelo determinante artigo definido, assim como ocorre com os Npred lavagem (O frentista fez [a + uma] lavagem do carro) e retoque (Pedro fez [o + um] retoque na mesa de cabeceira).

- Papéis semânticos

Sem grandes eventualidades de ordem semântica, igualmente aos nomes que pertencem às outras subclasses de mesmo índice, há apenas uma combinação de ‘semantic roles’ que parece ser a mais conveniente para os Npred da subclasse DL1. Sendo assim, a partir de um argumento [N0] do tipo humano e um argumento [N1] do tipo não-humano e, neste último caso, referindo-se apenas à objetos em totalidade, a escolha temática se deu sob as características que envolvem os papéis AGENT-GENERIC e OBJECT-GENERIC, ambos descritos pelo estudo de Talhadas (2014), como de costume na descrição das propriedades semânticas dos argumentos.⁵³

(279) *O pintor [AGENT-GEN] deu um retoque final na parede da brinquedoteca [OBJECT-GEN].*

[Conv] A parede [OBJECT-GEN] levou um retoque final do pintor [AGENT-GEN].

⁵³ É importante lembrar, apesar disso, que a distribuição dos papéis semânticos realizada nesta tese não é absoluta e tem apenas a pretensão de informar sobre uma possibilidade de visão semântica sobre os argumentos.

5.4.2 Subclasse DL2

Estão reunidos aqui os nomes dos quais demandam que a posição sintática de sujeito da construção conversa seja preenchida apenas por argumentos do tipo humano. Trata-se de um conjunto substancialmente mais numeroso em comparação ao anterior, possuindo um total de 129 substantivos predicativos que se dividem em: 73 deverbais (ataque, expulsão, multa, repreensão, surra) e 56 não-deverbais (bronca, cartão, porrete, revanche). Muitos dos nomes desta subclasse, inclusive, denotam expressões populares quando são construídos com os pares de verbos-suporte indicativos da subclasse DL2 (balão, bandeira, carrinho, gelo, varrida).

(280) *O pai deu um castigo severo ao filho.*
 [Conv] *O filho levou um castigo severo do pai.*

(281) *A diretora do colégio deu um esporro no aluno bagunceiro.*
 [Conv] *O aluno bagunceiro levou um esporro da diretora do colégio.*

Há, no entanto, algumas diferenças na metodologia de classificação entre o estudo de Baptista (1997) e o atual estudo em PB.⁵⁴ Contando que o presente trabalho pode distinguir semanticamente os substantivos predicativos por meio da descrição e formalização das propriedades semânticas (papéis semânticos) de seus argumentos, não se julgou necessária a criação de outros subconjuntos para diferenciá-los. Sendo assim, a subclasse DL2 do PB, agrupa os elementos que têm em comum o argumento [N1] do tipo humano, exclusivamente.⁵⁵

Evidentemente, ocorrem diferenças de outros níveis entre os nomes de uma mesma subclasse, porém, na presente tese, uma dessas diferenças é sanada por meio da atribuição dos papéis semânticos aos argumentos dos Npred. Essa propriedade semântica está formalizada na matriz binária que se refere a todas as subclasses da grande classe DL os ‘semantic roles’

⁵⁴ A classe DL2 desenvolvida por Baptista (1997), que na época de sua descrição apresentava 34 substantivos predicativos, foi segmentada em 3 conjuntos, sendo 2 sintático-semanticamente homogêneos e outro conjunto residual, respectivamente: DL21 (raspanete, descasca, sermão), DL22 (tareia, surra, coça) e DL2R (boleia, castigo, graxa).

⁵⁵ Outras diferenças que os nomes possam apresentar, tanto as de ordem sintática, como as de ordem semântica, são formalizadas pela matriz binária. Um dos motivos para a escolha de uma classificação mais generalizada é o fato de muitos nomes apresentarem uma distribuição que não se pode prever, isto é, um nome que está em uma classe semântica X pode apresentar as mesmas propriedades sintáticas (tipo de preposição, tipo de variante, etc.) de um nome que se encontra em uma classe semântica Y. Isso ocorre devido à natureza dos nomes que admitem a Conversão, por isso optou-se em separá-los apenas em decorrência dos verbos elementares e do tipo argumental.

disponíveis para os argumentos de DL2 que estão descritos ao final desta mesma Seção, em um tópico individual que sucede o tópico dos elementos de ligação.

Nesse sentido, os nomes descritos em PE – que eram divididos entre a designação de atos de fala (DL21), a designação de atos violentos (DL22) e de um conjunto variado (DL2R) – seriam diferenciados uns dos outros, não por meio de novas classificações, mas a partir dos papéis semânticos atribuídos aos seus argumentos, se fossem descritos seguindo os critérios utilizados na presente tese. Em outras palavras, o primeiro conjunto teria os seus argumentos descritos a partir de um par específico de papéis semânticos; o segundo conjunto teria os seus argumentos descritos por meio de outro par de ‘semantic roles’; e assim por diante.

Com o esclarecimento da questão metodológica é possível retornar para a descrição, destacando outras diferenças que existem entre o atual e os estudos anteriores. Em primeiro lugar, Baptista (1997) descreve o nome *corretivo* como um ato de fala, classificando-o em DL21 (segundo a organização do PE). Essa classificação é mantida por Rassi et al. (2016), porém é importante destacar que, apesar deste Npred realmente pertencer à subclasse DL2, não diz respeito somente à definição dada anteriormente, pois o nome *corretivo* também é utilizado para designar um ato violento, assim como mostram os contextos abaixo extraídos em *corpus*:

(282) *Aos policiais militares, a mãe afirmou que o garoto havia ‘teimado’ e por isso deu um corretivo com surra de cipó na criança.*

(283) *Pois bem, depois que essa menina levou um corretivo da mãe com um galho de uma árvore que havia em frente à escola [...].*

Para mais, o estudo comparativo publicado em 2016 classifica os Npred *sermão*, *repreensão* e *reprimenda* (pertencentes à subclasse DL21-PE) como componentes da grande classe DR em PB, pelo fato de admitirem o verbo *receber* e suas variantes. Na presente tese, no entanto, optou-se por reclassificar esses nomes perante as propriedades distribucionais da subclasse DL2. Segundo pesquisas em corpora, a incidência de construções pelas quais admitem o verbo *levar* é superior em detrimento ao número de construções que admitem o verbo *receber*,⁵⁶ além disso, os três nomes também aceitam a variante-suporte *sofrer* para substituir o verbo elementar *levar*.

⁵⁶ Lembrando que, de acordo com a metodologia de classificação aplicada nesta tese, todos os nomes que aceitam tanto o verbo *levar*, como o verbo *receber*, são considerados membros da classe DL (*levar* como elementar e *receber* como variante). Sendo assim, a classe DR não admite nenhum nome que possa ser construído com o verbo *levar*.

(284) *O apresentador deu um sermão [ao vivo] no participante.*
 [Conv] *O participante (levou + sofreu) um sermão [ao vivo] do apresentador.*

Grande parte dos nomes de DL2 aceita o verbo *fazer* como uma variante standard, mas diferente da subclasse precedente, que não permite nenhuma variante além desta, outros verbos também podem ocupar a posição do verbo *dar* (aplicar, atribuir, meter, enfiar), dependendo do Npred. Bem como foi introduzido no parágrafo anterior, o verbo *sofrer* é considerado uma das variantes que pode coocorrer com o verbo elementar *levar* na construção conversa. Fora ele, os verbos *receber*, *ter*, *tomar* e *ganhar*⁵⁷ também são destacados como extensões válidas e produtivas.

(285) *O árbitro (deu + fez + aplicou + efetuou) a expulsão do jogador.*
 [Conv] *O jogador (levou + recebeu + tomou + sofreu) uma expulsão do árbitro.*

(286) *Helena (deu + meteu + enfiou) um pé na bunda do namorado ciumento.*
 [Conv] *O namorado ciumento (levou + tomou + ganhou) um pé na bunda [da Helena].*

Integralmente, os Npred e todas as variantes-suporte disponíveis para cada um deles se encontram na Tábua IV, mas ainda é apropriado o destaque de algumas regularidades relacionadas ao preenchimento das extensões. Por exemplo, há nomes muito específicos que, principalmente na construção standard, permitem variantes também muito específicas, das quais consolidaram-se com dado nome até mais que o próprio verbo elementar, como *armar um flagra*, *marcar uma goleada*, *aplicar um golpe*, *sentar um pau*, *enfiar/meter um pé na bunda*, entre outros exemplos. Os modelos de exemplos (com argumentos essenciais) fazem parte do Apêndice B.

Vale destacar, ainda, uma última comparação entre os estudos que tratam da Conversão como tema principal de análise. Na vertente europeia do português, os nomes empurrada e encontrão podem admitir um nome parte-do-corpo como complemento da construção standard, sendo assim, classificados na subclasse DL33. Por outro lado, em português brasileiro, tais nomes pertencem à subclasse aqui descrita, pois não admitem o tipo de complemento citado anteriormente. Em geral, esses dois nomes fazem parte de construções mais genéricas, como mostram os exemplos (287) e (288):

⁵⁷ Nas construções de DL2, o verbo *ganhar* possui uma denotação que o diferencia, por exemplo, das construções em que ele é aceito nas subclasses de FS. Neste caso, a variante-conversa pertence às construções que passam uma informação, de certo modo, irônica, uma vez que não se verifica a polaridade positiva nas construções em questão.

(287) *O jogador deu uma empurrada no árbitro.*
 [Conv] *O árbitro levou uma empurrada do jogador.*

(288) *O aluno deu um encontrão [sem querer] no professor.*
 [Conv] *O professor levou um encontrão do aluno.*

- Determinantes e preposições

O uso da determinação indefinida é muito frequente em construções com os nomes desta subclasse, principalmente por aqueles que são formados pelo sufixo -ada, tanto na estrutura standard, quanto na conversa. Mesmo assim, o determinante artigo definido pode configurar a construção conversa, mas raramente é aceito na construção standard. Pode-se dizer que, na maioria das ocorrências, os determinantes são fixos e equivalentes, ou seja, são exatamente os mesmos nas duas construções e somente de um dos tipos, assim como mostra o exemplo (289):

(289) *O Palmeiras deu uma escovada de 4x0 no Corinthians.*
 [Conv] *O Corinthians levou uma escovada de 4x0 do Palmeiras.*

(290) *A torcida deu um olé para o time de futebol.*
 [Conv] *O time de futebol levou (um + o) olé (da + por parte da) torcida.*

Sobre as preposições, é factível dizer, sem embargo, que o complemento da construção standard permite as preposições em (como é visto pelo exemplo 289) e de (como é visto pelo exemplo 290). Em contrapartida, o complemento da construção conversa, de forma intuitiva, é introduzido pelas preposições padrão de e/ou por parte de, como os exemplos também mostram. Como foi possível perceber, as preposições da construção conversas dificilmente passam por alguma alteração de ordem sintática, sendo sempre as mesmas.

- Papéis semânticos

Nesta subclasse, retomando os primeiros parágrafos, torna-se possível a observação das semelhanças entre nomes de um mesmo campo semântico, a partir dos ‘semantic roles’ atribuídos aos argumentos das construções. Dessa maneira, foram identificadas, ainda que de forma extensiva, duas possibilidades de combinação: a primeira refere-se aos atos efetivamente realizados (de modo violento ou não) e a segunda refere-se aos nomes que determinam atos de

fala. Respectivamente, o núcleo predicativo dessas construções possuem uma argumentação selecionada pelos pares AGENT-GENERIC/PATIENT e AGENT-SPEAKER/ADDRESSEE.

(291) *O atacante* [AGENT-GEN] *deu um carrinho no zagueiro* [PATIENT].
 [Conv] *O zagueiro* [PATIENT] *levou um carrinho do atacante* [AGENT-GEN].

(292) *O entrevistado* [AGENT-SPEAKER] *deu uma bronca no apresentador* [ADDRESSEE].
 [Conv] *O apresentador* [ADDRESSEE] *levou uma bronca do entrevistado* [AGENT-SPEAKER].

5.4.3 Subclasse DL3

Excepcionalmente, as entradas lexicais desta subclasse são descritas e organizadas de maneira um pouco diferente a das subclasses anteriores de terceiro índice. Em consequência do compartilhamento dos substantivos predicativos entre a subclasse em questão do PB e do PE (BAPTISTA, 1997), foi decidido que a análise de DL3 no presente estudo seguiria o mesmo panorama de análise que já fora realizado. Esse formato também contribui para uma análise contrastiva que possa atualizar os dados descritos em Rassi et al. (2016), cuja argumentação voltou-se inteiramente na comparação da subclasse DL3 do português europeu com os dados até então disponibilizados para o português brasileiro.

De modo geral, como também pontuou Baptista (1997, p. 16), trata-se de substantivos predicativos que, de forma bastante produtiva, selecionam nomes parte-do-corpo na posição de complemento da construção standard. Estes nomes diferenciam-se dos nomes da subclasse anterior, exatamente, por permitir esse tipo de complemento, tal qual não é aceito em nenhuma construção da subclasse DL2. Um complemento do tipo não-humano, habitual em subclasses deste índice (FR3, FS3, DR3), também pode ser aceito na construção standard, porém a Conversão sofre um bloqueio em situações desse tipo, como mostram os exemplos:

(293) *Helena deu tabefe (no Pedro + na cara do Pedro).*
 [Conv] *Pedro levou um tabefe da Helena [na cara].*

(294) *Helena deu uma joelhada (no Pedro + na perna do Pedro + na mesa).*
 [Conv] *(Pedro + *A mesa) levou uma joelhada da Helena.*

Para mais do que foi apresentado acima, os Npred aqui descritos também possuem uma característica que os distingue dos outros, pois permitem que sejam separados por meio de aspectos morfológicos. Sendo assim, as construções da subclasse DL3 são organizadas em 3 conjuntos de nomes morfológicamente ligados a um substantivo concreto, na maioria das vezes. Grosso modo, esses nomes apresentam uma paráfrase com o verbo pleno bater, dado que são majoritariamente substantivos predicativos que correspondem à atos violentos ou golpes.

Quadro 8: Definição da subclasse DL3

CONJUNTO DL31	CONJUNTO DL32	CONJUNTO DL33
Npred derivados de nomes concretos que podem servir como um instrumento utilizado para agredir alguém.	Npred derivados de nomes parte-do-corpo que são utilizados, na maior parte dos casos, também como um instrumento para agredir ou ferir alguém.	Npred não derivados de nenhum dos nomes anteriores, são nomes que podem especificar o tipo de agressão e apresentam formas oriundas de derivação. Esses nomes também não são utilizados como instrumentos
bater com uma marreta dar uma marretada	bater com a cabeça dar uma cabeçada	soco, mordida, beliscão

Fonte: elaborado pela autora com base em Baptista (1997).

5.4.3.1 Npred derivados de nomes de instrumentos (DL31)

Resumidamente, este conjunto agrupa Npred relacionados aos nomes concretos (cadeira, faca, martelo, tesoura) que, quando morfológicamente associados ao sufixo -ada, são utilizados como instrumentos potencialmente nocivos (cadeirada, facada, martelada, tesourada). Trata-se de um grupo homogêneo que contém 40 substantivos predicativos, dos quais se dividem em 30 deverbais (chicotada, espetada, flechada) e 10 não-deverbais, mas que possuem um processo morfológico de derivação a partir de um substantivo e não de um verbo, como ocorre na maioria dos casos dos nomes estudados nesta tese (canivetada, paulada, raquetada, pedrada).

(295) *Miguel deu uma chicotada em Pedro.*

[Conv] *Pedro levou uma chicotada de Miguel.*

(296) *O réu deu uma paulada na cabeça da vítima.*

[Conv] *A vítima levou uma paulada do réu [?na cabeça].*

Há uma relação de natureza transformacional (portanto, sintático-semântica) entre a paráfrase com verbos plenos (bater, agredir, ferir) acompanhados de um nome instrumental (Ni) e a construção nominal estabelecida por um Npred formado a partir deste mesmo Ni. Segundo Baptista (1997, p. 22) a relação que existe entre essas construções se aproxima do que M. Gross (1981) denomina de Fusão, grosso modo, um processo de combinação de dois elementos que resulta em um único elemento. Em relação aos nomes predicativos elencados em DL31, a operação transformacional de Fusão atuaria da seguinte maneira:

(297) *Miguel agrediu Pedro com uma faca.*
 [Fusão] *Miguel esfaqueou Pedro.*
 [Nominal] *Miguel deu uma facada em Pedro.*

Essa construção nominal é bastante comum nas duas variantes do português, sendo o processo de derivação (Ni:Npred) muito produtivo e motivo principal pelo qual pode-se considerar DL31 um conjunto potencialmente aberto. Isso porque é completamente possível a criação de novos itens lexicais com base na estrutura daqueles que já estão lexicalizados. Inclusive, a maioria das construções standard, cujo Npred participa desse processo derivacional, parece admitir a Conversão com, pelo menos, o verbo elementar converso levar.

(298) *O skatista deu uma ?skatada no braço do Pedro.*
 [Conv] *Pedro levou uma ?skatada do skatista.*

(299) *Miguel deu uma ?capacetada (no braço de Pedro + em Pedro).*
 [Conv] *Pedro levou uma ?capacetada de Miguel.*

Com exemplos retirados de corpora do PB (*web* como *corpus*), mas utilizando a mesma linha de raciocínio de Baptista (1997, p. 20), é legítimo considerar as construções acima como menos comuns em relação às outras desta subclasse. Porém, apesar da ‘criatividade linguística’ na elaboração dos substantivos predicativos, ambos podem ser objetivamente interpretados como correspondentes às construções verbais (O skatista bateu com o skate no Pedro, Miguel bateu com o capacete no Pedro). Tais nomes não foram formalizados na Tábua IV em consequência de não apresentarem uma reprodutibilidade muito relevante em termos quantitativos.

É necessário comentar, embora tenha sido abordado na introdução desta Subseção, sobre o bloqueio da Conversão em construções que tenham um argumento [N1] do tipo não-humano.

Embora, o complemento da construção standard (referente ao argumento destacado) possa ser preenchido pelos dois tipos argumentais (humano e não-humano), essa mesma posição sintática aceita melhor o argumento do tipo humano na construção conversa. Em função disso, a construção com o verbo converso levar é considerada duvidosa na maioria dos casos do PB.

(300) *Helena deu uma martelada (no Pedro + na mesa).*
 [Conv] *(Pedro + ?A mesa) levou uma martelada do Miguel*

Em termos distribucionais de variação, os nomes de DL31 aceitam com certo limite os verbos desferir, enfiar, meter e sentar como extensões do Vsup dar na construção standard. Esse limite é referente à alternância que esses verbos podem sofrer a depender do Npred, por exemplo enquanto o nome marretada aceita todas as variantes mencionadas, o nome chicotada admite apenas os verbos desferir e meter.⁵⁸ Um quadro diferente acontece na variação do verbo levar, dado que todos os Npred descritos nesta subclasse, de modo balanceado, permitem a sua substituição pelos verbos receber e tomar na construção conversa.

(301) *Miguel (deu + meteu + sentou) uma chinelada no Pedro.*
 [Conv] *Pedro (levou + recebeu + tomou) uma chinelada de Miguel.*

▪ Determinantes e preposições

Em regra, a atribuição dos determinantes e das preposições nas construções de DL31 é um tanto quanto limitada. Basicamente, o artigo indefinido antecede o substantivo predicativo nas construções standard e conversa, mantendo-se, além de fixo, equivalente.⁵⁹ Sobre as preposições, a distribuição é realizada da maneira a da subclasse DL1: Prep. em antecedendo o complemento da construção standard e Prep. de antecedendo o complemento da construção conversa. Perante a maioria dos dados observou-se que o Npc pode sofrer uma elisão sintática na construção conversa, sem alterar a informação principal do predicado.

⁵⁸ Segundo a busca realizada online por meio do concordanciador WebCorp Live e por outros pesquisadores online.

⁵⁹ O atributo de equivalência diz respeito ao fato de os determinantes serem exatamente os mesmos na construção standard e na construção conversa, além de serem fixos (dado Npred aceita somente um tipo de determinante).

(302) *Helena deu uma vassourada no braço do Pedro.*
 [Conv] *Pedro levou uma vassourada da Helena.*

Um determinante do tipo demonstrativo, também pode ser aceito para expressar ênfase em algumas construções, tanto standard, como conversas (O quadro levou aquela pincelada de Salvador Dali). Como exceção, apesar do padrão obtido pelas construções elementares em geral, os substantivos que aceitam a variante fazer na construção standard também podem ser precedidos pelo determinante artigo definido, assim como ocorre com os Npred lavagem (O frentista fez [a + uma] lavagem do carro) e retoque (Pedro fez [o + um] retoque na mesa de cabeceira).

- Papéis semânticos

Conforme aponta o preenchimento da Tábua IV, os conjuntos da subclasse DL3 possuem uma distribuição bem homogênea e generalizada em relação aos papéis semânticos que são atribuídos aos argumentos dos substantivos predicativos construídos com o par de verbos dar-levar. Por via de regra, aos argumentos [N0] atribui-se a característica semântica AGENT-GENERIC e aos argumentos [N1] é atribuída a característica semântica PATIENT, bem como é exemplificado pelo predicado nominal abaixo, construído pelo Npred agulhada:

(303) *A costureira [AGENT-GEN] deu uma agulhada no braço da modelo [PATIENT].*
 [Conv] *A modelo [PATIENT] levou uma agulhada da costureira [AGENT-GEN].*

5.4.3.2 Npred derivados de nomes parte-do-corpo (DL32)

Bem como pontuou Rassi et al. (2016), os nomes deste conjunto ocupam-se do núcleo de uma construção análoga à construção descrita anteriormente (DL31). No lugar de nomes de instrumentos encontram-se nomes parte-do-corpo (Npc), pelos quais também fazem paráfrase com o verbo bater. No momento presente, a subclasse DL32 dispõe de 24 nomes, que correspondem a 10 deverbais (agarrada, bicada, peitada) e 14 não-deverbais (cotovelada, focinhada, testada), precisamente o dobro dos nomes descritos e classificados no estudo do PE.⁶⁰

⁶⁰ O estudo de Baptista (1997) descreve 12 substantivos predicativos na subclasse DL32 e com exceção do nome ferroadela, o restante faz correspondência com os nomes do PB. Sendo assim, a descrição atual apresenta 12 Npred além daqueles descritos anteriormente, dos quais alguns não ocorrem em PE (narigada, ombrada, pernada, pezada).

(304) *O craque do time deu uma cabeçada forte no zagueiro.*
 [Conv] *O zagueiro levou uma cabeçada forte do craque do time.*

(305) *O cachorro deu uma focinhada na cara da criança.*
 [Conv] *A criança levou uma focinhada do cachorro.*

Neste conjunto, conforme sugerido pelo último exemplo, há nomes que se constituíram a partir de N_{pred} de animais (cornada, bicada, ferroadada, focinhada, patada, trombada). Seguindo o próprio sentido da palavra e em predicados específicos de DL32, a posição sintática do argumento [N0] pode ser preenchida apenas pelos nomes dos respectivos animais, cuja parte-do-corpo seja de sua própria anatomia.⁶¹ Por exemplo, a sequência nominal dar uma ferroadada em alguém é entendida como a abelha ‘bateu’ com o seu ferrão em alguém, e assim por diante.

Embora os N_{pred} deste conjunto possuam propriedades sintático-semânticas muito próximas as dos N_{pred} de DL31 – como a distribuição dos determinantes, das preposições e a atribuição dos ‘semantic roles’ aos seus argumentos – há uma diferença de nível morfológico muito bem pontuada por Baptista (1997). Enquanto o conjunto DL31 é considerado contínuo, sendo legítima a criação de novos nomes a partir dos nomes de instrumentos, o conjunto DL32 não compartilha do mesmo processo criativo, uma vez que as partes-do-corpo que participam da derivação em N_{pred} são substancialmente limitadas e de conhecimento comum.

Em relação à variação do V_{sup} observa-se que, assim como no conjunto anterior, a escolha do verbo que pode substituir dar na construção standard não é feita de forma intuitiva, tampouco contínua. Há uma certa rotatividade entre os verbos meter, enfiar e desferir, porém não é possível a formulação de regras de distribuição: por exemplo, o N_{pred} cabeçada admite as variantes meter e enfiar, mas os N_{pred} pernada, ombrada e narigada, que seguem em construções semanticamente semelhantes, não admitem nenhuma extensão no lugar do verbo dar. Então, em casos como este, não é permitido dizer que a natureza do nome determina a escolha da variante.

Para mais, a Seção 2.6 do segundo Capítulo, desenvolve uma argumentação sobre a hipótese de que quanto mais comum em ocorrências for o N_{pred}, mais possibilidades de extensões ele pode apresentar. Consequentemente, um nome cujo predicado é mais fixo, não

⁶¹ Segundo o Léxico-Gramática, os argumentos referentes aos animais ainda são considerados do tipo humano. Existe ainda a possibilidade de alguns desses nomes possuírem também um emprego diferente deste apresentado pela subclasse DL32. Nesses casos, a posição do argumento:N0 não é exclusivamente preenchida por nomes de animais, como em casos de sentido figurado (Pedro deu uma patada em Miguel) e em casos de outra acepção da palavra (Pedro deu uma trombada em Miguel). Em PB, esses N_{pred} são classificados em DL2 e serão abordados novamente no Capítulo seguinte, mais precisamente na Seção em que trata dos desdobramentos lexicais.

costuma apresentar tantas opções de variantes-suporte.⁶² Por outro lado, a variação do Vsup na construção conversa segue o mesmo parâmetro do conjunto anterior, ou seja, praticamente todos os Npred permitem a substituição do verbo levar pelos verbos receber e tomar.

(306) *Neymar (deu + desferiu + enfiou + meteu) uma joelhada acidental no Messi.*
 [Conv] *Messi (levou + recebeu + tomou) uma joelhada acidental do Neymar.*

Outra semelhança com as construções de DL31 é relativa à restrição da transformação de Conversão quando o argumento [N1] corresponde ao tipo não-humano. Nota-se, entretanto, que algumas conversões que podem soar duvidosas em construções da subclasse anterior são claramente inaceitáveis em DL32. Igualmente em PE, os argumentos desse tipo ainda podem preencher a posição de complemento na construção standard, visto que o bloqueio acontece somente com a inversão dos argumentos e a partir da alternância entre os verbos dar e levar.

(307) *Helena deu uma dentada (no pescoço do Pedro + na maçã).*
 [Conv] [*Pedro + ?A maçã*] *levou uma dentada da Helena.*

Como dito anteriormente, as propriedades sintático-semânticas de DL31 se estendem para o conjunto DL32, sendo elas basicamente as mesmas. Por este motivo não há a necessidade da reprodução detalhada dos elementos em comum, pois foram devidamente descritos anteriormente, por meio dos marcadores que se ocupam da exposição dos determinantes e preposições, seguido da atribuição dos papéis semânticos. Dito isso, a separação dessas duas subclasses é relevante por causa dos diferentes processos de derivação.

5.4.3.3 Npred de outras origens derivacionais (DL33)

Um último conjunto que faz parte da subclasse DL3 trata dos Npred que não são resultado de uma derivação relacionada aos nomes de instrumentos e nem aos nomes parte-do-corpo, mas que ainda admitem um Npc como complemento da construção standard. Sob essa lógica, o conjunto nomeado de DL33 possui 54 substantivos predicativos que são relativos, muitas das

⁶² Todas as possíveis variantes-suporte foram testadas e certificadas por meio de um *corpus*, neste caso utilizou-se a web (geral) como tal. Logo, se pode realizar a observação do revezamento inconstante das variantes standard.

vezes, aos tipos diversos de atos violentos, sendo 40 de natureza deverbal (apertada, golpe, murro, tapa) e 14 de natureza não-deverbal, portanto, anônimos (chumbo, peteleco, pontapé).⁶³

(308) *O ator deu um soco na cara do empresário paulista.*

[Conv] *O empresário paulista levou um soco do ator.*

(309) *Helena deu um peteleco na orelha de Pedro.*

[Conv] *Pedro levou um peteleco da Helena [na orelha].*

Diferentemente do que ocorre nos conjuntos anteriores, os nomes em questão não apresentam uma paráfrase com o verbo pleno bater e não estão morfologicamente ligados a outro item lexical, pelo menos não literalmente. Encontram-se Npred, como arranhada, lambida e mordida, que apesar de remeterem a uma ação realizada com as unhas, a língua e os dentes, respectivamente, não são formados propriamente a partir desses elementos. Dada a justificativa, esses nomes estão classificados, de maneira residual, no conjunto DL33 e não no conjunto DL32.

Utilizando-se de Rassi et al. (2016) como base comparativa, é possível destacar algumas divergências de ordem classificatória entre as duas vertentes do português. Baptista (1997) classifica os nomes benzida, banho e penteada⁶⁴ na subclasse DL33 em PE, no entanto estes nomes são classificados na classe DR em PB (mais precisamente na subclasse DR2), pois fazem Conversão com o verbo receber e não admitem o verbo levar. Do mesmo jeito, os nomes empurrada e encontrão, ambos inseridos no conjunto DL33 em PE, pertencem, na realidade, ao conjunto DL2 em PB, pelo fato de não admitirem um Npc como complemento standard.

Os dois últimos conjuntos (DL31 e DL32), apesar de tratarem de construções muito parecidas estruturalmente, possuem Npred que permitem uma variação que flutua sempre entre duas ou três variantes mais frequentes, com o conjunto DL33 não seria diferente. Neste caso, as extensões mais regulares referem-se aos verbos fazer e desferir, que na construção standard também dividem espaço com enfiar, meter e sentar. E na construção conversa, as variantes-

⁶³ Exceto os nomes ponto e vomitada, que apesar de não tratarem de atos violentos, foram classificados neste conjunto por apresentarem propriedades específicas de DL33, por exemplo um Npc como um complemento da construção standard e o verbo levar como um suporte elementar (além das mesmas variantes-suporte).

⁶⁴ Os nomes banho e penteada, apesar de pertencerem à classe DR em português brasileiro, admitem um Npc como complemento, dado que essa classe não faz restrição ao tipo de complemento em questão. Já o nome benzida, além de também não aceitar o verbo levar, como os anteriores, também não admite um Npc como complemento em PB.

conversa receber e tomar seguem como as mais características na substituição do Vsup elementar converso levar, sendo aceitas em praticamente todas as construções do presente conjunto.

(310) *Miguel (deu + desferiu + enfiou + meteu + sentou) um murro na cara do vizinho.*
 [Conv] *O vizinho (levou + recebeu + tomou) um soco do Miguel.*

(311) *O assaltante (deu + fez + desferiu) um arranhão no pescoço da vítima.*
 [Conv] *A vítima (levou + recebeu + tomou) um arranhão do assaltante.*

- Determinantes e preposições

O uso e o limite da atribuição dos determinantes ainda segue os princípios dos conjuntos anteriores: Npred que aceitam o determinante indefinido, fixo e equivalente, na maioria das construções, exceto os nomes chumbo, tiro e porrada, que quando construídos com a variante meter na construção standard podem dispensar o uso do determinante. Enfim, os complementos preposicionados seguem com a mesma distribuição em relação, obviamente, às preposições: Prep. em antecedendo os argumentos standard e Prep. de antecedendo os argumentos conversos.

(312) *A cônjuge traída deu uma bofetada na cara do ex-marido.*
 [Conv] *O ex-marido levou uma bofetada da cônjuge traída.*

- Papéis semânticos

Resumidamente, a atribuição dos papéis semânticos é realizada de acordo com o que foi dito pela descrição do conjunto DL31 (que se manteve para o conjunto DL32), sem nenhuma objeção ou modificação de ordem semântica. Portanto, de maneira genérica, aos argumentos [N0] atribui-se o papel AGENT-GENERIC e aos argumentos [N1] atribui-se o papel PATIENT. O Npred puxão de orelhas, no entanto, pode apresentar uma distribuição um pouco diferente, visto que esse nome também informa sobre uma situação metafórica de comunicação. Sendo assim, somente nesses casos, os argumentos do Npred em questão recebem os seguintes papéis:

(313) *Helena [AGENT-SPEAKER] deu um puxão de orelhas no Pedro [ADDRESSEE].*
 [Conv] *Pedro [ADDRESSEE] levou um puxão de orelhas da Helena [AGENT-SPEAKER].*

De certa maneira trata-se de um conjunto residual, uma vez que os nomes de DL33 não se encaixam nos conjuntos anteriores de DL3 e também não correspondem a um mesmo grupo

semântico, de fato. Mesmo assim aborda aspectos interessantes para a descrição linguística realizada pela presente tese. A análise da subclasse DL33 encerra a Seção que descreve a grande classe DL (dar-levar), dando espaço ao último tópico de interesse descritivo: as regularidades encontradas na análise dos nomes construídos com o par de verbos-suporte *ter-ter* em PB (correspondente à Tábua V do Apêndice B).

5.5 Tábua V: as subclasses de TT (*ter-ter*)

Desde Calcia (2016), a grande classe TT desperta certa curiosidade linguística por ser uma das classes mais peculiares da descrição. Uma de suas principais características distribucionais é a de tomar o *Vsup ter* como o elementar em ambas as construções que estão em destaque nesta análise: a construção standard e a construção conversa. Um verbo, que nas subclasses descritas anteriormente, tinha a função sintática de variante-suporte e nunca a função de verbo principal, elementar ou o de base da construção. Para mais, o verbo *ter* era considerado variante somente na construção conversa, sendo uma extensão voltada diretamente à substituição do verbo elementar converso *receber*.

Cerca de 25% dos nomes (20 Npred) que estão inseridos na grande classe TT também admitem os dois verbos elementares da classe FR. Para confirmar o que foi anunciado anteriormente, em consequência de aceitarem o suporte *ter* nas duas construções relacionadas pela transformação de Conversão, nomes como *acordo*, *bondade*, *hostilidade*, *recorde*, *torcida*, entre outros, são classificados na classe em que essa regularidade se sobressai, neste caso na classe TT. Em vista disso, o verbo standard *fazer*, assim como o verbo converso *receber*, passam a ser considerados como variantes-suporte, em uma percepção que se aproxima da aspectual.

(314) *Helena fez amizade com Pedro.*
 [Conv] *Pedro recebeu a amizade da Helena.*

(315) *Helena tem amizade com Pedro.*
 [Conv] *Pedro tem a amizade da Helena.*

A associação dos dois pares de construções com o Npred *amizade* não acontece por casualidade, pois entre elas são encontradas semelhanças dos níveis sintático e morfológico. Em primeiro lugar, esse nome seleciona dois argumentos do tipo humano (*Helena* e *Pedro*) e, em

segundo lugar, a distribuição dos elementos gramaticais é a mesma nos dois exemplos (determinante nulo e preposição com nas construções standard; determinante definido e preposição de nas construções conversas). Essa associação também ocorre entre as construções da classe DR, porém há uma pequena alteração entre as preposições standard:

(316) *Helena deu afeto ao Pedro.*
 [Conv] *Pedro recebeu o afeto da Helena.*

(317) *Helena tem afeto pelo Pedro.*
 [Conv] *Pedro tem o afeto da Helena.*

No primeiro exemplo, o complemento da construção standard é antecedido pela preposição *a/para* e, no segundo exemplo, pela preposição *por*. Embora haja essa alteração, as construções com o par de verbos *dar-receber* se relacionam com as construções com o par de verbos *ter-ter*, pois passam uma mesma informação semântica, com pequenos nuances aspectuais. Há, na matriz confeccionada para a classe TT (Tábua V), duas colunas reservadas para a propriedade que aponta a combinação de suas entradas lexicais com outros pares verbais.

Posto isso, os Npred da grande classe TT estão divididos em duas subclasses: a subclasse de segundo índice (TT2), que compreende os nomes que aceitam um argumento do tipo humano na construção conversa e a subclasse de terceiro índice (TT3), que compreende os nomes cujo sujeito da construção conversa pode ser preenchido por argumentos dos tipos não-humano e humano. A ausência de uma subclasse de primeiro índice – relativo aos sujeitos conversos somente do tipo não-humano – acontece porque não foram encontradas ocorrências que justificassem a criação de uma subclasse específica desses casos nos corpora utilizados como referência deste trabalho (trabalhos anteriores, corpora PLN.Br Full e corpora *online*).

Antes mesmo da introdução da análise realizada para as subclasses TT2 e TT3, torna-se interessante mencionar que, em praticamente todas as construções utilizadas para exemplificar as regularidades que foram encontradas, é favorável que se substitua mentalmente o sujeito da construção standard, representado por dado exemplo, pelo argumento ‘Eu’. Dessa maneira, a aceitabilidade dessas construções pode parecer mais óbvia e adequada às circunstâncias, por exemplo *Helena tem consideração pelo Pedro*/Eu tenho consideração pelo Pedro. Teoricamente, esse teste de aceitabilidade foi referenciado em G. Gross (1989, p. 234).

5.5.1 Subclasse TT2

Cabe à esta subclasse o maior número de nomes que são construídos com o verbo elementar *ter* nas duas construções nominais (standard e conversa). São 63 Npred que se dividem em 36 não-anônimos (amor, confiança, interesse, ressentimento) e 27 anônimos (desafeto, raiva, ternura, rancor). A partir da classificação padrão feita nesta tese, apesar da classe TT não selecionar nomes que contribuam para a subclasse de índice primeiro, a subclasse TT2 segue exigindo que o sujeito da construção conversa seja preenchido por argumentos do tipo humano.

(318) *O cantor internacional tem amor pelo povo brasileiro.*
 [Conv] *O povo brasileiro tem o amor do cantor internacional.*

(319) *Todo Cybermen tem rancor pela humanidade.*⁶⁵
 [Conv] *A humanidade tem o rancor de todo Cybermen.*

Em sua maioria, como pode ser percebido pelos exemplos mostrados até então, se trata de nomes que especificam algum tipo de sentimento, sensação ou até mesmo alguma vivência relacionada ao argumento [N0] (sujeito standard). Calcia (2016) retoma o posicionamento de M. Gross (1975), dizendo que os nomes da classe TT são considerados ‘intuições de julgamento de valor’. Sendo assim, quando não expressam uma espécie de emoção (carinho, amor, rancor), expressam um tipo de estado de valor (confiança, cuidado, clemência), com exceção de poucos Npred que denotam atos mais formais (acordo, comando, monopólio, recorde).

(320) *O técnico Tite tem o comando do grupo.*
 [Conv] *O grupo tem o comando do técnico Tite.*

Sobre a natureza dos nomes, ainda é pertinente dizer que, principalmente aqueles que estão no campo semântico dos sentimentos ou estados de valor (amizade prudência, gratidão) são entendidos como nominalizações de adjetivos (amigo, prudente, grato). Deste modo, torna-se pertinente dizer que, além de deverbais (nominalizações a partir de verbos), os nomes de TT2

⁶⁵ Segundo o site Wikipedia, os Cybermen são seres fictícios que integram o elenco da série de ficção científica britânica Doctor Who. São considerados uma espécie de humanoides que vivem em um planeta gêmeo da Terra. Embora não sejam vistos como da raça humana, a teoria do Léxico-Gramática considera esse tipo de argumento como um nome do tipo humano, dentre outros fatores, por apresentar a característica principal de ‘animado’.

também podem ser deadjetivais. Levando isso em consideração, é de certo que os Npred descritos por esta subclasse podem ser de três tipos: deverbais, deadjetivais e anônimos.

Embora não seja uma lista tão extensa, os nomes desta subclasse são muito singulares, possuindo algumas peculiaridades interessantes, sendo a polaridade dos Npred uma delas. Diferente da classe FS, onde a polaridade era um dos fatores que delimitava certas propriedades, como a distribuição das variantes, a classe TT apresenta praticamente as mesmas propriedades para os nomes de polaridade positiva e negativa. Em antônimos construídos com o verbo-suporte *ter* (*amor* x *ódio* e *confiança* x *desconfiança*, por exemplo), a polaridade está intrinsecamente relacionada a natureza do nome predicativo, por este motivo as propriedades léxico-sintáticas não mudam de uma construção para outra.

(321) *Helena tem um grande (amor + ódio) pelo Pedro.*
 [Conv] *Pedro tem o grande (amor + ódio) da Helena.*

(322) *Este posicionamento político tem a (confiança + desconfiança) da população.*
 [Conv] *A população tem (confiança + desconfiança) por este posicionamento político.*

Em relação à variação do verbo elementar (*ter*) é possível perceber dois cenários distribucionais: na construção standard, além dos verbos *fazer* e *dar*, as variantes mais frequentes são *ser de*, *sofrer de*, *sentir* e *estabelecer*; na construção conversa, além do verbo *receber*, os mais constantes são *contar com*, *obter*, *ganhar*, *sofrer* e *possuir*. Há alguns casos que podem ser destacados neste momento, por exemplo a distribuição do verbo *exercer* como extensão de *ter* na construção standard com o Npred *influência*, que apesar de não ser muito produtiva nas construções desta subclasse, é bastante comum em construções com esse nome:

(323) *Helena (tem + é de) um cuidado com o filho.*
 [Conv] *O filho (tem + possui) o cuidado da Helena.*

(324) *Helena (tem + sente + sofre de) paixão pelo Pedro.*
 [Conv] *Pedro (tem + conta com + possui) a paixão da Helena.*

(325) *O pai (tem + exerce) influência sobre Pedro.*
 [Conv] *Pedro tem a influência do pai.*

O exemplo com o Npred cuidado se torna mais aceitável e natural quando um modificador adjetival é adicionado ao nome de referência (Helena tem um cuidado excepcional com o filho ou Helena é de um cuidado excepcional com o filho). Observou-se também que alguns elementos gramaticais são alterados com a mudança de um verbo elementar para um verbo de extensão, como nas construções conversas Os católicos têm devoção pela Nossa Senhora e Os católicos (invocaram + praticaram) devoção à Nossa Senhora. Outras regularidades sobre as preposições e os determinantes são apresentadas no tópico a seguir.

- Determinantes e preposições

Resumidamente, o determinante artigo definido raramente é aceito na construção standard, sendo o determinante nulo e o determinante artigo indefinido os mais frequentes. Por outro lado, na construção conversa, o artigo definido é admissível e é considerado o mais frequente em relação às construções analisadas, como apresenta o exemplo (326). Já os complementos preposicionados são introduzidos pelas preposições *por* e *com*, nas construções standard e pelas preposições *de* e *ou* por parte de, nas construções conversas, assim como mostram os exemplos com os nomes *desprezo* e *desacordo*, de maneira respectiva:

(326) *Helena tem (E + um) desprezo pelo Pedro.*
 [Conv] *Pedro tem o desprezo da Helena.*

(327) *Helena tem um desacordo com Pedro.*
Pedro tem um desacordo por parte da Helena.

Em alguns casos também é possível a admissão das preposições *contra* e *sobre* na construção standard, mas elas não têm a mesma frequência de ocorrência que àquelas mencionadas anteriormente e alguns exemplos referem-se às construções nominais *Helena tem uma suspeita contra Pedro* e *O Estado tem monopólio sobre o procedimento administrativo*. Pode-se dizer que a distribuição das preposições *e*, sobretudo, dos determinantes, é bem mais regular na grande classe TT em detrimento da distribuição conduzida pelas demais classes e subclasses.

- Papéis semânticos

Basicamente, existem duas possibilidades de pares de papéis semânticos para realizar a caracterização dos argumentos que participam do predicado semântico. Um primeiro par diz respeito aos papéis, ainda definidos por Talhadas (2014), *AGENT-GENERIC* (utilizado para definir o argumento do tipo [N0] ou, em outras palavras, o sujeito da construção standard) e *CO-AGENT* (na definição do argumento [N1] ou complemento da mesma construção). Um outro par refere-se aos ‘semantic roles’ *AGENT-GENERIC* e *EXPERIENCER-GENERIC*, que atuam sobre os mesmos argumentos mencionados anteriormente. Observam-se os exemplos:

(328) *Helena* [*AGENT-GEN*] *tem afinidade com Pedro* [*CO-AGENT*].
 [*Conv*] *Pedro* [*CO-AGENT*] *tem a afinidade da Helena* [*AGENT-GEN*].

(329) *Helena* [*AGENT-GEN*] *tem empatia pelo Pedro* [*EXPERIENCER-GEN*].
 [*Conv*] *Pedro* [*EXPERIENCER-GEN*] *tem a empatia da Helena* [*AGENT-GEN*].

Torna-se importante dizer que a diferença de definição entre os dois pares de papéis semânticos está no paralelismo simétrico que existe entre as ações, ou seja, uma ação que envolve o predicado com o nome *afinidade*, necessariamente, precisa da colaboração dos dois argumentos, assim como os nomes *acordo*, *amizade*, *cumplicidade*, entre outros. Já entre os argumentos que são atribuídos ao Npred *empatia* não há a necessidade dessa colaboração, visto que o argumento [N0] pode apresentar uma *empatia pelo* argumento [N1] e a recíproca não ser verdadeira, como ocorre em predicados com os nomes *amor*, *rancor*, *apeço*, entre outros.

5.5.2 Subclasse TT3

Um pequeno número de substantivos predicativos fazem parte da subclasse TT3. São nomes que admitem ambos os tipos de argumentos (não-humanos e humanos) como sujeito da construção conversa, como os Npred *atenção*, *cautela*, *controle*, *visão*, entre outros. Essa subclasse, apesar de não apresentar ampla extensão de entradas lexicais, é importante na descrição dos nomes da grande classe TT, pois complementa descrição realizada por Calcia (2016), a qual não abrangia casos dessa complexidade. Integram essa subclasse construções como estas:

(330) *O ativista social tem atenção pelo (desmatamento + povo indígena).*
 [*Conv*] *O (desmatamento + povo indígena) tem a atenção do ativista social.*

(331) *Helena tem dedicação pela (tese de doutorado + pela mãe).*
 [Conv] *A (tese de doutorado + mãe) tem a dedicação da Helena.*

Os verbos que são utilizados na substituição do verbo-suporte elementar standard são, basicamente, as variantes-suporte dar, fazer e conceder. Em relação à construção conversa, são utilizadas as extensões descritas pela subclasse TT2 e todas possuem grande produtividade com os nomes de TT3, como receber, contar com, obter, ganhar e possuir. Com isso, essa subclasse é uma das poucas que possuem um número maior de variantes conversas que variantes standard. O substantivo predicativo análise, ainda, pode aceitar a variante-suporte sofrer, apesar de não ser uma variante comum dessa subclasse (O crime/O acusado sofreu uma análise do detetive).

(332a) *O aluno (tem + deu + concedeu) preferência pelo professor mais experiente.*
 [Conv] *O professor experiente (tem + recebeu + contou com + possui) a preferência do aluno.*

(332b) *O aluno (tem + deu + concedeu) preferência pelo projeto de pesquisa.*
 [Conv] *O projeto de pesquisa (tem + recebeu + contou com + possui) a preferência do aluno.*

A divisão entre os exemplos acima tem o objetivo de separar as construções pelo tipo de argumento que o Npred preferência opera, para que a visualização distribucional das variantes-suporte seja realizada de forma mais limpa. Pelos exemplos, ainda, é possível perceber que a distribuição dos outros elementos lexicais ou gramaticais da construção não são alterados, sendo essa uma característica fundamental para a alternância de argumentos em frases em que o mesmo substantivo predicativo faz a seleção dos argumentos.

Os tópicos sobre os determinantes e preposições e sobre os papéis semânticos não serão replicados neste momento, em virtude de possuírem uma distribuição exatamente igual àquela apresentada anteriormente pela subclasse TT2. Em consequência disso, a descrição da grande classe TT, bem como a descrição geral de todas as classes e subclasses analisadas neste Capítulo, se encerra na presente ocasião com o Quadro abaixo, que representa a estrutura sintática prototípica de cada uma delas. Essa representação tem o objetivo de resumir o padrão que estrutural que foi apresentado durante a exposição, sobretudo, dos critérios de classificação.

Em sequência, o Capítulo final desta tese (Capítulo 6) apresenta algumas informações descritivas complementares, como o reconhecimento dos desdobramentos lexicais que foram observados durante a análise dos dados, e um relatório sobre os resultados obtidos por meio de uma avaliação quantitativa das entradas lexicais obtidas pelo presente estudo. Outrossim, a

Seção que finaliza o relatório desta tese apresenta uma relação sobre o desenvolvimento da pesquisa no futuro, ou seja, sobre os trabalhos que podem ser elaborados com base nos resultados obtidos pela atual descrição e classificação da Conversão em PB.

Quadro 9: Estrutura sintática por subclasse

Classes e subclasses		Estrutura sintática da construção conversa
Grande FR	FR1	<i>NI (N-nhum) Vsup receber Det. Npred Prep. NO (Nhum).</i>
	FR2	<i>NI (Nhum) Vsup receber Det. Npred Prep. NO (Nhum).</i>
	FR3	<i>NI (N-nhum/Nhum) Vsup receber Det. Npred Prep. NO (Nhum).</i>
Grande FS	FS1	<i>NI (N-nhum) Vsup sofrer Det. Npred Prep. NO (Nhum).</i>
	FS2	<i>NI (Nhum) Vsup sofrer Det. Npred Prep. NO (Nhum).</i>
	FS3	<i>NI (N-nhum/Nhum) Vsup sofrer Det. Npred Prep. NO (Nhum).</i>
Grande DR	DR1	<i>NI (N-nhum) Vsup receber Det. Npred Prep. NO (Nhum).</i>
	DR2	<i>NI (Nhum) Vsup receber Det. Npred Prep. NO (Nhum).</i>
	DR3	<i>NI (N-nhum/Nhum) Vsup receber Det. Npred Prep. NO (Nhum).</i>
Grande DL	DL1	<i>NI (N-nhum) Vsup levar Det. Npred Prep. NO (Nhum).</i>
	DL2	<i>NI (Nhum) Vsup levar Det. Npred Prep. NO (Nhum).</i>
	DL31	<i>NI (Nhum) Vsup levar Det. Npred -ada Prep. NO (Nhum)</i>
	DL32	<i>NI (Nhum) Vsup levar Det. Npred -ada Prep. NO (Nhum)</i>
	DL33	<i>NI (Nhum) Vsup levar Det. Npred Prep. NO (Nhum)</i>
Grande TT	TT2	<i>NI (Nhum) Vsup ter Det. Npred Prep. NO (Nhum).</i>
	TT3	<i>NI (N-nhum/Nhum) Vsup ter Det. Npred Prep. NO (Nhum).</i>

Fonte: elaborado pela autora.

CAPÍTULO 6

OUTRAS OBSERVAÇÕES

Em geral, este Capítulo tem como principal objetivo apresentar as regularidades que foram observadas após a descrição das classes, dando início, portanto, ao conteúdo que indica as considerações finais do estudo da Conversão em português do Brasil. É um relatório que engloba três tipos de informações adicionais, a saber: uma delas sendo referente à complementação, de fato, da análise realizada anteriormente (durante todo o quinto Capítulo) e as duas restantes dizendo respeito aos resultados obtidos pelo estudo e aos próximos passos metodológicos e descritivos que a pesquisa pode levar em consideração, respectivamente.

Sobre a primeira Seção, que trata dos desdobramentos lexicais encontrados no decorrer da análise descritiva, Calcia (2016, p. 81) já havia previsto alguns casos de duplicação de nomes na Tábua confeccionada no estudo preliminar, porém em consequência da inserção de novas entradas lexicais nas matrizes atuais, a quantidade de desdobramentos também sofreu uma alteração. Foi possível observar, a partir da presente análise, algumas regularidades que não foram levadas em consideração no momento anterior, como o grande número de construções que são formadas por desdobramentos lexicais e se diferenciam pelo uso metafórico, ou figurado, de um nome predicativo em detrimento do outro, de significação literal.

Posteriormente, a Seção 6.2 discorre sobre os resultados gerais obtidos por esta tese, com certa predominância para os dados quantitativos da pesquisa. Seu propósito é o de destacar a produtividade das construções conversas na descrição da vertente brasileira da língua portuguesa, no que diz respeito à distribuição dos nomes predicativos em classes e subclasses indicativas. Neste momento, também são utilizados dados do estudo precedente (CALCIA, 2016) para efetuar uma comparação com os dados obtidos atualmente, com o objetivo de demonstrar o crescimento que a descrição deste fenômeno obteve com a realização do presente estudo.

E, finalmente, a última Seção deste Capítulo faz um breve direcionamento que indica os possíveis trabalhos que podem se desenvolver no futuro, a partir do parâmetro da Conversão elaborado pela presente tese. São colocadas em evidência as questões que não foram possíveis de se tratar no tempo vigente, mas que ainda podem enriquecer a descrição e análise das construções conversas do PB. Dentre tais questões, destacam-se a criação de possíveis outras classes e a implementação dos dados em sistemas de PLN.

6.1 Desdobramentos lexicais

O próprio referencial teórico-metodológico do Léxico-Gramática prevê, como uma de suas premissas, que cada entrada lexical possui uma gramática singular, ou seja, cada uma delas é representada por propriedades sintático-semânticas que lhe são próprias. Sendo assim, alguns nomes predicativos, tratados nesta Seção por desdobramentos lexicais, possuem distinções que se relacionam com a sintaxe (como diferenças de distribuição dos elementos sintáticos) ou com a semântica (como diferenças de significação propriamente dita) que, na realidade, representa a grande maioria dos casos que serão destacados em seguida.

Esses nomes foram inseridos duas (ou mais) vezes nas matrizes binárias confeccionadas para cada grande classe elaborada neste trabalho (disponíveis no Apêndice B). Trata-se de duplicatas que não foram estabelecidas aleatoriamente, mas de acordo com suas respectivas ocorrências nos corpora consultados. Uma das maneiras utilizada para reconhecer possíveis desdobramentos lexicais refere-se à distribuição dos argumentos mediante a relação dos seus papéis semânticos, que podem estabelecer diferenças desse nível entre as entradas em questão. Um exemplo diz respeito aos nomes predicativos homógrafos *pincelada1* e *pincelada2*:

(333) *Pablo Picasso deu uma pincelada em amarelo na obra de arte.*
 [Conv] *A obra de arte levou uma pincelada em amarelo.*

(334) *O irmão mais novo deu uma pincelada na cabeça do irmão mais velho.*
 [Conv] *O irmão mais velho levou uma pincelada do irmão mais novo.*

Em (333), o nome predicativo *pincelada* apresenta dois argumentos sintáticos: um do tipo humano (Pablo Picasso) e outro do tipo não-humano (obra de arte), sendo o argumento [N0] caracterizado semanticamente pelo papel semântico *AGENT-GEN* e o argumento [N1] caracterizado pelo ‘semantic role’ *OBJECT-GEN*. Por outro lado, o exemplo (334) refere-se ao nome *pincelada* que, neste caso, possui um sujeito standard do tipo humano (irmão mais novo) e um complemento preposicionado também do tipo humano (irmão mais velho). Dessa maneira, aquele que está na posição sintática [N0] recebe o papel semântico *AGENT-GEN* e ao que está na posição sintática [N1] atribui-se o papel temático *PATIENT*.

No caso dos exemplos apresentados acima, ambos os nomes pertencem a grande classe DL (dar-levar), sendo as primeiras construções da subclasse DL1 e as segundas construções da subclasse DL31. Essa diferença em relação aos papéis semânticos pode ser observada ao parafrasear a construção (333) por Pablo Picasso desenhou, rabiscou, esfumou a obra de arte e a construção (334) por O irmão mais novo bateu com o pincel no irmão mais velho. Foi observado também que, no primeiro exemplo, o sujeito da construção standard pode sofrer uma elisão na construção conversa, sendo apagado para ser recuperado pelo contexto.

Os dados também mostram que os desdobramentos lexicais podem ter sido classificados em duas classes diferentes, por exemplo os nomes predicativos pena1 e pena2 que pertencem às subclasses TT2 (ter-ter) e DR2 (dar-receber), representados pelos exemplos abaixo nessa ordem. No exemplo (335), o nome predicativo significa um tipo de sentimento muito próximo aos sentimentos de compaixão e piedade; já no exemplo (336), o nome representa uma sanção ou punição aplicada como reparação por uma ação cometida e julgada como repreensível (condenação), segundo a acepção do Dicionário Houaiss da língua portuguesa (2001).

(335) *Helena (tem + ficou com) pena do Pedro.*
 [Conv] *Pedro tem a pena da Helena.*

(336) *O juiz deu a pena máxima para o acusado.*
 [Conv] *O acusado recebeu a pena máxima do juiz.*

Outro critério de decisão sobre os desdobramentos lexicais ocupa-se dos casos em que o substantivo conta com uma interpretação literal (conforme o significado genuíno da palavra) e uma interpretação de sentido figurado ou metafórico. Os nomes predicativos botinada1 e botinada2 se encaixam nesse critério, visto que o primeiro tem sua significação voltada para a ação de bater com um objeto em alguém (neste caso, com uma botina ou com uma bota), e o segundo representa o ato de fala de direcionar-se a alguém sem muita sutileza ou delicadeza, assim como mostram os seguintes exemplos (337) e (338):

(337) *Helena deu uma botinada no ombro do Pedro.*
 [Conv] *Pedro levou uma botinada da Helena.*

(338) *O candidato deu uma botinada em seu adversário político.*
 [Conv] *O adversário político levou uma botinada do candidato.*

Metodologicamente, o exemplo (338) foi construído com base no fragmento original encontrado por um buscador da web (utilizando-a como *corpus*) ‘Não dou botinada, mas também não quero levar’, diz Lula. Essa locução metafórica, por ser considerada um ato de fala, recebe os papéis semânticos AGENT-SPEAKER e ADDRESSEE que são atribuídos aos argumentos candidato e adversário político, na devida ordem. Em relação à classificação, ambos os nomes fazem parte da grande classe DL (dar-levar), mas são representados por subclasses distintas: botinada1 é classificada em DL2 e botinada2 é classificada em DL31.

Há também as ocorrências que dizem respeito ao critério que já havia sido mencionado em Calcia (2016, p. 83), o da distinção entre um ato inerentemente realizado por um animal e uma ação (não concreta ou física) que leva o mesmo nome realizado por uma pessoa. Consideram-se exemplos clássicos os nomes predicativos coice1 e coice2, assim como trombada1 e trombada2. Em primeiro lugar, os nomes homógrafos representados pelo item lexical coice podem se referir ao ato violento praticado especificamente por um cavalo ou ao ato de fala realizado de maneira voluntária de uma pessoa em relação à outra, como mostram os exemplos:

(339) *O cavalo deu um coice no treinador de hipismo.*

[Conv] *O treinador de hipismo levou um coice do cavalo.*

(340) *Helena deu um coice no Pedro na frente dos colegas.*

[Conv] *Pedro levou um coice da Helena na frente dos colegas.*

Em seguida, os nomes que se escrevem de modo idêntico, pelos quais são representados pelo elemento lexical trombada, ocupam-se de dois significados distintos: uma ação concreta praticada pelo animal elefante que pode ser parafraçada por bater com a tromba; uma ação também concreta, que pode ser involuntária ou proposital, praticada por uma pessoa. Entre os nomes predicativos coice2 e trombada2 (ambos na acepção em que uma pessoa realiza o ato) a diferença está do modo em que essa ação é desempenhada, visto que coice2 tem maior produtividade como um ato de fala e trombada2 necessariamente é um ato físico.

(341) *O elefante deu uma trombada no turista.*

[Conv] *O turista levou uma trombada do elefante.*

(342) *Helena deu uma trombada no Pedro durante a brincadeira.*

[Conv] *Pedro levou uma trombada da Helena durante a brincadeira.*

É preciso que haja uma distinção entre os casos de desdobramentos lexicais, que foram apresentados até então, e os casos de semelhança informacional. Como já havia sido dito, os nomes predicativos que se encaixam no cenário dos desdobramentos lexicais são repetidos nas matrizes-binárias por configurarem predicados que passam informações diferentes. Sob outro ponto de vista, os nomes *aceno* e *acenada* dizem respeito a um conteúdo informacional quase idêntico, apesar das pequenas alterações morfológicas (sufixo *-ada*) e sintáticas (distribuição dos verbos-suporte) que apresentam. Fora isso, são nomes com o significado muito parecido:

(343) *Helena fez um aceno para Pedro.*
 [Conv] *Pedro recebeu um aceno da Helena.*

(344) *Helena deu uma acenada para Pedro.*
 [Conv] *Pedro recebeu uma acenada da Helena.*

Entre os dois exemplos também existem mínimas diferenças aspectuais ou estilísticas (pela escolha do verbo-suporte e pelo contexto formal ou informal em que são utilizados), mas de modo geral, reproduzem linguisticamente o mesmo ato (sinal que se dá com as mãos ou cabeça). Entretanto, o nome predicativo *aceno* é construído com o verbo-suporte elementar *fazer* e nome predicativo *acenada* é construído com o verbo-suporte elementar *dar* e caracterizado por ser uma nominalização terminada com um sufixo específico. Há muitos casos desse tipo nas matrizes confeccionadas pelo presente estudo, porém não devem ser entendidos como desdobramentos do léxico. São alguns deles: *deu um carinho* e *fez uma carícia*, *deu uma podada* e *fez uma poda*, *deu uma revisada* e *fez uma revisão*, entre outros.

Isso posto, os Quadros subsequentes apresentam os desdobramentos lexicais observados durante a análise dos dados a partir do início do estudo em PB: o primeiro exemplar (Quadro 10) reúne os principais nomes predicativos que foram duplicados ao longo das Tábuas léxico-gramaticais; logo em seguida (Quadro 11) estão dispostos os nomes que necessitaram o desdobramento por manifestarem uma acepção comum e outra de sentido figurado. Em relação ao segundo cenário, normalmente, o item lexical de primeiro índice (Npred1) representa um significado mais comum do nome em um contexto global e o item lexical de segundo índice (Npred2) representa um nome que veicula uma informação metafórica, mais restrita.

Quadro 10: Desdobramentos lexicais

Npred	Exemplo de construção conversas	Classe
amparo1 amparo2	<i>A vítima recebeu amparo do Corpo de bombeiros.</i> <i>O livro recebeu amparo do Fundo de apoio à cultura.</i>	DR2 FR2
audiência1 audiência2	<i>A novela recebeu a audiência dos telespectadores.</i> <i>O município recebeu a audiência do Ministério da agricultura.</i>	DR3 FR2
cancelamento1 cancelamento2	<i>O pedido recebeu cancelamento da loja virtual.</i> <i>O humorista sofreu o cancelamento do público.</i>	FR1 FS2
carteirada1 carteirada2	<i>A festa levou uma carteirada da polícia.</i> <i>Pedro levou uma carteirada da Helena.</i>	DL2 DL31
chamada1 chamada2	<i>Pedro recebeu uma chamada da Helena às 8h da manhã.</i> <i>O aluno repetente levou uma chamada da diretora do colégio.</i>	FR2 DL2
cobertura1 cobertura2	<i>O campeonato de skate recebeu a cobertura do canal de TV.</i> <i>O assaltante recebeu cobertura do porteiro do prédio.</i>	FR1 DR2
corte1 corte2	<i>Os recursos estudantis sofreram um corte do MEC.</i> <i>Pedro levou um corte da Helena na frente dos colegas.</i>	FS1 DL2
crédito1 crédito2	<i>Pedro tem o crédito da Helena.</i> <i>O correntista recebeu um crédito do banco.</i>	TT2 DR2
golpe1 golpe2	<i>O aposentado levou um golpe do advogado.</i> <i>O lutador levou um golpe certo do adversário.</i>	DL2 DL33
pena1 pena2	<i>Pedro tem a pena da Helena.</i> <i>O acusado recebeu a pena máxima do juiz.</i>	TT2 DR2
lançamento1 lançamento2	<i>O atacante recebeu o lançamento do meio-campista.</i> <i>A casa de eventos recebeu o lançamento da grife famosa.</i>	FR2 FR2
pinclada1 pinclada2	<i>A obra de arte levou uma pinclada do pintor.</i> <i>O irmão mais velho levou uma pinclada do irmão mais novo.</i>	DL1 DL31
postagem1 postagem2	<i>Pedro recebeu uma postagem dos Correios.</i> <i>A página da web recebeu uma postagem da blogueira.</i>	FR2 FR3
promoção1 promoção2	<i>O estagiário recebeu uma promoção da empresa.</i> <i>O cliente recebeu uma promoção imperdível da loja.</i>	DR2 FR2
protesto1 protesto2	<i>O prédio da reitoria sofreu um protesto dos estudantes.</i> <i>A empresa sofreu um protesto no cartório.</i>	FS2 FS2
suporte1 suporte2	<i>Pedro recebeu um suporte emocional da Helena.</i> <i>O computador recebeu suporte do técnico.</i>	DR2 DR1
título1 título2	<i>A estudante recebeu o título de doutora da Universidade.</i> <i>O livro recebeu um título do autor.</i>	DR2 DR1
trato1 trato2	<i>Pedro tem um trato com a Helena.</i> <i>O apartamento recebeu um trato do decorador.</i>	TT2 DR3
trombada1 trombada2	<i>O turista levou uma trombada do elefante.</i> <i>Pedro levou uma trombada da Helena durante o jogo.</i>	DL32 DL2

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 11: Desdobramentos lexicais (interpretação literal e interpretação figurada)

Npred	Exemplo de construção conversada	Classe
alfinetada1 alfinetada2	<i>A modelo levou uma alfinetada da costureira.</i> <i>Pedro levou uma alfinetada da Helena na frente dos colegas.</i>	DL31 DL2
botinada1 botinada2	<i>Pedro levou uma botinada certa da Helena.</i> <i>O adversário político levou uma botinada do novo candidato.</i>	DL31 DL2
chute1 chute2	<i>O irmão mais velho levou um chute do irmão mais novo.</i> <i>Pedro levou um chute da Helena no meio da festa.</i>	DL33 DL2
coice1 coice2	<i>O treinador de hipismo levou um coice do cavalo.</i> <i>Pedro levou um coice da Helena na frente dos colegas.</i>	DL33 DL2
corte1 corte2	<i>O vestido recebeu um corte da costureira.</i> <i>Pedro levou um corte da Helena na frente dos colegas.</i>	DR1 DL2
cutucada1 cutucada2	<i>Pedro levou uma cutucada bem forte da Helena.</i> <i>Pedro recebeu uma cutucada da Helena no Facebook.</i>	DL33 DR2
curtida1 curtida2	<i>Pedro levou uma curtida da Helena na noite passada.</i> <i>Pedro recebeu uma curtida da Helena no Facebook.</i>	DL2 DR2
escovada1 escovada2	<i>Os cabelos da modelo receberam uma escovada da cabeleireira.</i> <i>O Corinthians levou uma escovada do Palmeiras.</i>	DR2 DL2
facada1 facada2	<i>O porteiro do prédio levou uma facada do assaltante.</i> <i>O cliente recebeu uma facada da loja ao comprar um celular.</i>	DL31 DR2
freada1 freada2	<i>O ônibus levou uma freada brusca do motorista.</i> <i>O adolescente levou uma freada da mãe.</i>	DL1 DL2
furo1 furo2	<i>O reservatório recebeu um furo.</i> <i>Pedro levou um furo da Helena no primeiro encontro.</i>	FR1 DL2
mijada1 mijada2	<i>Pedro levou uma mijada do amigo bêbado.</i> <i>O soldado levou uma mijada do sargento.</i>	DL2 DL2
patada1 patada1	<i>Pedro levou uma patada do cachorro.</i> <i>Pedro levou uma patada da Helena na frente dos colegas.</i>	DL32 DL2
pau1 pau2	<i>O bandido levou um pau dos policiais.</i> <i>O aluno levou um pau em Química.</i>	DL2 DL2
peitada1 peitada2	<i>O jogador levou uma peitada do adversário.</i> <i>O sócio levou uma peitada do diretor da empresa.</i>	DL32 DL2
pisada1 pisada2	<i>Pedro levou uma pisada de Helena de propósito.</i> <i>Pedro levou uma pisada da ex-namorada.</i>	DL33 DL2
punhalada1 punhalada2	<i>A vítima levou uma punhalada do assaltante.</i> <i>O sócio levou uma punhada do diretor da empresa.</i>	DL31 DL2
simpatia1 simpatia2	<i>Pedro tem a simpatia da Helena.</i> <i>Pedro recebeu uma simpatia da cartomante.</i>	TT2 FR2
varada1 varada2	<i>O assaltante deu uma varada na vítima.</i> <i>O Corinthians levou uma varada do Palmeiras.</i>	DL31 DL2
varrida1 varrida2	<i>A casa recebeu uma varrida da empregada.</i> <i>O Corinthians levou uma varrida do Palmeiras.</i>	DR1 DL2

Fonte: elaborado pela autora.

Além dos exemplos-modelo das construções em sua estrutura conversa, ambos os Quadros destacam as subclasses que pertencem os nomes predicativos que são considerados desdobramentos lexicais. Em determinados momentos, alguns deles possuem um significado peculiar (mijada2, varrida2, varada2, patada2, etc.), pelos quais levam a sua utilização para regiões específicas do Brasil (o predicado *deu/levou uma mijada2* é muito utilizada na região sul, por exemplo). Mas, de um modo geral, todos esses nomes denotam atos de fala que podem ser utilizados em diversos contextos e situações linguísticas.

De acordo com o material obtido, há casos de desdobramentos lexicais em praticamente todas as grandes classes definidas pela presente obra. Sendo assim, a delimitação desses elementos torna-se um coeficiente que agrega na descrição que foi desenvolvida para estabelecer as relações de regularidade entre as construções que aceitam a Conversão. Essa característica sintático-semântica encerra, de forma metodológica, a análise dos dados obtidos neste estudo e abre margem para a conclusão do trabalho, que visa mostrar os resultados alcançados com base na produtividade do fenômeno em português do Brasil.

6.2 Produtividade da Conversão em português brasileiro

Precedente ao relatório sobre os trabalhos que podem ser desenvolvidos futuramente, é importante organizar em uma Seção única os principais resultados que foram possíveis de se obter através da atual pesquisa. Cabem aqui algumas observações sobre a análise quantitativa das construções conversas (uma análise qualitativa foi feita durante todo o Capítulo anterior), bem como a comparação com o número de dados obtidos pelo estudo preliminar de Calcia (2016), visando mostrar o progresso alcançado em relação aos resultados e ao próprio conceito que delimita as construções que podem apresentar a transformação da Conversão.

Teoricamente, houve um progresso em relação ao esclarecimento dos conceitos que envolvem o objeto de estudo, principalmente sobre as regularidades da Conversão, mostrando os casos de bloqueio e sua estruturação sintática mais recorrente em corpora reais. Também ocorreu um progresso relacionado ao número de nomes predicativos que aceitam os verbos-suporte conversos e suas variantes, que deixaram de ser observados apenas pelos dados obtidos em trabalhos anteriores e foram recenseados a partir de um *corpus* pré-definido. Essa etapa do trabalho teve o objetivo de selecionar novos dados para expandir as Tábuas do Léxico-Gramática, assim como mostra a Tabela comparativa a seguir:

Tabela 2: Comparação dos resultados gerais obtidos pelos estudos preliminar e recente

Classificação	Calcía (2016)	Calcía (2022)	Porcentagem
Classe FR	108	320	196%
Classe FS	--	179	--
Classe DR	407	374	- 8%
Classe DL	202	257	27%
Classe TT	16	74	363%
TOTAL	733	1.204	65%

Fonte: elaborada pela autora.

A Tabela 2 apresenta os dados sob o formato de grandes classes, ou seja, sem a subclassificação realizada pelo atual estudo. Nesse sentido, observa-se com mais aptidão a quantidade de dados que foi manipulada pelos estudos referidos, como também a porcentagem de crescimento da base lexical de um estudo para o outro. Logo após uma revisão, houve a realocação de determinados Npred da grande classe DR para a grande classe FR, por ser considerado o verbo fazer o elementar e não a variante do verbo dar. A criação da classe FS, por sua vez, levou a classe FR a perder aqueles nomes que possuísem o verbo sofrer como converso.

Uma nova organização das classes foi colocada em atividade e o primeiro processo atuou exatamente na criação da classe FS (fazer-sofrer), que estabeleceu um novo grande grupo de informações lexicais e formais para o panorama da Conversão. Com a instauração das cinco grandes classes e com o extenso volume de dados descritos em cada uma delas, houve a necessidade de reorganizar as construções em subclasses menores. Essa subdivisão acentuou algumas características que são específicas de cada nome predicativo, dando às novas classes um pouco mais de singularidade sintática em relação à divisão anterior.

Em Calcía (2016), o único critério de classificação foi definido pelo verbo-suporte elementar da construção standard e da construção conversa, como mostra a primeira coluna da Tabela 2. Neste momento, o critério utilizado na subclassificação dos dados, assim como descreveu todo o Capítulo anterior, refere-se ao tipo de argumento que está na posição de sujeito da construção conversa, dentro de uma grande classe. Esse agrupamento também é dirigido por índices numéricos que dizem respeito à tipologia que pertencem esses elementos e a produtividade em relação a cada um deles está representada na Tabela 3:

Tabela 3: Relação da quantidade de elementos lexicais por subclasse

Subclasses FR	Quant.	Porcent.	Construção conversada modelo
FR1	63	20%	<i>O documento recebeu assinatura do secretário.</i>
FR2	211	66%	<i>A comunidade sofreu uma chacina.</i>
FR3	46	14%	<i>(O site + O redator) recebeu o relatório do jornalista.</i>
Subclasses FS	--	--	--
FS1	40	23%	<i>O recurso sofreu um corte do Governo.</i>
FS2	117	65%	<i>O árbitro sofreu uma ofensa do jogador.</i>
FS3	22	12%	<i>(O carro + A equipe) sofreu um desmanche.</i>
Subclasses DR	--	--	--
DR1	51	14%	<i>O projeto recebeu uma concepção moderna.</i>
DR2	285	76%	<i>A empresa recebeu propina do Governo.</i>
DR3	38	10%	<i>(A casa + Pedro) recebeu uma benzida do padre.</i>
Subclasses DL	--	--	--
DL1	10	4%	<i>O portão levou uma demão de verniz.</i>
DL2	129	50%	<i>O filho levou um castigo do pai.</i>
DL31	40	16%	<i>Pedro levou uma chicotada do Miguel.</i>
DL32	24	9%	<i>Pedro levou uma cabeçada do Miguel.</i>
DL33	54	21%	<i>Pedro levou um soco do Miguel.</i>
Subclasses TT	--	--	--
TT2	65	88%	<i>Pedro tem o amor da Helena.</i>
TT3	9	12%	<i>(O desmatamento + Os povos) tem a atenção do ativista.</i>

Fonte: elaborada pela autora.

Observa-se, na elaboração da Tabela 3, dois tipos de indicadores numéricos: o primeiro corresponde à quantidade de Npred que possui a subclasse que está representada na primeira coluna; e o segundo é relativo à porcentagem de nomes que essa subclasse têm em relação ao total de entradas lexicais que a grande classe possui na sua totalidade, por exemplo a subclasse FR1 possui 20% de todos os nomes descritos na grande classe FR. Uma relação quantitativa dos dados dentro de cada grande classe torna-se importante na investigação da produtividade da Conversão de acordo com o contexto informacional. Neste caso, os dados indicam, de maneira unânime, que as construções conversadas que possuem um sujeito do tipo humano são mais frequentes que aquelas que possuem um sujeito do tipo não-humano.

Em consequência da criação das subclasses, a matriz binária em que os dados são formalizados, que antes obtinha um formato único, recebeu um desmembramento que resultou em cinco Tábuas distintas, uma para cada grande classe. Logo, tornou-se possível a adaptação das propriedades por relevância entre as classes, resultando em Tábuas mais adaptáveis perante dada situação linguística. De maneira geral, as subclasses compartilham muitas propriedades em comum, com exceção de algumas muito específicas, por exemplo aquela que identifica a possibilidade de o Npred ser utilizado semanticamente como um instrumento de golpe (bem comum nas subclasses de DL, mais especificamente em DL31 e DL32).

O Quadro subsequente realiza, de maneira resumida, a apresentação das propriedades sintático-semânticas que passaram a integrar as Tábuas (Apêndice B) confeccionadas neste estudo. Essas propriedades não foram expostas detalhadamente pelo Capítulo 4, visto que não absolutas em todas as matrizes léxico-gramaticais, mas fazem parte do escopo das características formalizadas e atribuídas aos nomes que são predicadores em construções conversas. Dentre elas, além de propriedades, destacam-se algumas características observadas na descrição, como o ato de volição do sujeito da construção conversa, o emprego familiar do nome predicativo e polaridade negativa dos nomes em determinadas subclasses.

Quadro 12: Novas propriedades formais e características peculiares

Propriedade sintático-semântica	Exemplo da aplicação da propriedade
Pronome dativo N1 =: Red. dativo	<i>Helena deu um recado para Pedro.</i> <i>Helena deu-lhe um recado.</i>
*Volição N1 =: volitivo (aceitar)	<i>A Universidade deu uma ajuda de custo para o estudante.</i> <i>O estudante aceitou a ajuda de custo da Universidade.</i>
Adjetivação do [N0] Npred =: N0 é N adj.	<i>O ex-namorado fez um abuso com a jovem.</i> <i>O ex-namorado é um abusador.</i>
Bloqueio da Conversão N-nhum N1=: N-nhum não gera Conversão	<i>Helena deu uma martelada na mesa.</i> <i>*A mesa levou uma martelada da Helena.</i>
*Uso familiar Npred =: uso familiar	<i>O motorista embriagado deu uma carteirada no policial.</i> <i>O motorista subornou o policial.</i>
Utilização como instrumento Ni =: instrumento	<i>Helena deu uma chicotada no Pedro.</i> <i>Helena bateu com um chicote no Pedro.</i>
*Polaridade negativa Npred =: polaridade neg.	<i>Helena fez um insulto ao Pedro.</i> <i>Pedro sofreu um insulto da Helena.</i>
Relação com outras classes Conversão =: dar-receber	<i>A mãe tem cuidado com o filho/deu cuidado ao filho.</i> <i>O filho tem o cuidado da mãe/recebeu o cuidado da mãe.</i>

Fonte: elaborado pela autora.

A última propriedade destacada pelo Quadro é exemplificada pela relação que existe entre as classes TT e DR, porém também pode ser estabelecida com outras grandes classes, cujos verbos-suporte são elementares, por exemplo entre TT e FR (com os nomes ação, acordo, amizade, comando, controle, entre outros). O volume de propriedades instituídas neste estudo, levam-no a ser considerado um dos mais completos no que se refere à descrição das principais regularidades sintático-semânticas que as construções conversas possuem. Essa atribuição demonstra a grande produtividade desse fenômeno em línguas românicas como o português do Brasil, do mesmo modo que o português europeu, o francês e o romeno.

6.3 Desenvolvimento contínuo da pesquisa

De maneira objetiva, esta Seção apresenta uma direção para que haja desdobramentos posteriores do estudo. Ainda que se tenha estabelecido um progresso em relação ao próprio conceito de Conversão e, especialmente, à descrição dos dados obtidos, possíveis objetos de estudo não participaram da fase linguística da presente tese. Entende-se, por fase linguística, o estabelecimento e a própria descrição dos fatos linguísticos, segundo um modelo teórico-metodológico de análise, ou seja, a definição das construções conversas como objeto de estudo e o retrato das suas principais regularidade perante o Léxico-Gramática, fazem parte dela.

Um primeiro exemplo refere-se ao estudo mais acentuado sobre os nomes predicativos compostos, isto é, aqueles formados por mais de um item lexical. G. Gross (1989) dá ênfase para essa questão ao delimitar que haja uma subclasse específica para tratar desses casos em todas as grandes classes estabelecidas naquele estudo (a subclasse de terceiro índice). Segundo o autor, a elaboração de uma subclasse específica para os nomes compostos é realizada de um ponto de vista puramente sintático, visto que a combinação dos itens lexicais ocorre de forma aleatória e por questões composicionais (derivação), sem intervenção do sentido.

Na maioria dos casos, de fato, a definição semântica não é capaz de determinar os nomes predicativos compostos. G. Gross (1989, p. 143) dá uma explicação para essa questão ao dizer que a sintaxe é eficiente para explicar a constituição dos substantivos compostos a partir da nominalização do verbo-suporte. Deslocando esse conceito para os nomes predicativos que foram recenseados em português brasileiro, realmente tona-se plausível que uma construção nominal com verbo-suporte seja transformada em uma construção verbal, em decorrência de uma Nominalização. Seguem abaixo alguns exemplos:

(345) *Helena deu uma ajuda econômica para Pedro.*
 ≡ *Helena ajudou Pedro economicamente.*

(346) *Helena fez uma declaração de amor para Pedro.*
 ≡ *Helena declarou seu amor para Pedro.*

Embora realmente haja uma relação de ordem sintática entre as construções de base exemplificadas acima, um conceito que faz referência apenas à sintaxe das composições não dá conta de explicar alguns nomes, como *salva de palmas*, *voz de prisão*, *voto de minerva*, entre outros. Tais nomes apresentam um significado semântico intrínseco à sua composição, por esse motivo é preciso estudá-los com mais precisão teórico-metodológica. Para que isso seja realizado de maneira satisfatória faz-se necessária uma busca mais rigorosa dos nomes compostos em corpora do PB, além da adoção de critérios sintático-semânticos para que seja possível delimitá-los como parte de uma subclasse que se encarrega apenas dos nomes desse tipo.

Outrossim, durante a descrição dos nomes predicativos construídos com o verbo-suporte *dar*, observaram-se dois casos, que não foram descritos ou discutidos profundamente. Em primeiro lugar, estão as construções das quais alguns nomes aceitam determinados verbos conversos na construção standard, substituindo o verbo principal. Esses verbos coocorrem com o verbo elementar *e*, apesar de serem considerados conversos, estão inseridos em uma construção de orientação ativa, os verbos-suporte *levar* e *tomar* são alguns dos exemplos:

(347) *Helena (deu + levou) um escorregão.*
Helena tomou um escorregão daqueles.

(348) *Helena (deu + tomou) um beijo do Pedro.*
 [Conv] *Pedro recebeu um beijo da Helena.*

Geralmente, as construções do mesmo tipo daquela exemplificada em (347) possuem apenas um argumento *e*, em consequência disso, não possibilitam que uma Conversão seja realizada, porém a utilização do verbo-suporte converso *levar* na mesma posição do verbo-suporte standard *dar* chama a atenção. O exemplo seguinte (348) é tratado de maneira distinta, visto que o nome *beijo* admite dois argumentos que tornam legítima a Conversão. Porém, o verbo *tomar*, que é denominado como variante-suporte converso, também coocorre com o verbo elementar standard *dar*. Um estudo, principalmente, em razão do primeiro exemplo, deve ser

realizado com foco nos verbos que são considerados conversos, mas que não fazem parte de uma construção conversa, necessariamente.

Em seguida, destacam-se os predicados nominais com o verbo-suporte *fazer*, dos quais apresentam uma peculiaridade bastante interessante, em determinados casos. Os nomes de exames médicos no geral (ou da área da saúde e bem-estar), fazem parte desses casos, como radiografia, exame, massagem, transfusão, entre outros. Nas construções em que esses nomes têm a função de núcleo predicativo, o verbo-suporte *fazer* apresenta a propriedade sintático-semântica de ser o converso dele mesmo, ou seja, a sua distribuição coincide nas construções standard e conversa, como mostram os exemplos abaixo:

(349) *O médico fez uma radiografia em Pedro pela manhã.*
Pedro fez uma radiografia pela manhã.

(350) *A esteticista fez uma massagem nas costas do Pedro.*
Pedro fez uma massagem nas costas.

É muito comum, principalmente na oralidade, que se diga ‘Hoje farei um exame’ ou ‘Irei fazer uma massagem mais tarde’, porém a informação que é passada significa que o indivíduo, de fato, irá receber uma ação e não a fazer, no seu sentido genuíno. Em outras palavras, o argumento do tipo humano que está na posição de sujeito da construção ‘conversa’ se submeterá aos procedimentos explícitos pelos nomes em questão (radiografia e massagem). Nesse sentido, igualmente ocorre na operação de Conversão, o complemento preposicionado (Pedro, em ambos os exemplos) passa para a posição de sujeito aceitando o verbo-suporte *fazer*.

Outro caso semelhante refere-se, por exemplo, ao nome predicativo *consultoria*, que tem o verbo-suporte *fazer* como elementar da construção standard, mas também aceita o verbo-suporte *dar* como variante. Nessa situação, a construção conversa também aceita o verbo *fazer* (como uma variante conversa) sem que o argumento [N0] seja apagado da construção, isto é, o sujeito da construção standard passa para a posição de complemento preposicionado da construção conversa, sem que haja a necessidade de ele sofrer uma elisão.

(351) *A nutricionista (fez + deu) uma consultoria para a jovem.*
 [Conv1] *A jovem recebeu uma consultoria (da + por parte da) nutricionista.*
 [Conv2] *A jovem fez uma consultoria com a nutricionista.*

Esse nome predicativo poderia ser classificado em uma possível grande classe denominada FF (fazer-fazer) ou, ainda, em uma subclasse específica de FR (fazer-receber). Porém, para se pensar em uma reclassificação, tanto para o primeiro caso, quanto para o segundo caso exposto aqui, é necessário que seja realizada uma discussão e uma explicação mais clara sobre esses processos. Para isso, também se torna relevante um recenseamento de mais casos iguais a esses, de forma que seja viável a formação de um conjunto relativamente homogêneo para que seja realizada uma abordagem mais consistente.

Sobre a questão da classificação, inclusive, existe a possibilidade de que os dados obtidos (os nomes predicativos) sejam reagrupados a partir de uma descrição dirigida pelo critério de especialidade, ou seja, com apoio nas áreas do conhecimento. Por esse ângulo, o Capítulo 2 desta tese delimitou alguns campos semânticos pelos quais podem oferecer uma base para esse tipo de agrupamento. Há, por exemplo, muitos nomes utilizados em um contexto linguístico jurídico, como *habeas corpus*, liminar, licitação, juros, arras, coação, prestação, entre outros. Os exemplos abaixo mostram alguns trechos obtidos por meio da pesquisa em corpora (buscador online), que não foram construídos ou modificados sintaticamente:

(352) *Declarada a rescisão contratual por culpa exclusiva de quem recebeu arras, mister a restituição em dobro do valor comprovadamente pago a esse título [...]*

(353) *O cônjuge que incidiu em erro ou sofreu coação pode demandar a anulação do casamento.*

Foram destacadas, até então, apenas questões relacionadas aos recursos linguísticos, ou seja, questões puramente concatenadas à descrição sintático-semântica do léxico. Como se havia dito no Capítulo sobre os procedimentos metodológicos (Capítulo 3), a formalização detalhada em Tábuas do Léxico-Gramática viabiliza a exploração dos dados de uma maneira automática (ou semiautomática) e essa representação introduz outra fase metodológica na pesquisa: a fase computacional. Essa etapa diz respeito, basicamente, à implementação do conhecimento linguístico, que foi realizado anteriormente pela descrição dos dados, aos sistemas de PLN (Processamento de linguagem natural).⁶⁶

⁶⁶ A eventual divisão metodológica do trabalho em fase linguística e fase computacional é baseada em Dias da Silva (2006) e pode ser explorada com mais ênfase nos sucessivos trabalhos. No atual estudo não houve a necessidade de evidenciar essa divisão porque apenas a fase linguística foi realizada, mas futuramente pode ser uma questão necessária para a metodologia do trabalho e, por isso, essa ideia foi introduzida na Seção sobre os trabalhos futuros.

De modo geral, os resultados obtidos por meio da descrição das construções conversas pode ser implementado em sistemas que se referem a tarefas de identificação de paráfrases. Um exemplo de sistema é a STRING (MAMEDE et al.,2012), que concerne a uma cadeia híbrida de processamento de língua natural baseada em métodos estatísticos e ao processamento por regras. Esse método utiliza as matrizes-binárias como recursos lexicais para um parser, igualmente foram implementados alguns dos trabalhos sobre os predicados nominais realizados anteriormente em PB (BARROS, 2014; RASSI, 2015, SANTOS, 2015). O próximo passo, portanto, seria uma adaptação da atual tabela para a inclusão no sistema.

Resumidamente, a aplicação computacional, especificamente a referida (STRING), é um processo bastante complexo que envolve diversas etapas, tais como a produção de um *corpus* de referência anotado manualmente (com as informações sobre os verbos-suporte conversos); a comparação desse *corpus* com um outro que fora processado automaticamente; a comparação dos resultados; a correção dos eventuais erros do sistema; a repetição do processo após a correção das imprecisões; entre outras. Grande parte das estratégias de implementação dos dados lexicais na STRING foi realizada em estudos anteriores,⁶⁷ porém ainda seria necessária a inserção dos dados atuais sobre a Conversão.

⁶⁷ Por exemplo, Rassi (2015) dedica uma parte exclusiva da sua tese para explicar o processamento dos dados do português brasileiro na cadeia da STRING. Nele, são evidenciados os processos que vão desde a produção do *corpus* de referência e a conversão automática dos dados em regra, até a implementação, de fato, das informações obtidas no sistema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente tese tratou da descrição das construções nominais formadas por um nome predicativo e um verbo-suporte, das quais admitem a transformação sintática, estudada e denominada por G. Gross (1989) de Conversão. Uma das suas principais finalidades foi a de complementar o estudo iniciado em Calcia (2016), tanto em proporções teóricas, quanto na parte descritiva, uma vez que houve um detalhamento das noções teóricas que envolvem a Conversão e um avanço quantitativo e qualitativo na descrição e formalização das construções conversas. Toda a análise foi realizada sob a perspectiva teórico-metodológica do Léxico-Gramática (M. GROSS, 1975), baseando-se na Teoria Transformacional de Harris (1964).

Os resultados encontrados foram formalizados em matrizes distintas que contêm um mínimo de 30 propriedades formais, divididas em características estruturais, distribucionais e transformacionais. Em uma perspectiva progressista, a criação da nova grande classe FS (*fazer-sofrer*) contribuiu para o enriquecimento, sobretudo descritivo, deste fenômeno linguístico em PB. Além do mais, a quantidade de nomes predicativos da grande classe TT (*ter-ter*) cresceu substancialmente (de 16 para 74 elementos lexicais), dando aos pares de construções standard-conversas do escopo referenciado um pouco mais de particularidade sintático-semântica.

Em adição à contribuição para uma base de informações representativa da Conversão, tanto em extensão de dados, quanto em minuciosidade de descrição, houve uma abordagem que evidenciou teoricamente as relações semânticas que existem entre uma construção standard (de orientação ativa) e uma construção conversa (de orientação passiva). Essa relação também mostrou que a nominalização do nome predicativo não contribui de forma isolada na definição do verbo-suporte, na medida em que uma construção nominal com um nome predicativo autônomo e um verbo-suporte converso não tem uma construção verbal passiva correspondente.

Por fim, é importante salientar que o principal objetivo proposto por este estudo foi alcançado, visto que houve, de fato, uma atualização das Tábuas do Léxico-Gramática, um aumento das entradas lexicais e uma revisão geral das regularidades e da própria teoria que engloba a definição da transformação da Conversão. Foi um estudo que contribuiu com a descrição do português brasileiro e com os trabalhos realizados com base no modelo teórico-metodológico do Léxico-Gramática, colocando em evidência, tanto pela quantidade de dados manipulados, quanto pelo avanço nas questões teóricas que envolvem uma relação que, a partir de agora, recebeu uma descrição pertinente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAPTISTA, J. Sermão, tarefa e facada: uma classificação das expressões conversas dar-levar. In: *Seminários de Linguística 1*, Faro. Universidade do Algarve, Unidade de Ciências Exatas Humanas, pp. 5-38, 1997.
- BAPTISTA, J. *Sintaxe dos predicados nominais com SER DE*. Tese de Doutoramento. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade do Algarve, 2005.
- BARROS, C. D. *Descrição e classificação de predicados nominais com o verbo-suporte fazer no Português do Brasil*. Tese de Doutorado. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-graduação em linguística, 2014.
- BARROS, Cláudia D.; CALCIA, Nathalia P.; VALE, Oto A. Sofrer uma ofensa, Receber uma advertência: Verbos-suporte Conversos de 'Fazer' no Português do Brasil. In: *Anais do XI Simpósio Brasileiro de Tecnologia da Informação e da Linguagem Humana*. SBC, p. 240-246, 2017.
- BECHARA, E. *Moderna gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- BRUCKSCHEN, M., MUNIZ, F., SOUZA, J., FUCHS, J., INFANTE, K., MUNIZ, M., ... & ALUISIO, S. Anotação lingüística em xml do corpus pln-br. *Série de relatórios do NILC, ICMC-USP*, 2008.
- CALCIA, N. P. *Descrição e classificação das construções conversas do Português do Brasil*. Dissertação de Mestrado. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2016.
- CAMPOS, M. H. C; XAVIER, M. F. *Sintaxe e semântica do português*. 1991.
- CANÇADO, M. Argumentos: complementos e adjuntos. *Revista Alfa*, São Paulo, 53 (1): 35-59, 2009.
- CARNEIRO, A. S. *Descrição e classificação das expressões cristalizadas com ser e estar do português do Brasil*. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.
- CASTELEIRO, M. J. *Sintaxe Transformacional do Adjectivo*. Lisboa. INIC, 1981.
- CIOCANEA, C. *Lexique-grammaire des constructions converses em a da/a primi em roumain*. Dissertação de Mestrado. L'Université Paris-Est Spécialité Informatique Linguistique au titre de l'École Doctorale MSTIC, 2011.
- CHACOTO, L. *O verbo FAZER em construções nominais predicativas*. Tese de Doutoramento. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade do Algarve (UAlg), Faro, Portugal, 2005.

DAVEL, A. *Um estudo sobre o verbo-suporte na construção dar + SN*. Dissertação de Mestrado. Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória-ES, 2009.

DUBOIS, J. *Dictionnaire de Linguistique*. Larousse, Paris. 1973.

GIRY-SCHNEIDER, J. *Les nominalisations en Français. L'opérateur 'faire' dans le lexique*. Genève-Paris: Librairie Droz, 1978.

GIRY-SCHNEIDER, J. Les prédicats nominaux en Français. *Les phrases simples à verbe support*. Genève-Paris: Librairie Droz, 1987.

GROSS, G. "Un cas de constructions inverses: donner et recevoir", *Linguisticae Investigationes*, tome VIII, fasc.1, John Benjamins B.V., Amsterdam, 1982.

GROSS, G. *Les constructions converses du français*. Langue et cultures, 22. Travaux du Laboratoire de Linguistique Informatique. Librairie Droz: Genève-Paris, 1989.

GROSS, G. Les passifs nominaux. *Langages* 109, pg. 103-125, Paris : Larousse, 1993.

GROSS, G. À propos de la notion d'humain. In Labele, J. e Ch. Leclère (Eds.). *Lexiques-Grammaires Comparés en Français* (Actes du Colloque International de Montréal, 1992). *Linguisticae Investigationes Suplementa* 17: 71-80. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Pub. Co., 1995.

GROSS, M. Grammaire transformationnelle du français: 1 - *Syntaxe du verbe*. 2. ed. Paris: Cantilène, 1968.

GROSS, M. *Méthodes en syntaxe*. Paris: Hermann, 1975.

GROSS, M. Les bases empiriques de la notion de prédicat sémantique. *Langages*, v. 15, n. 63, p. 7-52, 1981.

GROSS, M. Methods and Tactics in the Construction of a Lexicon-Grammar. In: *Linguistics in the Morning Calm, Selected Papers from SICOL*. Seoul: Hanshin Pub. Co.p. 177-197, 1988.

GROSS, M. La foction sémantique des verbes supports. *Travaux de Linguistique*, v. 37, 1998.

HARRIS, Z. S. Strings and transformations in language description. *Papers on formal linguistics*, v. 1, 1961.

HARRIS, Z. S. *Papers on Syntax*. Dordrecht, Holland: D. Reidel Publishing Company, 1964.

HARRIS, Z. S. Operator-grammar of English. *Linguisticae Investigationes*, v. 2, p. 55-92, 1978.

HARRIS, Z. S. *A Grammar of English on Mathematical Principles*. New York, USA: John Wiley & Sons, 1982.

HARRIS, Z. S. *Language and Information*. New York: Columbia University Press, 1988.

HARRIS, Z. S. *A Theory of Language and Information: a mathematical approach*. New York: Oxford University Press, 1991.

LABELLE, J. V. In: GUILLET, A. et LA FAUCI. *Léxique-grammaire des langues romanes*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, p.165-198, 1984.

LAPORTE, E. Exemplos atestados e exemplos construídos na prática do léxico-gramática. *Université Paris-Est. Revista (Con)textos Linguísticos 2*, p.26, 2008.

LAPORTE, E. *The science of Linguistics. Inference: International Review of Science*, v. 1, n. 2, 2015.

LECLÈRE, C. Remarques sur les substantifs opérateurs. In: *Langue française*. Vol. 11 N°1. Syntaxe transformationnelle du français. pp. 61-76, 1971.

LECLÈRE, C. Organisation du lexique-grammaire des verbes français. *Langue Française. Les dictionnaires électroniques*, v. 87, p. 112–122, 1990.

MARTINEZ, R. M. S. *Padrões transformacionais da relação predicado-argumento dos substantivos predicativos em português brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, 2019.

MELLO, Néelson Cunha. *Conversando é que a gente se entende*. Leya, 2011.

MAMEDE, N. et al. STRING: An hybrid statistical and rule-based Natural Language Processing chain for Portuguese. In: *Proceedings of International Conference on Computational Processing of Portuguese (PROPOR'12)*. Coimbra, Portugal: Springer. 2012.

MORLEY, B. "WebCorp: A Tool for Online Linguistic Information Retrieval and Analysis" in A. Renouf & A. Kehoe (eds.) *The Changing Face of Corpus Linguistics*, Amsterdam: Rodopi, 2006.

NEVES, M. H. M. Estudo das construções com verbo-suporte em português. Em I. Koch (Ed.), *Gramática do Português Falado*, Volume VI. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

NEVES, M. H. M. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

PAUMIER, S. *Unitex: manuel d'utilisation*, Research report, University of Marne-la-Valée, Paris 3.1, Edição de 2013, 2002.

PICOLI, L. *Descrição de verbos de base adjetiva derivados com os sufixos -ecer e -izar, para o Processamento Automático de Linguagem Natural*. 2015. 113 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

PICOLI, L. *Contínuo e limite entre expressão cristalizada e construção com verbo-suporte à luz do Léxico-Gramática*. Tese de Doutorado. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2020.

RANCHHOD, E. M. *Sintaxe dos predicados nominais com Estar*. Lisboa, INIC – Instituto Nacional de Investigação Científica de Lisboa, 1990.

SANTOS, M. C. A. *Descrição dos predicados nominais com o verbo-suporte 'ter'*. Tese de Doutorado. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-graduação em linguística, 2015.

RASSI, A. P. CALCIA, N. P. VALE, O. A. BAPTISTA. Estudo contrastivo sobre as construções conversas em PB e PE. In: *Anais do Congresso de Estudos do Léxico*. Araraquara-SP: UNESP, 2015. v. 1, 2014.

RASSI, A. P. *Descrição, classificação e processamento automático das construções com o verbo 'dar' em Português do Brasil*. Tese de Doutorado. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-graduação em linguística, 2015.

RASSI, A., BARROS, C. D., SANTOS, M. C. A. “Tipologia Sintática das construções com os verbos-suporte ‘dar’, ‘ter’ e ‘fazer’”. *Anais da III Jornada de Descrição do Português*, páginas 36-43, Fortaleza, CE, Brasil, Outubro 21-23, 2013.

RODRIGUES, R. *Contribuições para um léxico-gramática das construções locativas do espanhol*. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, UFSCar - São Carlos, São Paulo, 2019.

RODRIGUES, R., PICOLI, L. O modelo do Léxico-Gramática no Brasil. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 27, n. 2, 2019.

SCHER, A. P. *As construções com o verbo leve dar e nominalizações em -ADA no português do Brasil*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2004.

SINCLAIR, J. *Developing Linguistic Corpora: a Guide to Good Practice Corpus and Text — Basic Principles*, 2004.

SMARSARO, A; RODRIGUES, V. Verbos-suporte dar/levar: um caso de gramaticalização? *Revista digital do programa de pós-graduação de Letras PUCRS*. Porto Alegre, v.8, n.2. p. 359-375, 2005.

TALHADAS, R. P. *Automatic Semantic Role Labeling for European Portuguese*. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade do Algarve (UAlg), Faro, Portugal, 2014.

VALE, O. A. *Expressões Cristalizadas do Português do Brasil: uma proposta de tipologia*. Tese de Doutorado - Faculdade de Ciências, Letras e Artes, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Araraquara-SP, 2001.

VAZA, A. *Estruturas com nomes predicativos e o verbo-suporte 'dar'*. Dissertação de Mestrado - Universidade Clássica de Lisboa, Lisboa, Portugal, 1988.

VIVÈS, R. Le Lexique-Grammaire du Français. *L'information grammaticale* n.59, Persée, octobre, 1993.

APÊNDICE A

LISTA DOS NOMES PREDICATIVOS

Em primeiro lugar, o Apêndice A difunde a lista completa dos nomes predicativos que foram analisados nesta tese. Essa listagem encontra-se em ordem alfabética e com a classificação vigente que pertencem os predicados nominais conversos do português brasileiro.

abafada DR1	adeus DR2	alerta FR2
abatimento FS1	adiada DR1	alfinetada1 DL31
abertura FR2	adiamento FR3	alfinetada2 DR2
abertura DR2	adiantada DR1	alfinetada DL2
abocanhada DL32	admiração TT2	alforria DR2
abordada DL2	admissão DR2	álibi DR2
abordagem FS2	admoestação FR2	aliciamento FS2
aborto FS2	adoração TT2	alimentação FR2
abraço DR2	adulação FR2	alinhamento FR1
abrigo DR2	advertência DL2	alinhavo DR1
absolvição FR2	afago DR2	alisada DR2
abuso FS2	afeição TT2	alistamento FR2
acabamento DR1	afeto TT2	almofadada DL31
acampamento FR3	afiada DR1	alojamento DR2
ação TT2	afinada DR1	alta DR2
acariciada DR2	afinidade TT2	alteração FS1
aceitação DR2	afirmação FR2	alternativa DR2
aceleração FS1	afronta FS2	alvará DR2
acenada DR2	agarrada DL32	amasso DL2
aceno FR2	aglomeração FR1	ameaça de morte FS2
açoite DL2	agradecimento FR2	ameaça FS2
acolhimento FR2	agrado FR2	amizade TT2
acomodação DR2	agravo FS1	amolada DR1
acompanhamento FR2	agressão FS2	amor TT2
acondicionamento DR1	agulhada DL31	amostra DR2
aconselhamento FR2	ajeitada DR3	amostragem DR2
acordo TT2	ajuda de custo DR2	amparo1 DR2
acusação FS2	ajuda econômica DR2	amparo2 FR2
adaptação FR1	ajuda financeira DR2	amputação FS2
adendo FR1	ajuda DR2	análise TT3
adesão DR3	ajuste FR1	andamento DR1
adestrada DR2	alarme DR2	anestesia DR2
adestramento FR2	alcunha DR3	animação FR2

animada DR2	arrumada DR2	banda DL2
anistia DR2	asilo político DR2	bandeira DL2
anotação FR3	asilo DR2	banho2 DL2
antecipação FR2	assada DL2	banho DR2
antecipada DR1	assada DR1	banimento FS2
anuência DR2	assalto FS2	bastonada DL31
anúncio FR2	assédio FS2	batida DL1
anúncio FR2	assentimento DR3	batida DL2
apadrinhamento FR2	assento permanente DR2	beijo DR2
apalpada DL33	assessoramento DR2	beliscada DL33
aparada DR2	assessoria DR2	beliscão DL33
apelido DR2	assinatura FR1	belisco DL33
apertada DL33	assistência DR2	benção FR2
aperto de mão DR2	associação FR2	benefício DR2
aperto DL33	ataque DL2	benesse DR2
aplausos DR2	atenção TT3	bengalada DL31
aplicação FR1	atendimento FR2	benzedura FR2
apoio moral DR2	atentado FS2	benzida DR3
apoio-chave DR2	atestado FR2	bicada DL32
apoio DR2	atribuição DR2	bicho DR2
apontamentos FR3	atrocidade FS2	bico DL33
aposentadoria DR2	atualização FS1	bicuda DL33
apreciação FR2	atualizada DR1	blitz FR3
apreço TT2	audiência1 DR3	bloqueada DL2
apreensão FR3	audiência2 FR2	bloqueio FS3
apresentação FR2	aula DR2	boa vontade TT2
aprovação FR3	aumento FS1	boa-noite DR2
aproveitamento DR2	autenticação FR1	boa-nova DR2
aquisição FR3	autógrafo DR2	boas-festas DR2
arbitragem FR2	automação FR1	boas-vindas DR2
arborização FR3	autonomia DR2	boa-tarde DR2
argumento DR2	autorização DR2	bofetada DL33
armadilha FS2	autuação DL2	bofetão DL33
armamento DR2	auxílio DR2	bofete DL33
arquivamento FS1	aval DR2	boicote FS2
arranhada DL33	avaliação FR3	bolo DL2
arranhão DL33	avaliação FS3	bomba DL2
arranjo FR1	avaliada DR3	bombardeamento FS2
arras DR2	avanço FS1	bombardeio FS2
arremate DR1	averiguação FR1	bom-dia DR2
arrependimento TT2	aviso DR2	bondade TT2
arrocho DL2	aviso-prévio DR2	bonificação DR2
arrombada2 DL33	bafejo DR2	bônus DR2
arrombada DL1	bajulação FR2	bordoadada DL33
arrumação FR1	balão DL2	borrifada DL33

bote DL2	castigo DL2	coice DL33
botinada DL2	castigo DR2	colaboração DR2
botinada DL31	castração FS2	colação FR2
braçada DL32	catequização FR2	cola DR2
break FR2	cautela TT3	colheita FR1
brecha DR2	celebração FR2	colonização FS2
breque DL1	censura FS3	comando DR3
bronca DL2	certificada DR1	comando TT2
brutalidade FS2	certificado DR2	comentário FR2
bullying FS2	cesariana FS2	comissão DR2
burocratização FS2	chacina FS2	companhia FR2
busca FS3	chacoalhada DL2	compensação DR2
cabeçada DL32	chacota FS3	competição FR3
cacetada DL31	chamada [1] FR2	complacência TT3
cadeirada DL31	chamada DL2	complementação FR3
cafungada DR2	chancela DR2	compreensão TT2
cajadada DL31	chantagem FS2	comprovação DR2
calote DL2	chapéu DL2	comunhão FR2
calúnia FS2	chapuletada DL2	conceito DR3
cancelamento 2 FS2	chibatada DL31	concepção DR1
cancelamento1 FR1	chicotada DL31	concessão DR2
canelada DL32	chifre DL2	conclusão FR1
caneta DL2	chinelada DL31	concordância DR2
canivetada DL31	chocolate DL2	concorrência FS3
canja DR2	chumbo DL2	condecoração DR2
cano DL2	chumbo DL33	condenação FR2
canseira DL2	chupada DL33	condição DR2
cantada DL2	chupão DL33	condolências DR2
capital DR2	chute DL2	conexão FR3
caprichada DR1	chute DL33	conferida DL2
cargo DR2	ciao DR2	confiança TT2
caricatura FR2	ciência DR1	confirmação DR2
carícia FR2	citação1 FR1	confisco FS3
caridade FR2	classificação FR1	confissão FR2
carinho FR2	clemência TT2	confronto FR1
carnificina FS2	climatização FR2	congelamento FS1
carona DR2	clique DR1	congratulações DR2
carrinho DL2	close DR2	conhecimento TT3
carta FR2	coação FS2	conselho DR2
cartão amarelo DL2	cobertura1 FR1	consentimento DR2
cartão vermelho DL2	cobertura DR2	conserto FR1
cartão DL2	coçada DL33	consideração DR2
carteirada1 DL31	coça DL2	consideração TT2
carteirada DL2	cócegas FR2	conspiração FS2
cassação FS2	coice DL2	constrangimento FS2

consultoria FR2	curtida1 DR2	desculpa esfarrapada DR2
continência FR2	curtida DL2	desculpa DR2
contornos DR1	cutilada DL33	desculpas DR2
contra-ataque FS2	cutucada2 DR2	desdém TT2
contração FS1	cutucada DL33	desdobramento DR1
contraordem DR2	cutucão DL33	desenvolvimento FS1
contrapartida DR1	dádiva FR2	desestabilização FS3
contraproposta FR2	danos FS1	desfeita FS2
contrato FR2	decisão FR2	desgaste FS3
contribuição FR3	declaração de amor FR2	desgosto TT2
contributo DR2	declaração FR2	designação DR1
controle TT3	decoreação FR1	desmanche FS3
convite FR2	dedicação TT3	desmembramento FS1
convocação FR2	dedicatória FR2	desocupação FS1
cooperação DR2	dedução FR3	despacho FR3
coordenada DR2	deferimento DR2	desprezo TT2
cordialidade FR2	defesa FR2	destaque DR3
cornada DL32	definição DR1	destinação DR3
coroação FR2	deixa DR2	destino DR3
coronhada DL31	delegação DR2	destruição FS1
correção FS1	delito FS2	detenção FS2
corretivo DL2	demão DL1	determinação DR2
corretivo DR2	demissão FS2	devoção TT2
corte1 FS1	demolição FS1	devolução FS2
corte DL2	demonstração FR2	diagnóstico FR2
corte DR1	denominação DR3	dica DR2
cortesia DR2	dentada DL32	diferença TT2
cortesia FR2	denúncia FS2	difusão FR1
cotovelada DL32	depoimento DR2	dimensão DR1
cotovelão DL32	deportação FS2	dinheiro DR2
cozida DR1	depósito FR2	direcionamento DR3
credencial DR2	depreciação FS1	direito DR2
crédito DR2	deprecação FS1	discriminação FS2
crédito TT2	desabafo FR2	discurso FR2
criptografia FR1	desacordo TT2	disparo FS3
cristianização FR2	desafeto TT2	dispensa DR2
crítica FS2	desafio FR2	ditadura FS2
crudelidade FS2	desagravo FS2	divulgação FR3
cruzado DL2	desaprovação DR2	doação FR2
cuidado TT2	desbaste FS1	donativo FR2
cumplicidade TT2	desbloqueio FR1	doutrinação FS2
cumprimentos FR2	descentralização FS1	dramatização FR3
cura FR2	desconfiança TT2	drenagem FR2
curativo FR2	desconto FR2	drible DL2
curso DR2	descrição FR3	duplicação FR1

efetivação FR3
 elogio FR2
 embargo FS2
 embarque FR1
 embasamento DR3
 emboscada FS2
 emenda FR1
 empatia TT2
 emprego DR2
 empréstimo FR2
 empurrada DL2
 empurrão DL2
 enaltecimento FR2
 encaixada DL2
 encaminhamento DR1
 encargo DR2
 encerada DR1
 encerramento FR2
 encomenda FR2
 encontro DL2
 ênfase DR2
 enfoque DR2
 engomada DR1
 engraxada DR1
 enquadrada DL2
 enquadramento DL2
 ensaboada DL2
 entrada DR3
 entrega FR2
 entrevista FR2
 entusiasmo TT2
 enxaguada DR1
 enxerto de porrada DL33
 erradicação FS3
 esboço FR3
 esbregue DL2
 esclarecimento DR2
 escolta FR2
 escovada DL2
 escovada DR2
 esfregada DL2
 esfregada DR3
 esguicho DL2
 esmola DR2
 esnobada DL2

espaço DR3
 espanada DL2
 espancamento FS2
 esperança TT2
 espetada DL31
 espionagem FS2
 esporada DL31
 esporro DL2
 estadia FR3
 esterilização FR1
 esticção DL33
 estilingada DL31
 estimativa DR2
 estima TT2
 estimulação FR2
 estímulo DR2
 estocada DL31
 estupro FS2
 evacuação FS2
 evangelização FR2
 evidências DR2
 exame FR2
 examinada DR2
 excomunhão FR2
 excursão FR2
 exemplo prático DR2
 exemplo teórico DR2
 exemplo DR2
 exigência salarial FR2
 exigência FR2
 exoneração FR2
 expedição FR2
 explicação DR2
 exploração FS3
 explosão FS1
 expulsão DL2
 extensão FR1
 extermínio FS2
 extração FS1
 extrema-unção DR2
 exteriorização FR2
 facada1 DL31
 facada2 DR2
 falta FS2
 fascinação TT2

favor FR2
 feedback DR2
 feitiço FS2
 felicitações DR2
 ferimento FS2
 ferroadada DL32
 ferro DL2
 festa surpresa FR2
 fidelidade TT2
 filmagem FR2
 financiamento
 internacional DR2
 financiamento
 nacional DR2
 financiamento FR2
 finta DL2
 fiscalização FS3
 flagra DL2
 flagrante DL2
 flechada DL31
 flexibilização FR3
 focinhada DL32
 foda-se DL2
 folga DR2
 fomentação FR2
 fora DL2
 força tarefa FR2
 força DR2
 força DR3
 forma DR1
 formatação FR1
 freada DL1
 freada DL2
 fumo DL2
 furo1 FR1
 furo DL2
 ganho DR2
 garantia DR2
 gelo DL2
 generosidade FR2
 genocídio FS2
 gentileza FR2
 gesto FR2
 goleada DL2
 golpe de Estado DR2

golpe militar DR2	indeferimento DR2	lambada DL2
golpe mortal DL33	indenização DR2	lambida DL33
golpe DL2	indexação FR1	lançada DL31
golpe DL33	indicação DR2	lançamento1 FR2
gorjeta DR2	indicação FR2	lançamento2 FR2
grampo FS3	indiferença TT2	lance FR1
gratidão TT2	indignação TT2	lapada DL33
gratificação DR2	indulgência DR2	láureas DR2
gravata DR2	indulto DR2	lavada DL2
greve FS2	influência TT2	lavagem DL1
grosseria FS2	informação DR2	legitimação FR2
guarda FR2	inimizade TT2	leitura FR3
guarida DR2	injeção DR2	lembrança TT2
guerra FS2	injúria FS2	liberação DR2
guinada DR2	injustiça FS2	liberdade DR2
habeas corpus DR2	inovação FS1	libertação FR2
harmonização FR2	inscrição FR3	lição de moral DL2
help DR2	inseminação artificial FR2	licença DR2
herança DR2	insinuação FR2	licença-maternidade DR2
holocausto FS2	instrução DR2	licitação FR2
holofote DR3	insulto FS2	ligação telefônica FR2
homenagem FR2	interdição FS1	liminar FR2
homologação FR2	interesse TT2	limpeza FR1
honorário FR2	interpretação FR3	linchamento FS2
hospitalidade DR2	interrogatório FS2	lisonja FR2
hostilidade TT2	intervenção FS1	livre-arbítrio DR2
ideia DR2	intimação FS2	loteamento FR1
iluminação FR2	introdução FR1	louvor FR3
iluminada DR1	intubação FR2	lucro DR2
ilustração FR1	invasão FS1	lustre DR1
imitação FR2	investida FR2	machadada DL31
impeachment FS2	investidura FR2	malefício FS2
implicações FR2	investigação FS2	manutenção FR1
improvisada DR1	investimento FR2	mão DR2
impugnação FS2	isenção fiscal DR2	mapeamento FR1
impulso DR3	isenção DR2	maquiada DR3
imputação FS2	joelhaço DL32	maquiagem2 FR3
imunização FR2	joelhada DL32	maquiagem FR2
inauguração FR1	júbilo DR2	marretada DL31
incentivo econômico DR2	juízo DR2	martelada DL31
incentivo fiscal DR2	juramento de fidelidade FR2	massacre FS2
incentivo DR2	juramento de fidelidade FR2	massageada DR2
incitamento DR2	juros DR2	massagem FR2
incrementada DR1	justificativa DR2	matança FS2
incumbência DR2	laço FR2	materialidade DR1

medicação FR2	olá DR2	pedido FR2
melhoras DR2	olé DL2	pedrada DL31
melhorias FR1	olhar DR2	peitada1 DL32
mesada DR2	ombrada DL32	peitada DL2
mexida DR3	opinião DR2	pena DR2
mijada1 DL33	oportunidade DR2	penalidade DL2
mijada DL2	oposição FS2	pênalti FS2
militarização FS2	oração FR2	pena TT2
mimo DR2	orçamento FR2	peneira FR2
minicurso DR2	ordem de prisão DR2	penitência DR2
misericórdia TT2	ordem DR2	perdão DR2
missão DR2	orientação DR2	pergunta FR2
mistura FS1	ornamentação FR1	permissão DR2
mitigação FR3	orquestração FR1	permuta FR2
mobilização FR1	ovação FR2	pernada DL32
modelagem FR1	pacificação FR2	perseguição FS2
modernização FR1	pagamento FR2	perspectiva FR3
monopólio TT2	paixão TT2	pêsames DR2
montagem FR1	palavra DR2	peso DR1
montinho DL2	palestra FR2	pesponto DL1
mordida DL33	palmada DL32	peteleco DL33
morras DR2	palmas DR2	petição FR2
mostra FR2	palpite DR2	pezada DL32
motejo FS2	pancada DL33	picada DL33
motivo DR2	parabéns DR2	pinclada DL1
movimento FR3	paráfrase FR1	pinclada DL31
mudança FS1	parcelamento FR2	piparote DL33
multa DL2	parecer FR3	pique DL33
murro DL33	paródia FR3	pisada DL2
mutilação FS2	participação FR2	pisada DL33
narigada DL32	passe DR2	pisa DL2
navalhada DL31	patada DL2	pisão DL33
nome DR3	patada DL32	piscadela DR2
nota DR2	patente FR1	pista DR2
notícia DR1	patrocínio DR2	pitaco DR2
notoriedade DR3	patrulhamento FR2	pito DL2
obrigado DR2	pau DL2	planejamento FR3
obséquio FR2	pau DL2	plantão FR2
obturação FS1	paulada DL31	podada DR1
ódio TT2	pausa FR1	poda FS1
ofensa FS2	pavimentação FR1	poder DR2
oferenda FR2	pazada DL31	policiamento FR2
oferta FR2	pé na bunda DL2	polimento FR1
oficina FR3	pedalada DL2	politização FS2
ok DR2	pedido de ajuda FR2	pontapé DL33

ponto final DR2	publicação FR3	redução FS1
ponto DL33	punhalada nas costas DL2	reedição FR1
pontuação FR1	punhalada DL31	reembolso FR2
porcentagem DR2	punição DL2	reflexão FR3
porrada DL33	puxada DL33	reforço DR2
porrete DL2	puxão de cabelos DL33	reforma FR1
posse DR2	puxão de orelhas DL33	reformulação FS2
postagem1 FR3	puxão DL33	refresco DR2
postagem2 FR2	qualificação DR2	refutação FS2
prazo DR2	quebra de sigilo FS2	regadio FR1
precedência DR2	queda FS3	regulação FR3
prece FR2	queimada DL2	regulamentação FR3
predileção TT2	queixa FR2	reivindicação FR2
predominância DR3	quimioterapia FS2	rejeição FS3
preferência TT3	raiva TT2	relatório FR3
pregada DR2	rancor TT2	relevo DR1
prejuízo DR2	raquetada DL31	remendo FR1
preleção FR2	rasgada DL33	remuneração DR2
premiação DR2	raspada DL1	renovação FR1
prêmio DR2	rasteira DL2	renovada DR3
prescrição FR2	rastreamento FR3	reparação DR2
presente DR2	reabilitação FR2	repasse FR2
pressão FS2	reafirmção FR2	repatriação FR2
prestação de serviço FR2	reajuste FR1	repreensão DL2
prestação FR2	realce DR3	reprimenda DL2
primazia DR2	reavaliação FR3	reprovação FS3
prioridade DR2	rebaixamento FS2	repúdio FS2
prisão FS2	reboco FR1	requisição FR2
privacidade DR2	rebote DR2	resgate FS2
privilégio DR2	recado DR2	resistência FS2
procuração DR2	recauchutada DR3	respaldo DR2
prognóstico DR2	recauchutagem FS3	respeito TT2
projeto FR3	recesso DR2	respiração artificial FR2
promessa FR2	reciclagem FS1	respiração
promoção DR2	recolha FS1	boca a boca FR2
promoção FR2	recomendação DR3	resposta torta DL2
propina DR2	recompensa DR2	resposta DR2
proporções DR1	reconhecimento FR2	ressarcimento FR2
proposta FR2	reconhecimento TT2	ressentimento TT2
prorrogação FR1	recorde TT2	restauro FR1
protesto FS2	recriminação FS2	restituição FR2
protesto FS2	recrutamento FS2	restrição FS1
prova DR2	recuperação FR3	resultado DR3
provocação FS2	recurso FR2	retaguarda DR2
prudência TT2	recusa FS2	retaliação FS2

retoque DL1	sobrenome DR2	tolerância DR2
retorno DR2	soco DL33	tombo DL2
retratação FR2	socorro FR2	torcida DR2
retribuição DR2	solicitação FR2	torcida TT2
retrospectiva FR3	solicitude TT2	torpeza FS2
revanche DL2	solidariedade TT2	tortada DL31
reverência FR2	solução DR1	trabalho FR2
revestimento FR1	sombreado DR1	tradução FR1
reviravolta FS2	sopapo DL2	traição FS2
revisada DR1	sova DL2	trâmite DR2
revitalização FR1	suavizada DR3	tranco DL2
revogação FS1	submissão FR1	transferência FR2
ripada DL31	suborno FS2	transformação FS1
rivalidade TT2	subsídio DR2	transfusão FR2
rótulo DR3	sugestão FR2	tratamento FR2
sacaneada DL2	supervisão DR2	trato DR3
sacolejada DL2	súplica FR2	trato FR2
sacrifício FR2	suporte1 DR2	trava DL2
safanão DL2	suporte2 DR1	travesseirada DL31
salute DR2	surpresa FR2	trégua DR2
salva de palmas DR2	surra DL2	treinamento DR2
sanção DR2	suspeita TT2	treino DR2
saneamento FR2	suspensão FS2	trepada DL2
santificação FR2	susto DL2	triagem FR1
sapatada DL31	sutura FS2	triunfo DR3
saque FS1	tabefe DL33	trombada1 DL32
sátira FS3	tamancada DL31	trombada DL2
satisfação DR2	tapa DL33	trompaço DL2
saudação militar FR2	tarefa DR2	trote DL2
saudação FR2	tarifação FS1	turbinada DR1
segregação FS2	tchau DR2	ultimato DR2
seleção FR2	telefonema FR2	unhada DL32
selinho DR2	tempero FR1	upgrade DR3
seminário FR2	ternura TT2	urras DR2
sentada DL2	terrorismo FS2	vacinação FR2
sentença DR2	tesourada DL31	vácuo DL2
serenata FR2	tesoura DL2	vaga DR2
sermão DL2	testada DL32	vaiada DL2
serviço FR3	testemunho DR2	vaia DL2
setorização FS1	tiranía FS2	validação FR1
significado DR1	tiro DL33	vantagem DR2
simpatia FR2	tiroteio FS2	varada DL2
simpatia TT2	título1 DR2	varada DL31
sinal FR2	título DR1	vareio DL2
sinalização FR3	toco DL2	varrida DL2

vassourada DL31
veneração TT2
veredito DR2
versão FR1
veto FS3
vínculo TT2
vingança FS2
violência FS2
virada FS2
visão TT3

visibilidade DR3
visita FR3
vitória DR2
vivas DR2
volta DL2
vomitada DL33
vômito FR2
voto de confiança DR2
voto de minerva DR2
voto DR2

voz de prisão DR2
voz DR1
workshop DR2
xeque-mate DL2
xingada DL2
xingo DL2
zoação FS2
zoadá DL2
zoom DR1

APÊNDICE B

TÁBUAS DO LÉXICO-GRAMÁTICA

O segundo Apêndice apresenta todas as Tábuas em que foram classificados os nomes predicativos descritos na atual pesquisa. Esses nomes, que foram disponibilizados no catálogo anterior nomeado de Apêndice A - Lista dos nomes predicativos, estão elencados por ordem alfabética nas linhas de cada tabela que são representadas por matrizes-binárias. Nas colunas, dispõem-se as propriedades formais ou sintático-semânticas dos predicados nominais, segundo uma descrição linguística que se baseia no quadro teórico-metodológico do Léxico-Gramática.

Sendo assim, foram confeccionadas cinco Tábuas de acordo com a classe geral em que o nome predicativo está inserido. Nesta ordem, o Apêndice B exhibe as matrizes que descrevem as propriedades e o desmembramento em subcategorias das grandes classes:

(I) Classe FR (fazer-receber)

FR1 | FR2 | FR3

(II) Classe FS (fazer-sofrer)

FS1 | FS2 | FS3

(III) Classe DR (dar-receber)

DR1 | DR2 | DR3

(IV) Classe DL (dar-levar)

DL1 | DL2 | DL31 | DL32 | DL33

(V) Classe TT (ter-ter)

TT2 | TT3

Ressalta-se que as Tábuas se adequam as demandas descritivas dos seus itens lexicais. Nesse sentido, cada uma delas apresenta as propriedades gerais (comuns na análise de todas as classes) e as propriedades específicas (aplicadas apenas aos nomes predicativos de dada classe), dando às construções conversas do PB certa singularidade em relação ao tratamento dos dados.

